UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO/IBICT

VÂNIA GARCIA DE FREITAS

A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES NORTE-AMERICANOS E BRITÂNICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: O CURSO DE MESTRADO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO NA DÉCADA DE 1970

RIO DE JANEIRO
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO/IBICT

VÂNIA GARCIA DE FREITAS

A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES NORTE-AMERICANOS E BRITÂNICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: O CURSO DE MESTRADO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO NA DÉCADA DE 1970

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/IBICT/UFRJ como parte do pré-requisito para a obtenção do grau de Doutora em Ciência da Informação. Orientadoras: Dra. Maria Nélida González de Gomez e Dra. Rosali Fernandez de Souza.

RIO DE JANEIRO
2025

Resumo

Trata-se de um estudo histórico-epistemológico que utiliza como recorte o impacto da colaboração dos professores estrangeiros na pós-graduação brasileira em Ciência da Informação, depois da formação da primeira turma de Mestrado. A pesquisa se justifica pela necessidade de análise do fenômeno da institucionalização da Ciência da Informação, no Brasil, tendo como pano de fundo o período histórico da década de 1970. Com base na hipótese de que o processo de institucionalização da CI se desenvolveu após a implementação do primeiro Curso de Mestrado do Brasil, América Latina e Caribe, como objetivo principal, este trabalho investiga a atuação pedagógica e metodológica dos professores estadunidenses e europeus no ensino e na pesquisa do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, na década de 1970. Como objetivos específicos, identifica os professores estadunidenses e europeus que vieram ao Brasil nos primeiros anos do curso; as disciplinas que lecionaram e a produção intelectual de cada um; e investiga os vínculos firmados com discentes e docentes brasileiros do Programa. Como estratégias metodológicas, mapeia a literatura; contextualiza esse período histórico; identifica as políticas científicas em Informação, Ciência e Tecnologia; investiga os principais eventos que impulsionaram o desenvolvimento da Ciência da Informação; e pesquisa os antecedentes conceituais e teóricos que permitiram que ela dialogasse com outras áreas, absorvesse diferentes conceitos e encontrasse novas perspectivas para o campo. Como fundamentação teórica, o trabalho baseia-se em autores que estudam a história da ciência, a origem da Ciência da Informação e a formação cultural do indivíduo, seus discursos e práticas sociais, entre eles, Boaventura Santos, Frédéric Darbellay, Jacques Gaillard, Canagarajah, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu, Rafael Capurro, Thomas Kuhn, W. Boyd Rayward. Como conclusão, os estudos revelam que a colaboração científica dos professores foi fundamental para a criação do curso de mestrado, a profissionalização dos bibliotecários, a formação de novos profissionais, a continuidade da área e o desenvolvimento da Documentação, da Recuperação da informação, da Bibliometria, da Teoria da Classificação e da Organização do Conhecimento. As teorias e conceitos de diferentes países e áreas que a Ciência da Informação absorveu em seu desenvolvimento conceitual e epistemológico permitiram que ela se constituísse como campo do conhecimento científico.

Palavras-chave: História; Ciência da Informação; Curso de Mestrado; IBBD; Cooperação científica internacional; Professores estrangeiros.

Abstract

This is a historical-epistemological study that looks at the impact of the collaboration of foreign professors on Brazilian postgraduate studies in Information Science, after the formation of the first Master's class. The research is justified by the need to analyze the phenomenon of the institutionalization of Information Science in Brazil, against the backdrop of the historical period of the 1970s. Based on the hypothesis that the process of institutionalization of Information Science developed after the implementation of the first Master's Course in Brazil, Latin America and the Caribbean, the main objective of this study is to investigate the pedagogical and methodological performance of American and European professors in teaching and research in the Postgraduate Program in Information Science at the Brazilian Institute of Library Science and Documentation in the 1970s. As specific objectives, it identifies the American and European professors who came to Brazil in the early years of the course; the subjects they taught and the intellectual production of each one; and investigates the links established with Brazilian students and professors in the Program. As methodological strategies, it maps the literature; contextualizes this historical period; identifies scientific policies in Information, Science and Technology; investigates the main events that drove the development of Information Science; and researches the conceptual and theoretical background that allowed it to dialogue with other areas, absorb different concepts and find new perspectives for the field. As a theoretical foundation, the work is based

on authors who study the history of science, the origin of Information Science and the cultural formation of individuals, their discourses and social practices, including Boaventura Santos, Frédéric Darbellay, Jacques Gaillard, Canagarajah, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu, Rafael Capurro, Thomas Kuhn and W. Boyd Rayward. In conclusion, the studies reveal that the scientific collaboration of the professors was fundamental to the creation of the master's course, the professionalization of librarians, the training of new professionals, the continuity of the area and the development of Documentation, Information Retrieval, Bibliometrics, Classification Theory and Knowledge Organization. The theories and concepts from different countries and areas that Information Science has absorbed in its conceptual and epistemological development have allowed it to establish itself as a field of scientific knowledge.

Keywords: History; Information Science; Master's Course; IBBD; International scientific cooperation; Foreign professors.

Resumen

Se trata de un estudio histórico-epistemológico que utiliza como foco el impacto de la colaboración de profesores extranjeros en los estudios de posgrado brasileños en Ciencias de la Información, después de la formación de la primera clase de Maestría. Español La investigación se justifica por la necesidad de analizar el fenómeno de la institucionalización de la Ciencia de la Información en Brasil, teniendo como telón de fondo histórico la década de 1970. Partiendo de la hipótesis de que el proceso de institucionalización de la Ciencia de la Información se desarrolló después de la implantación del primer Curso de Maestría en Brasil, América Latina y el Caribe, como principal objetivo, este trabajo investiga la actuación pedagógica y metodológica de profesores americanos y europeos en la enseñanza e investigación del Programa de Postgrado en Ciencia de la Información, del Instituto Brasileño de Bibliotecología y Documentación, en la década de 1970. Como objetivos específicos, identifica a los profesores americanos y europeos que llegaron a Brasil en los primeros años del curso; las materias que impartían y la producción intelectual de cada uno; e investiga los vínculos establecidos con estudiantes y profesores brasileños del Programa. Como estrategias metodológicas se mapea la literatura; contextualiza este período histórico; identifica políticas científicas en Información, Ciencia y Tecnología; investiga los principales acontecimientos que impulsaron el desarrollo de la Ciencia de la Información; e investiga el bagaje conceptual y teórico que le permitió dialogar con otras áreas, absorber diferentes conceptos y encontrar nuevas perspectivas para el campo. Como base teórica, el trabajo se apoya en autores que estudian la historia de la ciencia, el origen de la Ciencia de la Información y la formación cultural del individuo, sus discursos y prácticas sociales, entre ellos, Boaventura Santos, Frédéric Darbellay, Jacques Gaillard, Canagarajah, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu, Rafael Capurro, Thomas Kuhn, W. Boyd Rayward. En conclusión, los estudios revelan que la colaboración científica de los profesores fue fundamental para la creación de la maestría, la profesionalización de los bibliotecarios, la formación de nuevos profesionales, la continuidad del área y el desarrollo de la Documentación, Recuperación de Información, Bibliometría, Teoría de la Clasificación y Organización del Conocimiento. Las teorías y conceptos de diferentes países y áreas que la Ciencia de la Información absorbió en su desarrollo conceptual y epistemológico le permitieron consolidarse como un campo del conocimiento científico.

Palabras clave: Historia; Ciencias de la Información; Máster; IBBD; Cooperación científica internacional; Profesores extranjeros.

CIP - Catalogação na Publicação

Gc

Garcia de Freitas, Vania
A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES NORTE-AMERICANOS E BRITÂNICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: O CURSO DE MESTRADO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO NA DÉCADA DE 1970 / Vania Garcia de Freitas. -- Rio de Janeiro, 2025.
191 f.

Orientador: MARIA NELIDA GONZALEZ DE GOMEZ.
Coorientador: ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2025.

1. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2. CURSO DE MESTRADO. 3. COOPERAÇÃO CIENTÍFICA. 4. PROFESSORES ESTRANGEIROS.. 5. IBBD.. I. GONZALEZ DE GOMEZ, MARIA NELIDA , orient. II. FERNANDEZ DE SOUZA, ROSALI, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Data: 29/01/2025 **Horário:** **Modalidade:** Remota

Nome da discente: Vania Garcia de Freitas **DRE:** 121000561

Título da Tese: A contribuição teórica dos professores norte-americanos e britânicos para o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil: o curso de mestrado do IBBD na década de 1970

LINHA: 2 – Configurações socioculturais, políticas e econômicas da Informação

Orientador/a: Profa. Dra. Maria Nélida González de Gómez
Coorientador/a: Profa. Dra. Rosali Fernandez de Souza

Banca Examinadora presidida por Profa. Dra. Maria Nélida González de Gómez (**Orientador/a**), aprovada em 13/12/2024, Ata 16º Reunião da Comissão Deliberativa

	Nome	Instituição
1	Profa. Dra. Maria Nélida González de Gómez	IBICT/PPGCI
2	Profa. Dra. Rosali Fernandez de Souza	IBICT/PPGCI
3	Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha	IBICT/PPGCI
4	Proa. Dra. Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares	IBICT/PPGCI
5	Profa. Leilah Santiago Bufrem	UFPE
6	Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo	UFMG

Após a exposição do trabalho pelo/a aluno/a e sua arguição pelos membros da Banca, a Banca Examinadora decidiu pela:

[X] **Aprovação da Tese,** tendo sido a/o aluna/o concedido o título de **Doutor (a), em Ciência da Informação**

[ ] **Reprovação da Tese;**

[ ] **Revisão da Tese,** concedendo o prazo de ( ) 30 dias ( )45 dias ( ) 60 dias ( ) 90 dias, que se encerra em...../...../....., sendo indicado(s) o (s) seguinte(s) membro(s) da banca para aprovação da revisão

_____

_____

_____

Ao final dos trabalhos, _____horas, a Banca Examinadora teceu as seguintes considerações sobre a Tese: A banca destaca a qualidade da apresentação da pesquisa e da análise dos dados biobibliográficos, as teorias e os métodos resultantes do corpus de conhecimentos aportados pelos professores componentes da missão estrangeira de formação do programa de pós-graduação stricto sensu e pesquisa do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, bem como enfatiza a relevância da tese na contextualização dos eventos que levaram à criação do mestrado.

PPGCI Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
IBICT - UFRJ

ibict

UFRJ

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora:

Professor (a) (Presidente) Maria Lucia Melida de Queiroz

Professor (a) Maria Lucia Melida de Queiroz

Professor (a) Maria Lucia Melida de Queiroz

Professor (a) Maria Lucia Melida de Queiroz

Professor (a) Maria Lucia Melida de Queiroz

Assinatura do/a aluno/a: Vânia Maria de Lucas

“[...] o futuro está sistematicamente vinculado ao passado, que, por sua vez, não é uma concatenação arbitrária de circunstâncias e eventos”.

(Hobsbawm, 1998, p. 50)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do PPGCI/IBICT por terem selecionado um tema que considero caro para a memória da instituição e da área: a contribuição dos professores estrangeiros no desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil. Agradeço por terem me dado a oportunidade de desenvolver um trabalho tão apaixonante como o de investigar a história da Ciência da Informação, sua interdisciplinaridade e os personagens que dela fizeram parte.

Agradeço à professora e doutora Maria Nélida Gonzalez de Gómez, por ter acreditado no meu trabalho e me mostrado o quanto a reflexão crítica se torna cada vez mais necessária para os estudos histórico-epistemológicos da ciência. Agradeço à professora e doutora Rosali Fernandez de Souza, por seus ensinamentos sobre a Organização do Conhecimento, seu olhar atento e presença atuante em todos os momentos da pesquisa. Eu tive a honra de ter sido orientada por essas duas intelectuais que representam a memória viva da história do PPGCI/IBICT.

Agradeço à minha filha e ao meu marido pelo estímulo, carinho e companheirismo; aos amigos e familiares que incentivaram a minha jornada; e aos colegas de trabalho da Editora UFRJ pelo incentivo e consideração durante minha ausência do setor de Edição de textos, no último ano, para que eu pudesse me dedicar à conclusão da pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

ABC – Academia Brasileira de Ciências
ADI – *American Documentation Institute*
ARIST – *Annual Review of Information Science and Technology*
ASLIB – *Association of Special Libraries and Information Bureaux*
ASSIS&T – *Association for Information Science & Technology*
BAPA – Plano de Ação de Buenos Aires para Promoção e Implementação de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
BC2 – Classificação Bibliográfica de Bliss
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BENANCIB – Biblioteca do ENANCIB
BINAGRI – Biblioteca Regional de Agricultura
BIREME – Biblioteca Regional de Medicina
BN – Biblioteca Nacional
BRAPCI – Base de Dados em Ciência da Informação
CALCO – Catalogação Legível por Computador
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI – Classificação de Codificação da Informação
CCN – Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas
CDC – Curso de Documentação Científica
CDCR – Centro de Pesquisa em Documentação e Comunicação
CDD – Classificação Decimal de Dewey
CDP – Classificação dos Dois Pontos
CDU – Classificação Decimal Universal
CEPG – Conselho de Ensino para Graduados
CFE – Conselho Federal de Educação
CIA – *Central Intelligence Agency*
CIN – Centro de Informações Nucleares
CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNP – Conselho Nacional de Pesquisa
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil
CPGCI – Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação
CRG – *Classification Research Group*
CTPD – Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
DASP – Departamento de Administração de Pessoal
EAPES – Equipe de Assessoria do Planejamento do Ensino Superior
EIB – Escritório Internacional de Bibliografia

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FAPESP – Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FID – Federação Internacional de Documentação
FND – Federação Nacional de Documentação
FNDCT – Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GRU – Grupo de Reforma Universitária
IA – Inteligência Artificial
IBBD – Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBM – *International Business Machines Corporation*
ICT – Informação, Ciência e Tecnologia
IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
IIB – Instituto Internacional de Bibliografia
IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada
INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
ISBN – *International Standard Book Number*
ISKO – *International Society for Knowledge Organization*
ISSN – *International Serial Standard Number*
LA – *Library Association*
LI – Linguagens de indexação
MEC – Ministério da Educação
MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts
NATIS – Centros Nacionais de Informação Científica
OC – Organização do Conhecimento
OEA – Organização dos Estados Americanos
OI – Organização da Informação
ONU – Organização das Nações Unidas
ORC – Organização e Representação do Conhecimento
PBDCT – Planos Básicos de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PICO – *Population, Intervention, Comparison(s) and Outcome*
PND – Planos Nacionais de Desenvolvimento
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGCI – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PUC-Camp – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
RBCI – Reunião Brasileira de Ciência da Informação
RBU – Repertório Bibliográfico Universal

RDI – Rede de Documentação e Informação
REBAM – Rede de Bibliotecas da Amazônia
RI – Recuperação da Informação
RIDI – Repositório Institucional do IBICT
RSL – Revisão Sistemática da Literatura
SCB – Sistema de Classificação Bibliográfico
SEICT – Sistema de Informação em Ciência e Tecnologia
SIBEC – Sistema de Benefícios ao Cidadão
SIC – Serviço de Intercâmbio de Catalogação
SMIC – Sistema Mundial de Informação Científica
SNICT – Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica
SOC – Sistemas de Organização do Conhecimento
SRI – Sistema de Recuperação da Informação
SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UnB – Universidade de Brasília
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISIST I – Sistema de Informação das Nações Unidas para Ciência e Tecnologia
USAID – *United States Agency for International Development*
USP – Universidade de São Paulo
WOS – *Web of Science*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas do Protocolo de Revisão Sistemática da Literatura. 24
Quadro 2– Eixos conceituais definidos como base para a coleta de dados. 26
Quadro 3 – Termos definidos para os conceitos. 27
Quadro 4 – Termos definidos por idioma. 28
Quadro 5 – Resultado da aplicação da sintaxe booleana. 30
Quadro 6 – Principais critérios de seleção. 32
Quadro 7 – Definição das variáveis específicas. 35
Quadro 9 – Matriz curricular do Curso de Documentação e Organização Bibliográfica. 57
Quadro 10 – Primeiras disciplinas oferecidas no curso de mestrado em CI do IBBD na década de 1970. 72
Quadro 11 – Áreas de concentração e disciplinas do curso de Mestrado em CI. 74
Quadro 12 – Primeiros Programas de Pós-graduação em CI do país – década de 1970 77
Quadro 13 – Primeira turma formada e as dissertações apresentadas. 79
Quadro 14 – Artigos de autores estrangeiros publicados na revista 135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado quantitativo da recuperação 31
Gráfico 2: Resultado quantitativo da seleção dos documentos recuperados. 33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 19

1.1 Problematização 20

1.2 Objetivos 21

1.3 Organização da pesquisa 21

2 METODOLOGIA 23

2.1 Definição das estratégias e dos critérios de busca 26

2.2 Aplicação dos critérios de seleção 32

2.3 Definição das variáveis específicas 35

2.4 Sintetização das principais variáveis específicas 36

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 39

3.1 Ciência e história 39

3.2 Cooperação científica 44

3.3 Relações científicas 45

4 POLÍTICAS CIENTIFICAS EM INFORMAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL 49

4.1 Formação do Curso de Documentação e Organização Bibliográfica 55

4.2 “Modernização” da pós-graduação brasileira 60

4.3 Papel político do IBICT nas atividades de informação científica 66

4.4 Formação do curso de Mestrado em Ciência da Informação 68

4.4.1 Matriz curricular do curso de Mestrado em Ciência da informação 71

4.4.2 Formação da primeira turma de mestrado 79

4.4.3 Corpo docente brasileiro da pós-graduação do IBBD 83

5 CORPO DOCENTE ESTRANGEIRO DA PÓS-GRADUAÇÃO DO IBBD 87

5.1 Representantes do Estados Unidos 89

5.2 Representantes da Europa 99

6 LINHAS EPISTÊMICAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 109

6.1 Documentação 111

6.2 Recuperação da Informação 115

6.3 Bibliometria 119
6.4 Toria da Classificação 122
6.5 Organização do Conhecimento 127
7 DISSEMINAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA DÉCADA DE 1970 133
8 ANÁLISES E DISCUSSÕES 138
9 CONCLUSÃO 145
REFERÊNCIAS 150
Apêndice 1 – Relação do *corpus* inicial da pesquisa 162
Apêndice 2 – Principais Eventos que impulsionaram o desenvolvimento da CI no Brasil (décadas 1950-1970) 171
Apêndice 3 – Dissertações apresentadas ao Curso de Mestrado do IBBD na década de 1970 174
Apêndice 4 – Principais eventos que influenciaram os conceitos teóricos em Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia até a década de 1970. 180
Apêndice 5 – Linha do tempo dos estudos métricos até a década de 1970. 184
Apêndice 6 – Artigos publicados na revista *Ciência da Informação* na década de 1970. 186
Apêndice 7 – Galeria de fotos. 192

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) levou algumas décadas até se institucionalizar, no Brasil, enquanto em outros países os estudos estavam mais avançados, e os cientistas já se preocupavam com os problemas epistemológicos da nova ciência. Na década de 1950, em função da produção industrial dos países mais desenvolvidos, havia uma demanda por investimentos na capacitação de mão de obra qualificada de profissionais em informação científica e tecnológica (ICT) para suprir a carência de recursos humanos, não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Entre as ações políticas governamentais implementadas, foi criado o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD[1]), em 1954, estimulado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), visando atender a essa demanda mercadológica.

Além de se configurar como um setor de Documentação em ciência e tecnologia para apoiar o setor científico, o IBBD deveria estabelecer intercâmbio com instituições internacionais afins. Desde sua origem, o órgão vinha oferecendo cursos de especialização em Biblioteconomia e Documentação para os bibliotecários de todo o Brasil atuarem em seus Estados. Esses cursos, apesar de serem de pós-graduação, não permitiam a progressão na carreira do profissional, nem possibilitavam a formação de novos bibliotecários para dar continuidade à área, pois não possuíam nível de mestrado nem de doutorado. Visando garantir a colocação de novos profissionais no mercado, foi necessário inaugurar o curso de Mestrado em Ciência da Informação, em 1970, considerado o primeiro do Brasil, América Latina e Caribe.

E como o Brasil não dispunha, naquele momento, de professores com o perfil desejado para lecionar, o IBBD convidou cientistas norte-americanos e europeus para dar treinamento tecnológico aos alunos. Esses professores tinham formação em Engenharia, Computação, Administração, Química e Matemática, mas eram, principalmente, professores de instituições renomadas de Biblioteconomia, com experiência em desenvolvimento de pesquisas em documentação e em serviços de bibliotecas. Essa colaboração só foi possível graças ao acordo de cooperação internacional promovido pela UNESCO, em 1965, firmado entre os países do

[1] Optou-se por usar a sigla IBBD sempre que se referir ao instituto antes de ele ter se transformado em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em 1976, para facilitar o entendimento do contexto histórico.

Norte e os do Sul, e que também beneficiou o Brasil. Com o patrocínio financeiro do Conselho Britânico, da Fundação Ford e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vieram ao Brasil, em momentos diferentes, os cientistas representantes dos Estados Unidos: Allan Kent, Bert Boyce, Derek de Solla Price, Frederick Lancaster, Ingetraut Dahlberg, James Perry, Jesse Shera, Jessica Perry, La Vahn Overmyer, Tefko Saracevic e William Goffman; e os representantes da Europa: Allan Brown, Brian Vickery, Derek Austin, Derek Langridge, Douglas Foskett, Jack Mills, John Eyre e Suman Datta. Esses professores deram palestras, criaram cursos e lecionaram disciplinas no IBBD, principalmente no Mestrado em Ciência da Informação.

1.1 Problematização

A partir da questão inicial "Qual a contribuição deixada pelos professores estrangeiros para o desenvolvimento da Ciência da Informação, no Brasil, a partir do seu envolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Informação (PPGCI/IBBD), na década de 1970?", elaborou-se a hipótese de que o processo de institucionalização da CI se tornou possível após a implementação do curso de mestrado. E este, por sua vez, não se tornaria viável sem o apoio da cooperação científica internacional firmado com a UNESCO, que possibilitou a participação de cientistas estrangeiros na pós-graduação do IBBD. No entanto, a necessidade de registro de informações históricas contextualizadas sobre essa colaboração, na primeira fase do curso de mestrado, motivou a presente investigação.

Trata-se de uma pesquisa histórico-epistemológica, cujo recorte pelo estudo do primeiro Curso de Mestrado em CI de América Latina e Caribe se justifica pela necessidade de análise da ocorrência do fenômeno da institucionalização da CI, no Brasil, no contexto histórico da década de 1970. A pesquisa fundamenta-se em posicionamento científico, político e epistemológico, considerando o contexto entre as décadas de 1950 até 1970, no Brasil, comparando e relacionando a produção industrial dos países mais ricos. Refere-se à demanda por investimentos na capacitação de mão de obra qualificada de profissionais em ICT para suprir a carência de recursos humanos, não só no país, mas em toda a América Latina, situando a criação do IBBD como uma das respostas a essa demanda.

1.2 Objetivos

O objetivo principal foi investigar a contribuição teórico-metodológico-pedagógica dos professores estrangeiros na elaboração e implementação do curso de Mestrado do PPGCI/IBBD, na década de 1970, permitindo que áreas epistêmicas da Ciência da Informação se desenvolvessem no Brasil.

Como objetivos específicos, buscou-se:

a) identificar os cientistas pioneiros estrangeiros convidados a contribuir nos primeiros anos do curso e sua nacionalidade;
b) identificar a formação acadêmica, as suas instituições de origem e atuação profissional;
c) investigar as disciplinas que lecionaram, por meio de documentos e arquivos referentes à criação do curso de mestrado;
d) investigar a produção intelectual de cada um; e
e) identificar a contribuição de cada um em áreas epistêmicas que se desenvolveram, no brasil, a partir do curso de mestrado.

1.3 Organização da pesquisa

Os temas que mais se destacaram como resultado da revisão da literatura serviram de orientação para a organização, estrutura e composição das seções. A seção "Metodologia" apresenta as estratégias de busca e os meios utilizados para extrair os dados das fontes bibliográficas recuperadas, a forma de aplicação dos critérios definidos para a seleção do *corpus* inicial da pesquisa e, finalmente, a definição e a síntese das variáveis específicas escolhidas. A seção "Fundamentação teórica" apresenta um diálogo com autores que contribuíram criticamente com o contexto que a pesquisa abrange, envolvendo suas diversas variáveis teóricas, como a história da ciência, a cooperação científica internacional, a geopolítica da construção do conhecimento científico, a legitimação do discurso acadêmico e a formação sociocultural do indivíduo, como Boaventura Santos, Frédéric Darbellay, Marilena Chauí, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Rafael Capurro, Thomas Kuhn, W. Boyd Rayward, entre outros.

A seção "Políticas científicas em Informação, Ciência e Tecnologia no Brasil" apresenta o panorama histórico e político da década de 1970, período em que a ditadura militar implementou ações governamentais voltadas para Informação, Ciência e Tecnologia (ICT),

para que o Ensino Superior atingisse o nível de "modernização" tecnológica semelhante à de outros países mais desenvolvidos. Entre essas ações estão a criação do IBBD em 1954; o Curso de Documentação e Organização Bibliográfica ministrado por Jesse Shera em 1957; o acordo de cooperação científica internacional firmado entre o Brasil e a UNESCO em 1965; a Reforma do Ensino Superior em 1968; e a criação do curso de mestrado em 1970.

A seção "Corpo docente estrangeiro da pós-graduação do IBBD" apresenta os cientistas americanos e britânicos que colaboraram com o curso de mestrado, na década de 1970, e faz um resumo da biografia de cada um, incluindo um breve currículo com a sua formação acadêmica e experiência profissional, a relevância de sua produção científica e sua atuação pedagógica no curso. A seção "Linhas epistêmicas da Ciência da Informação no Brasil" faz uma breve introdução aos antecedentes histórico-epistemológicos que influenciaram a formação do campo científico. Apresenta as influências conceituais trazidas da Europa e dos Estados Unidos, que a CI absorveu em seu desenvolvimento epistemológico, e as áreas que se desenvolveram no Brasil, como a Documentação, a Recuperação da Informação, a Bibliometria, a Teoria da Classificação e a Organização do Conhecimento – provenientes dos conhecimentos transmitidos e das pesquisas realizadas durante o curso de mestrado.

Finalmente, a seção "Disseminação da Ciência da Informação na década de 1970" destaca os dois principais canais de comunicação científica do IBBD: a editora Calunga e a revista *Ciência da Informação,* o primeiro periódico criado na área. Essa escolha foi feita devido à importância que esses veículos tiveram para a divulgação da produção científica dos pesquisadores estrangeiros e brasileiros durante o curso de mestrado. Mostra como esses meios foram fundamentais para divulgar a pesquisa e os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos na pós-graduação a partir da visão crítica e intelectual dos pares.

Com caráter documental, este estudo pretende somar-se à de outros pesquisadores da área, contribuindo para o fortalecimento da memória da CI no Brasil do seu principal objeto de estudo: a informação científica. Conhecer a contribuição científica desses fundadores da CI possibilita o entendimento de como a área absorveria os aportes epistemológicos após a sua chegada e abre um caminho para a discussão e a reflexão crítica sobre o conhecimento transmitido às novas gerações de mestres e pesquisadores.

2 METODOLOGIA

Esta tese é de natureza empírica, na forma de estudo de caso, com base na análise de fontes bibliográficas, primárias e secundárias, de documentos impressos e digitais. Trata-se de um estudo histórico-epistemológico, que utilizou como recorte o impacto da colaboração científica dos professores estrangeiros, principalmente americanos e britânicos, na pós-graduação brasileira, depois da formação da primeira turma de Mestrado em Ciência da Informação no IBBD. A pesquisa se justifica pela necessidade de análise da ocorrência do fenômeno da institucionalização da CI, no Brasil, no contexto histórico da década de 1970.

Segundo duas referências de dicionário em língua portuguesa, *Caldas Aulete* e *Michaelis*, a palavra biografia vem do grego Βιογραφια [Biografia], que descreve a história escrita sobre a vida de uma pessoa ou um relato da sucessão de eventos da vida de uma pessoa. A bibliografia de um autor, ou a compilação da obra intelectual de um autor, em sua origem grega, une a palavra βιβλιο [biblio], que significa livro, e a palavra γραφο [grafo], que significa grafia, escrita. A biobibliografia de um autor seria, dessa forma, a história da vida de um autor, acompanhada de suas obras, ou seja, um relato crítico sobre a vida e a obra de um escritor, um estudo ou a relação de suas obras. O conceito de biobibliografia, portanto, além de ser o resultado da correlação entre os termos biografia e bibliografia, é também um exercício e um estudo metodológico que investiga a história de vida de um autor e o conjunto de sua obra, a partir de consultas a publicações de referência da área, documentos, arquivos e registros em geral que comprovem as informações recuperadas (Jaén García, 2012).

> As biografias são fontes de informação muito valiosas porque fornecem, em primeiro lugar, uma visão geral da vida e do desempenho profissional de uma pessoa que se destacou em um determinado campo de atuação. Em segundo lugar, elas oferecem uma retrospectiva de sua produção bibliográfica. Apesar disso, há uma carência de literatura sobre a sistematização desse tipo de trabalho. (Jaén García, 2012, p. 10)

A metodologia escolhida para a coleta de dados baseou-se, num primeiro momento, no modelo de protocolo de Revisão Sistemática da Literatura (RSL) de Petticrew e Roberts (2006). Por se tratar de um modelo mais adequado para a área de saúde, ele foi adaptado para atender às necessidades desta pesquisa, servindo apenas de apoio para a formação do *corpus* inicial. Como toda revisão sistemática, existe um padrão para a criação de um protocolo de atividades (Quadro 1), em que é criada uma lista de planejamento das etapas de todo o processo de busca, visando recuperar achados relevantes, confiáveis e sem vieses.

Quadro 1 – Etapas do Protocolo de Revisão Sistemática da Literatura.

1. Fazer a descrição metodológica da pesquisa.
2. Definir a questão da revisão.
3. Apresentar o objetivo da revisão.
4. Definir as estratégias e os critérios de busca.
5. Definir os eixos conceituais.
6. Listar os conceitos e termos.
7. Listar os termos por idioma.
8. Definir a expressão de busca (sintaxe booleana).
9. Adaptar a expressão de busca para cada banco de dados.
10. Fazer a busca nos bancos de dados.
11. Exportar as referências para o Zotero.
12. Salvar o banco de dados do Zotero como arquivo CSV.
13. Recuperar o arquivo CSV e importar para a planilha de etapas do desenvolvimento criada no Excel.
14. Criar uma planilha só para artigos e outra para teses e dissertações (outros formatos).
15. Definir os critérios de exclusão.
16. Aplicar os critérios de exclusão nas duas planilhas.
17. Listar por autor, título, periódico, data de publicação, palavras-chave e resumo os resultados após a exclusão.
18. Extrair os dados dos artigos.
19. Definir os critérios de análise.
20. Aplicar os critérios de análise.
21. Definir as sínteses da recuperação.
22. Aplicar as sínteses da recuperação.
23. Sintetizar a recuperação.

Elaborado e adaptado a partir do modelo de Petticrew e Roberts (2006).

A definição dessas etapas do protocolo se baseou em quatro fases: “I) Definição das estratégias e dos critérios de busca; II) Aplicação dos critérios de seleção; III) Análise; e IV) Sintetização da recuperação” (Petticrew; Roberts, 2006, p. 44; trad. livre). Em seguida foi feito o primeiro levantamento dos cientistas estrangeiros que contribuíram com os cursos de pós-graduação, entre as décadas de 1950 e 1970: Alan Brown, Allan Kent, Bert Boyce, Brian Vickery, Derek Austin, Derek de Solla Price, Derek Langridge, Douglas Foskett, Frederick Lancaster, Ingetraut Dahlberg, Jack Mills, James Perry, Jesse Shera, Jessica Perry, John Eyre, La Vahn Marie Overmyer, Suman Datta, Tefko Saracevic e William Goffman, os principais citados na literatura. Entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022, foi iniciado o levantamento

bibliográfico e documental na literatura da área, cujos resultados foram organizados em planilhas do programa Excel, utilizando-se o aplicativo Sotero como recurso para a normalização das referências.

Nessa fase, para se compreender historicamente o ambiente favorável à criação da pós-graduação, no Brasil, a relação dos cientistas com a transformação do contexto social e a importância da atuação do IBBD para a pesquisa em informação científica, foi feita uma investigação dos eventos e circunstâncias político-sociais em que houve a institucionalização da CI. Para facilitar a organização do conteúdo, toda a bibliografia recuperada foi dividida e agrupada por temas de pesquisa, os quais deram nomes aos diretórios criados no computador: A-CI-no-Brasil; Biblio-revisao-da-literatura; Biografias; Ciencia-e-epistemologia; Citacoes-para-a-pesquisa; Contexto-politico-decada-1970; Contribuicoes-para-a-area; Cooperacao-cientifica-internacional; Criticas-ao-positivismo; Embasamento-teorico; Ensino-superior-no-Brasil; Georgia-Institute-of-Tecnology; IBBD-Historia-e-contexto; Influencias-epistemologicas; Literatura-internacional; Lista-geral-artigos; Metodologia; Origem da CI; Pos-graduacao-CI-no-Brasil; Professores-brasileiros; Revista-ciencia-da-informacao; e Videos-transcricao (assim mesmo, sem acentuação e sinais gráficos).

Cada cientista ganhou uma pasta exclusiva, dentro do diretório Biografias, com suas subdivisões temáticas, contendo informações sobre sua vida e obra, por meio das publicações dos pares em forma de artigos, dissertações, teses, livros, capítulos de livros, entrevistas e apresentações em congressos. Para melhor identificação e facilitar a busca, os arquivos das publicações foram rotulados pelo último nome do autor em caixa alta, seguido do título e data de publicação, divididos por traço. Apesar de não ter sido possível recuperar toda a produção científica de cada professor estrangeiro, foram abordadas as principais obras e as áreas em que eles mais se destacaram, reconhecendo-se a relevância de sua participação no curso de mestrado e contribuição para a área.

Foi feito um segundo levantamento da literatura, entre março e julho de 2023, visando recuperar novos documentos, utilizando-se como principais fontes diretórios institucionais e bases de dados da área – BRAPCI, CAPES, Scielo, BDTD, RIDI, WOS, Lisa, Scopus, BENANCIB, Emerald, além do *Google Scholar*. A escolha por essas bases se justifica pelo fato de contemplarem as publicações dos pares e, consequentemente, pela confiabilidade do conteúdo, do vocabulário utilizado e das referências citadas. O objetivo foi buscar na literatura especializada registros organizados sobre a composição, a biobibliografia, a origem e a atuação pedagógica do corpo docente estrangeiro do IBBD, as disciplinas ministradas e seus alunos

orientandos. O período histórico escolhido para a recuperação dos dados, entre as décadas de 1950 e 1970, se justifica pelo ano de criação do IBBD (1954) e do curso de mestrado (1970), períodos em que também começa a ocorrer a chegada dos professores estrangeiros. Nessa fase da revisão da literatura, também se começaram as buscas pelas áreas epistêmicas que formaram a base epistemológica da CI, ampliando-se, assim, o escopo da pesquisa.

2.1 Definição das estratégias e dos critérios de busca

Antes de dar início à busca, foram definidos os critérios para os eixos conceituais: os conceitos, os termos por idioma e a sintaxe de busca (booleana) na planilha (Excel) de etapas do desenvolvimento. Os eixos conceituais abrangeram: a história do IBBD, a criação do Curso de Mestrado em CI, a contratação de professores estrangeiros, o contexto histórico da década de 1970, a profissionalização dos bibliotecários e a institucionalização da Ciência da Informação no Brasil.

Para os Eixos conceituais (Quadro 2), foram definidos os seguintes critérios de busca: Professores estrangeiros/IBBD para População, porque é o principal objeto da pesquisa; Recuperação da história da CI e Análise da produção científica como Processo (ou exposição), pois se trata da origem do curso de mestrado; a Criação do curso de mestrado em CI e, consequentemente, a Profissionalização dos bibliotecários e a Institucionalização da área foram escolhidos como Resultado (ou desfecho) da participação dos professores em todo o processo; a própria Vinda dos professores e A década de 1970 compõem o Contexto histórico e político; e, finalmente, é um tipo de estudo histórico-epistemológico e documental, que propõe investigar a origem e a institucionalização da pós-graduação em CI, a trajetória dos cientistas, sua atuação pedagógica no IBBD e a relevância de sua produção científica.

Quadro 2– Eixos conceituais definidos como base para a coleta de dados.

População (sujeito)	**Processo (exposição)**	**Resultado (desfecho)**	**Contexto (acontecimentos)**	**Estudo (tipo)**
Professores estrangeiros/IBBD	Recuperação	Criação do primeiro curso de mestrado em CI	Vinda de professores estrangeiros para o IBBD	Histórico-epistemológico e documental
	Análise	Profissionalização dos bibliotecários	Década de 1970	
		Institucionalização da área como campo		

		do conhecimento científico no Brasil		

Elaborado e adaptado a partir do modelo de Petticrew e Roberts (2006).

Para representar os conceitos, foram escolhidos termos (Quadro 2) que auxiliassem melhor a busca nos bancos de dados. Para o objeto e sujeito da pesquisa, sinônimos como Pioneiros da CI, Pesquisadores estrangeiros e Cientistas estrangeiros foram os principais. No processo de recuperação e análise da produção científica, foram escolhidos os termos (Quadro 3) que correspondem aos eixos conceituais Classificação, Recuperação da informação e Bibliometria. Os termos Origem da CI, Bibliotecários no Brasil, Profissionalização da Biblioteconomia e Intercâmbio internacional foram usados como estratégia de busca por representarem melhor os resultados da criação do curso de mestrado e do desenvolvimento da CI no Brasil.

Para o conceito A vinda de professores estrangeiros no IBBD, os termos mais indicados para o Contexto foram Professores estrangeiros convidados, Experiência do IBBD na pós-graduação e Biblioteconomia no Brasil, porque se referem ao momento histórico em questão, e os autores abordam esses temas. Por se tratar de um estudo histórico, foi necessário encontrar documentos, fontes primárias e secundárias, impressas e digitais, além de vídeos e entrevistas para comprovar as informações fornecidas pelos pares.

Quadro 3 – Termos definidos para os conceitos.

População (sujeito)		**Processo (exposição)**		**Resultado (desfecho)**	
Conceitos	**Termos**	**Conceitos**	**Termos**	**Conceitos**	**Termos**
Professores estrangeiros no IBBD	Professores estrangeiros	Recuperação da produção científica	Classificação	Primeiro curso de mestrado em CI	Origem da CI no Brasil
	Pioneiros da CI		Recuperação da informação	Profissionalização dos bibliotecários	Bibliotecários no Brasil
	Cientistas estrangeiros		Bibliometria	Institucionalização da CI	Profissionalização da Biblioteconomia
	Pesquisadores estrangeiros	Recuperação da atuação dos professores	Disciplinas ministradas	Internacionalização da área	Intercâmbio internacional IBBD
			Palestras		
			Orientandos		

		Análise da atuação dos ex-alunos	Defesa de dissertação		
Contexto (acontecimentos)			**Estudo (tipo)**		**Fontes**
Conceitos	**Termos**		**Conceitos**	**Termos**	
Vinda de professores estrangeiros no IBBD	Professores estrangeiros convidados		Histórico	Artigos científicos	BRAPCI
	Experiência do IBBD na pós-graduação			Fontes primárias	Scielo
	A Biblioteconomia no Brasil			Fontes secundárias	Literatura formal
				Documentos	Google Scholar
				Vídeos	Bibliotecas digitais
				Livros	Repositórios institucionais

Elaborado e adaptado a partir do modelo de Petticrew e Roberts (2006).

Na busca dos termos por idioma (Quadro 4), as restrições foram o português, o inglês, o espanhol e o francês; no entanto, só houve resultados em português e inglês. Nos termos em inglês, foi importante inserir o termo *Brazil* para que não fossem recuperados dados referentes a outros países.

Quadro 4 – Termos definidos por idioma.

Português	Inglês	Espanhol	Francês
Professores estrangeiros	*Foreign Teachers*	*Profesores extranjeros*	*Enseignants étrangers*
Pioneiros da CI	*Pioneers*	*Pioneros*	*Pionniers*
Pesquisadores estrangeiros	*Foreign Researchers*	*Investigadores extranjeros*	*Chercheurs étrangers*
Cientistas estrangeiros	*Foreign Scientists*	*Científicos extranjeros*	*Scientifiques étrangers*
Professores estrangeiros convidados / Professores convidados / Professores visitantes	*Foreign guest professors / Guest professors / Visiting professors*	*Profesores extranjeros invitados / Profesores invitados / Profesores visitantes*	*Professeurs étrangers invités / Professeurs invités / Professeurs invités*
Classificação / Teoria da Classificação	*Classification / Classification Theory*	*Clasificación / Teoría de la clasificación*	*Classification / Théorie de la classification*
Recuperação da informação	*Information retrieval*	*Recuperación de información*	*Recherche d'information*
Bibliometria	*Bibliometrics*	*Bibliometría*	*Bibliométrie*
Disciplinas ministradas	*Disciplines taught*	*Materias impartidas*	*Thèmes enseignés*
Palestra	*Conference / Presentation*	*Conferencia*	*Conférence / Présentation*
Orientandos	*Advisees / Students*	*Alumno guiado*	*Élève conseillé*

Defesa de dissertação	*Dissertation defense*	*Defensa de tesis*	*Soutenance de thèse*
Origem da CI no Brasil	*Origin of Information Science in Brazil*	*Origen de la ciencia de la información en Brasil*	*Origine des sciences de l'information au Brésil*
Bibliotecários no Brasil	*Librarians in Brazil*	*Bibliotecarios en Brasil*	*Bibliothécaires au Brésil*
Profissionalização da Biblioteconomia	*Professionalization of Librarianship*	*Professionalization of Librarianship*	*Professionnalisation de la bibliothéconomie*
Intercâmbio internacional IBBD	*International exchange program / Exchange program*	*Intercambio internacional IBBD*	*Échange international / Bourse internationale IBBD*
Experiência do IBBD em PG	*IBBD's experience in graduate programs*	*Experiencia del IBBD en programas de postgrado*	*L'expérience de l'IBBD dans les programmes de troisième cycle*
A Biblioteconomia no Brasil	*Librarianship in Brazil*	*Biblioteconomía en Brasil*	*La bibliothéconomie au Brésil*

Elaborado e adaptado a partir do modelo de Petticrew e Roberts (2006).

Foram utilizadas como bases de dados as bibliotecas digitais, os repositórios acadêmicos e as fontes bibliográficas da área – *Web of Science*, Scopus, Lisa, BENANCIB, Emerald, BRAPCI, CAPES, Scielo, *Google Scholar*, BDTD e RIDI (Quadro 5) – com o objetivo principal de recuperar publicações revisadas pelos pares. Em seguida, a questão da revisão foi definida baseada em apenas três dos quatro elementos PICO (*Population, Intervention, Comparison(s) and Outcome* [população = professores estrangeiros; intervenção = contribuição; e resultado = institucionalização da Ciência da Informação no Brasil]), porque não houve o terceiro elemento, comparação (C). Como parâmetros de estratégia de busca, enfatizamos que esses três elementos básicos utilizados (PIO) que estruturam a questão de revisão "Qual a contribuição dos professores estrangeiros para o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil na década de 1970?" (que é diferente da questão de pesquisa) foram relacionados com os operadores AND, OR e MORE, com base no modelo de Petticrew e Roberts (2006).

Esse mecanismo de busca foi feito para cada conjunto de descritores escolhidos para representar cada um dos elementos População, Intervenção e Resultado. Para cada um deles, as respectivas palavras-chave foram combinadas com o operador AND. Além da expressão booleana AND, OR e MORE, foi usada a Sintaxe Geral, porque esses bancos de dados nem sempre reconheciam a linguagem. Em vista disso, eles foram agrupados em uma sintaxe híbrida de recuperação. O descritor que mais recuperou artigos foi IBBD; e em segundo lugar, Ciência da informação / *information science*. Os descritores *library* AND *information science* AND

Brazil também foram uma opção para capturar estudos internacionais sobre a área no Brasil, com resultados consideráveis, além de Origem E biblioteconomia E Brasil.

Quadro 5 – Resultado da aplicação da sintaxe booleana.

Sintaxe de busca	Expressão booleana	Resultado quantitativo
Sintaxe Geral	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	5.284
BRAPCI	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	2.452
CAPES	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	96
Scielo	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	49
Google Scholar	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	2.680
BDTD	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	7
RIDI	professores E (estrangeiros E IBBD) (origem E biblioteconomia E Brasil) (professores E estrangeiros E IBBD) (IBBD) (Information science MORE Brazil) (library and information science AND Brazil)	0
WOS	(information science AND Brazil) (origin AND librarianship AND Brazil)	1.637
Scopus	(information science AND Brazil) (origin AND library sciences AND Brazil) (library and information science AND Brazil)	47.000
LISA	(information science AND Brazil) (origin AND librarianship AND Brazil) (Foreign Teachers AND IBBD AND brazil) (Professionalization AND Librarianship AND Brazil)	4.490
BENANCIB	(professores E estrangeiros E IBBD) (origem E ciência E informação E Brasil) (origem E biblioteconomia E Brasil) (library and information science AND Brazil)	13.909

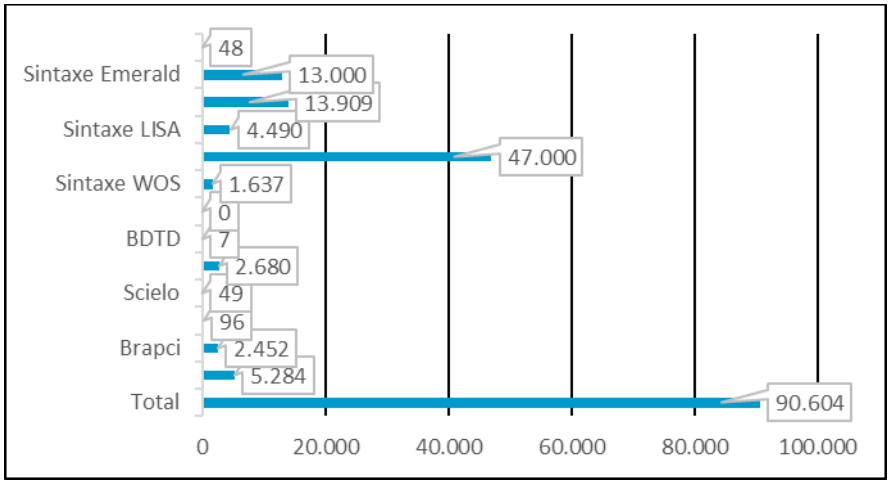
Emerald	(information science AND Brazil) (library and information science AND Brazil)	13.000
Total		**85.320**

Elaborado e adaptado a partir do modelo de Petticrew e Roberts (2006).

Não foram encontrados estudos especificamente sobre Professores estrangeiros no IBBD ou o seu contexto Chegada dos professores estrangeiros no IBBD em nenhuma das bases de dados. Alguns termos de busca foram modificados, pois não estavam sendo recuperados como foram definidos inicialmente. O termo IBBD foi usado como estratégia principal de busca porque é citado sempre que se refere às décadas de 1950 a 1970, período em que o órgão ainda tinha essa denominação e abrange, também, o período histórico da pesquisa. Essa estratégia foi primordial para a recuperação nos bancos de dados nacionais, porque sem ele não teria sido possível recuperar a maior parte dos documentos.

Se observarmos o resultado da recuperação em cada uma das bases de dados (Gráfico 1), veremos que as bases Scopus, BENANCIB e Emerald recuperaram muitos documentos, no entanto, a maioria não dizia respeito ao tema da pesquisa.

Gráfico 1: Resultado quantitativo da recuperação de documentos por base de dados.



Elaborado pela autora com base na recuperação dos dados.

Já a BRAPCI foi a base que recuperou os estudos mais relevantes, além da Sintaxe geral, na qual o Google Scholar se insere. Tendo em vista o resultado positivo da BRAPCI, ao final, foram feitas mais buscas com novos descritores – americanos, estadunidenses, britânicos,

europeus, pioneiros da Grã-Bretanha – para se obter uma maior recuperação, cujo resultado foi satisfatório.

2.2 Aplicação dos critérios de seleção

Uma RSL pressupõe a especificação e aplicação de critérios de seleção nos estudos encontrados (Quadro 6). Depois de refinada a recuperação, foram excluídos os documentos repetidos; aqueles que não abordavam nenhum dos temas principais dos termos pesquisados ou algum elemento que não se referisse à população ou ao seu contexto; as publicações não revisadas pelos pares; aqueles que não citaram o IBBD, pelo menos; e aqueles que não se referiam às décadas de 1950 e 1970.

Quadro 6 – Principais critérios de seleção.

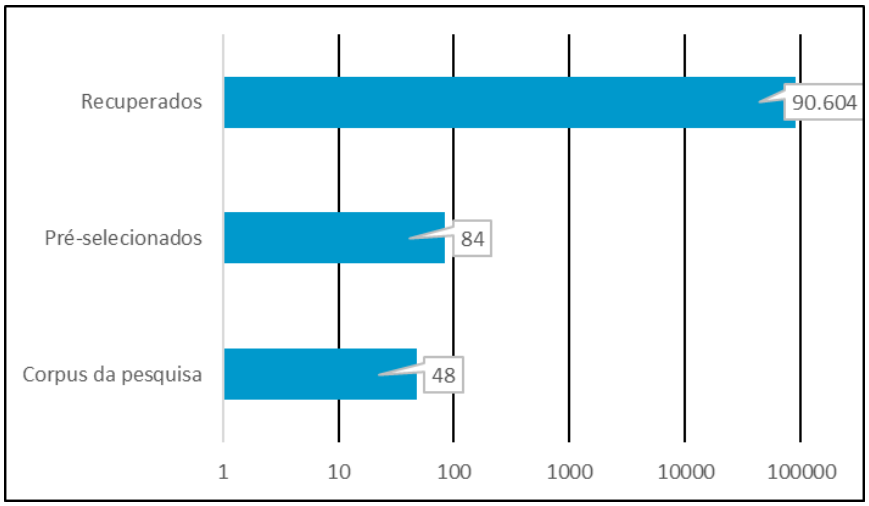
Eixo conceitual	Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
Pesquisa	Primária e secundária.	Não ter avaliação dos pares.
População	Professores estrangeiros / Cientistas / Pioneiros / Especialistas /Qualquer um dos nomes dos cientistas citados.	Não apresentar elementos que se refiram à população ou ao seu contexto.
Contexto	Criação do IBBD / Institucionalização da Biblioteconomia / Institucionalização da CI / Políticas de ICT no Brasil / História da pós-graduação no Brasil.	Qualquer período que fuja das décadas de 1950 a 1970.
Resultado	Criação do curso de mestrado em CI / Institucionalização da CI no Brasil / Profissionalização do bibliotecário.	Qualquer resultado que não se refira à história da CI no Brasil.

Elaborado pela autora.

Ao todo foram recuperados 90.604 documentos (Gráfico 2) entre artigos e outros formatos (dissertações, revistas, anais, teses, livros, entrevistas e capítulos de livros), dos quais 84 (65 artigos e 19 de outros formatos) foram refinados após a aplicação dos principais critérios de seleção. Desse total de 84 documentos, 48 foram selecionados para compor o *corpus* inicial da análise, porque correspondiam aos critérios de inclusão: pesquisa primária e secundária; professores estrangeiros (cientistas, pioneiros etc.); qualquer um dos nomes citados; contexto histórico; institucionalização da CI no Brasil; IBBD; e criação do curso de mestrado em CI. Alguns documentos, apesar de não preencherem os principais critérios, mas por conterem uma

ou outra informação importante para a pesquisa, foram considerados e armazenados para complementarem alguma informação numa fase posterior.

Gráfico 2: Resultado quantitativo da seleção dos documentos recuperados.



Elaborado pela autora com base na recuperação dos dados.

A Vinda dos professores estrangeiros, na década de 1970, seria o critério de inclusão principal, no entanto, desses 48 estudos, nenhum tratava do objeto de pesquisa especificamente. Como a maior parte dos documentos cita superficialmente a população em algum momento, as opções de recuperação foram mudadas para se obter algum resultado: o assunto principal passou a ser IBBD; Professores estrangeiros ficou como segundo critério; e Origem do curso de mestrado, em terceiro. E apesar de não contemplarem totalmente o objetivo principal da pesquisa, os resultados foram satisfatórios porque estão de alguma forma imbricados ou relacionados ao seu escopo, levando-se à conclusão de que Professores estrangeiros no IBBD não é um tema escolhido como principal para estudo entre os pares – não com esse nome, pelo menos.

Foi possível, no entanto, encontrar estudos sobre os cientistas da Grã-Bretanha, por exemplo, nos estudos sobre A Teoria da Classificação, ou a contribuição dos americanos em conceitos relacionados à automação na Recuperação da Informação. Em vista disso, foi necessária a inclusão de novos descritores como estratégias de busca, resultando numa maior capacidade de recuperação em contraponto às dificuldades de representação. A partir daí, o título da tese mudou de “A contribuição dos estrangeiros...” para “A contribuição dos norte-americanos e britânicos...”, identificando melhor a origem de cada vertente que contribuiu com a formação do corpo docente, pelo menos naquele primeiro momento. Mas esse título poderia

ter outras denominações, como A contribuição dos americanos, ou estadunidenses, e dos europeus, em vez de britânicos, cabendo aqui um esclarecimento sobre as possíveis opções.

Segundo os principais dicionários de língua portuguesa, tanto o termo norte-americano quanto o estadunidense são considerados equivalentes e estão corretos para se referir a quem nasce nos Estados Unidos da América. Em espanhol falado na América Latina, ou em francês falado no Canadá, o termo mais utilizado é o equivalente a estadunidense; e, no Brasil, o gentílico mais comum é americano. A opção pelo uso do termo estadunidense seria uma questão ideológica, como resistência ao imperialismo dos EUA, devido à sua expansão, domínio territorial e cultural. Ocorre que, no primeiro momento da criação do curso de mestrado, os primeiros cientistas convidados que vieram dos Estados Unidos e da Inglaterra não eram todos nascidos nesses países. Alguns deles haviam saído de seus países, como Austrália, Rússia, Croácia, por exemplo, e se mudado para trabalhar nos Estados Unidos em instituições de americanas, lecionando, pesquisando e estudando as teorias que estavam sendo desenvolvidas naquele momento. O mesmo aconteceu com alguns cientistas que se mudaram de seus países, como Alemanha e Índia, e foram viver na Inglaterra, então não havia só ingleses entre eles.

Essa nova experiência em outro país, somada à troca de ideias e interação social, nas pesquisas desenvolvidas em conjunto, influenciou o pensamento teórico desses cientistas em suas áreas de conhecimento. A forte relação interdisciplinar e geopolítica dessa cooperação torna ainda mais difícil delimitar a escolha de um único termo para se referir à nacionalidade dos pesquisadores, optando-se, dessa forma, pelo pensamento predominante da vertente de atuação, e não da nacionalidade de origem. Mesmo no IBBD, os cientistas de uma vertente foram influenciados pela outra, porque trabalharam juntos, desenvolveram pesquisas sobre os mesmos temas, lecionaram disciplinas afins e dialogaram com diferentes visões sobre os mesmos problemas informacionais.

Dessa forma, entende-se por vertente norte-americana ou americana ou estadunidense, para quem preferir, o grupo de cientistas que representam o pensamento teórico desenvolvido nas instituições americanas, de tecnologias voltadas para a recuperação da informação automatizada feita pelo computador. E entende-se por vertente britânica ou europeia os cientistas provenientes das instituições britânicas, independente de sua nacionalidade, mas que trouxeram a contribuição da Teoria da Classificação, principalmente a que foi desenvolvida pelos membros do *Classification Research Group*, que por sua vez tiveram a forte influência do pensamento indiano de Ranganathan. Independentemente da opção escolhida para o uso do termo, o importante é entendermos a riqueza da principal característica da Ciência da

Informação brasileira: ter recebido influências conceituais de países da Europa, dos Estados Unidos, de seus vizinhos da América do Sul, assim como da Rússia, que é um país transcontinental.

2.3 Definição das variáveis específicas

As 48 publicações selecionadas da primeira fase da coleta de dados para compor o *corpus* inicial da pesquisa encontram-se listadas no Apêndice 1, "Relação do *corpus* inicial da pesquisa", com seus respectivos resumos sobre o conteúdo da obra. Muitas vezes foi necessário ler integralmente o texto para extrair as informações referentes ao tema da busca, pois nem todo documento apresentava *Abstract*, ou conclusão, ou metodologia. As variáveis gerais já estavam predefinidas pelo modelo de RSL usada como base (Petticrew; Roberts, 2006), mas não contemplavam a pesquisa, então a etapa seguinte foi definir as variáveis específicas (Quadro 7) para estruturar e organizar os dados extraídos considerados mais relevantes para a análise.

Quadro 7 – Definição das variáveis específicas.

Variáveis	Descrição
1) Professores estrangeiros	Como essa é a população da revisão, todo artigo que citá-los é importante para a pesquisa, e os termos podem variar: cientistas, pioneiros, estrangeiros, ou o nome do professor.
2) IBBD	Foi o principal critério de inclusão, tendo em vista que, sempre que se usa essa sigla, está se referindo às décadas de 1950-1970, que abrange o contexto histórico da pesquisa, porque era assim que o órgão se chamava até 1976.
3) Origem do curso de mestrado	A história do primeiro curso de mestrado sempre aborda a vinda dos professores estrangeiros, pois não havia, na época, profissionais qualificados no Brasil para ministrá-lo.
4) Contexto histórico e político	Abrange a década de 1970, o período da ditadura militar, a expansão do ensino superior, as políticas públicas de Informação, Ciência e Tecnologia (ICT) e a institucionalização da CI no Brasil.
5) Epistemologia da CI	Aborda a construção do conhecimento da área, o desenvolvimento de conceitos, teorias, formação do campo científico, a produção científica dos cientistas e a revisão da literatura pelos pares.
6) Cooperação científica internacional	Abrange os acordos e as políticas científicas de cooperação internacional entre o Brasil e outros países; o financiamento das instituições promovendo a participação de professores estrangeiros no curso de Mestrado no IBBD; as bolsas de estudo para professores brasileiros estudarem no exterior; e as publicações de cientistas brasileiros em parceria com cientistas de outros países.

Elaborado pela própria autora.

A partir da definição das variáveis específicas, o passo seguinte foi fazer a sintetização e análise dos resultados recuperados. A leitura atenta possibilitou extrair e editar as partes dos textos consideradas mais relevantes referentes às principais variáveis, possibilitando a análise da abordagem de cada autor nos 48 documentos, que muitas vezes se repetem e se citam uns aos outros. Na segunda fase da pesquisa, novas variáveis específicas foram criadas, mas foram agrupadas, como forma de simplificar os achados e não duplicar as informações.

2.4 Sintetização das principais variáveis específicas

A discussão dos pares sobre os antecedentes da CI foi um fator fundamental para o entendimento do campo. A pesquisa bibliográfica recuperou textos de autores importantes que fizeram parte da história da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, no Brasil, cujas visões diversificadas sobre o mesmo tema enriqueceram ainda mais o diálogo entre os autores. Alguns tiveram participação ativa na implementação da pós-graduação entre as décadas de 1950 e 1970, como Lydia de Queiroz Sambaquy, Lais da Bôa Morte, Jannice de Mello Monte-Mór, Laura Maia de Figueiredo, Célia Ribeiro Zaher, Hagar Espanha Gomes, Suzana Pinheiro Machado Müeller, entre outros. A maior parte dos artigos recuperados foi publicada na revista *Ciência da Informação* por autores que são professores do IBICT, sendo que alguns são ex-alunos do IBBD da década de 1970. Após a análise dos textos, outras bases de dados foram utilizadas para investigar as informações que faltavam, mas não entraram no gráfico referente ao *corpus* inicial, como a *Association for Information Science and Technology* (ASIS&T), a Biblioteca Nacional e a Biblioteca do IBICT.

Na sintetização dos resultados, algumas variáveis foram agrupadas, como (1) IBBD, (2) Contexto histórico e político e (3) Cooperação científica internacional, as quais foram incorporadas à seção “Políticas científicas em Informação, Ciência e Tecnologia no Brasil”. O tema IBBD ocorre sempre que a história do órgão é abordada, com destaque para o seu papel inovador, sua importância como incentivador da profissionalização dos bibliotecários e difusor dos serviços de pesquisa em documentação científica. A variável Contexto histórico e político ocorre em estudos sobre as políticas científicas no ensino de pós-graduação em CI, no Brasil, com os principais eventos que influenciaram a institucionalização da área desde a década de 1950. E a Cooperação científica internacional é uma variável específica teórica que ocorre quando os autores tratam das relações diplomáticas e sociais entre os sujeitos que fizeram parte dessa colaboração.

A ocorrência desses três temas é frequente nos estudos históricos que abordam a criação do IBBD como espaço acolhedor de intelectuais e de ideias inovadoras em ICT, as políticas implementadas para a institucionalização da CI e o acordo geopolítico entre o Brasil e outros países, implementado pelo governo brasileiro em parceria com a UNESCO. O Curso de Documentação e Organização Bibliográfica, iniciado na década de 1950, foi incorporado à seção porque corresponde à primeira iniciativa para pôr em prática o modelo de ensino norte-americano visando o treinamento tecnológico dos bibliotecários, assim como o curso de Mestrado e sua formação curricular inicial, áreas de concentração, a formação da primeira turma de alunos e o corpo docente brasileiro – todos esses temas estão interligados, se complementam e compõem o panorama histórico, social e político da origem da CI no Brasil.

A variável Professores estrangeiros foi incorporada à seção "Formação do corpo docente estrangeiro", onde são apresentados os cientistas que representam as vertentes americana e a europeia, trazendo um resumo da formação acadêmica e atuação pedagógica de cada um. A seção aborda a forma como os pares citaram os estrangeiros – cientistas, doutores, pioneiros, americanos, ingleses, europeus, britânicos –, ou o nome do próprio professor, tanto individualmente quanto relacionado ao trabalho de outros, e como eles entendem a sua contribuição para a área. A variável Epistemologia da CI, apesar de percorrer toda a pesquisa, ganhou a seção "Linhas epistêmicas da CI no Brasil", desde a Documentação, anterior à criação do curso de mestrado, passando pela Recuperação da Informação, a Bibliometria, a Teoria da Classificação, até chegar à Organização do Conhecimento, áreas que se desenvolveram no Brasil a partir da décadas de 1950.

Finalmente, os apêndices têm a função teórico-metodológica de complementar, exemplificar e, em algumas vezes, ilustrar as informações apresentadas, de forma que não se torne exaustiva a leitura do texto, caso essas informações estivessem em seu corpo. O Apêndice 1, "Relação do corpus inicial da pesquisa", apresenta uma lista das 48 referências que correspondem ao resultado do levantamento bibliográfico da revisão da literatura realizada entre outubro de 2021 a fevereiro de 2022 e revisada entre junho e julho de 2023. A maior parte dos artigos recuperados foi publicada na revista *Ciência da Informação* por autores que são professores do IBICT, sendo que alguns são ex-alunos do IBBD da década de 1970. Este *corpus* inicial foi utilizado como fonte para investigar a opinião e a reflexão dos pares sobre a história da Ciência da Informação, no Brasil, em todos os seus aspectos. As outras fases de levantamento da literatura, em que se investigaram o desenvolvimento das linhas epistêmicas e seus representantes não foram reproduzidas no apêndice porque não houve uma sistematização das

informações extraídas, mas as fontes foram citadas na tese e estão devidamente referenciadas na lista de referências bibliográficas.

O Apêndice 2 apresenta uma relação cronológica dos principais eventos que impulsionaram o desenvolvimento da CI no Brasil, como as ações políticas governamentais implementadas como estratégicas para a "modernização" do ensino superior no Brasil. O Apêndice 3 ilustra em ordem cronológica as dissertações apresentadas ao curso de mestrado do IBBD, na década de 1970, como forma de identificar os temas que estavam sendo mais pesquisados na época, como a Bibliometria, e os alunos formados que se tornaram os futuros professores das áreas de Biblioteconomia e Ciências da Informação, com seus respectivos orientadores, professores estrangeiros em sua maioria. O Apêndice 4 lista os principais eventos que influenciaram os conceitos teóricos em Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia, desde o Século XIX, quando a Royal Society publicou seu Catálogo de Artigos em Londres, até o final da década de 1979, quando Jason Farradane publicou "A natureza da informação".

O Apêndice 5 traça a linha do tempo dos estudos métricos, desde a década de 1930, quando Paul Otlet menciou a Bibliometria pela primeira vez em seu *Traité de documentation*, até o final da década de 1979, quando foi apresentada a primeira dissertação "Estudo comparativo dos métodos usados para medir a obsolescência da literatura científica" por Elza Maria Ferraz Barbosa. O Apêndice 6 lista todos os artigos que foram publicados na revista *Ciência da Informação*, na década de 1970, principalmente para ilustrar a forma com a Ciência da Informação foi disseminada e a relevância dos temas abordados traduzidos do inglês para a língua portuguesa. E, por último, o Apêndice 7, "Galeria de fotos", ilustra algumas fotos encontradas sobre os professores estrangeiros, a título de ilustração apenas, como forma de aproximar o leitor de alguns personagens. Aqueles que não tiveram sua imagem identificada continuarão em nossa imaginação, mas com a leve sensação de que já os conhecemos, por reconhecermos o seu legado para a pesquisa de pós-graduação no Brasil.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar o estudo sobre os diversos temas que o contexto da pesquisa abrange, buscou-se um diálogo com autores que pudessem contribuir com uma análise crítica, visando a construção de um debate, a partir de suas variáveis teóricas, como História e ciência, Cooperação científica e Relações científicas. Segundo Pierre Lévy (2003), o conhecimento científico se constrói a partir de um processo dialético entre diferentes visões sobre um determinado objeto de estudo, e essa construção parte de um conhecimento já prévio, legitimado pela comunidade acadêmica, organizada em torno de uma inteligência coletiva. Apesar de Pierre Lévy estar se referindo às comunidades virtuais, cuja inteligência pode se ampliar com as tecnologias da informação, podemos comparar as comunidades acadêmicas dos anos 1970 com as de hoje. Ambas são "construídas sobre afinidades de interesses, [...] em um processo mútuo de cooperação e troca" (Lévy, 1999, p. 127), no entanto, o que mudou hoje foi a forma de comunicação na Internet, que agregou valores ao conhecimento, privilegiando a informação em vez do documento em sua representação.

3.1 Ciência e história

Para entender as mudanças de pensamento e correntes teóricas que se desenvolveram na história da Ciência da Informação, durante décadas, quando uma nova teoria surgia questionando a anterior, recorreu-se aos estudos de Thomas Kuhn. Thomas Kuhn (1970) argumenta que a "ciência normal" tem períodos de continuidade que são quebrados pelos períodos revolucionários, e essa quebra de "paradigmas" gera mudanças que questionam a ciência anterior, levando-a a novos rumos. Esses períodos são cíclicos e se alternam ao longo da história da ciência, marcada por revoluções científicas, gerando conflitos de interesses e disputas de poder no campo. Sobre o uso da tecnologia, Thomas Kuhn (1970) aborda a sua importância para a quebra de paradigmas, no surgimento de novas áreas, com a aplicação da informática e da eletrônica. Essa abordagem ratifica a forma como a Ciência da Informação começou a se desenvolver desde sua origem, com a utilização de sistemas tecnológicos e o empréstimo de conceitos de áreas exatas, provenientes da Teoria da Comunicação, desenvolvida no pós Segunda Guerra.

O pensamento de Kuhn contribui para o entendimento de como as aplicações tecnológicas em Sistemas de Informação se tornaram ferramentas essenciais para que a CI passasse a ser representada pela Recuperação da Informação e pelo armazenamento em computadores

(Ortega, 2009a, p. 15). Sobre essa questão, Rafael Capurro (2007) defende o questionamento teórico da moral diante do impacto das Tecnologias da Informação na sociedade, abordagem que dialoga com as preocupações éticas levantadas pelos membros do *Classification Research Group* (CRG), a equipe inglesa de Teoria da Classificação formada na década de 1950.

Marilena Chauí (1980) traça um panorama sobre o contexto histórico das políticas científicas que ocorreram no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, e critica o abuso de poder da ditadura militar ao interferir na pós-graduação, com o argumento de "modernizar" o modelo de ensino superior. Schwartzman (2001) argumenta que, apesar da abundância de recursos econômicos, das inovações tecnológicas e da criação de instituições de ensino e pesquisa, nessa década, a atividade científica não poderia continuar a ser tratada como um campo da Razão e do Bem, sem o entendimento de como ela se estrutura, se organiza, estabelece suas verdades e reordena seus atores e objetos de estudo. Chauí e Schwartzman nos dão uma visão em perspectiva sobre as complicadas relações entre as ações autoritárias do regime militar e a situação das instituições de ensino brasileiras, que tiveram de se reestruturar, adequando os seus cursos de pós-graduação à cópia do modelo de ensino praticado nos Estados Unidos. A análise crítica desses dois autores nos dá um esclarecimento de como essa "modernização" pôde influenciar a profissionalização do bibliotecário e o pensamento epistemológico da Ciência da Informação brasileira, atribuindo-lhe uma característica funcionalista, visando o mercado tecnológico internacional.

O pensamento de Thomas Kuhn sobre as mudanças que ocorreram na ciência dialoga com as ideias de Rafael Capurro (2007), ao considerar a relação complexa da Ciência da Informação com a epistemologia, em que algumas mudanças paradigmáticas do século XX marcaram o campo do conhecimento. Houve a consolidação de um paradigma positivista para o campo, que incorporou teorias, conceitos e métodos de várias correntes, de diferentes áreas do conhecimento, e que se manifestou de maneiras particulares nas várias subáreas que o compõem. Rafael Capurro (2007) chama de paradigma físico quando se refere a todos os conceitos de informação que fazem alusão à Teoria Matemática da Comunicação, publicada pelos matemáticos de Claude Shannon e Warren Weaver (1949; 1972) e, também, à Cibernética de Norbert Wiener (1961). O modelo físico informacional da Teoria Matemática de Shannon e Weaver foi a teoria que pela primeira vez trabalhou com um conceito de informação, predominando as Ciências Humanas e influenciando todas as teorias clássicas da comunicação dos anos 1940 e 1950. As áreas da CI que mais aplicaram essa teoria foi a Recuperação da Informação, surgida nos anos 1960 nos Estados Unidos, voltada para a medição de

procedimentos de recuperação; e a Bibliometria, que parte do princípio de que a informação pode ser medida, obedecendo às leis que a regem (Araújo, 2009, p. 193), além da Teoria epidêmica do crescimento da literatura e a Teoria do acoplamento bibliográfico.

A Teoria Sistêmica, surgida ainda na década de 1930, também influenciou os cientistas na década de 1960 e ficou conhecida na CI com a publicação de Norbert Wiener sobre Cibernética (1948). Com base nos princípios da Biologia, nos estudos de Ludwig von Bertalanffy, a Teoria sistêmica considerava a estabilidade, a permanência por meio da definição de leis, o estabelecimento das funções e a integração de cada parte exercendo sua função para manter o todo, a exemplo do corpo humano. Essa teoria funcionalista influenciou o mapeamento de instituições e serviços de informação, como bibliotecas, arquivos, centros de documentação e museus; e no desenvolvimento de teorias sobre Sistemas de informação, com base na última lei de Ranganathan (1931), de que a biblioteca é um organismo em crescimento, precisando de descartes para manter seu equilíbrio e continuar cumprindo sua função (Araújo, 2009). A Teoria Matemática da Informação, no entanto, envolvia três níveis de preocupação: o técnico, referente ao transporte físico da mensagem; o semântico, referente ao significado; e o pragmático, relacionado à eficácia do processo de comunicação.

Entre as abordagens críticas que se desenvolveram nas Ciências Humanas e Sociais em reação às ciências dominantes, surge a Teoria Crítica da Informação, criada pelos filósofos alemães Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse, da Escola de Frankfurt. No campo da CI, ela vai dialogar com a perspectiva marxista, enfatizando o conflito, a desigualdade, o embate de interesses em torno da informação, e buscará explicar os fenômenos a partir de sua historicidade. Entre os temas abordados por essa teoria, destacam-se a democratização da informação, a criação de formas e sistemas alternativos de informação, os estudos sobre a desinformação, a rejeição aos regimes informacionais hegemônicos e os problemas sociais relacionados às minorias (Bezerra, 2020). Já as Teorias da Representação e da Classificação buscavam uma forma de melhor representar a informação, classificá-la e descrevê-la, como a Classificação facetada de Ranganathan (1930). Essa foi a contribuição mais significativa para os fundamentos gerais dos processos classificatórios e serviu de base para os membros do CRG tratarem as aplicações da indexação no campo.

A Produção e a Comunicação Científicas ganharam importância geopolítica nos debates sobre a informação durante o conflito entre os EUA e a antiga União Soviética[2] entre as décadas de 1940 e 1960. Na comunicação Científica, dois conceitos empíricos se tornaram centrais: o *Gatekeeper* e os Colégios Invisíveis, ou seja, a circulação informal de ideias entre os pares. Duas décadas depois, esses estudos retornariam na Gestão da informação e do conhecimento, direcionados para o ambiente científico e tecnológico das empresas e organizações. Os Estudos de Usuários também começaram a se desenvolver em pesquisas na área de Comunicação Científica, nas décadas de 1940 e 1950, promovendo novos estudos sobre fluxos de informação e hábitos informacionais dos cientistas. Só no final da década de 1970 é que começariam a surgir pesquisas com abordagens voltadas especificamente para os usuários e teorias com uma perspectiva cognitivista, entendendo a informação do ponto de vista das estruturas mentais dos usuários e de suas necessidades. A Conferência de Copenhaguen (1977) foi o principal marco do desenvolvimento desse estudo e apresentou trabalhos com uma perspectiva cognitivista do ponto de vista das estruturas mentais do usuário em busca de informação (Araújo, 2009; 2018).

Todos esses conceitos formulados nessas correntes teóricas possibilitaram que a informação fosse considerada de diversas formas, mas sempre com base numa visão fisicalista, em que a informação é vista como matéria, como objeto. Esses antecedentes precursores da CI contribuíram para a sua consolidação epistemológica, manifestando determinadas características, como a preocupação com a custódia, a posse dos documentos e o foco em seu conteúdo objetivo (Araújo, 2009). A CI adotou o modelo positivista até os anos 1960, mas por considerar apenas os aspectos materiais e mensuráveis da informação, colocando o processo de comunicação humana em segundo plano e reduzindo o seu objeto de estudo, essa perspectiva passou a ser revista e a receber críticas de muitos estudiosos. Capurro (2007) afirma que as teorias que se desenvolveram nos três paradigmas (o físico, o cognitivo e o social) se complementam e se contrapõem por vários estudiosos e em diferentes períodos da história. Isso porque os problemas informacionais possuem dimensão física, aspectos cognitivos e estão inseridos em dimensões contextuais e pragmáticas (Araújo, 2018, p. 80).

Capurro (2007) avalia as tentativas de problematização do conceito de informação nessas diferentes teorias em reação ao paradigma positivista, cuja limitação da metáfora da teoria do paradigma fisicalista caminhou em direção ao paradigma cognitivista, proposto por Brookes

[2] A União Soviética (URSS) foi um Estado comunista que existiu de 1922 a 1991, formado por quinze repúblicas: Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Moldávia e Uzbequistão (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/União_Soviética).

(1977, 1980) e influenciado por Karl Popper (1973). A ontologia e a epistemologia de Popper distinguem três "mundos": o físico, o da consciência (ou dos estados psíquicos) e o intelectual (dos livros e documentos), ou das teorias científicas. Essa teoria baseia-se na premissa de que a busca por informações tem origem em uma necessidade quando há um estado cognitivo anômalo em que o conhecimento disponível para resolver um problema não é suficiente – uma situação chamada de situação-problema por Wersig (1992).

O estudo dos fluxos da informação científica, a Recuperação da informação, a Bibliometria, os Estudos de usuários e a Gestão do conhecimento acabaram reproduzindo a lógica transmissiva, linear e mecânica da teoria do paradigma cognitivo no fim da década de 1970. Ao identificar a visão reducionista do paradigma cognitivo, que separava o sujeito do mundo metafísico moderno, Bernd Frohmann (2008) o chamou de idealista e associal, porque não dava importância à “constituição social das 'necessidades do usuário', dos 'arquivos de conhecimento' e dos esquemas de produção, transmissão, distribuição e consumo de imagens”, presentes na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (Capurro, 2007, p. 20).

Rafael Capurro (2007) recorre à hermenêutica para ampliar as possibilidades teóricas e estuda a informação como conhecimento em ação, reconhecido pelos atores sociais que já tiveram um conhecimento prévio daquilo que foi definido como tal. Essa ideia dialoga com a visão de Pierre Lévy (2003) sobre a construção do conhecimento científico, a partir de um conhecimento prévio, legitimado pela comunidade acadêmica, organizada em torno de uma inteligência coletiva. Essa perspectiva nos dá uma compreensão de que, quando a informação é transmitida e trocada entre cientistas de áreas, visões e correntes de pensamento distintos, ela se transforma em conhecimento, contribuindo para a construção do campo científico.

Capurro estuda autores como Rendón Rojas (2005), que entende a informação como uma qualidade secundária de objetos particulares numa perspectiva dialética, a união entre elementos objetivos (dados) e subjetivos (estruturas interpretativas dos sujeitos); Heidegger (1973), cuja epistemologia entende que o sujeito cognoscente não deve ser isolado do mundo exterior; a hermenêutica da existência humana, que também defende que não é necessário construir uma ponte entre o sujeito e o objeto que está no mundo exterior. Segundo Araújo (2009, p. 202), na Ciência da Informação, esses paradigmas contribuíram com o processo de Recuperação da Informação e com os modelos da Ciência da computação. Finalmente, Capurro recorre aos estudos de análise de domínio de Hjorland (1995), em que há uma tentativa de superação do conceito de informação, considerando a existência de diferentes visões e grupos específicos de atores.

López Yepes (1995), ao tentar formular um conceito para a Ciência da Documentação, analisou detalhadamente cada uma das diferentes teorias que se desenvolveram historicamente no campo científico, em diferentes domínios científicos, como resultado da ruptura do conceito integrador de Otlet em seu *Tratado de Documentação* (1934). Na perspectiva da Biblioteconomia, López Yepes agrupou todas as doutrinas que contribuem para a explicação do conceito de Ciência da Documentação a partir de uma posição de subordinação à Biblioteconomia, cujos representantes são Clement Bradford ou Jesse Shera. Tendo em vista os cinco elementos que definem uma ciência em relação ao seu domínio (natureza, tipo, conteúdo, foco e função), houve muitas tentativas para a formulação de um conceito durante décadas. Dentre as várias propostas, podemos citar: Bibliografia (1802), *Librarianship* (1818), *Library Science* (1851), *Information Desk* (1891), *Documentation* (1903), *Information Bureau* (1909), *Information Work* (1932), *Information Retrieval* por Calvin Mooers (1950) e *Information Scientist* por Jason Farradane (1953).

Segundo Rayward (1996, p. 4), todo esse "caos terminológico" sobre o conceito de informação reflete a evolução do campo e a falta de consenso acadêmico sobre sua constituição teórica que lhe dá “coerência intelectual e respeitabilidade”. O estudo de Rayward (1996) correlaciona os vários aspectos da CI com a história de outras áreas, como ciência e tecnologia, impressão e publicação, e instituições de informação, como bibliotecas e museus. Ele afirma que a expressão Ciência da Informação foi a mais aceita depois de ser utilizada como um “produto da revolução computacional”, portanto, desde a Segunda Guerra mundial. Todos esses estudos conceituais que antecederam a formação da Ciência da Informação contribuem para o entendimento de como a área é um campo epistemológico em constante construção.

3.2 Cooperação científica

A cooperação científica internacional sempre existiu em todas as áreas, tanto por meio da colaboração na produção do conhecimento quanto na mobilidade de pesquisadores entre países, principalmente os do Norte nos países do Sul. A Universidade de São Paulo, por exemplo, recebeu a missão científica de docentes franceses na Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e História, na década de 1930, para auxiliar na estruturação e renovação dos estudos de Ciências Sociais no Brasil (Novais, 1994, p. 161). Apesar de a palavra missão ter um significado que remete à dominação dos países do Norte, a parte hegemônica de uma missão pode ser influenciada pelo pensamento social dos países do Sul em suas pesquisas, trabalhos de campo e desenvolvimento de teorias. O antropólogo Claude Lévi-Strauss, o historiador Fernand

Braudel, o sociólogo Roger Bastide e o geógrafo Pierre Monbeig, por exemplo, se tornaram referências mundiais depois que viveram no Brasil e trabalharam com os professores brasileiros da USP (Castro, 2024). O pensamento francês das Ciências Sociais foi marcado pela influência da experiência que esses intelectuais tiveram quando vieram ao Brasil, cuja base de pesquisas resultou em obras clássicas em suas áreas.

Segundo Boaventura Santos (2019, p. 18), as epistemologias do Norte se concebem como única fonte de conhecimento válido, seja qual for o local geográfico onde se produza esse conhecimento, mas as epistemologias do Sul existem para ressignificarem esse conceito como instrumento de interrupção das políticas dominantes e dos conhecimentos que as sustentam. Boaventura Santos defende o protagonismo das epistemologias do Sul na ressignificação dos conceitos e valores culturais compartilhados, para que os sujeitos validem seus conhecimentos e reinventem sua emancipação social.

Já o cinegalês Canagarajah (2002) aborda a importância que a comunicação escrita tem na cooperação científica internacional, pois ela ocupa um lugar central na construção, disseminação e legitimação do conhecimento, e critica o modelo hegemônico que se apropria do conhecimento produzido pelos países do Sul. Esses autores defendem uma colaboração de natureza mais horizontal, para que a posição política Norte-Sul dentro do sistema global não se torne ainda mais assimétrica. Seus estudos auxiliam na compreensão e na reflexão crítica sobre uma apropriação do conhecimento pelas instituições acadêmicas hegemônicas, quando cientistas de países periféricos encontram dificuldades para transformarem o seu material em conhecimento válido e reconhecido pelos pares numa relação científica Norte-Sul (Gaillard, 2001). Com a criação de instituições de ensino e agências de pesquisa, a partir do século XX, a comunidade acadêmica brasileira passou a reivindicar a autoria de sua colaboração na produção literária e a firmar acordos e convênios internacionais para fomentar o desenvolvimento científico no Brasil.

3.3 Relações científicas

Pièrre Bourdieu (1989) estuda as relações de poder e disputa de autoridade no campo científico por meio do acúmulo de capital simbólico. Ele também afirma que os sistemas constituem a crença de um campo, são estruturados pelas relações de poder que os determinam e são estruturantes das mesmas relações de poder e do próprio campo. Por isso não podemos acreditar que um sistema tenha sido construído com imparcialidade ou com uma perspectiva

neutra, porque sempre haverá disputa de autoridade e conflito de interesses no campo científico por meio do acúmulo de capital simbólico.

Michel Foucault (1995) também discute o conflito de interesses entre os sujeitos e afirma que todo conhecimento possui uma construção histórica, relacionado a circunstâncias sociais e disputas de poder, poder esse que está presente em todas as relações e instituições ligadas à competência e à qualificação. José Van-Dijck (2014) afirma que, na sociedade do séc. XXI, estamos diante de um novo regime de informação, em que as grandes empresas como as *big datas* extraem os dados digitais dos usuários para comercializá-los a partir de seus próprios critérios mercadológicos, que são definidos a seu favor. E esse regime de informação, segundo González de Gómez (2002), é mediado pelas novas tecnologias, que além de não serem neutras, incorporam o poder de designar um modo de produção informacional dominante na sociedade.

Bernd Frohmann (2008) desenvolveu sua fundamentação crítica e cultural sobre Regime de informação considerando a informação em seu aspecto materialista e relacionando-a contextualmente a práticas sociais, políticas e culturais (Araújo, 2009; 2018). Em Braman (2004), a noção de informação também se associa ao conceito de Regime de informação, principalmente quando se trata das políticas de informação. Em sua perspectiva, o papel dos atores, na defesa de seus interesses e na configuração dos sistemas institucionalizados, ganha uma dimensão que reconfigura toda a forma de se pesquisar a informação.

Para Gonzalez de Gomez (2004, p. 31), Braman foi quem melhor sinalizou o conceito de Regime de informação, unindo semanticamente regime e informação na política internacional. Seu estudo também permite a reflexão crítica entre fenômenos e processos históricos da infopolítica e da geopolítica dissociados até então no macrocenário. E o regime de informação passa a ser de responsabilidade de um conjunto que reúne governo, organizações, agentes estatais e não estatais, contexto cultural e social, modos de governança e de governabilidade (Gonzalez de Gomez, 2004). Essa perspectiva nos faz compreender que o novo regime de informação implementado pelas ações político-científicas do IBBD, associando áreas distintas, promovendo discussão e relacionando as práticas entre Biblioteconomia, Documentação e Informação Científica, acabou impactando a história da CI, principalmente em sua reflexão crítica e epistemológica.

Os estudos e conceitos desenvolvidos por esses teóricos formam uma base para ampliar a compreensão da trajetória histórico-epistemológica da Ciência da Informação e de como o

seu objeto de estudo possui diferentes significados, domínios de conhecimento, campos e contextos informacionais (Rayward, 1996).

4 POLÍTICAS CIENTIFICAS EM INFORMAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL

A história nos ajuda a entender o modelo físico informacional utilizado pela Ciência da Informação por influência da Teoria Matemática da Comunicação, de Claude Shannon e Warren Weaver, desenvolvida no fim da II Guerra mundial (1939-1945) e início da Guerra Fria (1947-1991). Num cenário de demandas do governo e do exército em busca do controle geopolítico das informações por meio de sistemas tecnológicos mais eficientes, surge a política de informação associada às políticas de ciência e tecnologia – relação estabelecida na esfera de intervenção do Estado. E a primeira manifestação de preocupação governamental com a formação de profissionais da informação para atuarem na área de Ciência da Informação, com uma visão estratégica e política em nível internacional, foi registrada pelo governo americano no documento *Science, government and information: the responsabilities of the govennment in the transfer of information* (1963). O relatório *Weinberg* foi publicado após a Conferência do Georgia Institute of Technology (1961/1962), promovida pela National Science Foundation para discutir sobre o treinamento de especialistas em informação científica (Pinheiro, 2000, p. 3). Nesse evento, Borko (1968, p. 1) sugere como conceito para a Ciência da Informação "a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos de processá-las para acessibilidade e utilização ótimas".

No Brasil, a preocupação com a institucionalização da pós-graduação em CI começou a se manifestar com um movimento político que já vinha ocorrendo desde os anos 1950. A tecnologia estava se desenvolvendo em função da produção industrial de países mais desenvolvidos, que procuravam a mão de obra nos países periféricos. Esse cenário de demanda por serviços ligados à Informação Científica e Tecnológica (ICT) provocou a carência de profissionais com *expertise* nas áreas da Matemática, Administração, Engenharia e Computação, para competir com o mercado internacional. Mas havia uma preocupação, também, com a profissionalização dos serviços de mão de obra em Biblioteconomia e Documentação, porque essas áreas eram consideradas estratégicas para o desenvolvimento científico e tecnológico do país (Bicalho, 2009, p. 62).

A área de Biblioteconomia tinha uma conformação que valorizava a técnica e a reprodução sistematizada, cuja vertente teórico-epistemológica influenciou a visão conceitual dos cursos profissionalizantes de Biblioteconomia e o modelo de ensino adotado. Até então, grande parte do corpo docente dos cursos de Biblioteconomia só possuía titulação a nível de graduação pela Biblioteca Nacional (tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo) e pelo IBBD

(Araujo E., 1982, p. 79). O bibliotecário maranhense César Augusto Castro identificou cinco fases em sua pesquisa sobre a divisão histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil.

Na primeira fase (1879-1928), que ele denominou "Movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil" (Castro, 2002, p. 39), o ensino do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro teve a influência humanística francesa da École de Chartres, inclusive utilizando a bibliografia francesa como base para as suas disciplinas. Em 1911, o artigo 34 do Decreto nº 8.835 validou o conteúdo do primeiro curso de Biblioteconomia, mas ele só começaria a funcionar efetivamente em 1915, priorizando os aspectos teóricos e culturais para a formação humanista dos bibliotecários (Lima, 2021, p. 75). Temporariamente suspenso até 1931, o curso foi reestabelecido e teve o seu funcionamento autorizado até 1933, quando seu currículo foi reestruturado e aprovado pelo Decreto nº 23.508.

Na segunda fase (1929-1939), houve o predomínio do modelo pragmático americano em contraponto ao modelo humanista francês anterior. O ensino do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional de São Paulo recebeu a influência americana da Columbia University, com uma formação mais técnica (Lima, 2021). Na opinião de Paiva e Silva (2022, p. 105), a Biblioteconomia estadunidense tinha uma visão tecnicista, mas também defendia o desenvolvimento cultural no ensino brasileiro, com a ampliação de bibliotecas e o reforço na padronização dos documentos. Na terceira fase (1940-1961), houve a consolidação e expansão desse modelo pragmático americano (p. 39); e na quarta fase (1962-1969), a profissão do bibliotecário foi legalizada por meio da Lei nº 4084 em 30 de junho de 1962. Nesse ano, houve uma última reforma curricular do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, antes de ser adotado um currículo mínimo para todos os cursos e antes de sua transferência para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 1969. O curso foi estendido de dois para três anos e passou a se aproximar mais do modelo da escola americana também, afastando-se do seu modelo francês de origem (RBD, 1974, p. 107).

Na quinta e última fase (1970-1995) da divisão histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil, houve uma diminuição do crescimento das escolas de graduação, embora a Escola da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro já tivesse lançado no mercado de trabalho cento e onze profissionais formados em 1973 (RBD, 1974, p. 107). Ao mesmo tempo, houve uma expansão dos cursos de pós-graduação, e a área passou a se desenvolver teoricamente e a buscar novas metodologias e abordagens de outros campos do conhecimento (Castro, 2002, p. 39-40). John Eyre (1995, p. 1), em seu artigo "Some views on the development of professional library education in Brazil", afirma que o país, assim como outros em desenvolvimento, tinha poucos profissionais qualificados dentro dos padrões europeus esperados, principalmente do Reino

Unido, os quais não possuíam o reconhecimento esperado junto ao mercado de trabalho, assim como outras profissões da época. O *status* do bibliotecário não era valorizado, mesmo nos países desenvolvidos, com baixos salários e habilidades não reconhecidas, e muitas vezes mais associadas à competência social do que à posição acadêmica (p. 1-2).

Os serviços de informação especializados em ciência e tecnologia eram muito limitados, com poucas bibliotecas em áreas como Ciências Médicas e Biológicas em instituições de ensino e pesquisa, as quais estavam concentradas no Rio de Janeiro e em São Paulo (Briquet de Lemos, 1986, p. 108). O momento, portanto, era propício tanto para suprir a demanda de mão de obra especializada quanto investir na profissionalização dos bibliotecários para dar continuidade à carreira. Pinheiro e Loureiro (2005), assim como todos os autores revisitados da literatura, reconhecem e enfatizam que a Biblioteconomia era a área que poderia suprir a defasagem em relação à inovação e competição mercadológica internacional, desde que dispusesse dos profissionais certos. E nesse contexto de demanda por infraestruturas institucionais para o desenvolvimento de ICT, nos anos 1950, também foram criadas as primeiras agências do Conselho Nacional de Pesquisa (CNP) – mais tarde, CNPq – e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visando a definição de uma política para esses setores. A criação do CNPq, segundo Figueira Gomes (1988, p. 109), "pode ser considerada o início da intervenção estatal no setor científico e informacional".

Essas agências ficaram responsáveis pela destinação de verbas para fomentar pesquisas, incentivar eventos científicos, patrocinar bolsas de estudo e publicações científicas, além de custear a participação de alunos e professores em congressos nacionais e internacionais. Além de "promover o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica em todas as áreas da ciência" (Gomes, F., 1988, p. 109), havia um interesse em colocar o Brasil no mesmo nível internacional das pesquisas nas áreas de industrialização da energia nuclear. Tanto o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) quanto o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), criados pelo CNPq, também estavam engajados no projeto de internacionalização das ciências no pós-II Guerra (Coimbra; Domingues; Varela, 2013, p. 306).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) realizou uma conferência internacional, em novembro de 1950, com a participação de 38 países, dos quais dez eram da América Latina, na tentativa de resolver os problemas dos serviços bibliográficos nacionais. Nesse evento, foi criado um Comitê Consultivo Internacional Permanente de Bibliografia, que passou a funcionar a partir de 1953 com doze membros, para discutir de que forma a organização poderia estimular a criação de centros bibliográficos e a elaboração de bibliografias nacionais. O comitê examinou os projetos apresentados,

recomendou alguns para o desenvolvimento dos serviços bibliográficos e emitiu diversos relatórios de orientação. Dois contratos foram assinados com a Associação de Bibliotecários da Índia, tendo Ranganathan como redator-geral, sobre os relatórios "Padronização de regras para dar forma de entrada aos nomes"; e "Um catálogo de publicações periódicas nos países asiáticos" (Coblans, 2023, p. 340). A atuação política da UNESCO integrou bibliotecas, arquivos, museus e publicou diversos manuais com o objetivo de construir "sistemas de cooperação internacional e de disseminação do conhecimento científico como condição básica para o progresso social e econômico" (Araújo, 2013, p. 18).

O Conselho Executivo formado a partir da parceria entre a UNESCO e a Fundação Getúlio Vargas (FGV) aprovou, em 1952, a resolução que escolheu o Brasil para sediar um centro bibliográfico, que seria o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD). A FGV já possuía um acervo significativo de documentação de 48.100 obras catalogadas em fichas impressas, provenientes da colaboração de cem bibliotecas na área de Ciências Sociais, herdado em 1947 do Departamento de Administração de Pessoal (DASP) (Sambaquy; Morte, 1955, p. 1). Na opinião de Pinheiro e Loureiro (2005, p. 6), a implantação do IBBD foi estimulada pela ação conjunta entre a FGV e a UNESCO, mas, também, pela herança desse rico acervo do antigo DASP, cujo Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC) foi incorporado ao instituto (Sambaquy; Morte, 1955, p. 1). O SIC já tinha experiência em organização e catalogação de acervos nas bibliotecas e centros de documentação de vários Estados e ampliou sua capacidade de oferecer serviços bibliográficos. Criado pelo Decreto presidencial n. 35.124, de 27 de fevereiro de 1954 e vinculado ao CNPq, além de ser um setor de documentação em ciência e tecnologia para apoiar o setor científico, "considerado indispensável ao desenvolvimento econômico" (Gomes, F., 1988, p. 109), o IBBD deveria oferecer cursos de formação em Biblioteconomia e Documentação que atendessem aos interesses informacionais do Estado (Coimbra; Domingues; Varela, 2013, p. 306).

O projeto do IBBD, idealizado por Lydia de Queiroz Sambaquy e Célia Ribeiro Zaher, foi considerado inovador para a época, porque revolucionou a pesquisa e a formação humanista dos bibliotecários: "representou a modernização das estruturas estatais do país e, para muitos países do mundo, expressou a centralização das ações e das políticas de informação científica" (Almeida, 2005, p. 137). Desde sua origem o órgão deveria estabelecer vínculos acadêmicos em projetos de cooperação internacional no setor de informação, e essa relação se estabeleceu com os Estados Unidos e a Inglaterra num primeiro momento. Para que os países centrais pudessem colaborar com os países periféricos transferindo seus conhecimentos tecnológicos, a

UNESCO financiou a ida de pesquisadores dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento para ministrar cursos e dar treinamento especializado (Araújo, 2013, p. 18).

A exemplo de outras instituições brasileiras e da América Latina, o IBBD pôde se beneficiar com essa política de intercâmbio internacional da UNESCO. A pedido do governo brasileiro, o químico industrial sul-africano Herbert Coblans, com cidadania inglesa, diretor do Serviço de Documentação e Informação do Centro Europeu de Energia Nuclear (CERN), veio ao Brasil como consultor entre maio de 1953 a julho de 1954, para aconselhar e auxiliar na criação de um centro nacional de documentação. Coblans já havia organizado a Biblioteca da UNESCO em Paris, em 1949, sendo seu diretor até o fim de 1950 (Fonseca, 2023, p. 533-534).

Inicialmente, o IBBD direcionou suas atividades ao acesso a "documentos primários, [ao] controle bibliográfico da produção científica nacional e [ao] aperfeiçoamento de recursos humanos" (Briquet de Lemos, 1986, p. 108). Entre as principais atividades do órgão estavam a elaboração do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas, as bibliografias especializadas por área de conhecimento, as buscas bibliográficas, o Cadastro de Pesquisas em Andamento, o SIC e a reprodução de documentos, mas, principalmente, a realização de um curso regular de especialização. Em 1955, o IBBD ofereceu o Curso de Pesquisas Bibliográficas em Ciências Naturais, realizado com professores naturalistas do Museu Nacional e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Sambaquy, 1957, p. 6). Em 1957, em colaboração com a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério da Educação e Cultura, o instituto realizou Cursos de Pesquisas Bibliográficas em Ciências Médicas, Ciências Naturais, Ciências Físicas e Matemáticas (p. 7), ministrado por Jesse Shera.

A política de cooperação internacional beneficiou o IBBD não só com a vinda de professores dos Estados Unidos e Grã-Bretanha, mas é importante destacar, também, a colaboração mútua que houve entre os países do Sul Global. No Brasil, as origens históricas e os princípios basilares da cooperação brasileira com países em desenvolvimento remontam aos anos de 1950, com a estruturação de instituições governamentais, e aos anos de 1960 e 1970, com os movimentos de independência das ex-colônias africanas e da Ásia (Santos, 2013). Lydia Sambaquy, por exemplo, realizou a 26ª Conferência Geral da Federação Internacional de Documentação (FID), no Rio de Janeiro, entre 22 e 31 de julho de 1960, visando a criação da Comissão Latino-Americana (CLA/FID), destinando ao IBBD a secretaria geral dessa comissão para o período de julho de 1960 a dezembro de 1962 (Paiva; Silva, 2021, p. 185).

O regulamento da comissão previa que a FID coordenasse atividades de documentação ente os países vizinhos, cujas ações programadas para o período de 1960 a 1962 eram cooperar

com os centros nacionais de bibliografia e documentação nos países da América Latina, com o auxílio da UNESCO e da Organização dos Estados Americanos (OEA). Como atendimento à demanda da Federação Internacional de Documentação FID, o Brasil deveria receber bibliotecários latino-americanos para treinamento e aperfeiçoamento de carreira, e o curso de especialização do IBBD passaria a ser denominado Curso de Documentação Científica (CDC) em 1964. O IBBD foi o primeiro órgão a fazer a automação dos seus serviços tradicionais, e o Catálogo Coletivo dos periódicos técnicos e científicos das principais bibliotecas latino-americanas foi o primeiro produto de automação do IBBD, elaborado por Célia Zaher (1995, p. 7), com base em suas experiências adquiridas na Índia.

Além de receber professores de outros países e importar conhecimento científico e tecnológico para a matriz curricular dos cursos de pós-graduação, o IBBD pôde, também, enviar seus alunos e professores para estudar fora com bolsas da CAPES, CNPq e entidades estrangeiras (Christóvão, 1995, p. 1-2). Depois de titulados e de volta ao Brasil, eles deveriam "implantar novos cursos de pós-graduação em suas universidades de origem ou ajudar a melhorar os cursos já existentes" (Müeller, 2019, p. 254). De 1956 a 1961, segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Ciências Sociais/UFRJ e a Academia Brasileira de Ciências (ABC), 261 pesquisadores brasileiros emigraram para o estrangeiro por diversas razões, mas uma delas seria uma diminuição de 0,28% no orçamento do CNPq para o financiamento de bolsas de estudos para o exterior (Gomes, F., 1988, p. 110).

Em 1960, o IBBD já havia obtido doze bolsas do Ministério das Relações Exteriores (MRE) para o seu curso de especialização; de 1961 até 1971, foram obtidas outras 58 bolsas, das quais 57 eram para alunos de países da América Latina e uma para Angola (Christóvão, 1995, p. 7). Tefko Saracevic, como diretor e fundador do Programa Internacional em Ciência da Informação e Biblioteconomia voltado para países em desenvolvimento da UNESCO, intermediou para que o Brasil recebesse o benefício. O IBBD, com sua vocação para a formação de recursos humanos, foi a primeira instituição em Ciência da Informação a ser pensada como uma resposta à necessidade de integrar o processo científico à expansão do sistema produtivo, fazendo parte do conjunto de medidas tomadas pelo Estado, num momento em que a ciência começava a ser valorizada como elemento indispensável ao desenvolvimento econômico (Gomes M., 1988, p. 109).

4.1 Formação do Curso de Documentação e Organização Bibliográfica

O Curso de Documentação e Organização Bibliográfica do IBBD estava inscrito no plano de ação estratégica das políticas científicas para a "modernização" do ensino e foi criado inicialmente como Curso de Pesquisas Bibliográficas, em 1955, um ano depois da fundação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), mas só seria ministrado em 1957. O modelo de profissional que o IBBD queria era para trabalhar em serviços especializados, capaz de resolver os desafios em nível de informação e documentação científica e tecnológica do país, e dar-lhe um diploma para se profissionalizar (Gomes, 1974, p. 14-15).

A meta era qualificar bibliotecários para atuarem nesses serviços especializados e atrair pessoas de outras áreas para o campo da bibliografia e da documentação (Pinheiro, 2020, p. 2). Segundo Zaher (1995), os bibliotecários só conheciam alguns conceitos de gestão e não possuíam o conhecimento especializado em indexação e modelos de classificação exigidos pela Federação Nacional de Documentação (FND) para poderem trabalhar com a Recuperação da Informação automatizada, pois ainda não havia a automação. Zaher (1995, p. 3) afirma que os profissionais do IBBD possuíam uma formação convencional, sem conhecimentos sobre desenvolvimento de programas e levantamentos bibliográficos, cuja técnica era considerada "extremamente moderna" para a época.

A divulgação da chegada de Jesse Shera ao Brasil, em 11 de agosto de 1957, e da ementa do curso de atualização que ele ministraria aos alunos do IBBD foram divulgados principais jornais do Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Última Hora* e *A Noite*. A Figura 1 ilustra o destaque que foi dado, no jornal *A noite*, ao programa do curso e à necessidade de aperfeiçoamento do pessoal de nível superior para atuação na pesquisa em organização da Bibliografia e Documentação, diante do aumento de profissionais envolvidos com a publicação científica. Destinado à área de Ciências Médicas, o curso foi ministrado entre os dias 12 de agosto a 12 de setembro e foi o primeiro que Shera elaborou durante sua vinda ao Rio de Janeiro.

Figura 1 – Divulgação da chegada de Jesse Shera.

O DEÃO DA WESTERN RESERVE UNIVERSITY REALIZARÁ UM CURSO NESTA CAPITAL

O PROFESSOR JESSE H. SHERA CHEGARÁ AO RIO NO PRÓXIMO DIA 11

Deverá chegar a esta Capital no próximo dia 11 do corrente o professor Jesse H. Shera, deão da Escola de Biblioteconomia da Western Reserve University, que, a convite do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação do Conselho Nacional de Pesquisa, sob o patrocínio da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nivel Superior, realizará um curso sôbre Documentação e Organização Bibliográfica.

O professor Jesse H. Shere, que é natural do Estado de Ohio tem se dedicado há longos anos ao assunto de sua especialidade, sendo considerado uma das mais destacadas autoridades nos Estados Unidos no que se refere a Bibliografia e Documentação. O curso que vai ministrar nesta Capital será intensivo, tendo a duração de um mês. As aulas terão início no dia 12 do corrente, às 9 horas, na sede do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, à Avenida General Justo, 171, 4.º andar, sendo franqueadas a todos os interessados.

O Programa

O professor Jesse H. Shere, obedecerá, em seu curso, o seguinte programa:

1. Documentação, suas finalidades e características, suas relações com os processos de comunicação de idéias e com a Biblioteconomia; 2. Forma bibliográfica. 3. Teoria geral da bibliografia e sua relação com as práticas bibliográficas da documentação; 4. Tipos de organização bibliográficas — o índice, o catálogo, o "abstract", o ensaio bibliográfico; 5. Problemas de indexação, "Abstracting", e existentes na preparação de ensaios bibliográficos; 6. Organização das publicações — classificação; 7. Teoria da classificação — Consideração histórica; 8. Sistemas modernos de classificação; 9. Outros métodos de localização e sistematização das informações; 10. Mecanização bibliográfica; 11. Futuro da classificação; 12. Linguagem e outras formas de simbolismo; 13. Reprodução de publicações — Técnicas: fotográfica e de "Near-print"; 14. Preparação e edição de manuscritos; 15. Divulgação e distribuição; 16. Problemas especiais de manuseio de outros tipos de materiais para documentação — Filmes, gravações, material de arquivos, etc.; 17. Problemas gerais de organização e administração; 18. Técnicas de avaliação — A necessidade do desenvolvimento de pesquisa; 19. Cooperação em âmbito local e regional; 20. Cooperação em âmbito internacional; 21. Treinamento de documentalistas.

O Aumento Dos Telegrafistas e Radiotelegrafistas

O presidente do Sindato dos Telegrafistas e Radiotelegrafistas do

Fonte: Hemeroteca digital, *BN Digital Brasil*. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_05&Pesq=Jesse%20Shera&pagfis=43655.

Na opinião de Célia Zaher (1995, p. 3-4), apesar de ter sido considerado moderno para a época, o curso oferecia inicialmente uma formação convencional, como o levantamento bibliográfico e a indexação de todas as revistas feitas manualmente no Departamento de Bibliografia, porque ainda não havia base de dados em computador. Só a partir da introdução do uso do computador na Recuperação da Informação (RI) de forma sistemática é que seria possível se obter "um comportamento mais preciso e racional de tratamento da informação", possibilitando tanto a manipulação de um volume maior de dados quanto estudos de conteúdo do documento (Zaher; Gomes, 1972, p. 6).

O curso foi oferecido em inglês, e a apostila foi traduzida por Sônia Smilari Wiesenthal, especialista do IBBD e assistente de Shera durante seus dias no Brasil. O resumo apresentado no primeiro dia de aula foi um breve histórico sobre a Biblioteconomia americana e uma bibliografia básica para a formação do bibliotecário a partir das ideias de Paul Otlet. O conteúdo da matriz curricular (Quadro 9) do curso comprova o caráter funcionalista da Biblioteconomia, trazido para o Brasil com base no modelo das bibliotecas americanas, com o intuito de renovar o conhecimento e a prática em sala de aula com as recentes teorias e conceitos de tecnologias da época (Paiva; Silva, 2021, p. 192-193). Segundo Paiva e Silva (p. 186-187), oficializar esse curso representou uma reação às divergências entre as correntes da Biblioteconomia francesa e da americana, e serviu também para estabelecer a Documentação e a Ciência da Informação no Brasil na década de 1950.

Quadro 8 – Matriz curricular do Curso de Documentação e Organização Bibliográfica.

1. Documentação, finalidades, características, relações com os processos da comunicação e com a Biblioteconomia (Resumo)
2. Forma bibliográfica (apresentada no mesmo dia da aula n. 3).
3. Teoria geral da bibliografia e sua relação com as práticas bibliográficas da documentação (apresentada no mesmo dia da aula n. 2).
4. Tipos de organização bibliográficas: índice, catálogo, abstract e ensaio bibliográfico.
5. Problemas de indexação e *abstracting* na preparação de ensaios bibliográficos.
6. Organização das publicações: Classificação.
7. Teoria da Classificação: consideração histórica.
8. Sistema moderno de Classificação (Parte I e II).
9. Outros métodos de localização e sistematização das informações.
10. Mecanização bibliográfica.
11. Futuro da Classificação.
12. Linguagem e outras formas de simbolismo (Foi substituída pelo tema As máquinas de pesquisa de literatura).
13. Reprodução de publicações. Técnicas: Fotográfica e *Near-print*.
14. Preparação e edição de manuscritos.
15. Divulgação e distribuição.
16. Problemas especiais no manuseio de outros tipos de materiais para documentação: filmes, gravações, material de arquivos etc.
17. Problemas gerais de organização e administração.
18. Técnicas de avaliação: a necessidade do desenvolvimento da pesquisa.
19. Cooperação em âmbito local e regional (apresentadas no mesmo dia).
20. Cooperação em âmbito internacional.
21. Treinamento de documentalistas.

Fonte: Adaptado de Paiva e Silva (2021, p. 188-189).

Havia uma preocupação com a conjuntura do campo da Biblioteconomia brasileira para que os profissionais da informação pudessem conhecer as técnicas desenvolvidas, visando alcançar um modelo de organização bibliográfica o mais próximo possível do utilizado nas instituições americanas. Segundo Shera, diferente do que acontecia nos Estados Unidos, a Biblioteconomia e a Documentação deveriam ser ensinadas como um todo, pois os profissionais de ambas as áreas se complementam (Paiva; Silva, 2021, p. 192-193). Entre as inovações, Shera apresentou novos "sistemas mecânicos de obtenção de informações", termo utilizado por ele para denominar as tecnologias de Recuperação da Informação, desde o cartão perfurado de seleção manual até o equipamento básico, como o computador, para a pesquisa da literatura (p. 194-195).

O curso era direcionado para técnica, instrumentos, aquisição e organização de novos materiais, contrapondo a documentação americana à brasileira, recorrendo à primeira como parâmetro, com foco na especialização e no atendimento à indústria e ao comércio. Shera imprimiu um olhar tecnossocial americano sobre a importância do bibliotecário e documentalista nas empresas e, ao mesmo tempo, defendendo os ideais otletianos de um "bibliotecário independente, não alheio à ciência e à sociedade, mas um transformador social e difusor do conhecimento" (Paiva; Silva, 2021, p. 202). Além de incorporar o tecnicismo americano na Biblioteconomia brasileira, Shera demonstrou a interdisciplinaridade que havia entre as ciências e enfatizou a importância das tecnologias emergentes. O seu curso buscou atender às necessidades governamentais e empresariais, que foram as exigências feitas pelas instituições informacionais ao IBBD, mas ele não se deixou desviar do seu foco humanista: a função social do bibliotecário. O modelo apresentado por Shera foi utilizado nas escolas de Biblioteconomia dos Estados Unidos, e muitos outros países utilizaram a mesma abordagem, incorporando disciplinas da Ciência da Informação em seus currículos como uma especialidade.

Saracevic (2009, p. 14) aponta como ponto forte do modelo de Shera o uso da educação a serviço da prática profissional e de uma estrutura para auxiliar o usuário de outros serviços de informação; por outro lado, faltou o conhecimento teórico de um ensino formalista sobre sistemas, como o desenvolvimento e a compreensão de algoritmos. Em 1964 o curso foi renomeado para Curso de Documentação Científica (CDC) e influenciaria os programas de graduação, integrando a "normalização na documentação, a bibliografia especializada e a mecanização" na matriz curricular (Gomes, 1974, p. 14). Celia Zaher afirma que o IBBD foi pioneiro ao promover um curso desse nível, no Brasil e na América Latina, com muitos professores e alunos estrangeiros: "O IBBD [..] foi o primeiro órgão que, por causa desse curso,

dessa influência, lançou [...] o CALCO, um formato automatizado de catalogação; e, também, foi o primeiro que fez os sistemas de informação automatizada na América Latina (Zaher, 1995, p. 12).

Na opinião de Pinheiro (2020, p. 2), o CDC foi concebido por Hagar Espanha Gomes a partir das ideias de Paul Otlet, introduzidas em suas aulas e em sua tese de livre docência, *O Pensamento de Paul Otlet e os princípios do UNISIST* (1975). A própria escolha para o título do IBBD sugere ter tido influência do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), fundado por Paul Otlet e Henri La Fontaine, em 1895, assim como os serviços desenvolvidos em bibliografias.

> Sua concepção foi mais um ato inovador, que pode ter sido inspirado em Paul Otlet (1868-1944), pois visava, também, a formação de documentalistas, daí ser aberto não somente a bibliotecários, mas a profissionais de diferentes áreas, interessados em documentação especializada. Foi a experiência de quinze anos de CDC a base de conhecimentos e experiência para a criação do mestrado. (Pinheiro, 2020, p. 2).

Christóvão (1995, p. 1-2) destaca, no entanto, que mais tarde o CDC passaria a apresentar algumas questões, como a acumulação de função dos docentes nos serviços do órgão; a inclusão de algumas disciplinas que não faziam parte do currículo das escolas de Biblioteconomia; o grande interesse em buscar alunos de outras áreas; e a reformulação do currículo, para não se limitar à "coleta, tratamento e disseminação do documento gráfico" e estender-se à informação. Christóvão (p. 2) conta que a estrutura dos cursos de Biblioteconomia não possibilitava uma base de conhecimento teórico em nenhum campo do conhecimento humano, porque ministrava apenas técnicas, o que impedia a transmissão de novas ideias em nível de graduação. Os próprios alunos do CDC percebiam, ao retornarem a seus Estados, uma defasagem de conteúdo em relação às competências adquiridas na graduação. Christovão (p. 2) afirma que a literatura internacional vinha registrando, no campo, novas teorias de matemáticos e engenheiros, como consequência da aplicação de novas tecnologias, e a classificação de Paul Otlet não atendia mais à necessidade da automação para tratar o aumento da produção científica.

Em 1970, visando atualizar e preparar os documentalistas da ciência para entrarem no curso de mestrado, o CDC foi reformulado com um novo Ciclo básico, para formar a base para a segunda e a terceira etapas, com as seguintes disciplinas: 1) Recursos informativos em ciência e tecnologia; 2) Introdução ao uso do computador; 3) Técnica de referenciação documentária; 4) Teoria dos conjuntos; 5) Métodos quantitativos I; 6) Ciência da Informação no panorama atual; 7) Metodologia da pesquisa I; 8) Linguagens de indexação; e 9) Administração de serviços de informação (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 11-12). O CDC, apesar de ser reconhecido

pela universidade, não podia emitia diplomas, impossibilitando a contagem de pontos para os bibliotecários em ascensão de carreira (Zaher, 1995, p. 4). Era necessário, dessa forma, criar um curso de pós-graduação que correspondesse às demandas daquele momento: profissionalizar o bibliotecário para o mercado de trabalho, dar continuidade à área e inserir a informação científica nas políticas de ICT do país, de acordo com a exigência do CNPq. A exposição dos bibliotecários à literatura internacional, à introdução do controle bibliográfico sistemático e ao ensino de disciplinas teóricas de computação, mesmo sem o uso do computador em sala de aula, foi um processo inevitável que resultou na absorção da perspectiva da Ciência da Informação (Oddone, 2006, p. 47).

4.2 "Modernização" da pós-graduação brasileira

No âmbito da universidade, a pós-graduação só se efetivaria depois de ser regulamentada pelo Parecer 977/65, que uniformizou os conteúdos pedagógicos dos cursos, com ênfase nas áreas de ciências exatas, tecnologia e ciências naturais (Reis, 1990, p. 27). Para justificar a necessidade da regulamentação da pós-graduação no modelo "norte-americano", o Aviso Ministerial apontou, entre outros motivos, a formação de um "professorado competente", a "preparação adequada de pesquisadores" e "o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores", sempre visando às "necessidades do desenvolvimento nacional" (Brasil, 1965, p. 3).

> Sendo, ainda, incipiente a nossa experiência em matéria de pós-graduação, teremos de recorrer inevitavelmente a modelos estrangeiros para criar nosso próprio sistema. O importante é que o modelo não seja objeto de pura cópia, mas sirva apenas de orientação. Atendendo ao que nos foi sugerido pelo aviso ministerial, tomaremos como objeto de análise a pós-graduação norte-americana, cuja sistemática já provada por uma longa experiência tem servido de inspiração a outros países (Brasil, 1965, p. 4).

Uma vez optando pelo modelo norte-americano como referência para orientar a forma de treinamento que os alunos brasileiros receberiam para se enquadrarem no nível desejado de competição mercadológica internacional, o Regime Militar – legalizado pelo Ato Institucional 5 (AI-5) e instaurado no Brasil por meio de um golpe de Estado, em 1964 – promoveu várias reformas no sistema educacional visando à formação de mão de obra especializada. E os cursos de pós-graduação criados nesse período foram estabelecidos como consequência de uma forte intenção desse regime de "modernizar" o ensino superior. Esse período histórico vivenciou as piores consequências da ditadura (1964-1985), com invasão e intervenção nas universidades, substituição de reitores, afastamento e prisão de professores e alunos ativistas (Müeller, 2018, p. 260).

O apoio financeiro dos Estados Unidos visando a "modernização" da educação brasileira começou na década de 1950, e até o ano de 1965 o país já tinha investido 65 milhões de dólares, dos quais U$ 5.533 mil foram destinados só ao ensino superior (Rodrigues; Oliveira; Juvêncio, 2022, p. 406). Tais investimentos, no entanto, eram questionados pela comunidade científica, tendo em vista que os projetos educacionais atendiam aos interesses do regime militar, que ao intervir autoritariamente nas universidades, abria caminho para os interesses ideológicos dos EUA. A forte influência dos órgãos americanos nas dotações orçamentárias para o ensino e a pesquisa possibilitou que a UNESCO estimulasse a construção de sistemas internacionais de cooperação e disseminação de ICT como condição necessária ao progresso social e econômico. A criação de políticas de ICT nos países em desenvolvimento resultou na reprodução de pesquisas desenvolvidas dos Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra no Brasil. Muitos países capitalistas desenvolveram serviços de informação nas indústrias e institutos de pesquisa, mas houve um progresso maior nos Estados Unidos para atender a sua própria produção industrial. E como as informações sigilosas não eram divulgadas, não podiam contribuir com o desenvolvimento científico e tecnológico de outros países (Zaher, 1972, p. 2).

Em 1966, no Seminário sobre Educação e Segurança Nacional, formado por setores ligados ao regime, se discutiu a urgência de uma Rede Nacional de Informações Científicas, cujo órgão central escolhido foi o IBBD (Briquet de Lemos, 1986, p. 108). A reunião gerou um documento que recomendava medidas de reorganização, orientação e coordenação dessa rede de informação e documentação, com o objetivo de dar suporte informacional ao desenvolvimento econômico brasileiro, "modernizar" o ensino e expandir o preparo de bibliotecários e especialistas em documentação, porém dentro de determinados padrões. Um deles seria reformular os programas de ensino já existentes para o modelo profissional norte-americano dos cientistas da informação, com o objetivo de intensificar os métodos computadorizados no armazenamento de documentação e recuperação de informações, preparando "os recursos humanos necessários à modernização do processo produtivo" (Reis, 1990, p. 35). Nesse contexto, entende-se por "modernização" a competência na prestação de serviços profissionais, tanto de ensino quanto de pesquisa, cujos padrões e critérios seriam definidos pelos financiadores do sistema de ensino – os americanos.

A decisão política resultante do acordo de 1965 entre o Ministério da Educação (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID) abriu espaço para que técnicos americanos participassem da elaboração da Reforma Universitária de 1968 (Almeida, 2005, p. 145). Ao colaborarem com o planejamento e estabelecimento dos cursos de nível superior, os

consultores estrangeiros imprimiram-lhe um modelo estadunidense em seus níveis de mestrado e doutorado, cuja ideologia visava “à segurança nacional, ao desenvolvimento industrial e ao progresso científico e tecnológico” (Almeida, 2005, p. 146). O acordo foi assinado por Flávio Suplicy de Lacerda, ministro da Educação e Cultura; Stuart Van Dyke, diretor da USAID no Brasil; Deolindo Couto, presidente do Conselho Federal de Educação (CFE); e Faria Góis, representante do Brasil para a Cooperação Técnica (Silveira, 2020).

Entre os estudos encomendados pelo governo para propor as medidas para o ensino superior, estão o documento do professor norte-americano Rudolph Atcon, o Relatório Meira Mattos e o Relatório da Equipe de Assessoria do Ensino Superior, mais tarde renomeada para Equipe de Assessoria do Planejamento do Ensino Superior (EAPES). A comissão foi integrada por professores norte-americanos e brasileiros, e o documento oficial elaborado pela equipe só foi publicado em 1969, mas teve seu conteúdo mantido pelo Grupo de Reforma Universitária (GRU), visando a reestruturação do sistema nacional de ensino superior (Silveira, 2020, p. 282).

Os cursos brasileiros não eram sistematizados e seguiam vários modelos europeus, mas depois da Reforma de 1968, foi adotado o modelo objetivo e prático americano de educação, para atender a intenção do governo (Müeller, 2019, p. 253). Segundo Schwartzman (2001),

> a reforma de 1968 introduziu muitos elementos extraídos das universidades de pesquisa norte-americanas: os departamentos, que levaram à eliminação do tradicional sistema de cátedras; o sistema de créditos, que acabou com os programas de cursos seriados e anuais; as instituições de pesquisas; os programas de pós-graduação que conferem graus de mestrado e doutorado; e um "ciclo básico" nas universidades (Schwartzman, 2001, cap. 9, p. 5).

Essa orientação serviu de base para todas as instituições e áreas científicas no país, e as universidades brasileiras tiveram de alterar seus currículos, programas e atividades, criando uma lacuna entre a docência e a pesquisa, para se adaptarem às exigências do acordo e garantir que o profissional estivesse à altura do mercado de trabalho. O IBBD também passou a adotar esse modelo nos sistemas de departamentos, créditos e matrículas em disciplinas de todos os seus cursos (Gomes, 1990, p. 170). E a Ciência da Informação também seguiu essa configuração de acordo com as diretrizes do CNPq, o qual recebeu da USAID a incumbência de reorganizar sua “proposta de capacitação de recursos humanos” para suprir a demanda profissional de bibliotecários que atuavam com a informação em nível industrial (Almeida, 2005, p. 146).

Segundo González de Gómez (1983, p. 1), existe uma tese de que “há relação direta e necessária entre desenvolvimento científico e tecnológico e desenvolvimento econômico e social”; e existe outra tese relacionada à primeira de que a pós-graduação favorece “processos de produção e transferência de conhecimentos científico-tecnológicos, gerando recursos para

satisfazer às demandas da sociedade [...], em especial em suas áreas modernizadas" – as duas teses, segundo a autora, merecem reflexão crítica dos pares. A educadora Otaíza Romanelli (1986, p. 196), por exemplo, considerou "nociva" para a pesquisa a participação da USAID na criação da pós-graduação do Brasil, "por desestimular as iniciativas de desenvolvimento tecnológico do país importador, limitando a formação de cientistas e pesquisadores" brasileiros. Para Romanelli (p. 195), há uma relação assimétrica entre os países ricos e pobres, em que a produção científica destes é controlada pelos países ricos por meio da "modernização" do ensino e do resultado dos hábitos dos consumidores. Dessa forma, as instituições de tecnologia dos países ricos conseguem expandir o seu mercado, aumentando a distância entre os países e impedindo que eles se desenvolvam e dependam cada vez mais de sua tecnologia. Para que isso não tivesse acontecido, os países beneficiados pelo acordo de cooperação internacional da UNESCO teriam de ter tido uma base científica e tecnológica própria sólida, em vez de importar a tecnologia, para que não ficassem expostos à imposição do conhecimento científico e das inovações dos países mais desenvolvidos.

Já o cientista político Jacques Gaillard (2001, p. 3), ao discutir a legitimidade da cooperação científica Norte-Sul e a consequente privatização das atividades científicas, questiona se esse tipo de modelo hegemônico justifica que a pesquisa científica seja conduzida pelos cientistas do Norte. Ele até defende essa apropriação quando são as comunidades científicas do Sul que solicitam essa colaboração, como foi o caso do Brasil durante os anos 1950 e 1970. Mas nesse caso, os cientistas do Norte deveriam reconhecer as representações e os sistemas de referência locais, para que os valores sociais e culturais sejam transmitidos pelos colegas do Sul e devidamente incorporados à construção do conhecimento. A própria urgência para a solução dos problemas, como a Informação Científica e Tecnológica voltada para a indústria e o comércio, segundo o autor, pode justificar essa escolha, mas ele alerta que a posição política Norte-Sul dentro do sistema global pode se tornar ainda mais assimétrica (p. 13).

Cunha (1988, p. 317) critica o processo de "modernização" da pós-graduação nas universidades brasileiras, integrada ao mercado de forma autoritária: "a modernização do ensino superior conforme o figurino norte-americano e o aumento do controle configuraram as duas faces da universidade brasileira em reforma nos primeiros anos de vigência do regime militar". Para Marilena Chauí (1980, p. 37), a fragmentação do ensino superior representou a elitização da educação, porque se, antes, a graduação contribuía para diminuir a diferença socioeconômica, a "modernização" a separou da produção científica. O objetivo do governo,

na opinião da educadora, era transformar o ensino superior num suporte para o sistema capitalista com base na produtividade e otimização dos recursos humanos: “a universidade funcional estava voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão de obra altamente qualificada para o mercado de trabalho” (Chauí, 1999, p. 5).

E autores como Rodrigues, Oliveira e Juvêncio (2022, p. 402) afirmam que a intenção do regime militar era manter o domínio e o controle do governo nas universidades, para que elas pudessem funcionar como “agentes de desenvolvimento econômico, tecnológico e científico do país”. Com base nos pressupostos teóricos de Michel Foucault (2008, p. 149), de que o poder está em todas as relações e instituições, utilizando a disciplina como ferramenta de domesticação e manipulação, entendemos que o regime militar tentou impor discursos e práticas autoritárias, visando sujeitar as pessoas à sua ideologia alienante e torná-la historicamente verdadeira. Na opinião de Müeller (2018), apesar de toda essa instabilidade política e controle por parte do Estado, o Brasil acabou se beneficiando com políticas públicas voltadas para a expansão dos cursos de nível superior privado, a criação de cursos de pós-graduação, o investimento em ICT e a reformulação do conteúdo do currículo mínimo – mesmo que esta última tenha ocorrido devido, principalmente, às reivindicações dos bibliotecários. O crescimento econômico que houve em 1968, no entanto, não foi resultado das ações do governo militar, mas foi devido à expansão tecnológica do setor industrial, que acabou gerando investimentos em ciência e tecnologia.

Em 1969 foi criado o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), destinado a fornecer o apoio financeiro aos programas e aos projetos prioritários de desenvolvimento científico e tecnológico (PBDCTs), inscrito no documento de Metas e Bases para ação de governo (Pinheiro; Loureiro, 2005, p. 3). A política do FNDCT também previa a aprovação do I Plano Nacional de Pós-Graduação (PNP), em 1975, o qual visava a institucionalização do terceiro ciclo, a melhoria do nível dos cursos e o planejamento de sua expansão: a formação de 18.200 pesquisadores e professores (16.800 de mestrado e 1.400 de doutorado) – e o mestrado em CI estaria incluído nesse plano (Gomes. M.Y., 1988, p. 113). Os principais eventos relacionados à ICT, ocorridos na década de 1970, como a criação do primeiro Mestrado (1970), o lançamento da revista *Ciência da Informação* (1972), a implantação da Rede Bibliodata/CALCO, entre outros, podem ter sido influenciados pelas ações políticas de planejamento do Governo Federal, como a inclusão do IBBD e de ICT nos PBDCT.

Segundo Esther Araujo (1982, p. 14), o processo de institucionalização da pós-graduação, no Brasil, esteve diretamente vinculado às ações governamentais de investimento em formação

científica e tecnológica, que já vinham ocorrendo desde a década de 1950 (Apêndice 2), implementadas para atender às demandas mercadológicas em curso dos países industrializados e produtivos. Dentre algumas ações, diante do comprometimento do intercâmbio internacional de ICT ocorrido no final da década de 1960, a UNESCO criou o Sistema de Informação das Nações Unidas para Ciência e Tecnologia (UNISIST), em 1971, visando melhorar o seu acesso e abranger as ciências básicas. O Programa de cooperação da UNESCO foi presidido por Douglas Foskett e teve Ingetraut Dahlberg como membro do Grupo de Trabalho sobre Indexação e Classificação (Almeida; Saldanha, 2022, p. 2).

O UNISIST deveria coordenar a informação científica em todo o mundo e integrá-la ao chamado Sistema Mundial de Informação Científica (SMIC), destinada aos próprios cientistas, e registrar toda a literatura e o crescimento exponencial da produção acadêmica. Segundo Hagar Espanha Gomes (2019, p. 76), o UNISIST fornecia à comunidade científica e aos países em desenvolvimento (membros da UNESCO) diretrizes, princípios e recomendações para a implementação da infraestrutura para sistemas de ICT (RBD, 1974, p. 53). Paralelamente, o Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT) foi criado para planejar e coordenar os trabalhos de ICT e estabelecer uma rede nacional de cooperação e intercâmbio no campo da documentação e, dessa forma, garantir o aproveitamento integral dos conhecimentos adquiridos no Brasil e no exterior (Pinheiro; Loureiro, 2005). Essas ações, assim como o intercâmbio internacional dos cientistas, já se configuravam como indícios de uma articulação política dentro do planejamento biblioteconômico.

Saldanha, Souza e Sales (2022, p. 55) afirmam que, no Brasil, a era científico-tecnológica (1970-1980) foi marcada pela Guerra Fria e pela vinda da missão estrangeira ao Brasil, no início da década de 1970, sob a supervisão de Célia Zaher e Hagar Espanha Gomes. Foi nessa era que também surgiram os primeiros microprocessadores (1971), foram produzidas as fibras ópticas em cabos para transmissão de dados (1972) e desenvolvidos os primeiros microcomputadores pessoais (1978) – tecnologias consideradas avançadas para a época (Souza; Carvalho; Ramos, 2020, p. 121). O processo de institucionalização do ensino da pós-graduação em CI no Brasil foi, portanto, marcado por políticas científicas que envolveram a criação de agências de fomento à pesquisa na década de 1950; a elaboração de programas estratégicos de desenvolvimento em ICT nos anos 1960; e a implementação dos planos governamentais de desenvolvimento científico e tecnológico entre as décadas de 1970 e 1980.

4.3 Papel político do IBICT nas atividades de informação científica

Em 1975, o IBBD obteve o reconhecimento de suas ações como resultado do percurso histórico da instituição, que resultaram no plano epistemológico-histórico e na mutação dos seus perfis teórico-empíricos, levando à alteração de sua nomenclatura para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em 1976. Essa mudança teve a influência do UNISIST, dos Centros Nacionais de Informação Científica (NATIS) e das diretrizes introduzidas pela UNESCO nos países em desenvolvimento na América Latina. Com a nova reestruturação, o IBICT passou a assumir um papel político e de coordenação das atividades de ICT. Foram criadas a Divisão de Ensino e Pesquisa e a Divisão de Estudos e Projetos (RBD, 1976, p. 52-53), e os funcionários que desenvolviam atividades de ensino e pesquisa foram reenquadrados para formar o primeiro quadro de pesquisadores em CI (Christovão, 1995, p. 4).

Segundo Gomes (2020, p. 11), algumas personalidades tentaram mudar a nomenclatura Ciência da Informação para Informática, mas a proposta foi rejeitada pelos profissionais do IBICT, que resistiram à associação da área à computação para não perder sua identidade. E o regime militar, por sua vez, tentou vincular a informação científica à segurança nacional de forma gradativa como meio de controle estatal, através dos Planos Básicos de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT), Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND) e da implantação do SNICT (Briquet de Lemos, 1986, p. 109; Pinheiro; Bräscher; Burnier, 2005, p. 7). Pinheiro (2005) afirma que as ações do IBICT, além de consolidarem a documentação e a CI, envolveram as políticas nacionais e globais de promoção das atividades de planejamento de ICT na esfera de intervenção do Estado, fazendo-nos refletir sobre a importância do seu papel junto à pesquisa científica brasileira.

> Foi constatada a importância do IBICT no cenário de ICT nacional, uma vez que, em todas as décadas, esteve à frente de programas e projetos relevantes [...]. Se compararmos a política de ICT brasileira e a dos Estados Unidos, no Brasil, diferentemente daquele país, o reconhecimento do potencial político e estratégico da informação foi tardio, e as ações, embora algumas vezes tenham tido forte apoio no início, são muito vulneráveis às mudanças político-administrativas, que as fragilizam ou desativam (Pinheiro, 2005a, p. 10).

Para as atividades de geração, tratamento, recuperação e disseminação da informação científica e tecnológica, "o IBICT contava com uma equipe multidisciplinar, formada por seus próprios funcionários e por colaboradores externos oriundos de diferentes campos do conhecimento" (Christóvão, 1995, p. 2). As atividades desenvolvidas por esses funcionários estimularam a disseminação da ICT e, no final da década de 1960 e início de 1970, eles ficariam corresponsáveis pela implantação de sistemas automatizados de informação. Apesar de ter

passado por dificuldades econômicas, o IBICT foi considerado um órgão empreendedor e divulgador de suas ações para o desenvolvimento do campo. Por meio de seus serviços voltados para a informação científica e de publicações especializadas, disponibilizou referências bibliográficas aos pesquisadores brasileiros, estrangeiros e ao público em geral.

Ampliando o seu campo de ação, estabeleceu acordos com universidades brasileiras, intermediou o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação e fez parceria com instituições internacionais especializadas em informação e documentação. A história da instituição se confunde com a história da Ciência da Informação, pois ela introduziu no país as primeiras ideias da Documentação. A transferência de tecnologias da informação é uma das ações que projetaram o IBICT como referência internacional na área. O IBICT foi inovador ao estimular pesquisas e projetos em recuperação automática da informação, automação da bibliografia brasileira, processos automáticos em cadastramento de autores, automação do catálogo de periódicos, sistemas de redes e modelos de automação. O PPGCI favoreceu a melhoria dos cursos de graduação, a qualificação de docentes e a produção de literatura nacional no campo (Saldanha; Souza; Sales, 2022).

As ações político-científicas do IBICT impulsionaram e fortaleceram o desenvolvimento da CI e da profissão do bibliotecário, a partir dos cursos de pós-graduação voltados para a pesquisa bibliográfica e atrelados às linhas de pesquisa de áreas de concentração. A implementação da pesquisa e de atividades relacionadas à ICT abriu caminho para que outras áreas do conhecimento pudessem atuar na Ciência da Informação. Segundo Braman (2004), na configuração dos sistemas institucionalizados, o papel dos sujeitos ganha importância e reconfigura a forma de se pesquisar a informação. No seu ponto de vista, o regime de informação passa à responsabilidade de órgãos governamentais e agentes estatais e não estatais, do contexto sociocultural e dos modos de governabilidade. Para González de Gómez, um dos principais deslocamentos do espaço de construção do objeto de estudo da CI, no ensino, na pesquisa e na gestão de C&T, seria resultante da mudança de um regime estatal para um regime de informação, ou seja,

> o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância (González de Gómez, 2002, p. 43).

O novo regime de informação implementado pelo IBICT impactou a história da CI, principalmente em sua reflexão crítica e epistemológica, associando áreas distintas e gerando

um espaço de discussão e de práticas entre Biblioteconomia, Documentação e Informação Científica. Se o IBICT foi um instrumento político de ensino nas mãos de regimes ditatoriais de governo, prestando serviços e treinando bibliotecários para o mercado internacional, ao mesmo tempo, o órgão soube conduzir o desenvolvimento informacional da área visando à transformação crítica e social da prática da Biblioteconomia.

4.4 Formação do curso de Mestrado em Ciência da Informação

A criação do curso mestrado, em 1970, foi uma decorrência histórica da experiência que as bibliotecárias adquiriram no Curso de Documentação Científica, quinze anos depois do seu funcionamento, período em que houve a implantação de outros cursos de pós-graduação no Brasil. Conhecer a conformação do curso de mestrado é indispensável nos estudos sobre a origem da CI no Brasil, tendo em vista que, para que o profissional de Biblioteconomia atingisse o pleno reconhecimento em sua carreira e aceitação acadêmica, era necessário obter o título de graduação (Gomes, 1995, p. 2). O mestrado do IBBD pretendia contribuir para a formação de professores e docentes de nível universitário, em que bacharéis de outras áreas poderiam ser recrutados para o desenvolvimento de serviços especializados de informação. A procura pelo curso não se restringia, portanto, só aos bibliotecários; os formados em áreas diversas também tinham interesse nesse tipo de prestação de serviço. Segundo Gomes (1974, p. 17), o curso possibilitava que um profissional com determinada especialização se adaptasse a outra ocupação afim, e a área de cada profissional poderia influenciar na escolha dos programas de pesquisas e estudos, visando uma especialização de mão de obra de alto nível.

Em 1970, a UFRJ e o CNPq, por meio do IBBD, assinaram o Termo de Acordo para a criação do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação (CPGCI) para realizar cursos de extensão, especialização e mestrado no campo da Ciência da Informação. O mestrado foi idealizado com mandato acadêmico da UFRJ, de acordo com a regulamentação e os programas aprovados pelo Conselho de Ensino para Graduados (CEPG/UFRJ). O relatório apresentado à UFRJ justificando a sua criação argumentava que o programa ofereceria apenas um curso por falta de condições, mas que ele englobaria um conjunto de disciplinas capazes de habilitar os "alunos ao estudo da Informática e da Automação de Centros de Informação Científica, [...] enfatizando a utilização e aplicabilidade ou não de processos não convencionais" (González de Gómez, 1983, p. 74-75).

A criação do curso contou com o empenho da fundadora e primeira diretora, Lydia de Queiroz Sambaquy, e Célia Ribeiro Zaher, que foi diretora do IBBD entre 1972 e 1975

(Pinheiro, 2020, p. 1). A sua implementação foi possível graças ao apoio financeiro do Conselho Britânico e do CNPq para o fornecimento de bolsas de pesquisa nas atividades de automação. A concessão de bolsas para o IBBD era um fato inédito e significava que o CNPq reconhecia a possibilidade de pesquisas na área de documentação e informação. Célia conseguiu apoio dessas instituições e fez as negociações políticas com o CNPq para que a emissão do diploma tivesse o reconhecimento e a garantia de pertencer à UFRJ: sem a formação de mestrado, o professor não teria o reconhecimento da profissão e não poderia exercer o cargo em lugar algum do país; sem a participação dos profissionais, a Biblioteconomia se enfraqueceria no país; se os professores nacionais não tinham o perfil que o CNPq exigia para as cadeiras do mestrado, os estrangeiros poderiam dar o curso.

> O que me valeu muito na época foi a argumentação que eu utilizei: nenhum professor poderia ser considerado como tal, se ele não tivesse pelo menos um curso de mestrado. Isso saiu em decreto. [...] esse argumento foi o que forçou a decisão da universidade, uma vez que não se pode impedir a melhoria do nível de profissionais, já que, por lei, esses profissionais não poderão exercer cargos de professores, no Brasil inteiro, dentro de cinco anos (Zaher, 1995, p. 4).

Diante de tais argumentos, a universidade não poderia impedir o crescimento da área nem a melhoria do nível profissional de seus bibliotecários. Como exigência prévia da UFRJ, no entanto, deveria haver um professor com doutorado para coordenar o curso. Célia Zaher tinha bacharelado em Biblioteconomia pela UNIRIO e mestrado em Documentação pela Columbia University/USA, mas também era bacharel em Ciências Jurídicas e doutora em Direito do trabalho pela Fundação Nacional de Direito da UFRJ (Zaher, 1995, p. 1). Como ela era a única que poderia ocupar o cargo, tornou-se a coordenadora oficial, usando como principal argumento junto à UFRJ que o corpo docente poderia vir de fora do Brasil, diante da falta de profissionais com o perfil desejado para lecionar e sem disponibilidade no Brasil e no Estado.

> [...] existia uma ou duas pessoas no Brasil já com curso de doutorado na área de Biblioteconomia, mas não moravam no Rio de Janeiro. [...] não existia ninguém no Brasil com formação para as cadeiras que eu queria oferecer no Curso de Mestrado. Mas essas negociações foram difíceis, foram lentas, acho que levei bem um ano negociando isso, e foi realmente graças à influência de cientistas do Conselho Nacional de Pesquisas que sediavam o Comitê, que conseguimos solucionar todos esses problemas (Zaher, 1995, p. 4).

A falta de professores com o perfil desejado para lecionar foi um forte argumento, mas a formação com enfoque humanista dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, proveniente da influência francesa, foi um dos principais motivos para que o curso precisasse contar com doutores das áreas de administração, matemática, física, engenharia e computação. E o mestrado poderia servir de elo com a comunidade científica para fortalecer o desenvolvimento científico e tecnológico do país (Zaher, 1995, p. 4). A partir daí, Lydia Sambaquy, fundadora e

primeira diretora do IBBD (1954-1965), e Jannice Monte-Mor, diretora da Biblioteca Nacional (1971-1979), pesquisaram modelos de Organização do Conhecimento (OC) nas principais bibliotecas e centros de documentação dos Estados Unidos e de países da Europa – a viagem durou um ano e teve o apoio da UNESCO (Oddone, 2006, p. 49).

Quando Hagar Espanha Gomes apresentou o projeto do curso de Mestrado e seus benefícios, ela sugeriu que os diversos serviços do IBBD poderiam ser utilizados, como os laboratórios de pesquisas, incluindo as diferentes experiências práticas e teóricas vividas por sua equipe. Na opinião de Gomes (1978, p. 50), o curso de mestrado também seria uma solução para o problema da defasagem de conteúdo, pois permitiria que o Brasil passasse a ter a oportunidade de participar das discussões e debates sobre os problemas e questões da área, podendo chegar a um "amadurecimento profissional" necessário ao novo campo científico.

A escolha pela Inglaterra e os Estados Unidos não foi por acaso – baseou-se na diversidade de suas formações e no fato de serem, principalmente, bibliotecários ou cientistas da informação provenientes das melhores bibliotecas (Zaher, 1995, p. 8). O curso do IBBD era voltado para a Classificação Decimal de Dewey, e a Federação Internacional de Documentação (FID) tinha o objetivo de criar um sistema único de classificação. O novo conceito de Documentação, priorizando a informação em vez do livro na sua totalidade levava à necessidade de se conhecerem outros sistemas de classificação, e os ingleses poderiam ensinar uma visão mais conceitual porque tinham uma base reflexiva sólida em Teoria de Classificação. Herbert Coblans, outro convidado da UNESCO, com cidadania inglesa, também "contribuiu para a substituição da Classificação Decimal de Dewey pela Classificação Decimal Universal" (Fonseca, 2023, p. 534). Já os estadunidenses tinham a automação como referência e poderiam ensinar novos conceitos das técnicas de indexação e resumos, os quais seriam úteis para que os bibliotecários pudessem trabalhar junto a editores na indexação de revistas (Zaher, 1995, p. 6).

A UNESCO oficializou o convite, e o Conselho Britânico, a Fundação Ford e o CNPq patrocinaram a vinda dos primeiros professores para compor o corpo docente: Jesse Shera, Tefko Saracevic, Frederick Lancaster, Jack Mills, Bert Boyce, La Vahn Overmyer, Ingetraut Dahlberg, John Eyre e Suman Datta. Mais tarde, em momentos diferentes, vieram ao Brasil os cientistas James Perry, Douglas Foskett, Brian Vickery, Derek de Solla Price, Derek Langridge, Jessica Perry, William Goffman, Allan Brown e Derek Austin. Como o mestrado seria transmitido em inglês, Zaher (1995, p. 5) convenceu o English Course, o Consulado Americano e a Ford Foundation a oferecerem de graça cursos intensivos da língua para os alunos – em sua maioria bibliotecárias do IBBD –, porque o órgão não podia arcar com as despesas.

O projeto foi considerado um empreendimento ousado por muitos autores, pois o país ainda enfrentava uma ditadura militar desde 1964, período em que a ciência e a tecnologia estavam vinculadas à segurança nacional. E apesar de ter sido um projeto experimental para a realidade brasileira da época, ele foi comparado aos melhores cursos das escolas americanas. Até mesmo o seu nome foi baseado na terminologia e conceituação americana, devido às circunstâncias e necessidades das atividades de pesquisa e estudos em todos os domínios e níveis no país. Criar o curso de mestrado em Ciência da Informação, segundo Célia Zaher (1995), foi a ação mais significativa do IBBD, porque marcou o início do processo de institucionalização da área no país e garantiu a continuidade da profissionalização do bibliotecário. Mas profissionais de outras profissões do país também puderam se formar na área de pesquisa que se revelava imprescindível para a recuperação e o tratamento da informação científica no mundo. Na prática, o projeto da vinda da missão estrangeira ao Brasil só prosperou porque houve a união do esforço das bibliotecárias do IBBD, o apoio financeiro de órgãos e agências de fomento à pesquisa e o comprometimento acadêmico dos cientistas estrangeiros, que participaram de todo o processo de implementação do novo modelo de ensino.

4.4.1 Matriz curricular do curso de Mestrado em Ciência da informação

Para a elaboração do currículo experimental do curso de mestrado, Gomes (1974, p. 19) queria que o conteúdo das matérias pudesse atender aos aspectos linguísticos e semânticos, de sistemas de informação, metodologia de pesquisa e didática – elementos fundamentais do processo de comunicação –, mas deveria, também, formar um indivíduo apto a desempenhar uma ocupação específica. Na primeira fase do curso, foram criadas duas áreas de concentração: (1) Planejamento de Sistemas e (2) Processamento da Informação; e cinco disciplinas obrigatórias: (1) Organização de Serviços de Informação, que depois passou a ser chamada Organização de Sistemas de Informação; (2) Catalogação avançada; (3) Sistemas de Classificação; (4) Técnicas de Indexação e resumo; e (5) Processamento de Dados na Documentação. O curso começou voltado para o processamento técnico da informação e foi se direcionando aos poucos para as disciplinas optativas em Programação, Epistemologia, Didática, Teoria dos Conjuntos, Metodologia da Pesquisa, Linguística e Teoria da Comunicação (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 12).

Segundo Gonzalez de Gómez (1983, p. 74), havia uma “expectativa geral da relação harmoniosa entre educação, modernização e desenvolvimento” nos cursos do IBBD no início da década. O enfoque técnico-cognitivo desse projeto de pós-graduação teve a participação de

James Perry e Frederick Lancaster como fortalecedores do intercâmbio pessoal na transferência do conhecimento de novas áreas. A pesquisadora afirma que "essas correntes de intercâmbio incorporam novas áreas de assuntos que vão surgindo nas sociedades centrais tomadas como referências ou fontes: Estados Unidos e Inglaterra" (p. 74-75). As disciplinas inicialmente oferecidas (Quadro 10) no curso se aproximavam muito dos Sistemas de Recuperação da Informação (SRI), com enfoque sistêmico.

Quadro 9 – Primeiras disciplinas oferecidas no curso de mestrado em CI do IBBD na década de 1970.

(1) Administração (2) Análise de sistemas (3) Automação (4) Avaliação (5) Catalogação (6) Cibernética (7) Ciência da Informação (8) Classificação	(9) Comunicação científica (10) Epistemologia (11) Estudo de usuários (12) Indexação (13) Introdução a processamento de dados (14) Linguística (15) Metodologia da pesquisa	(16) Métodos quantitativos (17) Processamento de dados na documentação (18) Programação (19) Teoria da comunicação (20) Teoria do comportamento (21) Teoria dos conjuntos (22) Recuperação da informação

Fonte: Gonzalez de Gomez (1983, p. 106).

Hagar Espanha introduziu a disciplina de (9) Comunicação Científica no curso, cujos conhecimentos foram fundamentais para o desenvolvimento das metrias, mas só passou a ser obrigatória a partir de 1982-1983, mantendo-se no curso e aglutinando-se a muitas dissertações (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 12). A Bibliometria, que era parte integrante da (22) Recuperação da Informação, só foi incluída tardiamente como disciplina eletiva na matriz curricular em 1972 por Tefko Saracevic. A partir de então, as pesquisas em metrias seriam iniciadas pelos professores brasileiros, os quais deram continuidade à área no Brasil – Gilda Braga foi a primeira aluna a defender uma dissertação em Bibliometria e, depois de formada, passou a ensinar às novas gerações. As disciplinas de Sistema de Recuperação da Informação (SRI) passaram a ocupar o núcleo com a expansão da (12) Indexação frente à retração dos conteúdos cognitivos ligados à descrição e ao controle da documentação (González de Gómez, 1983, p. 98).

A partir de 1975 a abordagem tecnológica se destacará da funcional para ter seu próprio espaço: Automação de Sistema de Informação e Introdução a Processamento de Dados. Na pesquisa da *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), entre 1966 e

1995, Pinheiro (1997; 2005) identificou um núcleo de disciplinas com dezessete temas, dos quais sete se relacionavam dialogicamente com a tecnologia, e as três maiores ocorrências eram Sistemas de Informação: 49; Tecnologia da Informação: 36; e Sistemas de Recuperação da Informação: 35. Segundo Vieira (1995, p. 2), "o PPGCI/IBBD e seu curso de mestrado foram o principal polo difusor do saber novo e de posturas modernas que desencadearam, no Brasil, a introdução das novas tecnologias em unidades de informação".

Em 24 de outubro de 1975, um novo ciclo de nivelamento foi aprovado pelo Conselho de Ensino para Graduados (CEPG/UFRJ), visando integrar os egressos das diferentes áreas do conhecimento que antecediam às disciplinas do mestrado. O novo programa de disciplinas, no entanto, só seria desenvolvido em 1976 e incorporado mais tarde ao CDC:

> CICLO DE NIVELAMENTO:
>
> Recursos Informativos em Ciência e Tecnologia; Introdução ao Uso do Computador; Teoria dos Conjuntos; Métodos Quantitativos I; Ciência da Informação no Panorama Atual; Técnica da Referenciação Documentária; Metodologia da Pesquisa I.
>
> CICLO BÄSICO:
>
> Sistemas de Recuperação da Informação; Organização e Estrutura de Centros de Documentação e de Análise da Informação; Teoria e Sistemas de Classificação; Indexação e *Thesaurus* I; Automação de Serviços de Documentação e de Análise da Informação; Programação; Linguística; Metodologia da Pesquisa II.
>
> 3) CICLO CONCENTRAÇÃO (opções):
>
> I) Usuários – Teoria do Comportamento; Teoria da Comunicação; Problemas de Usuários; Epistemologia.
>
> II) Administração de Sistemas de Informação e Documentação – Análise de Sistemas; Sistemas de Informação; Avaliação de Serviços e Sistemas de Informação; Introdução à Cibernética.
>
> III) Transferência de Informação – Recuperação da Informação II; 1ndexação e Thesaurus II; Métodos Quantitativos II; Métodos Quantitativos III (RBD, 1976, p. 76-77).

Com a reformulação do órgão e a mudança dos planos curriculares na orientação dos cursos, em 1976, o Mestrado se especializa em três áreas de concentração: Usuários; Administração de Sistemas de Informação; e Transferência da informação (Quadro 11). A área de Usuários foi eliminada em 1978, por fazer parte do contexto das áreas de Transferência e de Sistemas de Informação, e a Transferência da Informação continuou se desenvolvendo até 1981 (González de Gómez, 1983, p. 75).

Quadro 10 – Áreas de concentração e disciplinas do curso de Mestrado em CI.

Áreas de concentração	Disciplinas	Teór.	Prát.
(1) Usuários; (2) Administração de Sistemas de Informação/Documentação; e (3) Transferência da informação (ênfase em Matemática e Estatística).	Organização e Serviços de Informação	X	X
	Catalogação Avançada (Automação de Bibliotecas)		X
	Sistemas de Classificação (Teoria da Classificação)	X	
	Técnicas de Indexação e Resumo		X
	Processamento de Dados na Documentação		X
	Programação		X
	Epistemologia	X	
	Didática	X	X
	Linguística	X	
	Teoria da Comunicação	X	
	Teoria dos Conjuntos	X	
	Metodologia da Pesquisa	X	

Fonte: Adaptado de Souza, Carvalho e Ramos (2020, p. 122), Gomes (1974), Carvalho (1978), Pinheiro e Loureiro (1995).

O regulamento do plano curricular implementado em 1976, que já vinha sendo elaborado desde 1974, enfatizava a preparação de pesquisadores em sistemas e serviços de informação, capazes de operar na área da Comunicação científica, considerando as implicações interdisciplinares, que entende a CI como uma ciência social, voltada para os propósitos objetivos das necessidades do usuário ou "para a transferência da informação desejada" (González de Gómez, 1983, p. 80). No período de 1977-1979, a disciplina Organização de Serviços de Informação passa a ser Organização de Sistemas de Informação, e a estrutura curricular é formada por disciplinas de nivelamento: obrigatórias e comuns às duas áreas de concentração; obrigatórias por área de concentração; e optativas para as duas áreas de concentração (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 12).

Além da área de concentração em Administração, outras "mecânicas curriculares" acompanhavam a diminuição da Recuperação da Informação, tanto no Mestrado quanto no CDC, e a sua abordagem funcional uniu-se à introdução de técnicas não convencionais de automação: Processamento de Dados na Documentação e Automação da Catalogação. Na

opinião de Gonzalez de Gomez (1983, p. 97-99), a redução da área de Recuperação da Informação afetou os assuntos ligados à Representação da Informação e às Linguagens Documentárias, distanciando as técnicas e o tratamento "biblioteconômico" do documento, da catalogação e da pesquisa bibliográfica. No campo da Representação da Informação, houve a influência das teorias cognitivistas para a construção de linguagens de representação e sistemas de informação voltados para os usuários. Um exemplo disso são, a partir de 1978, "as contribuições da teoria do conceito de Dahlberg no desenvolvimento de tesauros e outros instrumentos de linguagem documentária e aplicações dos princípios da Teoria da Classificação Facetada criados por Ranganathan" (Araújo, 2018, p. 39).

A integração da disciplina Ciência da Informação, nos currículos dos cursos de graduação de Biblioteconomia e Documentação, só ocorreria mais tarde, elevando o seu nível educacional, com base no modelo de Tefko Saracevic (1971), relacionado às disciplinas de Informática e Automação. O trabalho de Saracevic baseou-se, primeiramente, no Modelo do Sistema de Comunicação de Shannon-Weaver, no Modelo do Sistema de Comunicação dos Conhecimentos, no Modelo do Sistema de Educação, no Modelo do Sistema Bibliotecário e no Modelo Geral das Áreas do Conhecimento. Segundo o cientista norte-americano William Goffman, a inclusão da CI como disciplina nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, no entanto, não durou muito, ou porque as escolas possuíam em suas raízes a formação humanista e "estavam mais preocupadas em treinar bibliotecários tradicionais para os quais havia uma grande demanda", ou porque ainda "não estavam preparadas para as novas áreas de atividade" [...] de avaliação de sistemas, "cuja relevância para elas não estava clara" (Goffman, 1970, p. 590). Com o tempo, a disciplina Ciência da Informação se diversifica e passa a enfatizar os temas relacionados à Bibliometria, Política de informação, Comunicação científica e Representação da informação.

Segundo Pinheiro e Loureiro (1995, p. 12), apesar de o IBBD ter passado por mudanças políticas em sua administração durante a década de 1970, o núcleo do corpo docente se manteve, e o conjunto de disciplinas que caracterizavam a área, também, preservando a configuração e o perfil desejado para o curso de mestrado. Os professores Derek Langridge, Jack Mills, Alan Brown, Ingetraut Dahlberg, Suman Datta, Jessica Perry, James Perry, Frederick Lancaster, Brian Vickery e Tefko Saracevic ministraram as disciplinas da linha de pesquisa Organização de Serviços de Informação abordando Catalogação, Teoria e Sistemas de Classificação, Técnicas de Indexação e Resumo, Processamento de Dados na Documentação e Administração de Serviços de Informação. Rosali Fernandez de Souza (2020), aluna da segunda

turma (1973) do curso, em entrevista concedida ao IBICT, afirma que ela e seus colegas tiveram como professores LaVahn Overmeyer na disciplina Catalogação Avançada; Jessica Perry em Técnicas de Indexação e Resumos; Derek Langridge em Sistemas de Classificação; John Joseph Eyre em Organização de Serviços de Informação; e Tefko Saracevic em Processamento de Dados na Documentação. Essa matriz curricular básica do curso de mestrado era complementada com as disciplinas Teoria dos Conjuntos e Programação, ministradas por professores de computação da UFRJ no *campus* da Ilha do Fundão.

No final dos anos 1970, no entanto, começa a haver uma insatisfação com a formação dos currículos da pós-graduação, repletos de novas disciplinas aleatórias, e os professores passaram a questionar a falta de ênfase em aspectos "trazidos pelos avanços tecnológicos" para as atividades do bibliotecário (Antonio; Balby, 1994, p. 111). Com o processo de digitalização e da fusão de tecnologias, a tendência era a convergência digital, e certas tecnologias de suporte de informação, segundo Zaher (1995, p. 11), começaram a se tornar obsoletas. Saracevic (1978, p. 7) afirma que houve uma forte influência da tecnologia no ensino praticado no IBBD, que era a continuidade da ideia original de Vannevar Bush, pois havia uma demanda por sistemas mais robustos de recuperação automatizada da informação. No entanto, segundo Saracevic, faltou um amplo debate entre os cientistas e educadores da CI que envolvesse ensino, pesquisa e prática profissional, com a participação de todos os segmentos da área, sem distinções geopolíticas. Saracevic (1978, p. 3-7) questionava a expansão “desordenada” e “sem planejamento” dos cursos superiores e a proliferação de instituições, disciplinas e departamentos acadêmicos em CI, que para ele eram problemas a serem resolvidos. Sua dúvida era se havia uma real contribuição desse quadro mais quantitativo do que qualitativo para o desenvolvimento, “ou dispersão”, da CI.

Houve um estímulo à pesquisa, ao uso de tecnologias em unidades de informação, e o PPGCI tornou-se uma referência, abrindo caminho para a criação de outros cursos de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação nas instituições brasileiras, tanto de mestrado quanto de doutorado (Pinheiro; Loureiro, 2005, p. 12). O Quadro 12 apresenta a cronologia dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação que foram criados a partir da década de 1970, período da implantação da pós-graduação no Brasil, e aponta o PPGCI/IBBD como o mais antigo.

Quadro 11 – Primeiros Programas de Pós-graduação em CI do país – década de 1970.

Universidade/ Estado	Ano	Programa/ Curso	Unidade
UFRJ Rio de Janeiro	1970-1982	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado	Instituto de Matemática/UFRJ.
	1982-2002	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado	Escola de Comunicação/UFRJ com convênio CNPq
	1992-2002	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Doutorado	Escola de Comunicação/UFRJ
UFF Rio de Janeiro	2003-2008	Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado e de Doutorado	Instituto de Arte e Comunicação Social/UFF
UFRJ Rio de Janeiro	2009-2012	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado e de Doutorado	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis/UFRJ
	2013-2024	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado e de Doutorado	Escola de Comunicação/UFRJ
USP São Paulo/SP	1972	Programa de Ciências da Comunicação e Documentação/ Curso de Mestrado	Escola de Comunicações e Artes
	1991	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado	
	2006	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado e de Doutorado	
UFMG Belo Horizonte/MG	1976	Curso de Mestrado em Administração de Bibliotecas	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
	1991	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado	
	1997	Curso de Doutorado em Ciência da Informação	
PUC-Camp/ Campinas/SP	1977	Curso de Mestrado em Ciência da Informação	
		Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	
UFPB João Pessoa/PB	1977-1996	Curso de Mestrado em Biblioteconomia	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
	1991	Doutorado em Ciência da Informação	
	1997-2001	Curso de Mestrado em Ciência da Informação	
	2006	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Mestrado	

UNB Brasília/DF	1963-1965	Mestrado em Biblioteconomia	Faculdade de Biblioteconomia
	1978	Mestrado em Ciência da Informação	Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação
	1992	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Curso de Doutorado	
UFBA Salvador/BA	1978	Programa de Pós-Graduação em Informação Estratégica/Curso de Mestrado	Instituto de Ciência da Informação
	1998	Mestrado em Ciência da Informação	

Fontes: Mueller (2019, p. 255); Pinheiro (2000; 2007, p. 5); Souza, Carvalho e Ramos (2020, p. 124-125); CAPES, Pinheiro (2007); e Souza e Stumpf (2009).

A Universidade de Brasília (UnB) chegou a criar o seu curso de mestrado em 1963, mas foi em Biblioteconomia, o qual foi interrompido em 1965, diante da crise política que se instaurou na universidade, só retornando em 1978 como Mestrado em Ciência da Informação.

> Em 1965, a Universidade de Brasília havia iniciado o que podemos considerar como a primeira tentativa de criar um curso formal de mestrado em Biblioteconomia no Brasil. Mas esse curso foi bruscamente interrompido em 1968, sem chegar a formar seus alunos, devido à instabilidade política que tanto afetou as universidades na época, inclusive a UnB (Mueller, 2019, p. 255).

Além de ser o mais antigo, o mestrado do IBBD também foi o único que se manteve com a mesma designação desde sua origem, embora estivesse inicialmente vinculado ao Instituto de Matemática (UFRJ), que abrange a Ciência da Computação. Essa situação só mudaria a partir de 1983, quando foi assinado o convênio com a Escola de Comunicação (Pinheiro, 2007, p. 5). Como a comunidade científica da Ciência da Informação brasileira tem sua origem na profissão dos bibliotecários e, historicamente, se identificava com a Biblioteconomia, essa característica influenciou os programas de pós-graduação *stricto sensu* criados na década de 1970. Os programas escolhiam a designação Biblioteconomia ou Biblioteconomia e Documentação e só adotaram o nome Ciência da Informação mais tarde. Esses programas também estavam vinculados, na CAPES, à área de conhecimento de Ciências Sociais e Humanas, diferente do PPGCI do IBICT, que foi vinculado às Ciências Sociais Aplicadas.

Houve algumas interrupções e mudanças durante a sua trajetória: o PPGCI foi criado pelo IBBD em 1970 e funcionou até 1982 através de mandato acadêmico com a UFRJ; de 1982 a 2002, o Programa se tornou parte da estrutura acadêmica da Escola de Comunicação da UFRJ

por meio de convênio firmado com o CNPq; de 2003 a 2008, funcionou em convênio com a Universidade Federal Fluminense (UFF), com as primeiras turmas iniciando em 2004; a partir de 2009 retornou à UFRJ, associado de forma multi-institucional à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis/UFRJ; e a partir de 2013, retornou à parceria com a Escola de Comunicação, encerrando o convênio em dezembro de 2024.

O desenvolvimento da Biblioteconomia se fortaleceu na década de 1970 e marcou a institucionalização da área no país: em 1971, havia dezessete cursos de Biblioteconomia; e entre 1970 e 1977, onze novos cursos foram instalados, sete dos quais em cidades do interior (Christóvão, 1995). A presença permanente de alunos de outros países da América Latina e Caribe, e a procura pelo curso por profissionais de outras áreas também contribuíram para ampliar a CI no país (Müeller, 1985, p. 3).

4.4.2 Formação da primeira turma de mestrado

Com o intuito de formar professores no Brasil, a seleção dos candidatos para compor a primeira turma de mestrado ficou restrita a professores que atuavam em cursos de graduação de Biblioteconomia, incluindo os diretores das diferentes sessões do IBBD, para que eles pudessem se atualizar (Zaher, 2020). Muitos alunos eram oriundos do CDC, alguns eram provenientes de determinadas regiões brasileiras, e outros, de países da América Latina (Gomes, 1990, p. 170). A primeira turma formou-se em 1972 e foi composta por profissionais e professores da área de Biblioteconomia e Documentação (Quadro 13) de diversas partes do país. A lista completa das dissertações apresentadas durante a década de 1970 encontra-se no Apêndice 3, “Dissertações apresentadas ao curso de mestrado do IBBD na década de 1970”, com destaque para aquelas que tiveram algum professor estrangeiro como orientador, como La Vahn Overmyer (1972, 1973, 1975); Jack Mills (1972); Tefko Saracevic (1972, 1973, 1974, 1976 e 1978); Bert Boyce (1974; e Frederick Lancaster (1975, 1976, 1977, 1978 e 1979).

Quadro 12 – Primeira turma formada e as dissertações apresentadas.

1972	Discente	Origem	Dissertação	Orientador
2 de junho	Perola Cardoso Raulino	Chefe da Seção de Classificação e Catalogação da Biblioteca do Senado Federal e professora do Departamento de Biblioteconomia da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da UnB.	*Um sistema de disseminação seletiva da informação para os membros do Congresso Nacional.*	Astério Tavares

	Adda Drugg de Freitas	Diretora da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul	*Processamento de informações de registros médico-hospitalares.*	Clovis Francisconi e Paulo Roberto
	Jerusa Borges Gonçalves	Técnica de documentação da Escola Interamericana de Administração Pública da FGV.	*CICS: Centro de Informação em Ciências Sociais – FGV.*	Celia Ribeiro Zaher
5 de junho	Alice Príncipe Barbosa	Diretora do Serviço de Intercâmbio de Catalogação e professora de Teoria da Classificação do Curso de Documentação Científica do IBBD e de Catalogação e Classificação da Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIEG.	*Projeto CALCO: adaptação do MARC II para implantação de uma central de processamento da catalogação cooperativa*.	LaVahn Marie Overmyer*
	Alice Barros Maia	Bibliotecária-Chefe da Seção de Ciências Sociais do Serviço de Bibliografia do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.	*Centro de análise da informação: requisitos mínimos para o seu funcionamento.*	Celia Ribeiro Zaher
	Hagar Espanha Gomes	Diretora do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF desde 1968; professora de Bibliografia e Referência e Documentação na UFF e de Técnica de Pesquisa Documentária do Curso de Documentação Científica do IBBD.	*Utilização do Sistema de DSI do Technical Information Service of National Research Council from Canadá: algumas implicações.*	Celia Ribeiro Zaher
7 de agosto	Jandira Batista de Assunção	Professora assistente da Escola de Biblioteconomia e Bibliotecária do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.	*Projeto de um sistema de classificação bibliográfica analítico-sintético (ou facetado) para a indexação e recuperação de informações em Biologia.*	Douglas John Foskett e Jack Mills*
	Malvina Vianna Rosa	Bibliotecária-chefe da Faculdade de Odontologia da UFRGS desde 1960.	*Classificação facetada em Odontologia.*	Jack Mills*
20 de dezembro	Gilda Maria Braga	Bibliotecária-chefe da Seção de Pesquisas Bibliográficas e Traduções do Serviço de Informações Técnico-científicas do IBBD e professora assistente de Bibliografia da Escola de Biblioteconomia e Documentação da FEFIEG.	*Relações bibliométricas entre a frente de pesquisa (research front) e revisões da literatura: estudo aplicado à Ciência da Informação.*	Tefko Saracevic*

	Laura Maia de Figueiredo	Diretora agregada do IBBD.	*Distribuição da literatura geológica brasileira: estudo bibliométrico.*	Tefko Saracevic*

Fonte: Adaptado de Souza, Carvalho e Ramos (2020, p. 123-124), com base no relatório da revista *Ciência da Informação* e IBBD. * Cientistas estrangeiros que participaram do curso de mestrado.

Depois de formados, como ainda não havia o curso de doutorado no país, em 1972, muitos discentes tiveram que realizar seus estudos em universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra para retornarem como professores e darem continuidade à pesquisa (Souza; Carvalho; Ramos, 2020). Os Estados Unidos ofereciam uma estrutura mais flexível para os brasileiros: o intercâmbio dos primeiros professores americanos convidados facilitou a ida de alunos e professores, e os próprios ex-professores do mestrado se empenharam em estimular e receber os alunos do IBBD em suas universidades (Christóvão, 1995). Alguns professores foram estudar na *Case Western Reserve University* por causa da influência de Tefko Saracevic, que intermediou o processo de aquisição de bolsas de estudo. Aqueles que foram para a Inglaterra tiveram uma base reflexiva sólida em Teoria de Classificação, e aqueles que foram para os Estados Unidos tiveram a automação como referência (Zaher, 1995, p. 8).

Anna Vieira (1995) afirma que esse fluxo internacional estimulado nos anos 1970 foi intenso, com brasileiros se aperfeiçoando no exterior e profissionais estrangeiros trazendo sua colaboração ao país para atualizar os cursos de pós-graduação. No entanto, esse fluxo diminuiria na década seguinte, justificado pela consolidação dos cursos de pós-graduação e, principalmente, pela restrição de recursos orçamentários dos órgãos de fomento, resultando na desatualização do conteúdo e na "perda de referenciais críticos" (Vieira, 1995, p. 3). Muitos alunos qualificados, quando voltaram ao Brasil, se tornaram professores que compuseram o quadro docente de novos programas de pós-graduação em suas respectivas áreas, criando cursos e programas de pós-graduação, visando a formação das novas gerações de pesquisadores (Souza; Carvalho; Ramos, 2020, p. 123; Mueller, 1985, p. 5). Com a transmissão de novos conhecimentos, esses alunos possibilitaram uma reflexão crítica das visões teóricas americana e britânica sobre os problemas informacionais do Brasil frente à realidade latino-americana (Gomes, 1974, p. 23). Na opinião de Pinheiro e Loureiro (1995, p. 11), essa participação foi importante para que os alunos pudessem compreender os problemas informacionais da realidade do país a partir de uma visão externa.

A pós-graduação brasileira, durante esse período, dependia culturalmente dos Estados Unidos e de países da Europa, assim como ocorreu com outros países de Terceiro Mundo, cuja

expansão ocidental não foi apenas econômica e política, mas educativa, intelectual e colonialista. Maria Yêda Gomes (1988) critica a formação de um "cientista colonial" brasileiro, formado em instituições europeias e consumindo material didático europeu, ao mesmo tempo em que o Brasil importava seus bens de consumo, "para satisfazer às necessidades de um mercado interno restrito a uma pequena camada da população". Para a autora, essa era a diferença na "geopolítica do conhecimento" entre os países centrais e os da periferia: a produção de conhecimento por parte daqueles que construíram o mundo moderno (colonial) e "aqueles que foram excluídos do debate" (Gomes, M. Y., 1988, p. 107).

Alguns autores reconhecem, no entanto, que o modelo de ensino americano, naquele momento, serviu de estrutura para a formação da pesquisa da CI no Brasil, cuja dependência científica se justificava pela carência de profissionais habilitados. E o IBBD, com "a iniciativa de criação do Mestrado em Ciência da Informação", mesmo reproduzindo um modelo importado de educação, buscava "fundamentação teórica e embasamento científico" para a profissão do bibliotecário (Bufrem, 1997, p. 59). Só a criação dos programas de pesquisa e dos cursos de pós-graduação, tendo a informação científica como objeto de interesse mundial, já justifica o forte investimento na vinda dos cientistas estrangeiros ao Brasil.

Vieira (1995, p. 3) ressalta o quanto esse período foi rico, porque houve uma importação de teorias, conceitos, tecnologias e até de livros, cuja assimilação de valores foi necessária para que o conhecimento fosse reconstruído em colaboração com os brasileiros e ganhado ressignificação a ponto de ter o reconhecimento de outras comunidades. Podemos arriscar dizer que a cooperação científica Norte-Sul, no IBBD, foi possível sem que houvesse uma apropriação do conhecimento científico pelas partes hegemônicas, abrindo caminho para futuras cooperações internacionais. Houve uma predominância do modelo estadunidense no ensino brasileiro da CI, mas também houve uma circulação de conhecimentos que foram transferidos e transformados, gerando uma produção colaborativa.

Essa interação entre diferentes realidades e visões de mundo gerou um compartilhamento de ideias e teorias, as quais foram reinterpretadas pelos alunos, os futuros pesquisadores que desenvolveram novos estudos na área. Alguns ex-alunos do curso de Mestrado formados na década de 1970 se tornaram professores do IBICT e de outras instituições, como Hagar Espanha Gomes, formada em 1972; Rosali Fernandez de Souza, em 1973; Heloísa Tardin Christóvão e Vera Lúcia Doyle Dodebei, em 1979. A professora Lena Vania Pinheiro foi aluna da sétima turma de mestrado, em 1977, tendo Tefko Saracevic como orientador, no entanto, ela só apresentou sua dissertação em 1982. Houve, também, ex-alunos que foram lecionar em outras

instituições do país; muitos desses professores já se aposentaram, e alguns ainda colaboram ativamente, participando de bancas, comissões e orientando alunos do mestrado e do doutorado, representando a memória viva da história do PPGCI.

Ao comparar os egressos do curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD com os profissionais da informação da Inglaterra e dos Estados Unidos, Esther Araujo (1982, p. 11) observou que houve diferenças na educação entre os três países, tendo em vista o contexto socioeconômico e político da época e o papel que a ICT representava em cada um deles. Nos Estados Unidos, a educação desse profissional se dava em nível de pós-graduação, e a exigência necessária era a titulação de doutor para que o docente pudesse lecionar. Mas havia uma educação bem desenvolvida, com um número elevado de cursos de mestrado e doutorado e instituições de ensino investindo pesado em pesquisa para o desenvolvimento da área de informação, visando suprir a demanda interna da indústria e comércio (p. 78). Na Inglaterra, a educação do profissional da informação existia em níveis médio, de graduação e de pós-graduação, com uma tendência maior à pós-graduação. Assim como nos Estados Unidos, os docentes possuíam a titulação superior ao mestrado, e os cursos eram oferecidos em universidades, escolas politécnicas e pela *Library Association* (LA). No Brasil, segundo a autora (p. 79-80), não houve de fato a interação tão esperada entre os sistemas científico, tecnológico e produtivo, tendo em vista que o Brasil optou pela importação de tecnologias para projetar o seu desenvolvimento científico.

4.4.3 Corpo docente brasileiro da pós-graduação do IBBD

A primeira formação do corpo docente da pós-graduação do IBBD era composta pelas bibliotecárias que eram responsáveis pelos cursos de especialização desde sua criação na década de 1950: Lydia de Queiroz Sambaquy, Jannice de Mello Monte-Mór, Célia Ribeiro Zaher, Laís da Boa Morte, Hagar Espanha Gomes e Laura Maia de Figueiredo. Com vasta experiência em serviços de Documentação, Classificação e Bibliografia, essas profissionais eram responsáveis tanto pelo curso do CDC quanto pelo de mestrado e tiveram uma importância fundamental na formação dos alunos. Também lecionaram no curso alguns pesquisadores da Divisão de Ensino e Pesquisa/PPGCI, como Yone Chastinet Duarte Guimarães; e alguns professores de outras instituições de ensino. Além de exercerem cargos de chefia e direção, ensinar e implementar inovações nos sistemas de informação bibliográfica do país, os professores brasileiros dispunham de uma vasta biblioteca herdada do antigo DASP para pesquisa especializada. O

acervo contava com “fontes de informação bibliográfica e tecnológica, dicionários especializados, livros e periódicos (bibliografias, índices e *abstracts*) sobre assuntos científicos de Biblioteconomia, Bibliografia e Documentação” (Boa Morte, 1961, p. 6).

Depois que Lydia de Queiroz Sambaquy se afastou do cargo, em 1965, o IBBD ficou sob a responsabilidade de Jannice Monte-Mór, Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes – essas duas últimas iriam organizar o curso de mestrado. Lydia e Jannice visitaram as principais instituições de ensino em Documentação, em países da Europa e nos Estados Unidos, para pesquisar modelos de Organização do Conhecimento para implementar no curso de mestrado. Lydia foi responsável pela união entre as áreas de Biblioteconomia e de Documentação e por implementar mudanças que levariam à forma como a ICT é vista hoje no Brasil (Oddone; Shintaku; Saldanha, 2023; IBICT, 2004).

Jannice de Mello Monte-Mór, no IBBD, foi chefe do Expediente (1950-1951), da Seção de Vendas e Distribuição do Serviço de Intercâmbio de Catalogação (1952-1954), da Seção de Assistência Técnica do Serviço de Informações Técnico-Científicas (1954-1955), diretora do Serviço de Publicações (1956-1960) e vice-presidente (1965-1966). Jannice atuou na implementação de serviços bibliográficos, controle bibliográfico, na construção da base de dados nacional Bibliodata/CALCO e na cooperação bibliográfica dos sistemas de informação entre bibliotecas, arquivos e centros de documentação do país (IBICT, 2004).

Célia Ribeiro Zaher, doutora em Direito do Trabalho, foi professora entre 1954 e 1970 do CDC, no qual ministrou as disciplinas Métodos de Controle e Análise de Informação e Sistemas de Mecanização da Informação. Como presidente (1968-1972), idealizou e criou o Curso de Mestrado em Ciência da Informação, exercendo cargos de coordenação, direção e chefia de serviços especializados. Como chefe da Seção de Pesquisas Bibliográficas e do Serviço de Informação Técnico-Científica, atuou na elaboração, automação e publicação de bibliografias nacionais brasileiras em áreas do conhecimento. De 1970 a 1973, orientou as alunas Hagar Espanha Gomes, Yone Sepulveda Chastinet, Maria Alice Barros (funcionária do IBBD) e Adda Drugg de Freitas (professora de Biblioteconomia). O foco do seu estudo se concentrava nas áreas que trabalham com conceitos e relações: Teoria da Classificação e Teoria da Terminologia. É considerada uma das fundadoras da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, no Brasil, por dedicar sua vida ao Serviço de Bibliografia do IBBD, reproduzindo repertórios bibliográficos brasileiros na área científica e destacando-se no campo da Automação de Sistemas e dos Serviços de Documentação e Informação (Saldanha; Pimenta; Sales, 2023; IBICT, 2004).

Laís da Boa Morte deixou de ser bibliotecária auxiliar no DASP (1945-1954) para ser diretora da Biblioteca do IBBD (1955-1960) e lecionar nos Cursos de Pesquisas Bibliográficas (1957-1960), sendo ao mesmo tempo professora substituta da Cadeira de Catalogação e Classificação do Curso Superior de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1959) (IBICT, 2004).

Hagar Espanha Gomes foi vice-presidente do IBBD em 1972 e o presidiu até 1975, tendo sido diretora-substituta do Serviço de Informações Técnico-científicas (1965-1968), chefe da Seção de Assistência Técnica (1965-1968) e chefe da Seção de Pesquisas Bibliográficas e Traduções (1959-1964). Como docente, ministrou as disciplinas Técnica da Pesquisa Documentária (1967-1971) e Técnica da Pesquisa bibliográfica (1962-1966) no CDC. Devido a sua experiência em Organização do Conhecimento, lecionou indexação, linguagem documentária, tesauro, terminologia e taxonomia em suas disciplinas, áreas em que atuou, também, como consultora (Sales, 2023; IBICT, 2004).

Laura Maia de Figueiredo foi, no IBBD, chefe da Seção de Ciências Sociais do Serviço de Bibliografia (1954), diretora (1956) e chefe da Divisão de Ensino e Pesquisa (DEP) (1978). Atuando como professora e orientadora no curso de mestrado, introduziu o ciclo de nivelamento que serviu como base para as suas disciplinas. O seu trabalho de elaboração de bibliografias especializadas, que garantia o nível das publicações, renderam ao IBBD certo reconhecimento. Até sua dissertação de mestrado foi incluída na bibliografia dos cursos de Bibliometria de universidades estrangeiras, como a *Case Western Reserve University* (Braga, 1996).

Yone Chastinet Duarte Guimarães era membro oficial da Comissão de Estudos de Normalização em processamento de dados por computadores eletrônicos e da banca examinadora do concurso para Bibliotecário no DASP. No IBBD, foi bibliotecária do Serviço de Informação Técnico-científica (1965-1968) e chefe da Seção de Ciências Físicas e Matemáticas do Sistema de Bibliotecas (1968-1970) (IBICT, 2004). Tinha experiência na automação da literatura em Ciências Sociais e atuou na "geração de produtos, no uso da informática, terminologias especializadas, interação com órgãos de pesquisa para uso de recursos computacionais" e, principalmente, na elaboração de bibliografias especializadas, atividades estas que a "fortaleceram no conhecimento da informação científica brasileira" (Diógenes; Lobo, 2023, p. 95).

Houve a participação, também, de professores brasileiros de outras áreas no curso de Mestrado, em momentos diferentes, tanto da UFRJ quanto de outras instituições de ensino superior brasileiras. Assim como houve a influência de países onde a CI era mais avançada,

como Estados Unidos e Grã-Bretanha, “professores da Coppe, da Faculdade de Educação, da Faculdade de Letras e da Escola de Comunicação contribuíram com seus conhecimentos na área de domínios conexos” (Gomes, 1974, p. 22). Mário Ulysses Vianna Dias era da área de Ciências Biomédicas e professor da Faculdade de Medicina (UFF); na área de Linguística, colaboraram as professoras Anna Maria Marques Cintra (Letras/USP), Margarida Maria de Paula Bazílio (Letras/UFRJ) e Marisa Barbar Cassim (CNPq); na área de História, ministraram aulas os professores Hilton Japiassu, José Luiz Werneck da Silva (ambos do IFCS/UFRJ), Victor Vincent Valla (UFF) e Eduardo da Silva (Casa de Rui Barbosa) (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 12).

No decorrer da década de 1970 e nos anos seguintes, o quadro docente se alteraria com a formação de novos pesquisadores brasileiros, que iam substituindo os professores estrangeiros, tanto na docência quanto na orientação de dissertações, até que se formasse o corpo docente brasileiro definitivo e se consolidassem as linhas de pesquisa (Christóvão, 1995, p. 3). Essa situação mudaria gradativamente e se alteraria com a demanda dos cursos de mestrado e de doutorado. A partir de 1980 os professores estrangeiros deixariam de fazer parte do corpo docente do Programa, e as orientações passariam a ser de responsabilidade dos professores brasileiros do órgão, já transformado em IBICT desde 1976 (Pinheiro; Silva, 2008, p. 10).

Muitos professores brasileiros contribuíram com seus estudos teóricos para o desenvolvimento da CI no Brasil. Entre eles, Pinheiro (2005) cita Gonzalez de Gómez (1982), cuja dissertação trata a configuração temática do curso de mestrado, no currículo dos cursos do IBICT, e o território disciplinar e interdisciplinar da CI; Gonzalez de Goméz, Pinheiro, Loureiro e Braga (1995), com a publicação de três artigos sobre história, fundamentos e teoria da CI, em comemoração aos 25 anos do mestrado do IBICT; e a própria Lena Vania Pinheiro (1997), com sua tese sobre o domínio epistemológico e o campo interdisciplinar da CI. Lena destaca, ainda, o lançamento do primeiro volume do *Projeto Ziman: conhecimento público sobre Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade* (1999); e a coletânea *O campo da Ciência da Informação* (2002), sobre história, fundamentos e teorias da área, publicada pela Universidade Federal da Paraíba (Pinheiro, 2005b, p. 38). A partir daí surgiram outros autores importantes, de gerações e visões diferentes, muitos citados nesta pesquisa, cujos estudos refletem a importância do diálogo e da reflexão para o campo.

5 CORPO DOCENTE ESTRANGEIRO DA PÓS-GRADUAÇÃO DO IBBD

O IBBD, na década de 1970, constituiu-se em um território fértil para o fenômeno de transformação da informação em conhecimento, a partir da troca de experiências e da participação colaborativa entre cientistas estrangeiros e professores brasileiros. A missão anglófona que marcou o IBBD, na década de 1970, era composta por teóricos de instituições americanas e britânicas, que tiveram sua formação em áreas de Engenharia, Matemática, Computação, Administração e Documentação. O que todos esses doutores tinham em comum era a sua atuação profissional: todos eram bibliotecários ou cientistas da informação e trabalhavam com o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de documentação, bibliotecas, informação científica e tecnológica e dialogavam diretamente com o conhecimento científico produzido em língua inglesa.

Alguns desses cientistas saíram de seus países para viver e trabalhar nos Estados Unidos, como o croata Tefko Saracevic e os britânicos Frederick Lancaster e Derek de Solla Price; e o australiano Brian Vickery e a indiana Suman Datta saíram de seus países para viver na Inglaterra. Sua principal missão, no Brasil, era lecionar disciplinas direcionadas para a questão mais necessária daquele momento: a Informação Científica e Tecnológica (ICT) com foco na indústria e no comércio. A formação interdisciplinar do corpo docente do mestrado em CI seguiu os mesmos parâmetros de outros cursos de pós-graduação criados na época, devido à falta de disponibilidade de doutores brasileiros no campo do conhecimento, naquele momento, daí a necessidade da participação de cada um para que o curso se tornasse viável e tivesse o nível certo de professores.

O trabalho em equipe gerou um compartilhamento de informações e proporcionou uma interação social entre professores, colegas e alunos. Foi possível encontrar algumas impressões afetivas reveladas no depoimento de alguns professores, como o orgulho de ter participado do primeiro mestrado em CI, a admiração profissional entre colegas e os vínculos de amizade. Segundo John Eyre, o IBBD pôde contar com “especialistas reconhecidos” internacionalmente no início da década, para dar treinamento aos bibliotecários com base nos moldes do ensino norte-americano, como Tefko Saracevic, Derek Langridge, Jack Mills, Frederick Lancaster e Douglas Foskett.

> Nos muitos cursos que ministraram, eles estabeleceram um padrão que motivou os alunos e encorajou um trabalho que alcançou resultados admiráveis, apesar da necessidade de tudo estar em inglês. Os esforços meritórios dessas pessoas justificaram totalmente os custos envolvidos e alguns, para seu imenso crédito, passaram a fazer doutorado no exterior. [...]. O fato de todos esses especialistas

> estarem no auge de sua reputação, deveu-se ao genuíno clima de informação como ciência e programas de pesquisa que geraram interesse mundial. [...] Foi um momento emocionante, quando toda a base teórica para a Biblioteconomia estava no auge, e os estudantes podiam obter inspiração genuína dos escritos de pessoas tão estimulantes. (Eyre, 1995, p. 2)

Esses professores consolidaram linhas de pesquisa, estabeleceram "as bases para o futuro" e um padrão que motivou e incentivou trabalhos que alcançaram grandes resultados (Eyre, 1995, p. 2). Frederick Lancaster, um dos primeiros professores que vieram ao Brasil, afirmou que, "na década de 1970, o curso do IBBD tinha a qualidade e o vigor dos melhores cursos das escolas americanas" (*apud* Vieira 1995, p. 2), enfatizando o ensino de tecnologias para a Organização da Informação, as técnicas de análise do conhecimento registrado e a discussão de teorias de diferentes domínios, visando a construção de uma disciplina emergente: a Ciência da Informação.

O curso de mestrado pôde oferecer

> aos profissionais abordagens teóricas para indexação e classificação, tais como Ranganathan (classificação por cólon e análise de facetas - PMEST), Mills (teoria da classificação), Cleverdon (experimentos de Cranfield), Farradane (indexação relacional), Coates (esquema facetado do British Technology Index), Austin (sistema de indexação BNB Precis), Needham (organização do conhecimento), Garfield e Solla Price (bibliometria), Salton (recuperação de informação), e assim por diante. (Eyre, 1995, p. 3)

Com o compartilhamento desse conhecimento científico, foi possível formar novas gerações de bibliotecários e cientistas da informação em suas práticas profissionais de Recuperação da Informação científica (Cordeiro; Pret, 2018, p. 531). Em entrevista concedida à *Agencia Iberoamericana para la Difusión de la Ciencia y la Tecnología*, Tefko Saracevic expressa o seu sentimento sobre o curso, a atmosfera do ambiente, sua admiração por Célia Zaher e a amizade feita com os brasileiros:

> Inicialmente, eu recebi um convite para lecionar no Brasil no inverno de 1971-1972, para dezesseis estudantes no Programa de Pós-graduação do então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação/IBBD (que adiante seria denominado como IBICT). Naquele momento, o Instituto era dirigido por Celia Zaher, uma das responsáveis pela solidificação da CI no Brasil e na América Latina. Ela demonstrava muita competência, liderança, forte personalidade, visionarismo e clareza sobre a área, tanto internamente quanto fora do país. Algumas atuações dela foram em programa educativo focado nos avanços contemporâneos em CI, particularmente a recuperação da informação, múltiplos contatos internacionais, ações de indexação e bibliografia geradas por computador, entre outros exemplos.
>
> Aquele ambiente era eletrizante, os estudantes eram impacientes e trabalhavam intensamente. Mais do que boa receptividade, eu fiz amigos, os quais mantenho ainda hoje. Em outras oportunidades, eu retornei ao IBICT e outras instituições para eventos e conferências. Fui muito feliz nas minhas estadias, conhecendo todo o Brasil. Tenho até um título de cidadão carioca honorário. De fato, guardo muito

> carinho e admiração pelo país. E os meus antigos alunos se saíram bem e tiveram progresso, o que me deixa muito, muito orgulhoso e feliz! (Saracevic, s.d.)

Esses cientistas representavam as duas correntes da história da CI: a vertente americana no campo do Processamento de Dados e da Automação; e a vertente europeia no campo da Organização e da Representação da Informação (Mostafá; Silva; Segundo, 2015, p. 76). Gomes (1974, p. 23) ressalta que a metodologia dos professores americanos e europeus enriqueceu o curso e foi uma experiência válida para os estudantes pelo enfoque diversificado dado aos mesmos problemas.

5.1 Representantes do Estados Unidos

Os americanos eram uma referência em Recuperação da Informação automatizada, e alguns dos professores vindos dos Estados Unidos deram palestras em seminários e conferências, ministraram aulas e orientaram dissertações no IBBD. A prática em Biblioteconomia do pensamento estadunidense se sobrepôs ao do francês através da atuação pedagógica e metodológica desses intelectuais, influenciando as ações do IBBD em sua origem, que reproduziu um modelo mecanicista de transferência da informação em seus cursos, com a utilização de tecnologias de países mais desenvolvidos, influenciadas pela Teoria Matemática da Comunicação. Os principais representantes desse pensamento no primeiro curso *stricto sensu* de América Latina e Caribe obtiveram o maior número de orientação: Tefko Saracevic (13) e Frederick Lancaster (34) (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 11).

Antes da chegada dos professores convidados pela UNESCO para atuarem no curso de mestrado, na década de 1970, Jesse Shera foi o primeiro professor estrangeiro convidado a oferecer um curso de especialização e a colaborar com a criação de novas disciplinas, justamente por ser considerado um representante do pensamento norte-americano sobre Documentação.

5.1.1 Jesse Hauk Shera (1903-1982)

Americano de Oxford, bacharel (1925) em Inglês pela Universidade de Miami, com mestrado em literatura inglesa (1927) pela Universidade de Yale e doutorado em Biblioteconomia pela Universidade de Chicago (1944). Nos anos 1940, Shera foi chefe do projeto da Biblioteca do Censo e vice-chefe da Divisão Central de Informação do Ramo de Investigação e Análise. Já com doutorado, foi nomeado Diretor Associado de Bibliotecas da Universidade de Chicago; e foi chefe da Divisão de Preparativos e dos Serviços de Leitura,

tornando-se professor assistente (1947) do corpo docente da *Graduate Library School*, na Universidade de Chicago, tendo sido promovido a professor associado em 1951.

Shera foi um dos expoentes da Biblioteconomia em nível internacional e representante do pensamento norte-americano da Escola de Chicago sobre Documentação, desenvolvendo técnicas de Recuperação da Informação (RI) com auxílio do computador e expandindo sua aplicação em outras áreas ao longo dos anos 1950, 1960 e 1970. Como bibliotecário, cientista da informação e adepto da corrente funcionalista, foi pioneiro no uso das tecnologias de informação em bibliotecas, considerando os aspectos sociológicos e humanísticos da organização da informação.

No Brasil, Shera ministrou o Curso de Documentação e Organização Bibliográfica (Quadro 9) no IBBD, em 1957, o primeiro curso criado e elaborado por ele depois de sua chegada. Shera colaborou com a atualização do currículo dos cursos, da didática de docentes e do conteúdo das disciplinas em que sua bibliografia era aplicada. Durante a década de 1950, ele dialogou com os bibliotecários brasileiros em eventos, fez visitas a bibliotecas e ministrou cursos no Brasil. Em 1962, Shera inseriu a Documentação no currículo mínimo dos cursos de especialização do IBBD (Paiva; Silva, 2022, p. 107, 108, p. 186).

Com vasta produção bibliográfica no ensino e capacitação de novos profissionais, publicou sobre a documentação, as tecnologias de informação e a epistemologia da Biblioteconomia, entre outros temas. Em 1977, publicou o artigo “Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia”, destacando o caráter social da formação do cientista da informação. Nesse artigo, Shera demonstra sua preocupação com o registro e a recuperação do conhecimento fragmentado, destacando a figura do bibliotecário como agente principal no processo de socialização da informação, reunindo áreas como a epistemologia e a semântica – Shera chegou a propor uma disciplina chamada Epistemologia Social (Paiva; Silva, 2022).

A presidente do IBBD (1972-1975), Hagar Espanha Gomes (1995, p. 3), disse em entrevista à professora Rosali Fernandez de Souza que a escolha dos primeiros professores americanos foi dela e de Célia Zaher, mas principalmente de Jesse Shera, na qualidade de Reitor da *Case Western Reserve University*, que intermediou todo o processo e indicou outros professores. Foram selecionados os pesquisadores mais conceituados em Organização do Conhecimento (OC), com formações distintas, para colaborarem com o planejamento da matriz curricular da pós-graduação.

5.1.2 Frederick Lancaster (1933-2013)

Britânico de Durham, radicado nos EUA, Lancaster formou-se em Biblioteconomia e Ciência da Informação na *Newcastle School of Librarianship*, Inglaterra (1950-1954). Em 1951, colabora com o desenvolvimento do sistema unitermo, criado por Mortimer Taube, o qual evolui para o primeiro tesauro em 1959, concebido pelo Centro de Engenharia da Informação de DuPont. Em 1959, imigrou para os Estados Unidos e foi bibliotecário sênior da *Akron Public Library* e trabalhou em bibliotecas especializadas em sistemas de recuperação da informação. Em 1962 retornou à Inglaterra para pesquisar na *Association of Special Libraries and Information Bureaux* (ASLIB) em Londres; e em 1964, retorna aos EUA e começa a trabalhar na Biblioteca Nacional de Medicina (Medlars).

Na década de 1970, torna-se professor associado da Escola de Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade de Illinois, onde permanece trabalhando até sua aposentadoria em 1992, recebendo o título de Professor Emérito. Na *Central Intelligence Agency* (CIA), desenvolve um sistema de busca de arquivos em sistemas automatizados, em ambiente sem papel, para criar e receber mensagens eletrônicas e fazer buscas em bases de dados *on-line*. Em *Toward paperless information systems* (1978), o autor defende a mudança das publicações sem papel e prevê que a biblioteca física se tornaria obsoleta, conforme a procura por buscas eletrônicas aumentasse no futuro.

Ainda na década de 1970, ensina a disciplina Avaliação de Sistemas de Informação, área em que é conhecido mundialmente, sendo um dos professores que mais orientaram os alunos da pós-graduação do IBBD no mestrado: 24 dissertações só em linguagens de indexação (LI), sua implementação e avaliação de sistemas de RI. Até o ano de 1981, o professor já havia orientado 34 dissertações de mestrado no Brasil, além de contribuir para a implantação de novos cursos. Na área de Classificação, lecionou linguagens de indexação controladas, tesauros e as disciplinas Indexação e Sistemas de Recuperação de Informação (SRI).

Lancaster foi um dos principais pesquisadores na área de investigação de bibliotecas, sistemas de recuperação de informação, controle de vocabulário, indexação, estruturas de resumo, índices de periódicos, pesquisa em linha, necessidades dos utilizadores, programas de formação, coleções de bibliotecas e, sobretudo, a avaliação como instrumento de gestão, com sessenta publicações de sua autoria. Sua maior contribuição está na Teoria da classificação e na Teoria sistêmica, servindo de embasamento, também, para os estudos relacionados às mudanças trazidas pelas novas tecnologias para as fontes e os sistemas de informação (Araújo, 2009).

Além de ser uma grande referência para a área no Brasil, a expressiva citação às suas publicações em inglês confirma a sua relevância. Suas obras mais citadas, *Avaliação de serviços de bibliotecas* (1977) e *Indexação e resumos: teoria e prática* (1991), que ganhou o prêmio de Melhor livro de Ciência da Informação do ano pela *Association for Information Science & Technology* (ASSIS&T), em 1992, são exemplos da importância da tradução de trabalhos estrangeiros para o português (Araújo, 2009, p. 144). Além do Brasil, foi professor convidado em universidades de diversos países, como Argentina, China, Dinamarca, Alemanha, Índia, Israel, Malásia, México, Namíbia, Países Baixos, Noruega e Polônia.

5.1.3 James Whitney Perry (1907-1971)

Americano formado em Engenharia Química na *North Carolina State College* (1927), foi mestre em Ciências (1928) no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) (1931), na *Technische Hochschule de Stuttgart* e *Berlin-Charlottenburg* (1932-1933), e foi professor de Engenharia de Sistemas na *University of Arizona* (EUA). Ele trabalhou no Departamento de Pesquisa de Recuperação de Informações da IBM (1947) e pesquisou compostos químicos armazenados de forma codificada. Perry trabalhou com propulsores de foguetes compostos e explosivos poderosos durante a Segunda Guerra Mundial, período em que estudou e publicou vários artigos científicos em russo.

Como diretor do *Center for Documentation and Communication Research*, na *School of Library Science* (*Case Western Reserve University*), Perry projetou equipamentos e desenvolveu métodos para a busca automática de resumos codificados no domínio da ciência e da tecnologia, assim como indexação alfabética e codificação para cartões perfurados selecionados à mão, tornando-os passíveis de operações de pesquisa, seleção e correlação realizadas por equipamentos eletrônicos automáticos. Perry pôde demonstrar que tais métodos possuem utilidade prática para fornecer serviços de informação essenciais para o planejamento e condução eficientes de programas de investigação e desenvolvimento. Perry provou, também, o alcance de economias nos custos de processamento, assim como economias adicionais com a utilização de técnicas de automatização.

Sua maior contribuição, no entanto, foi para a Biblioteconomia de referência, na *University of Arizona*, quando escreveu que, para obter os melhores resultados de um sistema de RI, as consultas são influenciadas pelos seguintes fatores: a atribuição, ou o problema, com o qual o usuário vai lidar; a extensão do conhecimento sobre a tarefa; a estimativa de quais informações adicionais é necessária; as preferências pessoais sobre as fontes de informação e

experimentos de laboratório, em vez de pesquisas em bibliotecas; e as expectativas sobre o tipo de consulta feita para obter uma resposta útil dos sistemas de RI disponíveis (Perry, 1963, p. 24).

Em 1960, juntou-se ao corpo docente da Faculdade de Engenharia da *University of Arizona* para continuar seu trabalho de *design* e teoria de sistemas de comunicação. É considerado um vanguardista no uso de computadores para indexação, classificação e pesquisa de documentos. No Brasil, Perry atuou como professor no curso de mestrado em Ciência da Informação do IBBD e foi casado com Jessica Melton, seu nome de solteira antes de se tornar Jessica Perry, ambos especialistas em Indexação, da *University of Arizona* (Rush; White, 1972, p. 69).

5.1.4 Jessica Melton Perry

Americana formada pela *Case Western Reserve University*, foi professora da *University of Arizona* (EUA) e pesquisadora de indexação, classificação, redes de informação, processamento da informação, recuperação da informação, lexicografia, linguística, *thesaurus*, vocabulário e índice de assuntos e termos. Jessica Perry foi membro do corpo docente da Escola de Biblioteconomia da *Case Western Reserve University* (1961-1970) e ocupou vários cargos no Centro de Documentação e Comunicação.

No Brasil, como professora, Jessica Perry lecionou Linguagens documentais e Técnicas de indexação e resumos no curso de mestrado do IBBD. Suas pesquisas e experiências profissionais em técnicas de RI, com auxílio do computador, em sistemas de documentação mecanizada, análise e implementação de sistemas de linguagem de indexação e linguística computacional trouxeram contribuições relevantes para os estudantes do IBBD (Souza, 2022, p. 48).

Como incentivo ao ensino de redação em disciplinas diferentes do inglês, a Faculdade de Artes e Ciências da Case Western Reserve University concede anualmente o Prêmio Jessica Melton Perry por Ensino Distinto em Redação Disciplinar e Profissional a seus alunos e professores. O Prêmio, criado em 2009 por Edward S. Sadar e a filha Melinda Melton Sadar, significa o reconhecimento do trabalho de professores que apoiam seus alunos de graduação e de pós-graduação, orientando-os como pensadores críticos e autores de pesquisas acadêmicas.

5.1.5 La Vahn Overmyer (1910-2005)

Americana formada em Biblioteconomia, foi pesquisadora do uso das bibliotecas como um sistema de informação e foi professora da *Case Western Reserve University* (EUA). Foi consultora e colaboradora em projetos de desenvolvimento bibliotecário do IBBD, desde sistemas de catalogação computadorizados até serviços ao usuário, visando fortalecer e automatizar os serviços de bibliotecas no Brasil na década de 1970.

Lecionou a disciplina Catalogação Avançada e orientou os alunos sobre técnica e práticas de gestão de bibliotecas, desenvolvimento de coleções, treinamento de bibliotecários e implementação de sistemas de catalogação. Introduziu novas tecnologias e métodos de organização de informações nas bibliotecas brasileiras. Seu legado pode incluir avanços na tecnologia de bibliotecas e desenvolvimento de bancos de dados de bibliotecas *on-line*.

Seu artigo "Libraries, technology, and the need to know" (1972) discute como a biblioteca, enquanto instituição, evoluiu do conceito de servir apenas a uma elite para atingir usuários de todas as idades, todos os níveis econômicos e todos os meios sociais. Suas pesquisas são orientadas para o papel das bibliotecas nos sistemas nacionais de informação e utilização de equipamentos nas duas principais atividades de informação: processamento de documentos e processamento de conteúdo.

5.1.6 Bert Roy Boyce (1938--)

Americano, bacharel em História pela *Marietta College* (1959), com mestrado em Ciências em Biblioteconomia pela *Case Western Reserve University* (1968) e doutorado em Filosofia na mesma universidade (1972). Foi diretor assistente em Autoridade de Redesenvolvimento (1966-1967); analista em sistemas de informação; pesquisador de mediação na Ciência da Informação; e pesquisador na Biblioteca do Congresso em Washington (1968-1969).

Foi professor assistente (1972-1978) e professor do Departamento de Ciência da Informação (1976-1983) em U. Missouri, Columbia. Foi professor associado da Biblioteca Escolar e Ciência da Informação em *Louisiana State University*, Baton Rouge (1983-1985), onde também foi reitor desde 1990. Em 1988, conquistou o *Prêmio Shera Research* como membro da *American Library Association*; em 1989, recebeu o *Prêmio Outstanding Information Science Teaching* pela *American Society for Information Science* (*Louisiana Library*).

No Brasil, foi Bolsista sênior da Fulbright-Hays (1974), ministrou aulas e orientou dissertações no mestrado do PPGCI/IBBD, como o *Crescimento da literatura brasileira de doença de Chagas: análise bibliométrica* e *Metodologia para definição de campos em banco de dados*, ambas em 1974. Bert Roy Boyce foi reitor universitário pelo *Marquis Who's Who* e obteve reconhecimento como notável educador de ciências. Seu livro *Medição em Ciência da Informação* discute desafios e metodologias para medir fenômenos relacionados à informação e é recomendado para cursos em métodos de pesquisa, recuperação de informações, gerenciamento de banco de dados e *design* de sistemas.

5.1.7 Allan Kent (1929-2006)

Americano, com doutorado em Biblioteconomia pela *Case Western Reserve University*, desenvolveu teorias e técnicas de organização da informação, sistemas de classificação, indexação e recuperação da informação com auxílio do computador. Foi coautor do livro *Encyclopedia of Library and Information Science* (1977), uma obra de referência no campo da Ciência da Informação.

Em 1955, Alan Kent, Jesse Shera e James Perry fundaram o Centro de Pesquisa em Documentação e Comunicação (CDCR), para prestar assessoria a indústrias, governo e ensino superior em sistemas de informação. Entre 1957 e 1958, junto com James Perry, desenvolveu um dos primeiros modelos de linguagens de indexação e teorias matemáticas que é a parte teórica de um estudo sobre a prática de um sistema de documentação, de termos em categorias ou facetas, em que se observam as propriedades desse sistema fechado e simples de ser manipulado (Rivier, 1922, p. 81).

5.1.8 Tefko Saracevic (1930-2024)

Croata radicado nos EUA, formou-se em Engenheira Elétrica (1957) na Universidade de Zagreb/Croácia, com Mestrado em Biblioteconomia (1962) na *Case Western Reserve University* e doutorado em Ciência da Informação (1969), na mesma instituição, onde foi também professor até 1985. No PPGCI (1970-1985), foi responsável pelo desenvolvimento e gestão do currículo de CI e principal consultor de CI para mestrado e doutorado.

Entre 1971 e 1985, foi diretor e fundador do Programa Internacional em Ciência da Informação e Biblioteconomia para países em desenvolvimento, responsável pela gestão e recrutamento de mais de quinhentos alunos de cerca de quarenta países, muitos dos quais se tornaram líderes em atividades de educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação em

seus respectivos países. Lecionou a disciplina Processamento de Dados na Documentação, no IBBD, e foi orientador principal de vários alunos de pós-graduação, além de membro de várias comissões e bancas de dissertações entre 1972 e 1985. Depois que Tefko inseriu a Bibliometria no curso de mestrado, diversas pesquisas em análise de citação foram desenvolvidas nos seus primeiros anos, sendo orientador das primeiras dissertações nessa área.

Em 1978 elaborou a teoria sobre os conceitos de relevância e pertinência em ambientes documentais, que se baseiam na porcentagem de conhecimento constituído na informação que preenche a necessidade de um usuário em uma determinada situação. Saracevic se destacou, também, por seus estudos sobre a relação interdisciplinar da CI com outros campos do conhecimento e sua relação intrínseca com a Tecnologia e a Ciência da Computação.

Na década de 1990, desenvolveu um modelo para recuperação de informações interativas e interação homem-máquina, que ele chamou de modelo de relevância em camadas. Publicou mais de quatrocentos artigos científicos em revistas científicas e ministrou palestras em diversos países. Sua obra mais citada por alunos e pesquisadores brasileiros é o artigo "Ciência da informação: origem, evolução e relações" (1996), seguida do artigo "*The interdisciplinary nature of information Science*" (1995), publicado na revista *Ciência da Informação*. Ganhou reconhecimento por seu trabalho *Modelos cognitivos em recuperação de informação*, o *Prêmio Asist de Mérito Acadêmico* (1995) e o *Prêmio Gerard Salton* (1997). Foi professor titular na *Rutgers University* (1991) e nomeado reitor associado (2003-2006) (Souza, 2022, p. 49-50).

5.1.9 Derek de Solla Price (1922-1983)

Britânico, mudou-se para os Estados Unidos para seguir carreira. Doutorado em Física pela Universidade de Londres aos 24 anos e doutorado em História da Ciência pela Universidade de Cambridge (1954) Foi considerado o pai da Cientometria / Informetria e sua produção como pesquisador ultrapassa trezentas obras de referência em estudos de Comunicação Científica publicados a partir de 1941. Foi professor de matemática aplicada na Universidade Nacional de Cingapura (1948-1951), onde formulou sua teoria sobre o crescimento exponencial da ciência.

Price foi convidado a participar de um projeto sobre relógios astronômicos medievais chineses, por seu trabalho no *Equatorium*, um instrumento de cálculo astronômico, que também serviu de base para a sua segunda tese de doutorado na Universidade de Cambridge. Durante 1955 e 1956. Price recebeu o *Prêmio Nuffield Foundation* por sua pesquisa em História da ciência, o que lhe permitiu trabalhar com instrumentos científicos. Price preparou um catálogo

da coleção de instrumentos do Museu Britânico e um catálogo de todos os astrolábios antigos que ele conseguiu localizar. O seu trabalho no *Equatorium* o levou a um projeto sobre relógios astronômicos medievais chineses, resultando no livro *Heavenly Clockwork* de Needham (1960), publicado em parceria com Wang Ling.

Ficou conhecido por investigar e analisar o mecanismo de *Antikythera*, um instrumento astronômico, um antigo computador analógico, criado no séc. I a.C., na Grécia, usado em estudos quantitativos em publicações científicas e para prever posições astronômicas e eclipses. Serviu, também, para rastrear o período de quatro anos dos jogos atléticos similares, como a Olimpíada e os Jogos Olímpicos da Antiguidade (Freeth *et al.,* 2008, p. 614). A partir da década de 1960, o estudo quantitativo da ciência (*scientometrics*) e sua aplicação à política científica tornou-se o foco do seu trabalho. Price é também lembrado por cunhar a expressão *Big Science,* depois de ter publicado o seu famoso livro *Little Science, Big Science* (1963). Solla Price discute a hierarquia conceitual nas metrias e dá destaque ao trabalho de Tefko Saracevic, também professor nos anos 1970 do IBBD e introdutor da Bibliometria no Brasil, que faz a distinção entre outras métricas, como Cientometria, Informetria, Webometrias ou cibermetrias (Pinheiro, 2021). Em 1987, a Federação Internacional de Documentação (FID) reconhece e cunha o termo Informetria na CI.

Solla Price proferiu conferências no mestrado do IBBD, no final dos anos 1970, mas pôde conviver com alunos e professores do mestrado, exercendo grande influência na formação brasileira por meio de suas disciplinas incorporadas à matriz curricular do curso de mestrado. Mesmo depois de afastado do país, manteve contatos acadêmicos com sua aluna Gilda Maria Braga, iniciados nos Estados Unidos e continuados por correspondência até a sua morte em 1983 (Pinheiro; Loureiro, 1995). Price esteve no Brasil três vezes: a primeira como turista, a segunda vez em 1975 e, depois, como pesquisador e palestrante, em que propõe a criação de uma pequena unidade de política científica no CNPq, que ele registrou em um relatório sobre a política cientifica no Brasil (Price, 1978, p.3 8).

5.1.10 William Bill Goffman (1924-2000)

O pesquisador americano William Goffman foi um cientista da informação, professor (1970-1990) e reitor na *Case Western Reserve University*, onde desenvolveu modelos matemáticos gerais e o processamento de informação para várias áreas, como *Computer vision, Life and medical sciences, Chemistry, Human-centered computing, Physical sciences and engineering, Systems biology, Health care information systems, Computing methodologies,*

Consumer health, Hardware, Applied computing, Physics, Machine learning, Robotics, Enterprise computing, Neural networks, Computational biology, Health informatics, Life and medical sciences. Seu trabalho enfatizou a necessidade de uma abordagem científica unificada para estudar os processos de comunicação e os sistemas de informação.

Goffman pesquisou as múltiplas aplicações da Bibliometria e a frequência de palavras no texto, com base nas duas leis de Zipf, e criou uma fórmula de transição indicando as ordens de série para encontrar as palavras significativas de um texto em língua inglesa (Maia, 1973, p. 99). O primeiro estudo nessa área foi apresentado como trabalho final à disciplina Processamento de Dados na Documentação durante o Curso de Mestrado no IBBD (1971/1972). A experiência de análise automática de textos foi incorporada às aulas da pós-graduação por Tefko Saracevic, seu colega na *Case Western Reserve University*.

Duas de suas obras notáveis são *Ciência da Informação: Disciplina ou Desaparecimento* (1970) e *Mathematical Approach to the Spread of Scientific Ideas* (2008). Em seu artigo "Quasi-metric spaces and information systems", publicado junto com Thomas Morris Jr. na revista *Ciência da Informação*, em 1975, Goffman discute a relação entre fontes de informação em termos de um espaço quasimétrico, propriedade utilizada para quantificar certos padrões funcionais em sistemas de informação criados pelo homem, tais como a biblioteca. Goffman sugere que essa característica espacial pode ser útil para explicar certas propriedades funcionais do cérebro.

Em 1977, tendo Tefko Saracevic como coautor, Goffman publicou o artigo "Intercommunica-tion among physics research groups in Latin-america"; e em 1978, "Some aspects of the Bradford distribution", com Gilda Braga. Goffman propôs melhorias na recuperação de informações com a implantação de lógica multivalorada, ordenação apropriada de arquivos, medidas de recuperação eficazes e abordagens de recuperação simplificadas, incluindo busca baseada em citações, e aplicou distribuições semelhantes a Bradford no desenvolvimento e no uso de coleções de literatura de pesquisa central. Eugene Garfield incentivou e compilou os dados de citação de Goffman, e Tefko Saracevic lhe forneceu dados de citação para o seu trabalho (Harmon, 2008).

Goffman é reconhecido como pioneiro na Ciência da Informação Matemática na área de Epidemiologia e um dos primeiros colaboradores da informática biomédica. Ele aplicou conceitos de epidemiologia de doenças para modelar com precisão a disseminação do conhecimento e a formação de sistemas de conhecimento e suas ecologias, incluindo a dinâmica da descoberta científica. Seu legado pode ser comprovado nas áreas de epidemiologia do

conhecimento, reconhecimento de padrões na distribuição estatística de literaturas, reconhecimento de representações diretas de conhecimento e no armazenamento e recuperação de informações. Além de suas contribuições em epidemiologia de doenças, ajudou a revitalizar a teoria da pré-formação na biologia evolutiva.

5.2 Representantes da Europa

A área da Teoria da Classificação, considerada estratégica para a atualização dos bibliotecários, foi favorecida graças ao apoio inicial do Conselho Britânico, que patrocinou a vinda de Douglas Foskett (*University of London*), Jack Mills, Derek Langridge, Suman Datta e Allan Brown (*Polytechnic of North London*). A Teoria da Classificação, a Teoria da Recuperação Automatizada da Informação, as técnicas de classificação facetada, com base na Classificação de dois Pontos (*Colon Classification*), desenvolvida por Ranganathan, foram ensinadas pelos membros do *Classification Research Group* (CRG) aos alunos do IBBD. Brian Vickery, considerado o representante e porta-voz do CRG, se destacou mais que os outros em sua produção bibliográfica no Brasil (Cordeiro; Pret, 2018).

O CRG foi o principal grupo inglês de pesquisa em Classificação facetada, publicando diversos trabalhos sobre a análise facetada desenvolvidos durante os anos de sua existência, entre 1952 e 1969 (Cordeiro; Pret, 2018, p. 529). As contribuições do CRG foram apresentadas em Washington, na Conferência Internacional sobre Informação Científica, em 1958, onde Brian Vickery e Douglas Foskett, junto com Robert Fairthorne, Jason Farradane e Bernard Palmer, apresentaram seus trabalhos. Derek Austin, Jesse Shera, Jack Mills, e Derek Langridge também publicaram artigos sobre a análise facetada.

5.2.1 Brian Vickery (1918-2009)

Nasceu na Austrália, mas viveu na Inglaterra, onde estudou em Canterbury e, depois, foi para o *Brasenose College*, em Oxford, onde se formou em Química. Foi editor assistente da revista *The Industrial Chemist*, onde publicou muitos artigos em pesquisa nuclear (1945), foi bibliotecário industrial nos Laboratórios Akers da *Imperial Chemical Industries* (1946) e fez parte das instituições *Industrial Chemist Review*, *UK National Lending Library for Science and Technology* e Escola de Biblioteconomia, Arquivo e Estudos de Informação, na *University College London*. Os livros *The Social Function of Science*, de John Desmond Bernal, e o *Colon Classification*, de S. R. Ranganathan, tiveram influência no desenvolvimento intelectual de Vickery.

Vickery atuou em áreas da teoria da classificação, elaboração de expansão nos esquemas de classificação, sistema de RI como rede interligada de termos e taxonomia. Sua primeira participação em um evento acadêmico foi na Conferência de Informações Científicas da *Royal Society* (1948), onde ele compôs o grupo de trabalho sobre Guias de informação, incluindo centros de informação, tabelas de dados, manuais de literatura científica e um índice de cientistas. Ali ele conheceu Bernal e, juntos, analisaram a importância da classificação da literatura científica, resultando na criação do *Classification Research Group* (CRG). Vickery foi membro do CRG desde sua fundação, no início dos anos 1950, e junto com Douglas Foskett e Derek Langridge, publicaram a trilogia *Classification indexing in science*, *Social science* e *Humanities*. O CRG publicou seus relatórios como *Memorandos*, e mais tarde no *Journal of Documentation* após a quarta edição. Foi Vickery quem escreveu o manifesto do grupo, em 1955, para tornar a classificação facetada a base de toda a recuperação da informação. Nessa época, Vickery publicou pela ASLIB o livro *Faceted classification: a guide to the construction and use of special schemes*, de 49 páginas, o qual teria grande influência na formação de muitos bibliotecários especializados.

Sua amizade com Douglas Foskett começou numa conferência em Londres, da *Library Association*, onde alguns cientistas envolvidos em serviços bibliotecários industriais estabeleceram vínculo com bibliotecários de universidades. O estudo da teoria de análise de facetas de Ranganathan foi o interesse em comum que deu origem à amizade que perdurou toda a vida. Ambos tinham experiência em estudos de "classificação como técnica de análise de informação" e compartilhavam o interesse em "sistemas de codificação eficientes para a recuperação de assuntos altamente específicos na ciência e na engenharia" (Foskett, 1988, p. 199). A sua responsabilidade social e política pelos serviços técnico-científicos e de informação e sua reputação internacional levaram-no a se envolver nos trabalhos preparatórios da criação do UNISIST (Foskett, 1988, p. 203). Sua preocupação era descobrir como o computador poderia ser útil recuperando e armazenando a informação de forma eficiente para auxiliar o trabalho do bibliotecário, cuja profissão, a partir daquele momento, evoluiria para um mediador entre o usuário exigente e a rede complexa de publicações e sistemas de informação (p. 203).

Na década de 1960, Vickery aprofundou as relações entre a teoria da classificação e a indexação, aprimorando a recuperação da informação e do documento. Ele passou a teorizar sobre a normalização da linguagem dos conteúdos registrados, considerando a normalização das perguntas dos usuários nos sistemas de informação. A linguagem da indexação passaria a

representar o conteúdo do documento, e os esquemas classificatórios forneceriam parâmetros para a definição dos conceitos e suas interrelações (Pret; Cordeiro, 2018, p. 538-539).

5.2.2 Derek Austin (1921-2001)

Britânico formado em Biblioteconomia, trabalhou como bibliotecário de referência em bibliotecas públicas por vários anos. Foi bolsista supranumerário no *Harris Manchester College* (Universidade de Oxford) e foi membro do *Royal Corps of Signals* (1941-1946). Foi autor e editor (1963-1967) de Assunto na *British National Bibliography* (BNB), editando índices e classificações nos esquemas existentes da época. De 1967 a 1969, Derek Austin trabalhou na pesquisa de princípios gerais para uma nova classificação bibliográfica pela Fundação de Ciências da Otan e pelo *Classification Research Group* (CRG).

Em 1968, Austin criou e desenvolveu a linguagem de indexação Sistema de Índice de Contexto Preservado ou Sistema de Indexação de Contexto Preservado (PRECIS), um sistema de indexação de um índice alfabético de assunto pré-coordenado assistido por computador, como resultado de suas pesquisas enquanto membro do CRG. O PRECIS é um exemplo de aplicação de dispositivos sintáticos na indexação, com base na teoria dos níveis integrativos, visando fornecer uma nova classificação geral para o controle de informações e capaz de atender às abordagens variantes dos usuários junto com seu contexto. Em 1996, o Precis foi substituído pelo COMPASS, que mais tarde foi substituído pelo *Library of Congress Subject Headings*.

De 1969 a 1973, Austin atuou como pesquisador principal do Projeto Precis (UK MARC) tentando traduzir os princípios gerais em prática da indexação e da construção de tesauros. Em 1971, Austin lançou as bases para a concepção de SOC em ambientes mecanizados; em 1974, foi chefe do *Subject System Office* (*The British Library*) e desenvolveu sistemas inovadores de catalogação digital. Entre os prêmios recebidos, estão o primeiro Ranganathan Award (1976) da FID/CR, do Documentation Research and Training Center (Bangalore), e a Margaret Mann Citation (1978) da *American Library Association*. Entre os seus principais trabalhos publicados, estão *Precis: a manual for analysing concepts and indexing subjects* (1974) e *The role of indexing in subject retrieval* (1975).

Junto com Peter Dale, publicou *Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri* (1991), traduzido e publicado pelo IBICT como *Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesauros monolíngues* (1993). O documento visa facilitar a preparação e o desenvolvimento de tesauros, tanto por meio manual quanto mecânico, a partir

de um conjunto de regras que fornece subsídios para a compatibilização de tesauros. Seus estudos influenciaram os princípios e a prática da indexação e da construção de tesauros.

5.2.3 Douglas Foskett (1918-2004)

Britânico, com bacharelado no *Queen Mary College* (1939), mestrado em Birkbeck, *University of London* (1954), e doutorado em Biblioteconomia, professor da *University of London* (Reino Unido), pesquisador de classificação facetada, indexação, catalogação e disseminação seletiva da informação. Trabalhou em Bibliotecas Públicas em Ilford, na *Metal Box Company Limited,* na Biblioteca do Instituto de Educação de Londres e na Biblioteca de Serviços Centrais da *University of London*.

Foi um dos fundadores do CRG e coordenador do Comitê de Classificação e Indexação do Programa Unisist. Como consultor da UNESCO (1968-1973) atuou em diversas missões internacionais como professor visitante em Gana, Islândia, Nigéria e Brasil. Durante sua carreira de 21 anos na Universidade de Londres (1957-1978), desenvolveu o esquema *London Education Classification* para organização de coleções de bibliotecas como bibliotecário e tornou-se diretor da biblioteca.

Foskett teve a influência de Ranganathan em seus trabalhos, sendo autor de vários sistemas de classificação facetados. Lecionou nas áreas de Teoria da Classificação, Teoria geral dos sistemas e Sistema classificatório generalista. Inseriu a Teoria dos níveis integrativos no curso de mestrado, a representação documentária e a RI automatizada analisadas como processos comunicacionais interativos. Criou linguagens documentárias e lecionou indexação, recuperação automatizada da informação, sistemas classificatórios e Organização do Conhecimento. O sistema de classificação de segurança e saúde ocupacional no qual trabalhou passou a ser utilizado desde sua conclusão, em 1956, e ficou como base para classificar resumos, que foram impressos como cartões da Biblioteca do Congresso e disponibilizados em todo o mundo (Fosket, 2000, p. 14).

Entre as honrarias recebidas, estão o título de Conselheiro Honorário da Biblioteca, na *Royal National Institute for Deaf People* (1965-1990); Membro Honorário da Associação de Bibliotecas (1975); Presidente da Associação de Bibliotecas (1976); Prêmio da Ordem do Império Britânico (1978); e Membro Honorário, Politécnico do Norte de Londres (1981).

5.2.4 Derek Langridge (1925-2000)

O britânico Derek Langridge foi conferencista titular da *School of Librarianship* da *Polytechnic of North London* e membro do CRG. Atuou nas áreas de Teoria da classificação, indexação, sistemas de recuperação automatizada de documentos e informação, sistemas classificatórios e organização do conhecimento artificial. Langridge defendeu a OC enquanto domínio especializado do saber; e definiu o Sistema de Classificação Bibliográfico (SCB) como um mapa completo de qualquer área do conhecimento. Contribuiu com estudos relativos à OC em seus aspectos epistemológicos, filosóficos, educacionais e profissionais.

No IBBD, Langridge foi professor de Teoria e Prática de Classificação nas primeiras turmas do curso de mestrado em Ciência da Informação, além de lecionar disciplinas da linha de Organização de serviços de informação, abordando os temas de catalogação, Sistemas de classificação, Técnicas de indexação e resumo, Processamento de dados na documentação e Administração de serviços de informação. Langridge foi professor da professora Rosali Fernandez, na segunda turma do curso (1971), e seu tutor acadêmico no estágio de pós-mestrado na *Polytechnic of North London* (1974), Inglaterra, onde ela aprofundou seus estudos em classificação.

As obras mais importantes de Langridge estão voltadas para a OC: *The universe of knowledge* (1969), que representa uma síntese de sua experiência como professor na University of Maryland na década de 1960; *Approach to classification for students of librarianship* (1973), que apresenta cinco capítulos encadeados de forma sistemática para atender às necessidades dos estudantes de Biblioteconomia; e *Classification and indexing in the humanities* (1976), que é um tratado sobre a aplicação dos princípios da teoria da classificação facetada nas Ciências Humanas, visando discutir a importância da classificação para a bibliografia.

O livro *Approach to classification for students of librarianship* (1973), já mencionado, foi dedicado à sua turma de mestrado de 1971 do IBBD e apresenta uma abordagem mais abrangente e diferenciada da Classificação em biblioteca, voltada para a técnica e prática de uso dos esquemas universais de classificação em bibliotecas. Esse livro foi traduzido para a língua portuguesa pela professora Rosali Fernandez, com o título *Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia*, publicado em 1977 e reeditado em 2007. A ideia central do livro é a Classificação como principal atividade da OC em bibliotecas, e o desenvolvimento do conteúdo temático demonstra que a OC vai além das classificações bibliográficas. Langridge também reflete sobre a relação entre a classificação em biblioteca, a classificação do conhecimento e as classificações filosóficas.

Segundo Rosali Fernandez, a estrutura, a abrangência e a forma de o livro enunciar e descrever os tópicos fazem com que a obra seja considerada uma referência sobre os aspectos críticos da atividade de classificar em bibliotecas e em outros sistemas de recuperação de documentos e informação. O autor faz um alerta sobre as técnicas de análise de assuntos, o uso de linguagem de indexação e a construção de índices enquanto atividades que devem ser adquiridas pela prática e o uso da literatura disponível. E apesar de ter sido publicado na década de 1970, o conteúdo e as indicações de referências ainda são relevantes para o estudo da Classificação (Souza, 2022, p. 46).

5.2.5 Jack Mills (1918-2010)

O britânico Jack Mills foi bibliotecário e professor na *North Western Polytechnic School of Librarianship* (1952) e lecionou na *Universidade de Maryland* (1966-1967), colaborando com a criação da Escola de Bibliotecas. Desenvolveu a Classificação e a Recuperação de informações na escola britânica com base na tradicional análise de facetas de Ranganathan. A análise de facetas é relevante para os sistemas tradicionais de classificação e OC, e sua metodologia suporta a geração de tesauros, listas de cabeçalhos de assuntos e criação de vocabulários estruturados para metadados.

Além de escrever sobre a Classificação Bibliográfica de Bliss e a Classificação Decimal Universal (CDU), ele publicou a segunda edição de Bliss (BC2) incorporando todo o *corpus* da teoria de RI desenvolvida pelo CRG. A classificação BC2, editada e revisada por Mills, mantendo a base na estrutura do original, representa um novo esquema de classificação britânico. O seu trabalho com o BC2 influenciou as revisões de outros sistemas de classificação, *thesaurus* e vocabulários estruturados (Miglioli; Araujo, 2019, p. 378).

Jack Mills ingressou no CRG nos anos 1950 e foi palestrante na primeira Conferência Internacional de Estudos sobre Classificação para Recuperação de Informação em Dorking (1957). Desde o final da década de 1960, o trabalho de revisão da BC2 foi levado à discussão pelos membros do CRG, os quais participaram ativamente na criação das fichas. A declaração de princípios na Introdução ao esquema, na classificação BC2, é quase a única a documentar a teoria corporativa do CRG conforme ela se desenvolveu a partir de 1950 e ao longo do século XX.

Em sua passagem pelo IBBD, Mills ministrou as disciplinas da linha de pesquisa Organização de Serviços de Informação e orientou duas dissertações de mestrado em 1972. Juntamente com Vickery e Foskett, Mills fazia parte do “maior e melhor grupo de

pesquisadores em Classificação" da Inglaterra, tendo sido um dos signatários do manifesto publicado pelo CRG (Gomes, 1990, p. 170). O cientista teve seu reconhecimento na Conferência sobre a História e o Patrimônio da Ciência da Informação como "Pioneiro da Ciência da Informação" (1998). Em 2003, foi agraciado com uma bolsa honorária do *Chartered Institute for Library and Information Professionals* (CILIP); em 2005, recebeu o Prêmio *Tony Kent Strix*, por sua contribuição à Recuperação da Informação.

5.2.6 John Joseph Eyre (1918-2022)

Britânico, professor da *Polytechnic of North London*, *School of Librarianship* (Reino Unido) e cientista da informação. Pesquisador de sistemas de informação, automação de bibliotecas e introdução de novas visões organizacionais. Como professor no IBBD, lecionou a disciplina Organização de Serviços de Informação.

O artigo "O impacto da automação nas bibliotecas: uma revisão" (1979) trata dos problemas sociais ocasionados pela introdução dos computadores nas bibliotecas; e o surgimento do bibliotecário de sistemas, as novas estruturas de pessoal e os problemas de saúde advindos do uso de determinados equipamentos. Refere-se também ao impulso que a automação deu às atividades cooperativas e de normalização. Sua pesquisa aborda o planejamento, a operação e o controle do sistema de bibliotecas; as atitudes necessárias em relação a investimento, como os custos de operação e manutenção; o novo fluxo de trabalho ocasionado pela automação; e os aspectos tecnicistas ligados à recuperação da informação pelo usuário.

John Eyre alertou para a centralização e a natureza automatizada das aplicações de atividades acadêmicas, como classificação, catalogação e bibliografia histórica. Ele enfatizou a importância da formação acadêmica do bibliotecário especialista, nas escolas de Biblioteconomia, para lidar com projeto, desenvolvimento e manutenção de sistemas bibliotecários, tendo em vista que os serviços informacionais se adaptam às demandas sociais.

5.2.7 Suman Datta

Indiana formada em Biblioteconomia, professora da *Polytechnic of North London*, *School of Librarianship* (Reino Unido), pesquisadora de classificação bibliográfica, sistemas de classificação, recuperação de informações e armazenamento. Foi a primeira doutora em Ciência da Informação do Reino Unido e do mundo. Seu artigo "A organização de conceitos para recuperação da informação" (1977) é uma referência de contribuição à Classificação, o

qual aborda a análise de sistemas de relações semânticas desenvolvidas por Farradane e Guilford, os mecanismos mentais e a origem dos conceitos básicos e os seus níveis de complexidade. A organização de conceitos, ou classificação em sentido *lato*, baseia-se parcialmente na psicologia do pensamento.

Suman Datta participou de atividades de integração social entre minorias étnicas e religiosas no Reino Unido, além de atuar em questões referentes ao espaço ocupado pela mulher na sociedade. Seu livro *Cultural diversity and libraries: today and tomorrow* (1989), em coautoria com Sylva Simsova, trata das complexas interrelações de diferentes grupos étnicos da mesma comunidade, propondo formas de atendimento nos serviços de biblioteca para atender à diversidade cultural.

Suman Datta lecionou sobre Classificação e Indexação na Inglaterra e no mestrado em CI, no Brasil, com forte influência do pensamento de Jason Farradane, seu orientador de doutorado. Suman Datta trabalhou em diferentes pesquisas sobre a organização e Recuperação da Informação com Farradane, o qual idealizou o sistema de indexação com nove operadores relacionais para indicar as relações entre termos através de etapas de discriminação no tempo e no espaço. Junto com Jack Meadows, Suman orientou a tese de doutorado *Patterns of communication in brazilian condensed matter physics: bibliometric and other investigations for the period 1950-1980* (1984), defendida na *Polytechnic of North London* pela professora Rosali Fernandez (Souza, 2022, p. 48).

5.2.8 Allan George Brown

Britânico, formado pela *Polytechnic of North London*, Alan Brown se destacou nas áreas de classificação e indexação, e seus estudos tiveram a influência do pensamento de Jason Farradane. A sua obra *An Introduction to subject indexing* (1976), escrita em colaboração com Derek Langridge e Jack Mills, foi relevante pelo conteúdo em classificação e indexação temática e pela originalidade do método de construção do texto. Aborda questões centrais de Classificação, como análise de assunto e a prática da classificação, a classificação decimal universal e o procedimento de catalogação de assunto em cadeia. O texto foi elaborado no formato de Instrução Programada, exigindo do leitor uma maior reflexão de leitura das perguntas e perspicácia para respondê-las (Souza, 2022, p. 47).

No IBBD, Alan Brown lecionou a disciplina Teoria e Prática da Classificação, além de abordar temas de catalogação, teoria e sistemas de classificação, técnicas de indexação e resumo, processamento de dados na documentação e administração de serviços de informação.

5.2.9 Ingetraut Dahlberg (1927-2017)

Nascida na Alemanha, cientista da informação, formada em Documentação, com doutorado em Filosofia, Teologia Católica, Língua inglesa (com foco em Linguística), História da Ciência e Biologia, entre as décadas de 1940 e 1960, em Frankfurt. Em toda a década de 1960, Dahlberg foi professora na *Johannes Gutenberg University Mainz*, na Alemanha, e trabalhou em diversas vertentes como pesquisadora e cientista da informação.

Na década de 1970, Dahlberg fundou a *Revista International Classification* (IC), que mais tarde foi nomeada como *Knowledge Organization* (KO) e criou a *Scientific Society for Classificatio*n e a *International Society for Knowledge Organization*. Sua obra clássica, *Ontical structures and universal classification* (1978), se destaca de sua ampla produção científica em Classificação, que foi fundamental para o desenvolvimento da concepção de sua Teoria do conceito. Dahlberg propõe princípios para representar os conceitos e evidenciar o caráter sistemático dessa atividade, relacionando a Teoria do Conceito com a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, demonstrando a propriedade de sua teoria nas atividades de informação.

Em 1971, Dahlberg foi membro do Grupo de Trabalho sobre Indexação e Classificação no Sistema de Informação das Nações Unidas para Ciência e Tecnologia (Unisist), criado pela UNESCO e presidido por Douglas Foskett (Almeida; Saldanha, 2022, p. 2). Dahlberg influenciou a abordagem americana sobre a Organização do Conhecimento no desenvolvimento sistemático de tesauros e práticas de indexação que ocorreram nos Estados Unidos.

No IBBD, junto com outros professores, ministrou disciplinas da linha de pesquisa Organização de Serviços de Informação. Em 1974, com a fundação da *Revista International Classification*, Dahlberg torna-se editora da coleção *Studien zur Klassification*, publicada pela *Gesellschaft für Dokumentation*, e passa a imprimir um novo estímulo ao estudo das classificações (Souza, 2022, p. 63). Dahlberg também desenvolveu a Classificação de Codificação da Informação (CCI), um sistema de classificação universal facetado, cobrindo cerca de 6.500 campos de assunto. Seus estudos recuperam realizações materiais, atualizando e promovendo a Classificação Facetada da Codificação da Informação, de base ontológica, como um sistema universal progressivo capaz de satisfazer quaisquer requisitos nos domínios da informação e da ciência em geral. Segundo Saldanha, Souza e Sales (2022, p. 60), a professora Dahlberg construiu uma trajetória teórica e empírica em busca de uma base da ordem universal do conhecimento e influenciou “uma geração de pesquisadores a partir de sua presença no país nos anos 1970”.

Na década de 1980, Dahlberg fundou a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), presidindo-a entre 1989 a 1996. Dahlberg criou o *Classification System for Knowledge Organization Literature* (CSKOL), um sistema organizado em dez classes subsequentes, sendo a primeira destinada a classificar os aspectos formais dos documentos, e as outras nove, a organizar os tópicos da área, como os processos e os instrumentos. O sistema CSKOL funciona como um instrumento de representação e pode ser consultado como fonte de busca das publicações nacionais e internacionais divulgadas pelos *Boletins da ISKO* em seu site (Moraes; Almeida, 2021, p. 3-4).

6 LINHAS EPISTÊMICAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No Brasil, a CI absorveu em sua formação teórica influências dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e outros países da Europa, de diversas fontes e autores que contribuíram historicamente para a construção epistemológica da área em momentos diferentes: Paul Otlet (1868-1944), Samuel Clement Bradford (1878-1948), Vannevar Bush (1890-1974), Ranganathan (1892-1972), Suzanne Briet (1894-1989), Jesse Shera (1903-1982), Robert Escarpit (1918-2000), Jean Meyriat (1921-2010) e Yves Jeanneret (1951-2020) (Souza; Carvalho; Ramos, 2020, p. 118). Paul Otlet, com seu *Traité de Documentation* (1934), e Mikhailov (1958), com seu projeto de uma nova disciplina, a *Informatika*, foram significativos para o campo e antecederam o período considerado o marco – década de 1960 – para a consolidação da área e sistematização das pesquisas teóricas (Araújo, 2018, p. 15).

Os antecedentes conceituais e históricos da CI e as políticas científicas voltadas para a pesquisa de pós-graduação influenciaram teoricamente as linhas epistêmicas da CI, no Brasil, permitindo que ela dialogasse com várias áreas, como a Informática, a Computação, a Engenharia, a Matemática, absorvendo novos conceitos e encontrando outras perspectivas até se constituir como campo. O conhecimento que circulava entre os pesquisadores em associações e eventos científicos nacionais e internacionais, a partir da década de 1950, estimulou a institucionalização da CI, tornando-se um meio necessário para a produção do conhecimento interdisciplinar – e quando as teorias e os métodos são trocados, eles se transformam ao cruzarem suas fronteiras disciplinares.

Segundo a interpretação histórico-epistemológica de Pinheiro (2005b, p. 17), com base nos artigos de revisão da ARIST (1966-2003), a CI evoluiu conceitualmente no Brasil a partir do amadurecimento da pós-graduação. Entre 1970 e 1989, na tentativa de delimitar o seu campo epistemológico, a CI se apropriou de conceitos e disciplinas de outras áreas em busca de princípios, metodologia e teorias, além da inclusão de novas tecnologias. A interdisciplinaridade da CI, segundo Pinheiro (1999, p. 176-177), pode ser atribuída a certas mutações e tendências ao longo do tempo ou predominância de algumas disciplinas em correntes oriundas de países como os Estados Unidos e a antiga União Soviética. Pinheiro (2005, p. 17) afirma que a "fase conceitual e de reconhecimento interdisciplinar" da CI ocorreria na conferência do Georgia Institute of Technology (ou Georgia Tech), em 1962, quando a disciplina foi formulada pela primeira vez; no *Relatório Weinberg: ciência, governo e informação*, nos Estados Unidos, em 1963; no trabalho *Informatika*, de Mikhailov (1966); no

estudo de Rees e Saracevic (1967); e no artigo de Borko, "*Information science: what is it?*" (1968).

Na visão da vertente americana, a CI estava mais voltada para as tecnologias de informação, como a Ciência da Computação, a Cibernética e a Engenharia de Sistemas, mas também com a Biblioteconomia. Já na antiga União Soviética, tendo Mikhailov como representante, houve uma concentração em áreas como Biblioteconomia, Psicologia, Linguística e Semiótica, mas também com a tecnologia de computadores e a Cibernética. Para Douglas Foskett (1980b, p. 56), a CI surge da "fertilização cruzada" da "velha arte da Biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos meios de comunicação", além da Psicologia e da Linguística, a qual foi reconhecida por Borko, nos Estados Unidos, em 1968 (Pinheiro, 1997, p. 109).

A consolidação da expressão Ciência da Informação ocorreria, no entanto, devido à participação dos pesquisadores em eventos e associações científicas realizados entre as décadas de 1950-1960; à criação do curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD em 1970; ao lançamento da revista *Ciência da Informação* em 1972; e, finalmente, à mudança do nome Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em 1976 (Pinheiro; Oliveira, 2012, p. 116). Ortega concorda que a instauração do curso de mestrado contribuiu para que a denominação Ciência da Informação passasse a ser mais amplamente adotada, "ainda que com certa falta de clareza sobre sua significação e baixa capilaridade entre a comunidade profissional" (Ortega, 2009a, p. 18).

Com base na afirmação de Thomas Kuhn (1989, p. 35), de que "a tecnologia desempenha um papel vital no surgimento de novas ciências", podemos dizer que esta foi uma ferramenta indispensável para quebrar paradigmas com a aplicação da informática e da eletrônica no desenvolvimento da CI. A introdução e a transferência de novas tecnologias de informação trazidas pelos professores estrangeiros para o Brasil, na década de 1970, era o que havia de mais moderno para a área, como a produção em microfichas do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas (CCN), o desenvolvimento do formato CALCO (Catalogação Legível por Computador), as bibliografias especializadas nacionais computadorizadas, a internacionalização de bases de dados estrangeiras e o desenvolvimento de bases de dados nacionais (Vieira, 1995, p. 2).

Por causa desses empréstimos e ressignificação de valores entre as áreas, há um consenso entre os pares de que a base da Ciência da Informação brasileira é interdisciplinar e polissêmica:

ou por ter recebido contribuições de outras áreas; ou por ter havido uma interação social entre cientistas da engenharia, da computação e de documentalistas; ou por ter se apropriado de conceitos, práticas, métodos, teorias ou produtos oriundos de diferentes disciplinas científicas. Para Saldanha (2020, p. 150), a própria Biblioteconomia, por ser uma disciplina humanista desde sua origem, permitia esse diálogo entre as disciplinas. Mas foi a partir da aproximação entre a Documentação, a Biblioteconomia e o conceito de Informação Científica, em que estudiosos já tentavam compreendê-la e defini-la de acordo com suas aplicações, é que se estabeleceram as condições para a sua evolução conceitual: "[...] suas raízes, em princípio, vêm da bifurcação da Documentação/Bibliografia e da Recuperação da Informação" (Pinheiro, 1999, p. 155).

6.1 Documentação

Os alunos do curso de especialização do IBBD já haviam assimilado o conceito de uma das bases epistemológicas da Ciência da Informação, a Documentação, muito antes da criação do curso de mestrado. Os cursos de pós-graduação ministrados pelo IBBD herdaram, desde a década de 1950, o entendimento otletiano sobre o conceito da Documentação e de seus princípios, do documento como um objeto com conteúdo e contexto, que transmite informação para obter valor documental. Paul Otlet e seu colega Henry La Fontaine instituíram a Documentação enquanto ciência positivista do livro, no século XIX, e o IBBD absorveu o conceito de Documento do belga, assim como adotou a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU) em suas bibliografias e no curso de Biblioteconomia (Araújo, 2018, p. 10).

A criação do Repertório Bibliográfico Universal (RBU), a fundação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) e o Escritório Internacional de Bibliografia (EIB) e a idealização do I Congresso Internacional de Bibliografia, em 1895, são algumas das ações de Paul Otlet que fazem parte dos principais eventos que influenciariam os conceitos teóricos em Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia **(**Apêndice 4**)** na formação epistemológica da CI. A teoria da documentação ganhou a contribuição de muitos estudiosos na área, impondo-se como fazer científico, validando-se como uma ferramenta de produtividade da ciência e elegendo o documento como seu objeto de estudo para representar sua materialidade (Murguia, 2013, p. 2).

Em 1903, Paul Otlet cunhou o termo em francês *Documentation*, traduzido para o inglês em 1908, para designar o processo de fornecimento de documentos para todos aqueles que

buscam informação. No mesmo ano, sugeriu a formulação de uma nova disciplina relacionada ao livro, *A ciência da Bibliografia e da Documentação*, considerando não só a palavra escrita, mas os diversos formatos de registro para representar todos as formas de conhecimento. Paul Otlet e La Fontaine entendiam que a bibliografia se restringia aos livros e desenvolveram o conceito de Documentação, tema que seria discutido na X Conferência Internacional de Bibliografia em 1931 (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 1). Em 1905, Otlet lançou a CDU, inspirada na CDD, que ele já vinha desenvolvendo ao longo de um período de dez anos com a cooperação de acadêmicos de todo o mundo. Em 1910, Otlet idealizou o *Mundaneum*, também conhecido como Cidade do Conhecimento e originalmente chamado de *Palais Mondial*: o projeto de uma biblioteca democrática em forma de museu que reuniria o acervo global em vários formatos. O objetivo era criar um sistema de organização e disseminação da informação que pudesse ser disponibilizado para qualquer pessoa de qualquer lugar do planeta.

Embora Otlet não tenha conseguido concretizar o seu sonho, a biblioteca digital do *Google* possui o mesmo princípio conceitual de compartilhamento do acervo global, em vários formatos, disponibilizado atualmente pela internet. A *Web* é um modelo muito próximo de seus estudos precursores*,* possibilitando que a informação chegue aos lugares com acesso *on-line*. O modelo de fichas e folhas de formato padronizado também representam um dos maiores componentes dos modernos sistemas de hipertexto, os *links,* e os sistemas de navegação digital (Pereira; Kroeff; Correa, 2018, p. 52). Entre os problemas informacionais encontrados ainda hoje na sociedade, o excesso de publicação, as deficiências dos mecanismos de busca, as formas de armazenamento e a recuperação da informação (p. 69) são questões que foram abordadas pelo belga durante sua vida. Otlet sempre se preocupou com a produção do conhecimento humano, a documentação, sua representação e com a democratização do acesso à informação – expressão que ainda não existia em sua época. Depois da morte de La Fontaine (1943) e de Paul Otlet (1944), outros estudiosos deram continuidade ao desenvolvimento da Documentação em vários países, como Bradford (1951), Suzanne Briet (1951), Bryan Vickery (1959), Jesse Shera (1966), entre outros, cujas ideias influenciaram igualmente o conceito de documento no Brasil (Ortega, 2009a, p. 7-8).

Algumas teorias se desenvolveram historicamente em diferentes domínios científicos como resultado da ruptura do conceito integrador de Otlet em seu *Tratado de Documentação* (1934), e López Yepes (1995) analisa cada uma delas na tentativa de formular um conceito para a Ciência da Documentação. Na perspectiva biblioteconômica, López Yepes (1995) agrupou todas as doutrinas que contribuíram para a explicação do conceito de Ciência da Documentação

a partir de uma posição de subordinação à Biblioteconomia, cujos representantes são Bradford ou Shera. Tendo em vista os cinco elementos que definem uma ciência em relação ao seu domínio (natureza, tipo, conteúdo, foco e função), houve muitas tentativas para a formulação de um conceito durante décadas. Dentre as várias propostas, podemos citar: Bibliografia (1802), *Librarianship* (1818), *Library Science* (1851), *Information Desk* (1891), *Documentation* (1903), *Information Bureau* (1909), *Information Work* (1932), *Information Retrieval* por Calvin Mooers (1950) e *Information Scientist* por Jason Farradane (1953) (López Yepes, 1995).

A francesa Suzanne Briet (1894-1989), bibliotecária da Biblioteca Nacional da França, documentalista, historiadora e discípula de Paul Otlet, deixou como contribuição a publicação *Qu'est-ce que la documentation?* (1951) (Ortega, 2009b, p. 65). O livro, que foi traduzido para o espanhol, em 1960, e para o inglês, em 2006, é uma reflexão conceitual da ciência e da cultura sobre a documentação no contexto do pós-Guerra, a partir da Teoria Matemática da Comunicação, de Claude Shannon (1948) e Warren Weaver (1949), e aborda a relação homem-máquina (Blázquez Ochando, 2012, p. 58). Para a autora, qualquer objeto passível de catalogação, classificação científica ou ideológica é um documento oficial inicial, e todos os outros tipos de documentos gerados a partir dele são secundários ou derivados. Assim como a Documentação, "Unidades documentais" (ou unidade de pensamento) iconográficas, metálicas, monumentais, megalíticas e fotográficas foram consideradas fundamentais por Briet como ferramentas para auxiliar na busca científica do trabalho intelectual humano (Briet, 1951, #13). Quinze anos mais tarde, Jesse Shera usará o termo "registro gráfico" com o mesmo significado de documento, rejeitando a noção que Briet deu ao documento como evidência.

O Brasil também recebeu a influência das escolas anglo-saxônica, alemã e russa na perspectiva informativa da Documentação, considerando o processo de informação uma variedade, em que o sujeito emissor é o documentalista, o sujeito receptor é o investigador, e a mensagem é o documento (López Yepes, 1995, p. 154). A corrente Soviética, representada por Chernyl, Gilyarevskii e Miklailov, nas décadas de 1960 e 1970, preferiu o termo mais amplo *Informatika* para a Documentação, baseado no movimento de informação científica desenvolvido por Paul Otlet e La Fontaine (López Yepes, 1995, p. 71). Esse termo foi utilizado para se referir especificamente à disciplina que estuda a informação científica, incluindo sua teoria, história e metodologia, de forma que não dificultasse sua compreensão. Sob a influência da União Soviética, a corrente anglo-saxã desenvolveu, na Alemanha, uma abordagem documentalista que designava o termo Documentação para a informação especializada, em

reação à tradução para o alemão do trabalho *Information Science: What is it?* de Herald Borko (1968) (Ortega, 2009a, p. 17).

A partir de 1960 a nomenclatura *Information Science* é aceita pela comunidade científica, incorporada aos poucos ao vocabulário e amplamente utilizada (Pinheiro, 2005b, p. 39). E com o envolvimento de profissionais de áreas técnicas em atividades ligadas à informação científica, a CI passou a ser representada pela Recuperação da informação, pelo armazenamento em computadores, e não mais relacionada à Documentação ou à Biblioteconomia especializada (Ortega, 2009a, p. 15). Essa característica tornou-se uma das principais origens da CI nos Estados Unidos, nos anos 1960, absorvendo todos os conceitos anteriores, desde Bibliografia (1802) – Tefko Saracevic foi o representante dessa nova abordagem que mais tarde seria transmitida aos alunos do IBBD.

O ensino da Documentação chegou ao Brasil, também, em decorrência do acordo de colaboração científica internacional que já vinha ocorrendo desde a década de 1950 por meio da UNESCO. Herbert Coblans, por exemplo, além de ministrar cursos sobre Documentação no IBBD, publicou vários artigos sobre Documentação na *Revista do Serviço Público* do DASP e manteve contato com vários bibliotecários brasileiros. Seu pensamento sobre a prática pedagógica em Documentação, suas publicações e envolvimento na criação do IBBD repercutiram na criação do mestrado (Fonseca, 2023, p. 533-534). Célia Zaher (1995, p. 3) foi a primeira professora de Pesquisa Bibliográfica e de Documentação, disciplina que havia aprendido como aluna da *Columbia University*, nos Estados Unidos, e mais tarde passou a ensinar Processamento de Dados em Documentação. Célia achava que os bibliotecários deveriam atuar, também, junto a editores, livreiros e na indexação de conteúdo e resumos de revistas e periódicos (Zaher, 1995, p. 6).

O pensamento da Biblioteconomia francesa sobre o conhecimento cultural e a preservação do patrimônio intelectual foi aplicado e defendido no Brasil, estendendo-se aos cursos de especialização e mestrado do IBBD. Jesse Shera, mesmo sendo considerado um representante do pensamento norte-americano sobre Documentação, foi um dos pioneiros dessa filosofia pedagógica e inseriu a Documentação no currículo mínimo do Curso de Documentação Científica (CDC) no IBBD em 1962 (Paiva; Silva, 2021, p. 189). A matriz francófona da documentação foi aplicada na Biblioteconomia americana e influenciou a Biblioteconomia do Brasil, aos documentalistas e estudiosos da Ciência da Informação (Paiva; Silva, 2021, p. 185-186).

> [...] se o Brasil caminhou rumo à constituição de abordagem de Ciência da Informação preconizada nos Estados Unidos, suspeitamos que já recebia influência anterior do movimento da Documentação desse país. Portanto, a influência da Documentação europeia sobre o Brasil, ocorrida do final do século XIX aos anos 1930, mesmo que pontual, foi efetiva. Já a retomada da Documentação a partir dos anos 1950 contou simultaneamente com insumos europeus e estadunidenses. (Ortega, 2009b, p. 75)

A herança europeia da Documentação somou-se à *expertise* tecnológica dos cientistas norte-americanos, garantindo ao ensino da pós-graduação do PPGCI uma característica funcionalista, pragmática e tecnicista para a área, voltada para a formação profissional dos bibliotecários. Essa visão herdada da Teoria Matemática da Comunicação fez com que a informação perdesse sua subjetividade e suas relações com o fenômeno social, e aos poucos a Ciência da Informação foi se distanciando dessa abordagem, mas continuou recebendo a contribuição de diferentes áreas do conhecimento, dialogando e se reapropriando de conceitos ressignificados. Algumas áreas epistêmicas começaram a se desenvolver no Brasil e tiveram a contribuição dos professores americanos e britânicos, reforçadas pela literatura importada e aplicadas nas disciplinas ministradas no curso de Mestrado em Ciência da Informação.

6.2 Recuperação da Informação

Quando a informação é recuperada, ela é organizada e configurada a partir de conceitos e relações semânticas, e só depois é transformada em conhecimento, completando o círculo informacional e realizando a comunicação. Examinar o documento, identificar seu assunto principal e analisá-lo são etapas do processo de classificação para enquadrá-lo na classe do conhecimento que esse documento será inserido quando recuperado (Lima, 2020, p. 63). Para a CI, a Recuperação da Informação (RI) sempre foi uma de suas principais atividades e a maior fonte de relações interdisciplinares. Devido às suas aplicações tecnológicas em sistemas de informação proporcionadas pelo computador, essa vertente interdisciplinar influenciou as concepções práticas e epistemológicas do campo e as disciplinas oferecidas pelo PPGCI (Vieira; Karpinski, 2018, p. 136). Segundo Tefko Saracevic (1996, p. 44), a evolução da RI seria a principal responsável pelo surgimento da CI, e o seu paradigma evoluiu para contextos de usuários e interação, recebendo o reconhecimento de que "a base da Ciência da Informação está relacionada com os processos de comunicação humana" (p. 47).

Calvin Mooers foi quem cunhou o termo *Information Retrieval*, em 1951, e nos forneceu uma classificação útil para distinguir entre as áreas de trabalho ou discussão e as relações

interdisciplinares: a RI enquanto campo do conhecimento científico buscou solucionar a representação da informação, sua especificação e mecanismos de busca. Para Lancaster (1993, p. 202) a história do desenvolvimento dos sistemas de RI engloba o mecanismo de indexação de um vocabulário controlado e a disponibilidade legível de textos, de forma que o computador realize as buscas por combinações de palavras. Enquanto campo de organização e recuperação do conhecimento, entre as ferramentas da RI estão a classificação, os tesauros, a taxonomia e as ontologias (Lima, 2020, p. 71).

As primeiras disciplinas oferecidas no curso de mestrado se aproximavam dos Sistemas de Recuperação da Informação com enfoque sistêmico. Hagar Espanha Gomes (1990, p. 170) afirmou, em entrevista concedida à revista *Ciência da Informação*, que "os grandes avanços nas técnicas de recuperação com auxílio do computador estavam nos Estados Unidos, [...] na Case Western Reserve University", cujos representantes vieram para o IBBD, na década de 1970, com recursos do British Council e da Fundação Ford: Jesse Shera, James Perry, Allan Kent e Jessica Perry. James Perry veio primeiro e contribuiu com o que havia de mais moderno na área de linguística computacional; depois veio Jessica Perry; e por último, Tefko Saracevic, que indicou outros professores na mesma linha de pensamento e atuação, convidados com o apoio do CNPq – Frederick Lancaster e Suman Datta também tiveram o apoio do CNPq.

Frederick Lancaster tinha uma visão moderna sobre técnicas de recuperação e previu que as bibliotecas físicas acabariam à medida que os computadores começassem a fazer parte do dia a dia das pessoas e aumentasse a procura por buscas eletrônicas. Lancaster sempre defendeu a ideia da busca virtual e das publicações digitais, registrando suas ideias em *Toward paperless information systems* (1978) e em obras posteriores. Lancaster já havia sugerido à *Central Intelligence Agency* (CIA), no começo dos anos 1970, o desenvolvimento de um sistema de tarefas em um ambiente sem papel para que os analistas pudessem recuperar arquivos em sistemas automatizados e em bases de dados *on-line* para receber mensagens eletrônicas. Lancaster também previu a desinstitucionalização dos bibliotecários, de forma que pudessem trabalhar gerenciando informações como consultores para qualquer tipo de instituição que não fosse a biblioteca (Araújo, 2009, p. 135-136). Como já mencionado, Lancaster foi o professor do IBBD que obteve o maior número de orientandos, quando lecionou as disciplinas Indexação e Sistemas de Recuperação de Informação (SRI) no mestrado, além de contribuir com a implantação de novos cursos. As 24 dissertações orientadas por ele abrangem diversos temas, incluindo as Linguagens de Indexação (LI), sua implementação e a avaliação de sistemas de RI,

chegando a 34 até o ano de 1981 (Souza, 2022, p. 49). Lancaster, portanto, formou a maior parte dos alunos que pesquisaram Recuperação da Informação entre a década de 1970 e 1980.

Jack Mills dedicou-se ao desenvolvimento da classificação e da recuperação de informações com base na tradicional análise de facetas de Ranganathan, que é relevante para os sistemas tradicionais de classificação e de OC. Sua metodologia suporta a geração de tesauros, listas de cabeçalhos de assuntos e criação de vocabulários estruturados para metadados. Quando ele publicou a segunda edição de Bliss (BC2), incorporou todo o *corpus* da teoria de RI desenvolvida pelo CRG, cujas fichas servem de exemplos de estruturas e representam um novo esquema de classificação britânico. Desde a década de 1970 que suas edições incorporam muitos recursos da classificação totalmente facetada, cujas técnicas de análise podem ser encontradas em muitos *softwares* de recuperação comercial em sistemas de busca e em projetos de pesquisa de instituições acadêmicas e organizações profissionais (Broughton, 2010).

James Perry foi um dos pioneiros americanos que se especializaram em técnicas de RI com auxílio do computador, Sistemas e Linguagem de Indexação, Sistema de documentação mecanizada e Linguística computacional. O cientista desenvolveu métodos que permitem a codificação de resumos relativos a informações factuais no domínio da ciência e da tecnologia, assim como indexação alfabética e codificação para cartões perfurados selecionados à mão, tornando-os passíveis de operações de pesquisa, seleção e correlação realizadas por equipamentos eletrônicos automáticos. Seus testes demonstraram que tais métodos possuem utilidade prática para fornecer serviços de informação essenciais para o planejamento e condução eficientes de programas de investigação e desenvolvimento (Perry, 1961, p. 787).

Em 1955, James Perry aplicou a Consulta automática de dicionário para substituir os termos da linguagem natural em resumos gramaticalmente normalizados por códigos semânticos para denotar os principais aspectos do significado de cada termo específico, tornando os conceitos genéricos mais disponíveis para as pesquisas automáticas. Os resumos permitiam as relações determinadas de forma observacional ou experimental através de frases ou estruturação de frases adequadas ao escrever artigos científicos (Perry, 1961, p. 787; Cordeiro; Pret, 2018). Com base nesse princípio, atualmente, *sites* como *Google translator, DeepL translate, Reverso, Cambridge Dictionary, Translator.EU, Microsoft Bing, Leos' Dictionaries,* entre outros, permitem a tradução automática de textos, inclusive de todo o arquivo em vez de só trechos.

Brian Vickery (1986) defendia que deveria haver uma avaliação humana e reflexiva dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), quando houvesse a recuperação da informação com o raciocínio automático realizado pelo computador, utilizando representações e estruturas internas de processamento. O cientista abordou as necessidades de transformação das concepções de representação e recuperação diante das novas tecnologias, pois a forma como esse conteúdo é armazenado, organizado e estruturado é um problema a ser considerado em sua representação simbólica. Para Vickery (1955), a RI deveria resultar do tratamento temático dado aos documentos na entrada dos sistemas, e a base do sistema de RI deveria ser uma rede interligada de termos (Cordeiro; Pret, 2018, p. 537). Douglas Foskett (1970) também questionou se todas as atividades humanas poderiam ser representadas e explicadas através de respostas elementares simplificadas. Para ele, tanto a representação documentária quanto a RI automatizada deveriam ser analisadas como processos comunicacionais interativos, dentro de um contexto social, cultural e político, como parte da sociedade à qual pertencem (Cordeiro; Pret, 2018, p. 544). O cientista defendia a intervenção ética do homem diante de qualquer procedimento automático realizado pelo computador no processo de recuperação da informação.

O conceito dos *hiperlinks* criado pelos membros do *Classification Research Group* (CRG), em 1948, baseou-se na centralização da recuperação da informação em lugar da representação, e na automatização computadorizada dessa recuperação a partir de regras e princípios operativos formalizados (Cordeiro; Pret, 2018). Essas noções, presentes nos estudos da Organização do Conhecimento (OC) com foco no usuário, são consideradas fundamentais na CI e são utilizadas até hoje pela *web* semântica, que se utiliza dos mesmos sistemas tradicionais da OC para a recuperação da informação automatizada e a organização de seus conteúdos. Na história da evolução de sistemas e utilização automática para recuperação da informação, os problemas de RI se intensificaram com os textos eletrônicos, os bancos de dados, as redes e as novas tecnologias, e os sistemas passaram de um contexto restrito para um alto grau de interação, com todas as implicações que acompanham a interação humano-computador. Se antes tínhamos o uso dos cartões perfurados, o CD-Rom, as bases documentais, os textos escritos, hoje temos os *hiperlinks*, as interfaces inteligentes, as bases de conhecimento, os textos multimídia (Saracevic, 1996, p. 44-45). Naquela época, a base teórica da CI estava relacionada aos processos de comunicação humana, à tentativa de facilitar a transmissão da informação ao usuário. Com o passar do tempo, a RI se transformou em um processo altamente interativo e, atualmente, essa ainda é uma questão em pauta, principalmente na comunidade

acadêmica, diante da aplicação indiscriminada da Inteligência Artificial (IA) em diversas áreas científicas e em diversos setores do mercado.

6.3 Bibliometria

Paul Otlet, em seu *Tratado de Documentação* (1934), dedicou o capítulo "O livro e a medida" à Bibliometria, abordando-a como uma parte da bibliologia voltada para a medida aplicada aos livros: "A 'bibliometria' será a parte definida da bibliologia que se ocupa da medida ou quantidade aplicada aos livros (aritmética ou matemática bibliológica). Todos os elementos estudados pela bibliologia são, em princípio, suscetíveis de medição" (Otlet, 1934, p. 18). Nesse mesmo ano, Samuel Bradford publicou o resultado de seus estudos sobre a dispersão de artigos em coleções de periódicos e, em 1948, retoma o tema em seu livro *Documentation*, transformando-o em lei – Lei de Bradford (Pinheiro, 1983, p. 62). Se na década de 1930 a Bibliometria voltava-se para a prática em gestão de coleções em bibliotecas, a partir dos anos 1960 começam a surgir os estudos métricos da informação e a análise de citações de publicações científicas. Em 1964, o norte-americano Eugene Garfield, que também idealizou o Fator de Impacto (FI), elabora o primeiro índice de citações, o *Science Citation Index* (SCI), no Scientific Information (ISI) (Pinheiro, 2021). A análise de citações contribuiu para a compreensão da relação entre documentos citantes e citados e a dinâmica de funcionamento da ciência (Araújo, 2018, p. 41).

Em 1969, Alan Pritchard se destaca conceituando o termo Bibliometria em seu artigo "Statistical bibliography ou bibliometrics?" para indicar o tratamento quantitativo da comunicação escrita em substituição à expressão Estatística bibliográfica, que havia sido usada em 1922 por Wyndham Hulme. Entre os seus objetivos, a Bibliometria busca esclarecer os processos de comunicação escrita de uma disciplina por meio da contagem e análise de suas manifestações; demonstrar a evolução histórica de livros e periódicos com dados estatísticos; e determinar a utilização do seu uso em bibliotecas e instituições afins (Pinheiro, 2021, p. 15-17). Como podemos observar no Apêndice 5, esses estudos começam a se desenvolver no Brasil a partir do curso de mestrado, na década de 1970, envolvendo suas múltiplas aplicações, como os estudos de citações de Solla Price, a distribuição da literatura periódica, a utilização da Lei de Bradford e a frequência de palavras no texto da Lei de Zipf (Lima; Maia, 1973, p. 100).

Tefko Saracevic foi o professor que inseriu a Bibliometria na disciplina Processamentos de Dados na Documentação no curso de mestrado, e só a partir de então começam as pesquisas com esse tema, as primeiras dissertações e os primeiros professores brasileiros especialistas em

Bibliometria que formariam as gerações seguintes (Pinheiro, 2021). Podemos observar, no Apêndice 3, que a maior parte das dissertações apresentadas na década foram sobre o tema: sua orientanda Gilda Braga apresentou a primeira dissertação sobre Bibliometria, em 1972, dando continuidade ao ensino como parte integrante da disciplina Sistema de Recuperação da Informação, que só foi incluída como eletiva na matriz curricular em 1972. A segunda dissertação foi de Laura Maia de Figueiredo, também orientanda de Saracevic (Pinheiro; Loureiro, 1995, p. 12) – as duas foram apresentadas no mesmo dia.

O estudo de Saracevic (1992) sintetiza a origem norte-americana, a evolução da recuperação da informação como principal responsável para o surgimento da CI, sua interdisciplinaridade, a relação homem-tecnologia na construção de soluções tecnológicas, a inclusão e a interação do usuário, as formulações matemáticas de dinâmicas da comunicação e a bibliometria e cientometria como ferramentas métricas indispensáveis para o pesquisador (Pinheiro, 2005b, p. 34-35). O próprio desenvolvimento científico, "acentuado pelas tecnologias de informação, computação e telecomunicações, favorece as práticas de mensuração da informação e seu fluxo" (Bufrem; Prates, 2005, p. 9).

A primeira geração de estudiosos da Bibliometria (1960 a 1975), incentivada pelos estudos de Solla Price e Garfield, criou conceitos de produção, citações e métodos de medição, como contagem, mapeamento, grupos sociais, áreas etc. E a segunda geração, a partir de 1975, se configurou pelo reconhecimento de que a área poderia dar subsídios para a tomada de decisões em políticas de planejamento em ciência e tecnologia na sociedade (Oliveira, 2018, p. 38). A produtividade científica é um dos elementos da política nacional de ensino e pesquisa, cuja importância se reflete na destinação de verbas para o seu desenvolvimento. O trabalho de Solla Price, em 1950, evidenciando o crescimento exponencial da ciência, estabeleceu as bases para uma abordagem nova aos estudos de política científica, a qual foi adotada pelos países com alta tecnologia. Seus livros *Little science, big Science* (1963), traduzido para o português como *O desenvolvimento da ciência* (1973); e o primeiro volume de *Indicadores científicos: em busca de uma teoria* (1972), publicado pela National Science Foundation (EUA), influenciaram a Política de Ciência e Tecnologia. Na década de 1960, Solla Price criou "um conjunto de observações relevantes para os dirigentes das políticas científicas e tecnológicas de todos os países". Seus estudos sobre as relações entre C&T e suas implicações para a política científica têm importância para a compreensão e avaliação do seu impacto na sociedade (Braga, 1974, p. 168).

Entre as principais contribuições científicas de Solla Price estão a Lei da raiz quadrada de Price, ou Lei de Price, na qual propõe que metade das publicações é da raiz quadrada de todos os autores; os estudos do crescimento exponencial da ciência e da meia-vida da literatura científica; os estudos quantitativos da rede de citações entre artigos científicos, em que os graus de entrada e saída de uma rede de citações têm distribuições de lei de potência, tornando este o primeiro exemplo publicado de uma rede sem escala; e, finalmente, o Modelo de Price, uma teoria matemática do crescimento de redes de citações (Freeth *et al.,* 2008, p. 614). A abordagem de Solla Price estimulou uma corrente de investigação da bibliometria, a cientometria, a qual é estudada como especialidade da CI, mas também da sociologia do conhecimento ou estudos sociais da ciência (Christovão, 1995, p. 3). Seus estudos fazem a distinção entre Cientometria e Bibliometria e sobre metrias de informação e comunicação, desde Pritchard (1969).

O estudo de Pritchard utiliza a literatura como base no processo de comunicação do conhecimento e, a partir da análise estatística das características das publicações, ele identifica modelos de comportamento em padrões de análise de dados e em princípios como a Lei de Lotka, a Lei de Bradford e a Lei de Zipf. Os estudos iniciais dessas leis têm vínculo com a Bibliometria, utilizando-se das disciplinas de Estatística e Matemática, e com a Informetria, no uso de medidas relacionadas à recuperação da informação. Segundo a Lei de Lotka, grande parte da produção científica é produzida por poucos autores de maior prestígio, cujo número da produção se equipara ao de muitos autores com baixo volume de publicação em determinada área de conhecimento (Machado Jr. *et al.,* 2014, p. 4). A lei de Bradford, matemático e documentalista britânico, formulada em 1934, é uma lei de produtividade de periódicos muito utilizada na CI. Sua finalidade é estimar o grau de relevância de periódicos por meio do ordenamento decrescente da produtividade (p. 5). E a Lei de Zipf (ou Lei do Mínimo Esforço) mede "a frequência do aparecimento das palavras em vários textos, gerando uma lista ordenada de termos de uma determinada disciplina ou assunto" (p. 6).

Nessa área, William Goffman contribuiu com seus estudos sobre as duas leis de Zipf, derivando uma fórmula de transição e indicando as ordens de série para encontrar as palavras significativas de um texto em língua inglesa. A fórmula de transição de Goffman, a primeira lei de Zipf e sua segunda lei modificada por Booth foram aplicadas à língua portuguesa como veículo de representação da informação por Elza Lima Maia no IBBD. A pesquisa de Maia (1973, p. 99, 104) concluiu que a primeira lei de Zipf é válida para a língua portuguesa; sua segunda lei, tal como formulada, parece não ser válida para a língua portuguesa, mas pode ser

adaptada a esse idioma; e a fórmula de transição de Goffman pode sofrer uma adaptação para a língua portuguesa. A autora apresentou seu primeiro estudo como trabalho final à disciplina de Processamento de Dados na Documentação, ampliada como dissertação durante o Curso de Mestrado em Ciência da Informação, entre 1971 e 1972, tendo o professor Tefko Saracevic como seu orientador – que também foi responsável pela formação de nove mestres.

As ideias pioneiras britânicas sobre a bibliometria chegaram ao Brasil, também, por meio do intercâmbio de dois professores do PPGCI que realizaram a sua pós-graduação na Inglaterra, Aldo Barreto, que teve Jason Farradane como seu orientador de mestrado na City University London, e Rosali Fernandez de Souza, que teve Suman Datta e Jack Meadows como orientadores na Polytechnic of North London/Council for National Academic Awards (Pinheiro, 2013, p. 14). No início dos anos de 1970, houve um aumento de pesquisas em tratamento quantitativo e bibliometria, mas foi diminuindo no final da década e se estabilizando até meados dos anos 1990 (Oliveira, 2018, p. 39).

6.4 Toria da Classificação

O IBBD/IBICT herdou conhecimentos do indiano Shiyali Ranganathan (1892-1972), cuja contribuição à Teoria da Classificação foi um marco para as classificações bibliotecárias e bibliográficas, como o Colon Classification, a Classificação facetada (1930) e muitas obras de referência em Classificação. *As cinco leis básicas da Biblioteconomia*[3] (1931) foram criadas para orientar a organização dos documentos por assuntos. Ranganathan desenvolveu tipos de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como Taxonomia, Esquema de Classificação Bibliográfico, Tesauro, Ontologia e o Sistema de Classificação Bibliográfico (SCB), o qual permite definir relações e notações entre os itens do acervo bibliográfico, organizando-o e facilitando a busca e o acesso dos usuários às informações. Alguns sistemas se tornaram mais conhecidos, "ou por serem usados por um grande número de bibliotecas, ou por apresentarem estruturas e características relevantes de organização e representação do universo do conhecimento para diferentes necessidades e finalidades de recuperação de informação" (Souza, 2007, p. 107): a Classificação Decimal de Dewey (CDD), de 1876; a Classificação da Biblioteca do Congresso Americano (*Library of Congress Classification*), de 1902; a Classificação Decimal Universal (CDU), de 1905; a Classificação de Assunto de James Duff Brown (Subject Classification), de 1906; a Classificação Bibliográfica de Bliss (Bibliographic

[3] 1) Os livros existem para serem usados; 2) Cada leitor, seu livro; 3) Cada livro, seu leitor; 4) Poupar o tempo do leitor; e 5) A biblioteca é um organismo em crescimento (Ranganathan, 2009).

Classification), publicado em quatro volumes entre 1940-1953; e a Classificação dos Dois Pontos de Ranganathan (Colon Classification), de 1933 (Souza, 2022, p. 42). Atualmente, esses sistemas são utilizados nas bibliotecas, tanto físicas quanto digitais, para facilitar a busca de documentos e para catalogar os livros.

O ensino da Biblioteconomia no Brasil era voltado para a Classificação Decimal de Dewey (CDD), e a Federação Internacional de Documentação (FID) tentava introduzir a CDU, a fim de criar um sistema de classificação único para as bibliotecas. Célia Zaher, numa entrevista para a revista *Ciência da Informação*, conta para a professora Rosali Fernandez de Souza que o curso de mestrado precisava ter uma visão conceitual e teórica de todos os sistemas de classificação. Por esse motivo, Lydia Sambaquy e Jannice Monte-Mor convidaram os ingleses Douglas Foskett, Derek Langridge, Derek Austin, Bryan Vickery e Jack Mills, todos membros do *Classification Research Group* (CRG), para ensinar Teoria da Classificação aos alunos dos cursos do IBBD. Esses cientistas ingleses trouxeram para o Brasil sua experiência em teoria e pesquisa para ensinar conceito de sistemas com uma visão estrutural e conceitual de classificação mais do que de aplicação (Cordeiro; Pret, 2018, p. 537). Os sistemas classificatórios, os princípios da classificação facetada, o uso de atributos, os termos coordenados, a classificação cruzada e a ordem combinada de facetas são questões de classificação que emergem como a mais significativa contribuição britânica para o universo da CI (p. 532).

Com as falhas das classificações tradicionais e sem o auxílio de computadores, no contexto da Guerra Fria, houve a necessidade de uma renovação das classificações no gerenciamento mais automatizado da documentação acelerada dos países industrializados. Os cientistas que formavam a equipe do CRG, das áreas de química, engenharia, aeroespacial, biomedicina e indústria bélica, tiveram de elaborar princípios para o estabelecimento de hierarquias nos sistemas classificatórios, de modo a facilitar sua compreensão para os usuários da informação, visando o processo de indexação associado ao tratamento da quantidade de documentos (Foskett, 1962, p. 533).

> O CRG preocupava-se em explorar a variedade de princípios que poderiam ser estabelecidos para a construção de sistemas classificatórios e a ordenação na construção de vocabulários controlados, além de avaliar a sua adequação em várias situações ocorridas nos sistemas de recuperação da informação. (Cordeiro; Pret, 2018, p. 544).

Em 1955, o Manifesto do CRG foi lançado para tornar a Classificação facetada a base de toda a recuperação da informação (Pinheiro, 2013, p. 8), escrito por Brian Vickery com base

no pensamento de Ranganathan – alguns tesauros foram desenvolvidos com essa metodologia. O movimento da classificação facetada uniu especialistas de todo mundo, que se reuniam para discutir a implantação de outros grupos de classificação, como o grupo dos Estados Unidos (p. 14). A ideia de dividir os assuntos em categorias ou facetas*,* em grupos de classes reunidas por um mesmo princípio de divisão*,* permitindo flexibilidade aos sistemas e resolvendo o problema da classificação de assuntos, foi a maior contribuição de Ranganathan para os estudos teóricos de classificação bibliográfica. Com essa contribuição, Ranganathan representou para o século XX o que Dewey representou no século XIX, com seu sistema decimal, permitindo um arranjo relativo dos livros nas estantes e a difusão do livre acesso (Barbosa, 1972, p. 74).

Brian Vickery trouxe para o Brasil suas ideias sobre a função da Classificação na RI e a necessidade de uma classificação facetada como base para métodos de RI em seus trabalhos publicados durante a década de 1955. A sua obra clássica *Faceted classification: a guide to the construction and use of special schemes* (1960) é produto dessas reflexões que embasaram suas aulas no curso de mestrado, destacando-se na pesquisa em Classificação no Brasil (Souza, 2022, p. 49). No IBBD, Vickery lecionou disciplinas da linha de Organização de serviços de informação, abordando os temas de catalogação, teoria e sistemas de classificação, técnicas de indexação e resumo, processamento de dados na documentação e administração de serviços de informação.

A análise semântica era muito levada em consideração pelo CRG, de modo que a indexação por assunto dependeria de sua eficiência na coordenação de conceitos ou ideias expressos nos documentos. E um conjunto de conceitos declarados por um pesquisador/usuário deveria ser combinado com o já existente no sistema de informação (Foskett, 1962, p. 534). Em 1962, Douglas Foskett baseou-se na análise de facetas para criar uma espécie de sistema classificatório generalista, um conjunto primordial de termos, subarranjados de acordo com a teoria dos níveis integrativos de J. K. Feiblemann (Cordeiro; Pret, 2018, p. 537). De acordo com essa teoria, o universo se desenvolveu em níveis sucessivos de complexidade crescente, com cada um integrando o precedente, como partículas fundamentais (átomos, moléculas), de forma que todas as áreas do conhecimento pudessem ser ordenadas de acordo com esse princípio (Lancaster, 1986, p. 14).

Foskett (1970) descreveu os temas abordados pelo CRG até 1970, e partir daí “a classificação não seria mais considerada apenas um instrumento de arranjo físico dos livros nas estantes, mas como uma linguagem autêntica, cuja finalidade seria a pesquisa documentária” (Souza, 2022, p. 62). Com base na teoria dos níveis integrativos, Derek Austin (1970) criou a

noção de contextualização aplicada ao seu sistema de Linguagem de Indexação Precis,[4] desenvolvido em 1968. Dez anos depois, Foskett utilizou essa tese na teoria geral dos sistemas: "um sistema é um todo que não é senão a soma das partes que contém, mas ele próprio é parte de um sistema maior, e assim por diante" (*Classificação a priori ou a posteriori*) (Souza, 2022, p. 63). Essa nova técnica foi introduzida juntamente com o curso de pós-graduação em CI no IBBD (Barbosa, 1972, p. 73).

Douglas Foskett e Jack Mills contribuíram com as bases para a criação de linguagens documentárias; e John Eyre, assim como outros professores ingleses da área de administração, foram fundamentais na introdução de novas visões organizacionais (Gomes, 1995, p. 3). A obra clássica de Jack Mills, *A modern outline of library classification* (1960), foi um dos primeiros livros-textos a abordar os desenvolvimentos teóricos e práticos de Classificação em bibliotecas entre as décadas de 1940 e 1950 (Souza, 2022, p. 47). Como pesquisador e classificacionista, Mills trabalhou na revisão do complexo esquema de classificação, *Bibliographical Classification*, de Henry Evelyn Bliss, que apesar de ter sido concebido nos Estados Unidos, foi utilizado nas bibliotecas britânicas.

A produção literária de Frederick Lancaster e sua atuação pedagógica como professor no IBBD tiveram um impacto na CI brasileira, tanto para a área de Teoria da classificação quanto para a Teoria sistêmica, assim como seus colegas Tefko Saracevic, Douglas Foskett e Derek Langridge (Araújo, 2009). Tefko Saracevic deixou para a CI a noção de relevância como uma de suas mais significativas contribuições, seu tema de doutoramento. A relevância foi reconhecida na organização dos esquemas de classificação, cabeçalhos de assunto e catálogos como a medida de contato efetivo entre a fonte e um destinatário em diferentes contextos. Entre suas inúmeras publicações, o livro *Introduction to Information Science* (1970), que ele compilou e editou, trouxe contribuições à Classificação sobre Estrutura de Linguagens, Vocabulários de Indexação, Indexação Estatística e Probabilística, Indexação de Citações, Resumos, Codificação e Classificação e Representação Bibliográfica (Souza, 2022, p. 49-50).

Dahlberg também contribuiu para a Teoria da classificação com o desenvolvimento da Teoria do conceito, tema que foi relevante em suas aulas de Classificação no curso de mestrado (Souza, 2022, p. 48). Com a publicação da "Teoria do conceito" (1978), Dahlberg enfoca a referência do termo por meio de tipologias, funções, relações e extensão de conceitos

[4] Preserved Context Index System, um sistema de indexação de assunto pré-coordenado assistido por computador, desenvolvido em 1968 (Disponível em: https://www.librarianshipstudies.com/2017/08/precis-preserved-context-index-system.html0).

(Mendonça, 2000, p. 55). Em sua teoria, os elementos são articulados numa unidade estruturada, em que a análise e a síntese dos enunciados são verdadeiros e apresentados hierarquicamente como característica ou categoria (Dahlberg, 1978, p. 102). Assim como em Ranganathan, as categorias apresentadas por Dahlberg permitem representar o domínio específico, de forma que todas as características possíveis de um conceito possam ser listadas, com base nas categorias ARISTotélicas matéria (substância), qualidade, quantidade (extensão), relação, processo (atividade), modo de ser, passividade, posição, localização (lugar) e tempo (Lima, 2020, p. 71).

Baseados nos princípios classificatórios de Ranganathan, os membros do CRG desenvolveram pesquisas no tratamento temático da informação e realizaram aproximações entre a Teoria da Classificação e o processo de indexação, estabelecendo padrões para a representação da informação de forma a facilitar o desenvolvimento de sistemas automatizados de RI (Pret; Cordeiro, 1918). Essa abordagem facilitou a criação de linguagens documentárias e a interface entre o ser humano e o computador, permitindo maior interação entre os centros de documentação e bibliotecas especializadas (p. 544). O resultado dessas pesquisas, editados pelo *Journal of Documentation*, e das publicações de Brian Vickery, Jason Farradane, Douglas Foskett, entre outros, ficou como herança para a organização das áreas especializadas do conhecimento, possibilitando a indexação de grandes volumes bibliográficos nos sistemas de informação, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. O grupo ficou ativo até 1969, e alguns de seus membros tiveram diversos artigos publicados nesse período, além do registro de suas discussões em seus boletins anuais publicados pelo *Journal of Documentation* (p. 529) – literatura esta que foi utilizada como material didático no curso de mestrado do IBBD.

James Perry e Jessica Perry, especialistas em linguagens documentárias (ou linguagens de indexação) trouxeram contribuições relevantes com suas pesquisas e experiências profissionais em técnicas de indexação e em análise e implementação de sistemas de indexação. E a indiana Suman Datta, como já mencionado, ministrou aulas de Classificação e Indexação no mestrado do IBBD, com base no pensamento de Jason Farradane (Souza, 2022, p. 48). Segundo Alex Rivier (1992, p. 57), "as linguagens de indexação são linguagens artificiais – isto é, construídas a partir de um conjunto de regras – que servem para representar abreviadamente o conteúdo de um documento". O autor analisou os princípios teóricos da concepção das classificações, das Linguagens de Indexação (LI) em cadeia, dos tesauros e as implicações das teorias linguísticas e matemáticas em cem trabalhos da literatura especializada sobre os fundamentos teóricos da LI, desenvolvidos em mais de quarenta anos (p. 56). Seu estudo

concluiu que, nos países anglo-saxões, no Leste europeu e na índia, havia um número mais expressivo de estudos do que nos países de língua francesa. Dentre os principais estudiosos em LI, os que mais se destacaram foram Ranganathan, Allan Brown, Allan Kent, Derek Austin, Derek Langridge, Douglas Foskett, Ingetraut Dahlberg, James Perry, Jason Farradane, Jessica Perry e Wilfred Lancaster.

Um dos primeiros modelos de linguagens de indexação (LI) e teorias matemáticas, *A mathematical model System*, foi dos americanos James Perry e Allan Kent, publicado em 1957 nos Estados Unidos. Esse modelo é a parte teórica de um estudo consagrado à realização prática de um sistema de documentação, um "modelo reduzido", um léxico limitado de termos separados em categorias ou facetas, em que se observam por meio de simulação as propriedades desse sistema fechado e simples de ser manipulado (Rivier, 1992, p. 81). Na mesma época, outros modelos surgiram, e "o problema da indexação passou a ser visto do ponto de vista do usuário: como fornecer um subconjunto bom de documentos, entre os existentes no sistema, em resposta a uma demanda" (p. 81). Já na América do Norte, as pesquisas se utilizaram da indexação coordenada, que conduziria aos tesauros; e na Europa, tentou-se elaborar classificações com bases novas (p. 62). A contribuição britânica em LI foi a utilização do Sistema *Colon Classification* e da teoria facetada de Ranganathan para construir a base de modelos para os sistemas de informação de classificação e indexação. O CRG elaborou abordagens "do processo de indexação que dialogassem com a teoria da classificação e de suas aplicações nos sistemas de informação nas décadas de 1950 e 1960" (Cordeiro; Pret, 2018, p. 529-530).

Na década de 1970, tanto os cursos de especialização em Documentação quanto o curso de Mestrado em Ciência da Informação do PPGCI do IBBD tiveram a Teoria da Classificação como uma atividade central na ORC em sistemas de recuperação de documentos e de informação (Souza, 2022, p. 40). A teoria e a prática da classificação foram ensinadas aos alunos como disciplinas curriculares de catalogação, linguagens de indexação, processamento de dados e RI automatizada (Souza, 2022, p. 40). Somadas ao conceito de documentação de Paul Otlet e ao pensamento cultural da francesa Suzanne Briet sobre documento, o ensino da classificação no curso de mestrado conseguiu associar humanidades, ciência e tecnologia.

6.5 Organização do Conhecimento

A construção das práticas que passaram a ser denominadas Organização do Conhecimento teve influência direta de Paul Otlet em seu *Tratado de Documentação* (1934),

mas a OC tem sua origem histórica na base conceitual da Teoria da Classificação, com a qual muitas vezes é confundida na literatura (Gomes, 2009). O termo composto Organização do Conhecimento foi usado por Henry Evelyn Bliss em seus livros *The organization of knowledge and the system of the sciences* (1929) e *The organization of knowledge in libraries* (1933) e foi discutido em língua alemã com tradução direta para o inglês. A OC refere-se à organização social dos conceitos, à sistematização cognitiva do conhecimento e à construção de sistemas. Seu objeto de estudo é o conhecimento organizado e trata do "desenvolvimento de técnicas para a construção, gestão, uso e avaliação de classificações científicas, taxonomias, nomenclaturas e linguagens documentais" em bibliotecas, arquivos e outras unidades de informação (Alves; Oliveira, 2016, p. 104).

Em 1973, a OC foi reconhecida como área de estudo pelos membros da *International Society of Knowledge Organization* (ISKO), órgão presidido por Ingetraut Dahlberg. A alemã criou o periódico *Knowledge Organization* (1973) que futuramente substituiria o *International Classification*, publicado de 1974 a 1992. Os membros da ISKO sugeriram, por influência dos estudos de Dahlberg, que o conceito Classificação passasse a ser interpretado como um método que reunisse objetos semelhantes. Organizar o conhecimento, portanto, seria reuni-lo em uma estrutura sistematicamente organizada (Lima, 2020, p. 62). Nas palavras de Dahlberg, a OC é

> a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos. (Dahlberg, 2006, p. 12).

Dahlberg entendia a OC como "uma nova disciplina científica baseada no conceito proposicional de ciência", a partir da fundamentação teórico-científica, podendo ser considerada um subcampo da Ciência das Ciências no sistema universal de ciências (*apud* Miranda; Campos, 2022, p. 164). Seu estudo sobre os fundamentos universais da OC, de cerca de seiscentas referências bibliográficas, foi fundamental num momento em que a reforma do ensino superior brasileiro decidiu fragmentar os créditos e as disciplinas da matriz curricular. O resultado interdisciplinar de sua pesquisa mostrou que a classificação vai além da Biblioteconomia, apresentando a Filosofia, a Epistemologia, a Linguística e as Teorias científicas como um esboço formal de uma nova classificação universal (Souza, 2022, p. 63). Segundo Souza (2022, p. 48), "sua produção acadêmica reúne um referencial teórico consistente para proposição de diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento".

Já a Organização da Informação (OI), que teve a influência norte-americana, possibilitou estudos em Estrutura da informação científica e de comunicação formal na ciência (Gomes,

1990, p. 170). A OI envolve processos de representações de objetos informacionais, visando a recuperação da informação (RI) eficaz para os usuários – seu principal foco. Dahlberg (2006) definiu a OI como a ordenação de objetos para criar um elo com uma área e sua própria atividade. Enquanto a OC organiza o conhecimento, seus domínios, sistematizando-o para representá-lo, apoiada em seus conceitos e relacionamentos semânticos, a OI se utiliza desses instrumentos para representar o conteúdo de um documento com conhecimento registrado, para que ele seja recuperado eficazmente em um Sistema de Recuperação da Informação (SRI) (Lima, 2020, p. 62-63).

Em 1971, em *Two steps forward*, Derek Austin lançou as bases para a concepção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) em ambientes mecanizados, que hoje são utilizados em Taxonomia, Sistema de Classificação Bibliográfico, Tesauro e Ontologia (Perry, 1961, p. 787; Cordeiro; Pret, 2018). Os SOC são instrumentos da literatura com níveis de estruturação, formalidade e abordagens diferenciadas, "que atendem a aspectos e objetivos variados, do ponto de vista teórico e metodológico" (Lima, 2020, p. 71) – como Taxonomia, Sistema de Classificação Bibliográfico (SCB), Tesauro e Ontologia. Bryan Vickery (1975, p. 10) definiu a taxonomia como um instrumento próprio para "organizar todas as entidades de um universo em uma simples hierarquia: uma grande árvore na qual cada entidade pertence apenas a uma única classe, cada espécie a um único gênero, e assim por diante". O conjunto de termos é estruturado hierarquicamente para representar as áreas onde se aplica um mecanismo de acesso digital, como mapas conceituais de um domínio, navegação em *e-comerce*, em bibliotecas digitais etc. (Lima, 2020, p. 74). Derek Langridge definiu, em 1977, o Sistema de Classificação Bibliográfico (SCB) "como um mapa completo de qualquer área do conhecimento", com "todos seus conceitos e relações" (p. 74), para ordenar documentos em estantes ou pastas de arquivos, referências bibliográficas ou fichas catalográficas. Entre os diversos tipos de SCB, os mais conhecidos são: a Classificação Decimal de Dewey (CDD), de 1876; a Classificação da Biblioteca do Congresso, de 1902; a Classificação Decimal Universal (CDU), de 1905; e a Classificação dos Dois Pontos (CDP), de 1933 – todos ensinados aos alunos dos cursos do IBBD (p. 75).

O tesauro, segundo Gomes (1990, p. 16), é uma "linguagem documentária dinâmica", com termos semântica e logicamente relacionados, que abrangem um domínio do conhecimento. Frederick Lancaster (1986), estudioso das linguagens de indexação controladas, afirma que o primeiro tesauro moderno foi publicado em 1959 pela Sociedade Dupont de Nemours. A partir da década de 1960 os tesauros tiveram de ser aperfeiçoados, mas o aumento

dos acervos documentários e a crescente especialização do conhecimento dificultaram a sua atualização (Rivier, 1992). A ontologia foi estudada pela primeira vez na área da CI por Bryan Vickery (1997, p. 284), que a definiu como "uma formalização sistemática de definições de conceitos, relacionamentos e regras que capturam o conteúdo semântico de um domínio em um formato legível por máquina". No final da década de 1990, o termo ontologia começou a ser utilizado por pesquisadores da área de OC como mecanismo de representação do conhecimento (RC) e uso de expressão semântica (Lima, 2020).

A forma simbólica de representar o conhecimento está relacionada às formas de expressão da informação e é uma questão que sempre preocupou os estudiosos da Documentação desde sua origem (Lima, 2020, p. 66). Brian Vickery, por exemplo, fez um alerta sobre a representação simbólica da estrutura das bases de dados, dos programas de computação, da inteligência artificial e da construção de modelos cognitivos, com o desenvolvimento das tecnologias: "em todos esses campos, é necessário decidir como o conhecimento pode ser representado de forma que as representações possam ser manipuladas" (Vickery, 1986, p. 145). O cientista argumentou que os SOC são elaborados, constituem instrumentos de poder e são enviesados na prática, porque é na representação do conhecimento que estão todos os processos simbólicos conceituais do conhecimento humano: a classificação, a indexação e os aspectos linguísticos e computacionais. A nossa aprendizagem baseia-se na "capacidade de analisar, representar e organizar dados, informações e conhecimento", e por isso nós nos organizamos para recuperá-los (Lima, 2020, p. 60).

Segundo Derek Langridge (1977, p. 21), "toda classificação está relacionada a um propósito", e "os mesmos objetos podem ser classificados de maneiras diferentes, dependendo do propósito a que se destinam". No entanto, considerar que o conhecimento possa ser abordado de diversas formas não é o mesmo que desconsiderar que essas abordagens sejam arbitrárias e aleatórias. Bourdieu (1989, p. 14) afirma que os sistemas de classificação constituem a crença de um campo, são estruturados pelas relações de poder que os determinam e são estruturantes das mesmas relações de poder e do próprio campo. Não podemos considerar, portanto, que um SOC tenha sido construído ou utilizado sob uma perspectiva neutra ou imparcial. Segundo a professora González de Gómez (1999, p. 26), um dispositivo "não possui a neutralidade que o torna um instrumento para qualquer orientação ou intenção posterior", mas possui, "desde seu início, regras de formação e transformação. Considerados como dispositivos, os recursos de informação manifestam as trajetórias e deslocamentos do poder informacional".

Quanto aos aspectos culturais da OC, os cientistas Derek Langridge e Douglas Foskett, segundo Miranda e Campos (2022), contribuíram com inovações disruptivas nas Ciências Humanas e Sociais e com a quebra de paradigmas e modelos de Organização e Representação do Conhecimento (ORC) por meio da análise de domínio e de conteúdo na recuperação de informação. Eles "contribuíram para a consolidação da teoria, da prática, do ensino e do amadurecimento da organização do conhecimento enquanto domínio especializado do saber" para a construção de esquemas de classificação especializados nas Ciências Humanas e Sociais, que são a base dos Estudos Culturais (Miranda; Campos, 2022, p. 167). Os ingleses Jason Farradane, Douglas Foskett, Derek Langridge, Bryan Vickery e Jack Mills contribuíram significativamente para a área de OC em sistemas classificatórios, em recuperação automatizada da informação e em indexação, possibilitando os estudos em estrutura da informação científica e de comunicação formal na ciência (p. 174).

As atenções da Organização do Conhecimento e da Representação da Informação voltaram-se para o desenvolvimento de esquemas de classificação bibliográfica na tentativa de definir uma ordenação lógica dos acervos de bibliotecas mais adequada para a organização temática de itens em bibliografias especializadas e serviços de indexação (Souza, 2007, p. 106). Os professores Derek Langridge, Jack Mills, Alan Brown, Ingetraut Dahlberg, Suman Datta, Jessica Perry, James Perry, Frederick Lancaster, Brian Vickery e Tefko Saracevic ministraram as disciplinas da linha de pesquisa Organização de Serviços de Informação, no mestrado em CI, abordando os temas de catalogação, teoria e sistemas de classificação, técnicas de indexação e resumo, processamento de dados na documentação e administração de serviços de informação (Souza, 2022, p. 45). Em artigo publicado a convite do próprio IBICT, John Eyre (1995, p. 2) reconhece que, no início dos anos 1970, esses especialistas eram profissionais altamente gabaritados e com renome internacional, "capazes de dar um impulso muito necessário a todo o programa de educação profissional no Brasil".

Para a professora Rosali Fernandez (2022, p. 45), esses professores são personalidades que fundaram a classificação e marcaram o campo de estudo e pesquisa em ORC, tanto no exterior como no Brasil. E a partir de sua experiência como aluna da segunda turma de mestrado do curso do IBBD, Rosali Fernandez destacou a contribuição relevante do professor Derek Langridge**,** que também foi seu tutor acadêmico de estágio de pós-mestrado na Polytechnic of North London, Inglaterra (1974). A autora sinaliza que a obra de Langridge ainda hoje é uma referência relevante para o estudo da Classificação na ORC no contexto de sistemas de recuperação de documentos e informação, devido a sua estrutura, abrangência e forma de

enunciar e descrever os tópicos tratados sobre aspectos críticos da atividade de classificar em bibliotecas e em outros sistemas de RI (Souza, 2022, p. 45-50).

7 DISSEMINAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA DÉCADA DE 1970

Entre os vários acontecimentos considerados marcantes para a difusão do conhecimento na década de 1970, como as redes de telecomunicação, as gravações de fitas magnéticas, o Fax e o Telex, os computadores *mainframe* e redes precursoras, o vídeo cassete e as publicações científicas em plataformas globais de distribuição, Verri (2016) destaca a realização do curso de Mestrado em Ciência da Informação do PPGCI/IBBD, cuja inovação desencadeou outras ações para disseminar a produção científica. A falta de material didático específico para iniciar o curso de mestrado era um obstáculo grande, e a maior parte da literatura científica vinha de outros países, assim como havia poucos livros e artigos em língua portuguesa na área de Ciência da Informação. Diante dessa carência de bibliografia, Célia Zaher pediu aos professores estrangeiros que trouxessem com eles seus próprios livros e publicações – ela pretendia, com isso, criar uma pequena biblioteca de referências. Fazia parte obrigatória do acordo, portanto, que o professor trouxesse toda a literatura que ele fosse ensinar, os artigos que citasse e toda bibliografia dos seus próprios cursos (Zaher, 1995, p. 5).

Boa parte dessa nova e rica literatura foi traduzida para a língua portuguesa e publicada pela editora Calunga, da qual eram sócias Hagar Espanha Gomes, Maria de Nazaré Freitas Pereira (“Nazinha”) e Lena Vânia Pinheiro (2020, p. 3). Já na primeira coletânea publicada, *Ciência da Informação ou Informática?*, Hagar Espanha Gomes aborda a discussão sobre o termo Ciência da Informação para intitular a área que estaria muito além do simples processamento automático de informações nas atividades documentárias, que era o foco da época (Sales, 2023, p. 61). Entre os autores traduzidos por Hagar Espanha e publicados pela editora, estavam: D. J. Foskett, com “Informática e Ciência da Informação como disciplinas emergentes: implicações educacionais”; A. I Mikhailov, A. I. Chernyi e R. S. Gilyarevskyi, com “Estrutura e principais propriedades da informação científica (a propósito do escopo da informática)”; e Jesse Shera, escrevendo “Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação” (Pinheiro, 2020, p. 3-4).

A segunda coletânea, *A contribuição da Psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico-científica*, reunia D. J. Foskett, com um texto sobre “Psicologia do usuário”; S. R. Ranganathan, sobre “Psicologia e natureza do trabalho de usuários”; e uma terceira, de Maria de Nazaré Pereira, Hagar Espanha Gomes, Lena Vania Pinheiro e Regina Maria de Oliveira, “A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários de informação técnico-científica: uma abordagem comparativa”, a única de autoras brasileiras

(Pinheiro, 2020, p. 4). As duas coletâneas receberam gratuitamente os direitos autorais dos artigos para a publicação em língua portuguesa nos periódicos *Journal of Documentation, Journal of Librarianship* (UNESCO), *Bulletin for Libraries*, dos *Proceedings* da *International Conference on Training for Information* e da Federação Internacional de Documentação (FID) (p. 4). Depois de traduzida para o português, essa literatura se tornava acessível aos alunos e passava a atingir um público maior, sem precisar esperar muito tempo até chegar ao Brasil.

Os clássicos também foram publicados como artigos na revista *Ciência da Informação*, lançada em 1972, e tiveram importância na formação dos alunos. As revistas brasileiras em Ciência da Informação surgiram no início da década de 1970, e a revista *Ciência da Informação*, publicada pelo IBBD, foi a primeira revista da área a ser lançada no Brasil. Sua criação foi estimulada pela implementação do curso de mestrado e contou com a colaboração de alunos e professores, justamente para divulgar os trabalhos desenvolvidos nos projetos do curso, os resultados de suas pesquisas e as compilações de dissertações e teses, porque até então só havia os anais dos congressos como meios de divulgação científica (Gomes, 1981, p. 83).

Dumont *et al*. (1979, p. 187), numa pesquisa sobre a literatura brasileira de Biblioteconomia, comparam os artigos publicados na *Revista da Escola de Biblioteconomia* da UFMG (1972-1979), na *Revista de Biblioteconomia* da UnB (1973-1979) e na revista *Ciência da Informação* (1972-1979) do IBBD/UFRJ. Os resultados de sua análise preliminar comprovam que o periódico do IBBD foi o que mais publicou autores estrangeiros: dos 25 artigos publicados (26,6% da produção total da Revista), quatorze foram traduzidos e onze foram escritos em língua estrangeira. Houve uma predominância de autores americanos (14), ou que trabalhavam nos EUA, o equivalente a mais da metade de toda produção estrangeira. Essa literatura pode ter influenciado a maioria dos docentes a se especializar em países de língua inglesa, tendo em vista que tiveram em sua formação mais contato com a língua e a influência de autores que escreveram em inglês (p. 201-202).

O curso de inglês oferecido aos profissionais do IBBD, as traduções dos clássicos utilizados em sala de aula, assim como o intercâmbio de alunos que viajaram com bolsas de estudo para estudar na Europa e nos Estados Unidos, podem ter contribuído para quebrar a barreira linguística entre a literatura inglesa e os brasileiros no IBBD. Segundo o cinegalês Canagarajah (2002, p. 3-6), professor da Pennsylvania State University e especialista em imperialismo linguístico, “a escrita acadêmica ocupa um lugar central no processo de construção, disseminação e legitimação do conhecimento”. No entanto, áreas como Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas encontram dificuldades para penetrar nesse universo científico

internacional, principalmente as dos países periféricos, cujas comunidades "são tratadas como se não tivessem *know-how* e sofisticação teórica [suficientes] para transformarem o seu material em conhecimento válido" e reconhecido pelos pares.

Lillian Alvares, Carolina Alvares e Lena Vania Pinheiro (2018, p. 6-7), no artigo "Revista 'Ciência da Informação': memória da pesquisa científica em Ciência da Informação no Brasil", reconhecem a importância da contribuição do periódico para a CI a partir dos artigos dos autores/professores estrangeiros publicados na década de 1970 (Quadro 14). Em 1978, o número 2 da revista publica uma tradução do artigo "Teoria do conceito", que se tornou uma referência para a epistemologia da CI, no qual Dahlberg afirma que o conceito é uma ideia ligada às características dos objetos, uma representação com princípios que podem auxiliar em sua determinação e em suas relações (Dahlberg, 1978, p. 102).

Quadro 13 – Artigos de autores estrangeiros publicados na revista Ciência da Informação (década de 1970).

Edições	Artigos	Autores
Vol. 1, n. 2, 30 dez. 1972.	Libraries, technology, and the need to know.	La Vahn Marie Overmyer
Vol. 2, n. 2, 30 dez. 1973.	*Toward a theory of Librarianship and Information Science.*	Jesse H. Shera
Vol. 3 n. 1, 30 jun. 1974.	Tecnologia da informação, sistemas de informação e informação como utilidade pública. Tradução: Hagar Espanha Gomes e Gilda Maria Braga.	Tefko Saracevic
Vol. 3, n. 2, 30 dez. 1974.	*Society's needs in scientific and technical information.*	Derek de Solla Price
	Literature growth and the retrieval system in scholarly communication.	Bert Boyce
Vol. 4, n. 1, 30 jun. 1975.	*Studies in Scientometrics I Transience and Continuance in Scientific Authorship.* Obs.: Este artigo foi publicado, também, no n. 2 do vol. 4, em 30 dez. 1975.	Derek de Solla Price e Suha Gürsey
Vol. 4, n. 2, 30 dez. 1975.	*Quasi-metric spaces and information systems*.	Thomas G. Morris Jr. e William Bill Goffman
	Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo.	Frederick W. Lancaster

	Studies in scientometrics II. The relation between source author and cited author populations.	Derek de Solla Price e Suha Gürsey
Vol. 5, n. 1 e 2, 30 dez. 1976.	*The information services librarian.*	Frederick W. Lancaster
Vol. 6, n. 1, 30 jun. 1977.	A organização de conceitos para recuperação da informação.	Suman Datta
	Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia.	Jesse Shera
Vol. 7, n. 1, 30 jun. 1978.	Educação em Ciência da Informação na década de 1980.	Tefko Saracevic
Vol. 7, n. 2, 30 dez. 1978.	Teoria do conceito.	Ingetraut Dahlberg
Vol. 8, n. 1, jun. 1979.	O impacto da automação nas bibliotecas: uma revisão.	John J. Eyre
	Integrating in librarianship information.	Tefko Saracevic

Fonte: Dados extraídos da revista *Ciência da Informação* (Disponível em: https://revista.IBICT.br/ciinf/issue/archive/4). Obs.: Alguns títulos foram publicados em inglês, outros foram traduzidos, e alguns foram publicados em português pelo próprio autor. A lista completa de todos os artigos publicados na década encontra-se no Apêndice 6.

Quanto aos temas publicados, houve uma preferência por artigos sobre os serviços bibliotecários: 1) sessenta artigos sobre funções e serviços das bibliotecas, dos quais 41 sobre catalogação, classificação e indexação – áreas técnicas que faziam parte das matrizes curriculares das escolas de Biblioteconomia; 2) tipos de bibliotecas, mais voltado para a biblioteca universitária; e 3) Bibliometria (Dumont *et al*., 1979, p. 204). Durante a década de 1970, os temas mais publicados eram Sistema de informação, Bibliometria, Divulgação seletiva da informação e Ciência da Informação. A revista existiu em sua versão impressa de 1972 a 1995 e ganhou uma versão *on-line* a partir de 1996 – desde 2004 que o periódico se tornou totalmente digital (Braga, 1996).

As atividades de divulgação científica e de socialização da informação englobavam, ainda, a elaboração de programas audiovisuais sobre questões e problemas centrais da CI, traduzidos por Laura Maia Figueiredo. Os audiovisuais eram tão bem-feitos que especialistas da Universidade de Illinois e da própria UNESCO quiseram comprá-los para divulgação internacional (Braga, 1996, p. 1). Laura Figueiredo, que além de diretora foi professora de Bibliografia geral (1962-1972), também elaborava as bibliografias, que eram avaliadas e discutidas por uma equipe de especialistas nacionais para garantir o nível das publicações. Essas

bibliografias eram divulgadas em congressos nacionais, onde o IBBD sempre apresentava uma tiragem especial de trabalhos sobre a documentação da literatura da área em questão. As áreas mais contempladas eram Botânica, Física, Matemática, Química, Zoologia, Documentação, Amazônia, Ciências Sociais, Ciências Agrícolas, Medicina e uma série só de doenças tropicais, como febre amarela, bouba, esquistossomose, leishmaniose, doença de Chagas etc. (p. 1). Além de publicar vários trabalhos, Laura Figueiredo participou de eventos científicos e de reuniões da revista *Ciência da Informação* (1975, 1979), fomentando a produção científica desenvolvida no IBBD.

Na década de 1970, a Editora Calunga, a revista *Ciência da Informação* e os recursos audiovisuais não só atuaram divulgando as atividades desenvolvidas no órgão, mas também como polos difusores da área, tanto no Brasil quanto no exterior, ampliando o espaço para a discussão de temas relevantes da área como uma consequência própria da comunicação científica. Segundo Pinheiro (2000; 2008), além desses veículos, os recursos financeiros levantados pelo CNPq para diferentes suportes e categorias de auxílio e fomento à pesquisa, como periódicos, eventos técnico-científicos, recursos bibliográficos de bibliotecas, centros de informação, bases de dados especializadas, laboratórios e infraestrutura tecnológica, também contribuíram para estimular o processo de comunicação e informação. Da mesma forma, os seminários acadêmicos promovidos pelos profissionais do IBBD e sua participação em eventos internacionais, assim como a criação de grupos e linhas de pesquisas dos programas de pós-graduação, a expansão e o fortalecimento das metrias na comunicação científica, deram impulso ao desenvolvimento da CI no Brasil, contribuindo para a sua disseminação na década de 1970.

8 ANÁLISES E DISCUSSÕES

A literatura consultada revelou que os cientistas da informação brasileiros discutem e publicam sobre a memória da CI em todos os seus aspectos, e a divergência de opiniões entre os pares sobre determinados conceitos pré-estabelecidos contribui para o amadurecimento do diálogo. Com base nas palavras da professora Lena Vania Pinheiro e José Mauro Loureiro (2005, p. 1), de que o desenvolvimento de "um campo do conhecimento, sua evolução e transformações não são episódios isolados e estão profundamente imbricados" [...], envolvendo "todo um quadro político, econômico, educacional e cultural", foi possível entender que a CI não é uma área estanque e, como uma árvore, possui ramificações que estruturam a sua memória, sem impedi-la de continuar crescendo. E a partir da reflexão dos pressupostos de Michel Foucault (1995), de que todo conhecimento é uma construção histórica, relacionado a circunstâncias sociais e disputas de poder, investigar a produção literária dos cientistas norte-americanos e europeus e seu impacto no desenvolvimento da pesquisa no Brasil ganhou um sentido mais amplo. Não foi possível, portanto, separar a história biográfica dos cientistas da história da Ciência da Informação, assim como não foi possível retirá-los do contexto social e político que o IBBD atravessava naquele momento tão delicado da ciência, pois são temas que estão interligados e muitas vezes se confundem.

O panorama contextual retratado sobre o processo de institucionalização da Ciência da Informação, no Brasil, aponta como principais fatores a regulamentação da pós-graduação e da profissão do bibliotecário, o acordo científico internacional da UNESCO com a USAID, a inserção da informação nas políticas públicas de ciência e tecnologia, a criação do curso de mestrado e, principalmente, a colaboração ativa dos professores americanos e europeus para consolidar a formação do bibliotecário. O intercâmbio internacional entre os países do Norte e o Brasil promovido pela UNESCO e o patrocínio das agências de fomento oferecendo bolsas de estudo foram fundamentais para financiar e viabilizar o curso. Mesmo com as dificuldades iniciais que o IBBD enfrentou para a sua realização, houve uma crença de todas as partes de que a Ciência da Informação brasileira tinha condições de se desenvolver nos moldes do ensino norte-americano. O momento foi oportuno para que, mesmo que o objetivo de "modernização" do ensino superior não fosse atingido, a Biblioteconomia começaria a ganhar espaço para continuar oferecendo serviços de bibliografia e documentação, além de formar novos profissionais para dar continuidade à área.

Sobre a origem do campo, é consenso entre os autores que a CI absorveu em sua origem epistemológica influências do conceito de Documentação desenvolvido por Paul Otlet, em suas bibliografias, e da Biblioteconomia especializada americana, com foco na construção de serviços, circulação, custódia e melhor acesso aos documentos no início do século XX. A Documentação, a Bibliografia e a Recuperação da Informação, atreladas ao conceito de informação científica, formaram a base epistemológica da origem da CI como parte de sua trajetória histórico-disciplinar, incluindo seus princípios e ideias. Teorias de autores franceses e correntes anglo-saxônica, alemã e russa também contribuíram sugerindo um conceito para a Ciência da Documentação, mas a nomenclatura Ciência da Informação, consolidada nos Estados Unidos, conseguiu agrupar todos os estudos anteriores, sendo amplamente aceita na comunidade acadêmica e assimilada pelo vocabulário científico.

A Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver (1949) e a Teoria Sistêmica de Ludwig von Bertalanffy são consideradas as influências norte-americanas mais marcantes para que a CI tivesse uma característica fisicalista e utilitarista, visando seu conteúdo objetivo e comunicativo. A visão racional e unilateral do pensamento humano e da realidade social embutida nesse modelo positivista, por desconsiderar os aspectos semânticos dos processos comunicativos, passou a ser revisitada desde então, adquirindo interpretações sob novas perspectivas. A Teoria crítica dos filósofos alemães Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Erich Fromm, Walter Benjamin e Jürgen Habermas da Escola de Frankfurt, na década de 1940, foi uma reação ao uso sistemático das disciplinas das ciências sociais no desenvolvimento de uma teoria materialista da sociedade. Surgem propostas como a interdisciplinaridade da CI, apresentada desde as primeiras definições de Borko (1968) e de Saracevic (1970); a CI como uma ciência pós-moderna, levantada por Wersig (1993), pelo fato de a informação não constituir um objeto empírico específico da realidade; e pelo fato de a CI ser uma ciência humana e social, apresentada por Shera (1973), com o protagonismo dos usuários nos sistemas de informação (Araújo, 2018).

Quanto ao objeto de estudo da pesquisa, foi possível constatar que a literatura aborda alguns dos pioneiros estrangeiros da CI no Brasil, mas os brasileiros são os mais citados, principalmente as mulheres que atuaram politicamente na criação do IBBD, na institucionalização da profissão do bibliotecário e na criação do curso de mestrado. Não foi possível, por exemplo, ter acesso a informações sobre a vida e a obra de todos os cientistas da mesma forma, porque nem todos recebem o mesmo tratamento como reconhecimento de sua contribuição. Alguns são mais citados do que outros na literatura, ou pela vasta produção, ou

pela relevância do tema discutido, ou pela presença na conformação epistemológica do curso. Poucos autores se aprofundam mais do que outros ao darem relevância à vinda dos professores para a realização do curso; e há aqueles que apenas são citados como referência histórica da CI no Brasil.

É consenso entre os pares que a participação dos professores estrangeiros nos cursos de pós-graduação do IBBD, desde a década de 1950, preencheu uma lacuna que havia de brasileiros com o perfil desejado para lecionar nos moldes do ensino norte-americano e britânico. A realidade socioeconômica e política desses países, no entanto, além do papel que a Informação Científica e Tecnológica representava em cada um deles, eram diferentes da realidade brasileira. Tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, houve investimento pesado no desenvolvimento científico, tecnológico e produtivo visando suprir a demanda da indústria e comércio, diferentemente do Brasil, que importou as tecnologias dos países ricos para se desenvolver cientificamente. Mesmo assim existe o reconhecimento de que os professores estrangeiros tiveram uma colaboração definitiva na elaboração da pós-graduação e das disciplinas ministradas ao aplicarem o modelo de educação ensinado nos Estados Unidos e na Inglaterra. Alguns autores questionaram a falta de vivência que eles tinham com os problemas brasileiros, no início do curso, mas esse problema foi sanado mais tarde pelos próprios alunos do IBBD. Além da colaboração no curso de mestrado, os cientistas estrangeiros entraram para a história da Ciência da Informação brasileira relacionados aos estudos que contribuíram para o desenvolvimento teórico de áreas epistêmicas.

Na área de Recuperação da informação, os cientistas Jesse Shera, James Perry, Allan Kent e Jessica Perry, da Case Western Reserve University (EUA), trouxeram como contribuição o desenvolvimento de conceitos teóricos avançados em linguística computacional com o auxílio do computador, assim como sistemas e linguagem de indexação e documentação mecanizada. Tefko Saracevic, Frederick Lancaster e Suman Datta também desenvolveram técnicas de recuperação na mesma linha pedagógica. Jack Mills utilizou como base de seus estudos a tradicional análise de facetas de Ranganathan para desenvolver sistemas de Classificação e de Recuperação da Informação, valendo-se de seus conhecimentos teóricos adquiridos no *Classification Research Group*, cujas fichas catalográficas estabeleceram um novo modelo de classificação britânico. Derek Austin lançou as bases para a concepção de SOC em ambientes mecanizados, utilizados ainda hoje em Taxonomia, Sistema de Classificação Bibliográfico, Tesauro e Ontologia.

Nos estudos métricos, a Bibliometria foi introduzida no Brasil por Tefko Saracevic na disciplina Processamentos de Dados na Documentação, e só a partir de então as pesquisas em análise de citação começaram a se desenvolver e atrair o interesse de alguns alunos, como sua orientanda Gilda Braga, que defendeu a primeira dissertação em bibliometria em 1972. Ela também participou da publicação sobre a distribuição de Bradford, junto com William Goffman, o qual desenvolveu estudos em RI aplicando a Lei de Bradford nas coleções de literatura. Além de Saracevic, os estudos bibliométricos de Solla Price também foram ensinados no curso de mestrado, como a Lei da raiz quadrada de Price (ou Lei de Price), o Modelo de Price para quantificar o crescimento de redes de citações entre artigos científicos e os estudos sobre o crescimento exponencial da ciência e da meia-vida da literatura científica.

Na área de Teoria da Classificação, trazida pelos europeus, britânicos em sua maioria, houve a reapropriação dos conceitos de Ranganathan sobre a análise de facetas para Sistemas de Organização do Conhecimento, como o Sistema de Classificação Bibliográfico, a Classificação Decimal de Dewey, a Classificação da Biblioteca do Congresso, a Classificação Decimal Universal e a Classificação dos Dois Pontos – todas importantes para as classificações bibliotecárias e bibliográficas. Douglas Foskett criou um sistema classificatório generalista para que todas as áreas do conhecimento pudessem ser ordenadas de acordo com o princípio da Teoria dos Níveis Integrativos de J. K. Feiblemann. E Derek Austin, com base no mesmo princípio, criou a noção de contextualização aplicada ao seu sistema de Linguagem de Indexação PRECIS. Brian Vickery publicou o Manifesto do CRG (1955) para que a classificação facetada se tornasse a base de toda a Recuperação da Informação, com base no pensamento de Ranganathan. A cientista alemã Ingetraut Dahlberg influenciou a formulação do conceito de classificação como um método que reúne termos semelhantes numa estrutura organizada.

A Teoria da Classificação ensinada aos alunos do IBBD tinha uma perspectiva estrutural e conceitual graças à metodologia utilizada pelos ingleses Douglas Foskett, Derek Langridge, Derek Austin, Bryan Vickery e Jack Mills. Já os estudos de Ingetraut Dahlberg mostraram que a Classificação abrange elementos que estão além da Biblioteconomia, envolvendo outras áreas do conhecimento científico. Os europeus também trouxeram para o Brasil a Organização do Conhecimento, a qual passou a ser compreendida como uma disciplina científica e foi reconhecida como área de estudo pela ISKO graças à influência da alemã Ingetraut Dahlberg. Os estudos avançados em OC possibilitaram o amadurecimento dessas áreas epistêmicas que se desenvolveram de forma concomitante para formar a base epistemológica da CI no Brasil.

Não só Dahlberg, mas Derek Austin, Bryan Vickery, Derek Langridge, Frederick Lancaster e Douglas Foskett desenvolveram estudos sobre formas eficazes de representação simbólica dos SOC em ambientes mecanizados. Douglas Foskett e Brian Vickery contribuíram com a quebra de paradigmas e modelos de Organização e Representação do Conhecimento por meio da análise de domínio e de conteúdo na RI. Junto com os ingleses Jason Farradane, Derek Langridge e Jack Mills, eles contribuíram para a área de OC em sistemas classificatórios, em recuperação automatizada da informação e em Linguagem de Indexação. As pesquisas de tratamento temático da informação desenvolvidas pela corrente inglesa influenciaram as aplicações da indexação no campo da CI. E o conhecimento teórico de tecnologias para a Organização da Informação trazido pelos norte-americanos contribuíram para que a informação pudesse ser recuperada eficazmente, utilizando-se de elementos conceituais para representar o conteúdo de um documento.

Ao investigar a história da Ciência da Informação, no Brasil, foi necessário reconhecer, também, a importância da participação dos professores brasileiros na formação dos alunos, tanto do IBBD quanto de outras áreas, como História, Comunicação, Linguística, Educação, Filosofia, Letras e Matemática. Essa colaboração foi essencial para reforçar o reconhecimento da realização do curso para a área e sua repercussão na comunidade internacional. Muitas narrativas formadas sobre essa colaboração foram extraídas de entrevistas com as bibliotecárias pioneiras que atuaram no IBBD, Célia Zaher e Hagar Espanha Gomes, realizadas pelas professoras Lena Vania Pinheiro e Rosali Fernandez de Souza. A importância dessas entrevistas, além do conteúdo sobre a implementação do Curso de Mestrado e a experiência de Célia Zaher nesse processo durante a sua gestão como presidente do IBBD, está no registro do diálogo entre uma ex-professora do PPGCI e duas ex-alunas que se tornaram docentes, também, do PPGCI. Algumas entrevistas feitas com os próprios cientistas estrangeiros também reproduzem impressões sobre o curso de mestrado, a realidade brasileira e as relações sociais e afetivas que se firmaram entre professores e alunos.

Além dessas publicações, foram utilizadas como fontes as entrevistas em vídeos produzidos por alunos do PPGCI, disponibilizados no site do IBICT, com professores que tiveram uma participação marcante no programa. Também foi possível assistir às entrevistas realizadas em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, intitulada “Mulheres na vanguarda do PPGCI”, por conta dos 50 anos de existência do programa. A série destaca o trabalho pioneiro de algumas mulheres, como Cecília Leite Oliveira, Célia Zaher, Gilda Olinto, Lena Vânia Pinheiro, Regina Marteleto e Rosali Fernandez de Souza, professoras do IBICT que se

tornaram personalidades relevantes por sua experiência e participação ativa na instituição e trajetória intelectual na história da Ciência da Informação brasileira – algumas ainda representam a memória viva da história do programa. Todos esses depoimentos foram importantes para, de formas diferentes, darem vida à memória do Programa, do curso e das pessoas que dele fizeram parte.

A interação social entre estrangeiros e brasileiros de todas as regiões do país, assim como de estudantes de outros países da América Latina, tanto da Biblioteconomia quanto de diversas áreas científicas, gerou um ambiente estimulante para a nova geração de profissionais. Mesmo tendo havido uma importação de teorias, conceitos e material didático de países mais desenvolvidos, essa educação "colonizadora" foi válida para que o conhecimento fosse reconstruído em colaboração com os brasileiros e tivesse o reconhecimento de outras comunidades. Sobre essa questão, Boaventura Santos (2019, p. 18) afirma que as epistemologias do Sul existem para ressignificar conceitos criados pelas epistemologias do Norte e interromper as políticas dominantes e os conhecimentos que as sustentam. As epistemologias do Sul devem transformar os "sujeitos ausentes em presentes" como condição para validar os "conhecimentos que podem contribuir para reinventar a emancipação e a libertação sociais" (p. 19). Com base nessa premissa, não podemos afirmar se houve ou não uma apropriação do conhecimento pelas partes hegemônicas; o que sabemos é que a cooperação científica Norte-Sul foi necessária para que houvesse o ponto de partida de uma longa jornada que estava só começando.

Como estímulo à comunicação científica, além da participação de professores e alunos em associações e eventos científicos internacionais entre os anos 1950 e 1970, a editora Calunga foi citada como um importante veículo de divulgação da literatura trazida da Europa e dos Estados Unidos e, também, da produzida pelos professores estrangeiros, que mais tarde virariam clássicos. E a revista *Ciência da Informação* é considerada a principal disseminadora da produção científica desenvolvida no PPGCI/IBBD na década de 1970. Os primeiros artigos publicados na revista eram trabalhos científicos que os professores estrangeiros trouxeram e que foram traduzidos para suprir a falta de material didático do curso de mestrado, para que os alunos pudessem acompanhar o conteúdo transmitido e atingir o nível desejado. Para alguns autores, essa formação baseada no modelo de ensino norte-americano e na literatura importada, foi imprescindível num momento em que a CI brasileira ainda buscava aportes teóricos para se desenvolver.

Os avanços conceituais e metodológicos levaram alguns autores a desenvolverem estudos críticos em alguns campos do conhecimento e subáreas (Araújo, 2018), como os estudos hermenêuticos de Capurro (2003), os estudos pós-custodiais de Silva (2006), os estudos em análise de domínio de Hjorland (1995), em perspectiva realista-dialética da informação de Rendón Rojas (2005) e em perspectiva crítica e cultural do regime de informação de Frohmann (2008). Surge a Teoria Crítica da Informação, com base na teoria crítica dos filósofos de Frankfurt, questionando a utilização do desenvolvimento científico e tecnológico e os benefícios que as tecnologias da informação trazem para a sociedade (Bezerra, 2020). A Ciência da Informação continua diante de necessidades e obstáculos para se tornar uma ciência mais reflexiva, com a contribuição de novos conceitos de regime de informação e estudos críticos em informação.

Finalizando as análises, descobri que, apesar de ser essencial para o pesquisador encontrar todos os dados de que precisa para complementar as informações que faltam em sua investigação, muitas vezes nos vemos diante de situações frustrantes, porque não conseguimos montar o grande quebra-cabeça que vislumbramos juntar todas as partes. Como nem todas as publicações encontradas estavam disponibilizadas na internet, precisei entrar em contato por e-mail com algumas bibliotecas virtuais e repositórios institucionais de alguns Estados do Brasil, mas tive como resposta que só era possível fazer pesquisas e acessar os arquivos apenas de forma presencial. Isso dificultou o acesso a dados biográficos, como data de nascimento, participação efetiva no curso de mestrado, permanência de cada um no Brasil e imagens que pudessem identificá-los visualmente. Os representantes da vertente americana Allan Kent, Bert Boyce, Jessica Perry, La Vahn Overmyer e William Bill Goffman; e os representantes da vertente europeia Allan Brown, Derek Austin, Derek Wilton Langridge e Suman Datta não tiveram foto que os identificassem em nenhum repositório institucional. As poucas fotos encontradas foram copiadas da internet, com baixa resolução, e se encontram no Apêndice 7, “Galeria de fotos”, a título de ilustração. Mas a falta dessas informações não interferiu nos objetivos específicos, cujo resultado considerei satisfatório, tendo em vista que o tema é muito abrangente.

9 CONCLUSÃO

O objetivo principal desta tese foi investigar a contribuição teórica, metodológica e pedagógica do corpo docente estrangeiro para o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil. Antes de chegar neste ponto, no entanto, foi necessário percorrer um longo caminho, atravessando todo o contexto histórico e político que envolveu a institucionalização da área e a história da criação do órgão mais importante para abrigar o projeto de pós-graduação que iria transformar a profissão dos bibliotecários. Mais do que isso, esse projeto considerado ousado para a época, não só resultou positivamente na qualificação de profissionais para trabalhar com a informação científica e tecnológica, mas conseguiu atravessar décadas vencendo desafios, rompendo barreiras políticas, se expandindo por acordos de cooperação e possibilitando que a CI se desenvolvesse enquanto ciência.

Visando entender como a área se consolidou como campo científico, foi necessário investigar as suas raízes e as áreas epistêmicas que se desenvolveram de forma concomitante para formar a sua base epistemológica. Para revisitar o passado dos personagens que fizeram parte dessa história, foi utilizada a biografia como recurso metodológico para documentar os acontecimentos e as ações humanas e sociais. E por se tratar de um estudo histórico-epistemológico, esta tese reavivou a memória de um amplo diálogo sobre questões éticas e todo o processo que envolveu a institucionalização da pós-graduação em Ciência da Informação, no Brasil, a partir da perspectiva de diferentes narrativas já realizadas sobre o tema por outros autores.

Para confirmar a hipótese de que a vinda da missão estrangeira se configurou como o grande diferencial para a conformação da CI brasileira, foi necessário reconhecer que o trabalho desse grupo de cientistas foi além da principal missão de dar treinamento tecnológico. Eles acreditavam que o seu trabalho de ensinar a organizar e sistematizar a informação científica, representá-la e transmiti-la de forma ética, poderia servir de alicerce para mudar os rumos da nova ciência – processo este que se concretizaria a partir da formação dos novos cientistas brasileiros que dariam continuidade à área. Foi necessário reconhecer, também, a genealogia intelectual de uma ciência e seus domínios ainda em formação, recebendo contribuições de diversas disciplinas e países, apropriando-se de conceitos de áreas distintas, até encontrar um caminho, ou alguns, para se desenvolver epistemologicamente.

A confluência de acontecimentos nos Estados Unidos e na Europa, a união entre as áreas do conhecimento, as ações institucionais, a realização de encontros científicos e a atuação pedagógica de pensadores geraram um ambiente intelectual promissor, cuja estrutura foi necessária para as circunstâncias históricas da CI no Brasil. O pensamento humanista da Biblioteconomia francesa se associou ao pensamento tecnológico da Biblioteconomia americana e influenciou a pedagogia da Biblioteconomia brasileira, incorporando uma característica funcionalista em seus cursos de especialização, mestrado e doutorado. A visão positivista que influenciou a ciência dos anos 1970 não impediu uma visão crítica e reflexiva sobre o futuro do conhecimento científico e tecnológico entre os pesquisadores, professores e alunos do PPGCI. O regime de informação implementado pelas ações do IBICT, desde sua criação enquanto IBBD, estimulou a pesquisa bibliográfica, os serviços de documentação e as atividades de informação científica, fortalecendo a profissão do bibliotecário e, cada vez mais, o amadurecimento da área.

A pesquisa também revelou que as tecnologias de informação e de comunicação utilizadas na atualidade ainda se baseiam em alguns princípios e modelos clássicos de Organização do Conhecimento. Os estudos semânticos na Internet e a organização e Recuperação da Informação digital, por exemplo, foram influenciados pelas pesquisas da vertente europeia originada no CRG (Miglioli; Araujo, 2019). A criação de sistemas ligando elementos por *hiperlinks,* com base na centralização da recuperação em lugar da representação e na automatização computadorizada dessa recuperação, a partir de regras e princípios operativos formalizados, são noções que ainda estão presentes nos estudos da Organização do Conhecimento. A *web* semântica as utilizadas até hoje para organizar seus conteúdos numa escala sem limites, de uma forma que só o ser humano pode interpretá-los e recuperá-los. A *Web* até possibilitou disseminar os repositórios digitais de armazenamento na rede com a proliferação dos dados, mas a Recuperação da Informação não surgiu da *Web* nem das tecnologias atuais. O que diferencia a extração de dados feita na *Web* da Recuperação da Informação feita no período em que esses conceitos foram desenvolvidos é que a sociedade atualmente está diante de um novo regime de informação: a exploração mercadológica de dados digitais, sem o consentimento do usuário, praticada por grandes empresas de tecnologia de informação e de telecomunicações, as *big datas*, que definem os critérios mercadológicos (Van-Dijck, 2014).

Brian Vickery já alertava sobre a manipulação da representação simbólica feita automaticamente pelo computador e pela Inteligência Artificial (IA) na construção de modelos

cognitivos. Essa visão dialoga com o novo regime de informação do século XXI, mediado socialmente pelas novas tecnologias, atribuindo-lhes uma relação de poder. A extração automatizada de dados que é gerada pelas plataformas de mídias digitais não revela informações sobre o comportamento humano, apenas fornece uma base retórica para determinado argumento. Os computadores carregam mensagens, mas é necessário que haja uma interpretação desses dados para que estes se transformem em informação, tendo em vista que quem programa os computadores são os seres humanos. E essa interpretação muda de acordo com a área profissional e com o contexto no qual se insere, porque são objetos culturais e podem até se transformar numa arma virtual. Essa noção de recepção ativa, em que o sentido do discurso só se completa no momento da recepção, foi desenvolvida pelos estudos culturais britânicos, americanos e latino-americanos a partir dos anos 1970 (Schneider, 2022). A neutralidade de tecnologias baseada em algoritmos, portanto, deve ser questionada, porque estes são dotados de vieses e erros que podem perpetuar a desinformação e a discriminação de algumas minorias – como o reconhecimento facial, por exemplo.

A metodologia utilizada mostrou-se satisfatória como forma de mapear a literatura e recuperar os registros mais importantes para a investigação. Foi possível encontrar uma boa parte da biografia dos cientistas, conhecer a relevância de sua produção científica e identificar os conceitos e teorias que mais influenciaram a CI. Entre muitas contribuições importantes recuperadas da literatura, destaco duas publicações relevantes para a preservação da memória institucional do IBICT e da área: *História e memória da Organização do Conhecimento no Brasil: percursos e releituras*, organizado por Tatiana de Almeida e Gustavo Saldanha (2022), por conta do aniversário de 50 anos do IBICT; e a coletânea *IBICT 70 anos: um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto* (2023), organizado por Daniela Cunha, Gustavo Saldanha e Milton Shintaku. Esta última reúne relatos, depoimentos e histórias sobre os principais personagens que atuaram no Instituto. As entrevistas feitas com Hagar Espanha Gomes e Célia Zaher, realizadas pelas professoras Lena Vânia Pinheiro e Rosali Fernandez de Souza, tiveram uma importância simbólica, não só pelo depoimento e registro do conteúdo, mas pelo diálogo entre as professoras que implementaram o curso de mestrado e as professoras que presenciaram esse processo histórico como ex-alunas, representando uma parte significativa da memória do curso.

Considero importante o desenvolvimento de mais pesquisas sobre os personagens que construíram parte da história da Ciência da Informação, pois ficou constatada uma lacuna sobre a sua biobibliografia; alguns cientistas demandam mais pesquisas devido à falta de informações

disponibilizadas. A escassez de informações sobre as cientistas mulheres pioneiras, ao contrário do que ocorre com as bibliotecárias do IBICT, que figuram como protagonistas na história da criação do órgão e do curso de mestrado, também é um tema que merece mais atenção e investigação na linha de estudos de gênero. Com exceção da cientista Ingetraut Dahlberg, cuja Teoria do conceito teve uma relevância inquestionável para a área, as mulheres são menos citadas do que os homens na literatura. É o que ocorre, por exemplo, com o casal James Perry e Jessica Perry, que trabalharam juntos, desenvolveram os mesmos estudos e lecionaram as mesmas disciplinas, mas ela ganha menos visibilidade no desenvolvimento de linguagens documentárias.

Conclui-se que a Ciência da Informação é um campo científico em constante construção, e todos os seus ensinamentos teóricos herdados fazem parte da base epistemológica da área. Os conceitos transmitidos através das disciplinas ministradas no curso de mestrado do IBBD são temas que absorveram diferentes visões geopolíticas e que, com o passar dos anos, se ampliaram e ganharam contornos e ressignificações, tornando-se mais atualizados, porque continuaram a fazer parte do arcabouço científico. Com base na afirmação de Hobsbawm (1998, p. 50), de que "o futuro está sistematicamente vinculado ao passado que, por sua vez, não é uma concatenação arbitrária de circunstâncias e eventos", conhecer a história da Ciência da Informação por meio da história dos cientistas possibilitou uma visão em perspectiva dos acontecimentos e revelou uma análise crítica para a compreensão dos desdobramentos epistemológicos e sociais atuais da CI. A conexão inevitável com a atualidade nos revela como missão a consciência constante do compromisso ético com o tratamento da informação científica, visando à emancipação social.

Assim como a história reflete sobre a elaboração das ideias e da forma como o conhecimento foi produzido pelos intelectuais enquanto se debruçavam na resolução dos problemas, a epistemologia da Ciência da Informação se preocupa com os problemas relacionados a uma disciplina, seus conceitos e aportes teóricos. A história dos cientistas se confunde com a história da Ciência da Informação brasileira e nos revela questões que continuam atuais e relevantes para a área em pleno século XXI: existe um propósito em toda a classificação; as abordagens não devem ser consideradas neutras ou arbitrárias; os dispositivos são instrumentos de poder e manipulação; e as novas tecnologias podem causar efeitos nocivos no ser humano. A regulamentação do uso da Inteligência Artificial (IA) provavelmente influenciará o futuro das novas tecnologias, aumentando ainda mais a responsabilidade social que o cientista deve ter com o tratamento e a veracidade do conteúdo recuperado em tempos de

desinformação. Os conceitos clássicos da Organização do Conhecimento nos ajudam a refletir criticamente sobre a forma como lidamos com a informação e como ela tem sido mediada pelas plataformas digitais.

Apesar de a literatura consultada ter sido rica, o tema não se deu por esgotado, pois sempre faltará uma informação ou outra para completar os sentidos. O caráter histórico e documental, porém, por si só já se justifica, por se tratar da conservação da memória da CI no país, dos 70 anos do PPGCI/IBICT e do seu patrimônio histórico-cultural. Descobri, finalmente, que a pesquisa não termina, mas continua percorrendo um longo caminho para receber novos estudos e abordagens de outros pesquisadores. A meu ver, é assim que deve ser o nosso trabalho, o de sempre buscar, mas nem sempre encontrar resposta, porque não existe resposta pra tudo – existem indagações, reflexões, versões e pontos de vista diferentes sobre uma mesma história. E a história da comunicação e da transmissão da informação pode ser contada a partir de vários marcos, dependendo do ponto de vista escolhido pelo narrador. Mais do que apenas uma descrição cronológica de eventos, a história deve ser não linear e situada em seu contexto social, político e científico, em que as relações interpessoais são subjetivas e estão comprometidas com a relevância dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. **O campo da Ciência da Informação**: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

ALMEIDA, Tatiana de; SALDANHA Gustavo Silva. A aplicação do CSKOL de Ingetraut Dahlberg para análise do ensino em organização do conhecimento. *In*: SOUZA, Rosali Fernandez de; SALES, Luana Farias; SALDANHA, Gustavo Silva (org.). **Epistemologia da organização do conhecimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. (Coleção PPGCI 50 anos).

ALVES, Bruno Henrique; OLIVEIRA, Francina Tannuri de. O desenvolvimento do domínio da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação a partir da ISKO-Brasil. **Brazilian Journal of Information Studies**: Research Trends, v. 10, n. 2, p. 103-108, 2016.

ANTONIO, Irati; BALBY, Claudia Negrão. The state of computer training in Brazilian Library Schools. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 35, n. 2, p. 109-123, primavera 1994.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ci. Inf.,** Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 27, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2013.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação?** Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAUJO, Esther Lück de. **Estudo da atuação profissional dos egressos do curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT, comparativamente à situação dos profissionais da informação na Inglaterra e Estados Unidos**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia/UFRJ, 1982.

AUSTIN, Derek. An information retrieval language for MARC. **ASLIB proceedings**, v. 22, n. 10, p. 481-491, 90a, 1970.

AUSTIN, Derek. Two steps forward. *In*: PALMER, Bernard I. **Itself an education**: six lectures on classification. Londres: The Library Association, 1971.

AUSTIN, Derek; DIGGER, Jeremy A. PRECIS: the preserved context index system. **Library resources and technical**, vol. 21, n. 1, p. 13-30, 1977.

BARBOSA, Alice Príncipe. Classificações facetadas. **Ci. Inf**., Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p.73-81, 1972.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information Science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science***,* jun.-jul. 1976.

BELKIN, Nicholas J. Information concepts for Information Science. **Journal of Documentation**, v. 34, n. 1 p. 55-85, 1978.

BEZERRA, Arthur Coelho. Da teoria matemática para uma proposta de teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em

informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, p. 182-201, set. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria Crítica da Informação: proposta teórico-metodológica de integração entre os conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. *In*: BEZERRA, A. C. *et al.* **iKRITIKA**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 73-116. Disponível em: https://bit.ly/3kFCBDx. Acesso em: 10/08/2021.

BICALHO, Lucinéia Maria. **As relações interdisciplinares refletidas na literatura brasileira da Ciência da Informação**. 2009. Tese (doutorado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2009.
BIOGRAFIA. *In*: DICIO, Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2024. Disponível em: https://www.aulete.com.br/biografia. Acesso em: 30/01/2025.

BIOGRAFIA. *In*: DICIO, Michaelis São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia/. Acesso em: 30/01/2025.

BIBLIOGRAFIA. *In*: DICIO, Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2024. Disponível em: https://aulete.com.br/bibliografia. Acesso em: 30/01/2025.

BIBLIOGRAFIA. *In*: DICIO, Michaelis São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia/. Acesso em: 30/01/2025.

BLÁZQUEZ OCHANDO, Manuel. **Historia de la ciencia de la documentación**: el conocimiento de los orígenes de la documentación. Madrid: mblazquez.es, 2012.

BÔA MORTE, Lais da. **A Documentação no Brasil**: o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. III Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Curitiba: III CBBD, 1961.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation (pre-1986)**, ABI/INFORM Global, v. 19, n. 1, jan. 1968.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ci. Inf**., Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974.

BRAGA, Gilda Maria. In Memoriam: Laura Maia de Figueiredo (1929-1994). **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 31 dez. 1996. Disponível em: https://doi.org/10.18225/ci.inf. v25i3.625. Acesso em: 30/01/2022.

BRAMAN, Sandra (ed.). **The emergent global information policy regime**. Houndsmills/UK: Palgrave Macmillan. 2004.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 977/65. **Marco conceitual e regulatório da pós-graduação brasileira**. Definição dos cursos de pós-graduação. Relator: Newton Sucupira. Brasil, 3 dez. 1965. Disponível em: http://cad.CAPES.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=314. Acesso em: 25/03/2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. **Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil**. Rio de Janeiro: IBBD, 1971.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?**. Paris: Edit, 1951.

BRIQUET DE LEMOS, Antônio Agenor. Planejamento e coordenação da informação científica e tecnológica no Brasil. **Ci. Inf.,** Brasília, v. 15, n. 2, p. 107-115, jul./dez. 1986.

BROUGHTON, Vanda. Jack Mills, 1918-2010: an academic appreciation. **Bliss Classification Bulletin.** Bliss: The Classification Associacion, 24 nov. 2010. Disponível em: http://www.blissclassification.org.uk/jackmills.shtml. Acesso em: 15/04/2022.

BROUGHTON, Vanda. Brian Vickery and the Classification Research Group: the legacy of faceted classification. *In*: GILCHRIST, A. **Proceedings of the Second National ISKO**, UK Conference, 2011. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/16a5/0cd13ed90952ce 5230fac4c60b5bc3939f. Acesso em: 15/04/2022.

BROWN, Alan George; LANGRIDGE, Derek Wilton; MILLS, Jack. **Introduction to Subject Indexing**: subject analysis and practical classification. C. Bingley, 1976.

BUFREM, Leilah Santiago. Linhas e tendências metodológicas nas dissertações do mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972-1995). Curitiba/PR, 1996. **SNBU**, n. 9, 1996. (UFPR & PUCPR, Curitiba/PR). Repositório FEBAB. Disponível em: http://repositorio. febab.org.br/items/show/4649. Acesso em: 15/04/2022

BUFREM, Leilah Santiago. Ciência da Informação e história: o caso do IBICT. **Transinformação**, v. 9, n. 1, p. 58-79, jan./abr. 1997.

CANAGARAJAH, A.S. **Uma geopolítica da escrita acadêmica**. Pittsburgh: Universidade de Pittsburgh/ Imprensa, 2002.

CAPURRO, Rafael. Epistemología y ciencia de la información. **Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento**, ano 4, n. 1, p. 11-29, jan.-abr. 2007.

CARVALHO SILVA, Jonathas Luiz. **A identidade da Ciência da Informação brasileira no contexto das perspectivas históricas da pós-graduação**: análise dos conteúdos programáticos dos PPGCI. Paraíba, 2011. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PPGCI/Universidade Federal da Paraíba.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000.

CASTRO, Roberto C. G. Livro mostra a influência do Brasil nas Ciências Sociais francesas. **Jornal da USP**, 29 fev. 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/cultura/livro-mostra-a-influencia-do-brasil-nas-ciencias-sociais-francesas/. Acesso em: 15/04/2022

CHAUÍ, Marilena. Ventos do progresso: a universidade administrada. *In*: PRADO JÚNIOR, Bento *et alii* (org.). **Descaminhos da educação pós-68**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHAUÍ, Marilena de Souza. A universidade operacional. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 1999.

CHRISTÓVÃO, Heloisa Tardin. A Ciência da Informação no contexto da pós-graduação do IBICT. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. (Artigo elaborado para compor o primeiro fascículo de *Informare*).

COBLANS, Herbert. O trabalho bibliográfico da UNESCO. Tradução: Maria Elisa P. Baptista. *In*: CASTRO, Cesar Augusto; SILVA, Diana Rocha da (org.). **Biblioteconomia brasileira**: textos fundadores. São Luís: EDUFMA, 2023. 546 p.

COIMBRA, Carlos Alberto; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; VARELA. Alex Gonçalves. A circulação internacional dos cientistas brasileiros nos primeiros anos do CNPq (1951-1955). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 301-319, jul./dez. 2013.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; PRET, Raquel Luise. Aproximações entre a Teoria da

Classificação e o processo de indexação: as contribuições do Classification Research Group. *In*: ENANCIB 2018. XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Londrina, Paraná, 22-26 out. 2018. GT-2/Organização e Representação do Conhecimento. Out. 2018. (Comunicação Oral).

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade reformada**: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. 336 p. (Coleção Educação em Questão).

CUNHA, Murilo Bastos da. Atuação Docente (1964-1971). *In*: BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcilio de (org.). **Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB**: 1962-1967. Brasília: UnB/FCI, 2013.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. Trad.: Astério Tavares Campos. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DARBELLAY, F. **La circulation des saviors**: interdisciplinarité, concepts nomades, analogies, métaphores. Berna (Suíça): Peter Lang Publishing, 2012.

DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco; LOBO, Maria de Fátima Diniz. Contribuições de Yone Chastinet para o desenvolvimento da informação científica, tecnológica e educacional do Brasil. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **IBICT 70 anos**: um resgate histórico daqueles que fizeram o Instituto. Brasília: IBICT, 2023.

DUMONT, Marcia Milton Vianna *et alli*. Análise preliminar da literatura biblioteconômica brasileira. **R. Esc. Bibliotecon**. UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 185-206, set. 1979.

EYRE, John. Some views on the development of professional library education in Brazil. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

FONSECA, Edson Nery da. Entrevista com o prof. Edson Nery da Fonseca. Entrevistador: Cesar Augusto Castro. *In*: CASTRO, Cesar Augusto; SILVA, Diana Rocha da (org.). **Biblioteconomia brasileira**: textos fundadores. São Luís: EDUFMA, 2023. 546 p.

FOSKETT, D. J. Brian Vickery: a personal memoir. **Journal of Documentation***,* v. 44, n. 3, p. 199-204, set. 1988,

FOSKETT, D. J. **Classification for a general index language**: a review of recent research by the Classification Research Group. London: Library Association, 1970. (Library association research publication, 2).

FOSKETT, Douglas J. Two notes on indexing techniques. **Journal of Documentation**, v. 18, n. 2, p. 188-192, 1962a.

FOSKETT, D. J. The Classification Research Group: 1952-1962. **Libri**, v. 12, n. 2, p. 127-138, 1962b.

FOSKETT, Douglas J. Systems theory and its relevance to documentary classification. **International classification***,* 1980a, vol. 7, n. 1, p. 2-5.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. *In*: ESPANHA, Hagar. (org*.).* **Ciência da Informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980b.

FOSKETT, Douglas. J. **Douglas J. Foskett, entrevista por W. Boyd Rayward**. Portsmouth, Inglaterra, 3 jul. 2000. (Philadelphia: Chemical Heritage Foundation, Oral History Transcript # 0202).

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREETH, Tony; JONES, Alexander; STEELE, John M.; BITSAKIS, Yanis. Calendars with Olympiad display and eclipse prediction on the Antikythera Mechanism. **Nature**, v. 454, n. 7.204, p. 614-607, 31 jul. 2008.

FROHMANN, Bernd. Revisiting "What is a document?". **Journal of Documentation,** v. 65, n. 2, 2008. p. 291-303.

GAILLARD, Jacques. North-South scientific cooperation: a view from the North. *In*: CENTRE FOR INTERDISCIPLINARY STUDIES (org.). **Science in Africa Symposium**, South Africa, University of Stellenbosch. Proceedings…, 17 e 18 de outubro de 2001.

GARVEY, William D. **Communication**: the essence of science. Oxford: Pergamon Press, 1979.

GOFFMAN, William. Information Science: discipline or disappearance. **ASLIB Proceedings**, v. 22, n. 12, p. 590, dez. 1970.

GOMES, Hagar Espanha. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. **Revista Esc. Bibliotecon**. UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 13-26, mar. 1974.

GOMES, Hagar Espanha. Entrevista. **Ci. Inf***.,* Brasília, v. 19, n. 2, p. 69-71, jul./dez. 1990.

GOMES, Hagar Espanha. Classificação e gestão do conhecimento. *In*: PEREIRA, M. de N. F.; CHAVES, H. de S.; ARAÚJO, R. F. de (Eds.). **Dos padrões internacionais de estruturação da informação de pesquisa aos indicadores**: primeira incursão na temática. Brasília: IBICT, Delbra, 2019.

GOMES, Maria Yêda F. S. de Filgueiras. O Estado e o processo de implantação de uma política nacional de informação científica e tecnológica no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 105-117, jul./dez. 1988.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. **A configuração temática da Ciência da Informação no currículo dos cursos do IBICT***:* estudo de caso. Rio de Janeiro, 1983. 190 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – PPGCI/IBICT/UFRJ.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare,** v. 5, n. 2, p. 7-31, 1999.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero - Revista de Informação**, v. 1, n. 6, dez. 2000.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Novos cenários políticos para a informação. **Ci. Inf.,** Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.

HARMON, Glynn. Em memória de William Goffman: pioneiro da Ciência da Informação Matemática. **Elsevier**, Processamento e gerenciamento de informações, v. 44, n. 4, p. 1634, jul. 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBICT. Mulheres da Ciência da Informação. **PPGCI 50 anos**, Brasília, Rio de Janeiro: PPGCI/IBICT; COEPE; CGTI, 2004. Disponível em: http://50.ppgci.IBICT.br/mulher/. Acesso em: jan. 2023.

JAÉN GARCÍA, Luis Fernando. Metodologia para biobibliografias. **Revista e-Ciencias de la Información**, Costa Rica, Escuela de Bibliotecología y Ciencias de la Información UCR, v. 2,

n. 2, p. 1-10, jul.-dez. 2012. ISSN-1659-4142. Disponível em: http://revistaebci.ucr.ac.cr/. Acesso em: jan. 2024.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1989 [1970].

LANCASTER, F. W. Vocabulary control for information retrieval. 2nd ed. Arlington (Virg.): **Information resources press**, 1986. XVII, 270 p.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília: Briquet 993de Lemos/Livros, 1993.

LANGRIDGE, D. W. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Trad.: Rosali P. Fernandez. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, Elza; MAIA, Silva. Comportamento bibliométrico da língua portuguesa como veículo de representação da informação. **Ci. Inf**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 99-138, 1973.

LIMA, Gercina Ângela de. Organização e representação do conhecimento e da informação na web: teorias e técnicas. ***Perspectivas em Ciência da Informação***, v. 25, n. especial, p. 57-97, fev. 2020.

LIMA, Gracirlei Maria de Carvalho. Um estudo sobre a formação do bibliotecário e a prática no serviço de referência. **Biblionline**, João Pessoa, v. 17, n. 4, p. 74-88, 2021.

LÓPEZ YEPES, J**.** La perspectiva informativa de la documentación: la documentación como ciencia de la información documental: el concepto de information science. *In*: LÓPEZ YEPES, J**. La documentación como disciplina**: teoria e história. Pamplona: EUNSA, p. 153-196, 1995.

MACHADO, Raymundo das Neves. **Estrutura intelectual da literatura científica do Brasil e outros países dos BRICS**: uma análise de cocitação de periódicos na área de célula-tronco. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ECO/IBICT/UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

MACHADO JR., Celso; SOUZA, Maria Tereza Saraiva de; PALMISANO, Angelo; CAMPANÁRIO, Milton Abreu; PARISOTTO, Iara Regina dos Santos. Análise de viabilidade de utilizar as leis da Bibliometria em diferentes bases de pesquisa. *In*: XXXVIII ENCONTRO DO ANPAD, Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro de 2014. Rio de Janeiro, EMANPAD, 2014.

MAIA, Elza Lima e Silva. Comportamento bibliométrico da língua portuguesa como veículo de representação da informação. **Ci. Inf***.,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 99-138, 1973.

MIGLIOLI, Sarah; ARAUJO, Déborah. Abordagens e contribuições históricas da Grã-Bretanha para a Ciência da Informação: um olhar a partir do Classification Research Group. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 365-386, set./dez. 2019.

MIGNOLO, Walter D. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. **Revista Lusófona de Educação**, n. 48, p. 187-224, 2020.

MILLS, Jack. **A modern outline of library classification**. London: Chapman and Hall, 1960.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. A Organização do Conhecimento no domínio das Ciências Sociais e humanidades na perspectiva de Douglas

John Foskett e Derek Wilton Langridge: uma abordagem aos Estudos Culturais e inovações disruptivas. **P2P & INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 160-177, mar.-ago. 2022.

MOOERS, C. Zatocoding applied to mechanical organization of knowledge. **American Documentation**, v. 2, p. 20-32, 1951.

MORAES, Rosana Portugal Tavares de; ALMEIDA, Tatiana de. Mapeamento da produção científica na Organização do Conhecimento: um retrato pelas lentes do CSKOL. *In*: XXI ENANCIB. XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 25 a 29 de out. 2021. GT-2: Organização e Representação do Conhecimento. Rio de Janeiro: ENANCIB, out. 2021. Trabalho Completo.

MOSTAFÁ, Solange Puntel; SILVA, Márcia Regina da; SEGUNDO, José Eduardo Santarém (org.). **Pensadores brasileiros da Ciência da Informação e Biblioteconomia**. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, v. 14, n. 1, 1985.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Celebrando os 40 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 251–261, 2019.

MURGUIA, Eduardo Ismael. As articulações políticas na criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). **DataGramaZero - Revista de Informação***,* v. 14, n. 2, jun. 2013.

NOVAIS, Fernando. Braudel e a "missão francesa". Depoimentos. **Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, v. 8, n. 22, dez., dez. 1994. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000300014. Acesso em: 15/04/2022.

O DEÃO da Western Reserve University realizará um curso nesta capital: o professor Jesse Shera chegará ao Rio no próximo dia 11. **Jornal A noite**, n. 1, ed. 15686, p. 2, 1957.

OLIVEIRA, E. F. T. In.: Marcos históricos da ciência da informação. **Estudos métricos da informação no Brasil**: indicadores de produção, colaboração, impacto e visibilidade. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 29-41.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, out. 2004.

ORTEGA, Cristina Dotta. A documentação como uma das origens da Ciência da Informação e base fértil para sua fundamentação. **BJIS**, v. 3, n. 1, p. 3-35, jan./jun. 2009a. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis. Acesso em: 10/05/2024.

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil**. Perspectivas em Ciência da Informação***,* v. 14, número especial, p. 59-79, 2009b. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pci/a/nBnHLXhntbdShKvpM8tT3rB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10/05/2024.

OTLET, Paul (1868–1944). **Tratado de documentação**: o livro sobre o libro, teoria e prática. Tradução: Taiguara Villela Aldabalde *et al.* Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018 [1934].

PAIVA, Talita de Cássia Lima; SILVA, Diana Rocha da. Jesse Shera no Brasil? Contribuições para a biblioteconomia brasileira na década de 1950. **Perspectivas em Ciência da Informação***,* v. 26, n. 3, p. 179-207, set. 2021.

PERRY, James Whitney. A mathematical model System. *In*: KENT, Allan (ed.). **Information**

Retrieval and Machine Translation. Nova Yorque: Interscience, 1961.

PERRY, James Whitney. Defining the query spectrum: the basis for developing and evaluating information-retrieval methods. **IEEE Transactions on Engineering Writing and Speech**, v. 6, n. 1, p. 20-27, 1963.

PERRY, James Whitney; KENT, Allan. **Documentation and information retrieval**: an introduction to basic principles and cost analysis. Cleveland (Ohio): The Press of Western Reserve University and Interscience Publishers, 1957. p. 4-25.

PIEGAS, Maria Helena A.; NOWINSKI, Aron Médico. **Index medicus latino-americano**: exemplo de cooperação técnica entre países em desenvolvimento. *R. Bibliotecon. Brasília,* v. 9, n. 2, jul.-dez. 1981.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Lei de Bradford: uma reformulação conceitual. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1983.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz**: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. 276f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação/UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (org.). Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. *In*: CASTRO, Ana Lucia Siaines de *et al*. **Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade**. Prefacio de Gilda Maria Braga. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Evolução e tendências da Ciência da Informação, no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas. *In*: ENANCIB. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação VI, Florianópolis/SC, 2005a. (GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação).

PINHEIRO, Lena Vania. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Inf. & Soc**., João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005b.

PINHEIRO, Lena Vania. Cenário da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. *In*: VIII ENANCIB. *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 28 a 31 de outubro de 2007, Salvador/Bahia. GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação. Comunicação oral.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Marcos históricos e avanços das metrias da informação e comunicação: da Bibliometria às Altmetrias. *In*: MACHADO, Raymundo N.; RODRIGUES, Kátia de Oliveira; BARROS, Susane Santos (org.). **Diálogos sobre Bibliometria e cientometria.** Salvador: Edufba, 2021.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Políticas públicas de C&T, ICT e de pós-graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. **Revista de Cultura do Pará**, v. 16, n. 1, jan./jun., 2005. p. 93-130.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; SILVA, Giselle Santos. Cartografia histórica e conceitual da Bibliometria/Informetria no Brasil. *In*: CIPECC 2008 – II Conferência Ibero-Americana de publicações eletrônicas no contexto da comunicação científica. Rio de Janeiro, 20 nov. 2008. Disponível em: http://cipecc2008.ibict.br/index.php/ CIPECC2008/cipecc2008. Acesso em: 10/06/2023.

PINHEIRO, Lena Vania. Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos. **Ci. Inf. Rev.,** Maceió, v. 7, n. 2, p. 3-14, maio/ago. 2020.

PRICE, D. S. Ciência da ciência: uma contribuição para a política científica brasileira. *In:*

Seminário Internacional de Estudos sobre Política Científica, 1978. **Anais...**, Rio de Janeiro, 6 a 10 mar.1978.

RAMOS, Hélia de Sousa Chaves. **Sistemas de Informação de Pesquisa em Andamento (Sistemas CRIS)**: Presente, Passado e Futuro Condicional. 243f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação (FCI), Universidade de Brasília (UnB). Brasília, julho 2022.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia.** Trad.: Tarcisio Zandonade. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009. Disponível em: https://biblioteca.claretiano.edu.br/anexo/000074/000074df.pdf. Acesso em: 4 mar. 2024.

RAYWARD, W. BOYD. The history and historiography of Information Science: some reflections. **Information Processing & Management**, v. 32, n. 1, p. 3-17, 1996.

RBD. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, **R. Bras. Bibliotecon**., v. 3, n 1/3, p. 104-109, jan./mar. 1974.

RBD. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, **R. Bras. Bibliotecon**., v. 7, n. 1/3, p. 51-55, jan./mar. 1976.

REES, A.M.; SARACEVIC, T. Towards the identification and control of variables in information retrieval experimentation. **Journal of Documentation**, v. 23, n. 1, p. 7-19, 1967.

REIS, Alcenir Soares dos. **A história da pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil**: a interação texto/contexto. Dissertação (Mestrado em biblioteconomia) – Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia/UFMG. Minas Gerais, 1990.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias. **Ci. Inf**., Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005.

RIVIER, Alexis. Construção de linguagens de indexação: aspectos teóricos. **R. Esc. Bibliotecon**. UFMG, BH, v. 21, n. 1, p. 56-99, jan-jun., 1992.

RODRIGUES, Gabriela Fernanda Ribeiro; OLIVEIRA, Eliane Braga de; JUVÊNCIO, Carlos Henrique. O surgimento da pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. **Inf. Inf**., Londrina, v. 27, n. 4, p. 400-426, out./dez. 2022.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1986.

RUSH, J. E.; WHITE, L.J. James Whitney Perry (1907-1971). Letters to the editor. **Journal of Chemical. Documentacion**, v. 12, n. 1, p. 69, 1972.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

SALDANHA, Gustavo Silva; SOUZA, Rosali Fernandez de Souza; SALES, Luana Farias. O IBICT e a organização do conhecimento: a metaordem dos conceitos e do discurso nos trópicos. *In*: SALDANHA, Gustavo Silva; ALMEIDA, Tatiana de (org.). **História e memória da Organização do Conhecimento no Brasil**: percursos e releituras, Rio de Janeiro: IBICT, 2022. (Coleção PPGCI 50 anos).

SALDANHA, Gustavo Silva; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALES, Luana Farias. Celia Zaher: travessias e infovias do IBBD ao IBICT no Brasil-mundo. *In*: CUNHA, Daniela A. P. (org.). **IBICT 70 anos:** um resgate histórico daqueles que fizeram o instituto. Brasília: IBICT, 2023.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. **O IBBD e os serviços que se propõe a prestar**. Rio de Janeiro: CNPq; IBBD, 1957.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz; MORTE, Laís da Boa. **O serviço de intercâmbio de catalogação e as críticas que lhe são feitas**. Brasília: DASP/Presidência da República, 1955.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. l. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos. **A cooperação Sul-Sul brasileira a partir da análise da cooperação em registro civil de nascimento com Guiné Bissau**: uma aplicação da teoria da *policy transfer*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SARACEVIC, Tefko (ed.). **Introduction to Information Science**. Nova York: R. R. Bowker Company, 1970.

SARACEVIC, Tefko. **A model of knowledge communication systems and its application to education systems, libraries and library education**. Cleveland, Schools of Library Science, Case Western Reserve University, 1971.

SARACEVIC, Tefko. Educação em Ciência da Informação na década de 1980. **Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, 1978.

SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. *In*: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise (Eds.). **Conceptions of Library and Information Science**: historical, empirical and theoretical perspectives. London; Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 5-27

SARACEVIC, Tefko. A natureza interdisciplinar da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n.1, 1995.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SARACEVIC, Tefko. A Ciência da Informação sob a ótica de Tefko Saracevic. **Agencia Iberoamericana para la Difusión de la Ciencia y la Tecnología**, Espanha, Fundación Centro de Estudios de la Ciencia, la Cultura Científica y la Innovación 3CIN, s.d. Entrevista concedida a Bruno Lara/DICYT. Disponível em: https://www.dicyt.com/noticia/a-ciencia-da-informacao-sob-a-otica-de-tefko-saracevic. Acesso em: 10/01/2025.

SARACEVIC, Tefko. Information science. *In*: BATES, Marcia J.; MAACK, Mary Niles (Eds.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. Nova York: Taylor & Francis, 2009. p. 2570-2586.

SCHNEIDER, Marco. **A Era da Desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: MCT, 2001.

SHANNON, C. E. A mathematical theory of communication. **The Bell System Technical Journal**, v. XXVII, n. 3, jul. 1949.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. *In*: CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org). **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia literária, 2021.

SILVEIRA, Zuleide S. Relatório da Equipe de Assessoria do Planejamento do ensino superior (EAPES) – acordo MEC-USAID. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n. 14, p. 280-287, 2020. Edição Especial.

SOLLA PRICE, D. **O desenvolvimento da ciência**. Trad. Simão Mathias com colab. Gilda Maria Braga. Rio de Janeiro: LTC, 1976 [1963].

SOUZA, Rosali Fernandez de Souza. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, Rosali Fernandez de Souza. Mulheres na vanguarda do PPGCI. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**, Rio de Janeiro, 29 set. 2020. Entrevista concedida ao IBICT. Disponível em: https://antigo.IBICT.br/sala-de-imprensa/noticias/item/2449-entrevista-com-rosali-fernandez-de-souza-vale-a-pena-ser-um-cientista-da-informacao. Acesso em: 10/10/2022.

SOUZA, Rosali Fernandez de Souza. Personalidades fundadoras da classificação: algumas contribuições de impacto no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. *In*: SALDANHA, Gustavo; ALMEIDA, Tatiana de (org.). **História e memória da Organização do Conhecimento no Brasil**: percursos e releituras. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. (Coleção PPGCI 50 Anos).

SOUZA, Rosali Fernandez de; CARVALHO, Priscila Ramos; RAMOS, Marcos Gonçalves. 50 anos do PPGCI IBICT: análise textual da produção científica com IRAMUTEQ. **Inf. Inf**., Londrina, v. 25, n. 4, p. 117-141, out./dez. 2020.

TAYLOR, R. S. Professional aspects of Information Science and Technology. **ARIST**, v. 1, p. 15-40, 1966.

THOMPSON KLEIN, J. Une taxinomie de l'interdisciplinarité. Nouvelles Perspectives en Sciences Sociales. **Revue Internationale de Systémique Complexe et d'Études Relationnelles**, v. 7, n. 1, p. 15-48, 2011.

VAN-DIJCK, José. Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. **Surveillance & Society**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 197-208, 2014.

VICKERY, Brian C. **Classification and Indexing in Science**. 3. ed. London: Butterworth, 1975.

VICKERY, Brian C. Developments in subject indexing. **Journal of Documentation**, v. 11, n. 1, p. 1 - 11, 1955.

VICKERY, Brian C. Knowledge representation: a brief review. **Journal of Documentation**, Reino Unido, v. 42, n. 3, p. 145-159, 1986.

VICKERY, Brian C. Ontologies. **Journal of Information Science**, Estados Unidos, v. 23, n. 4, p. 277-286, 1997.

VICKERY, Brian C. The Royal Society Scientific Information Conference of 1948. **Journal of Documentation**, Londres, v. 54, n. 3, p. 281-283, 1998.

VIEIRA, Anna da Soledade. Na janela do tempo com o IBBD e Drummond: passagens, transformações e novos desafios em educação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. O ensino de recuperação da informação na pós-graduação sul-americana: análise comparativa curricular. **Ci.Inf**., Brasília, DF, v. 47, n. 2, p.133-142, maio/ago. 2018.

WANDERLEY, Manoel Adolpho. Linguagem documentária: acesso à informação. Aspectos

do problema. **Ci. Inf**., Rio de Janeiro, Escola de Biblioteconomia e Documentação/Fefieg, v. 2, n. 2, p. 175-217, 1973.

WERSIG, Gernot. Information science and theory: a weaver bird's perspective. *In*: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of library and information science**: historical, empirical and theoretical perspectives. Londres: Taylor Graham, 1992.

ZAHER, Celia Ribeiro. Entrevista. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Entrevistadora: Rosali Fernandez de Souza.

ZAHER, Celia Ribeiro. Mulheres na vanguarda do PPGCI: entrevista com a professora Célia Ribeiro Zaher. **Sala de Imprensa**, IBICT, 13 nov. 2020. Entrevista.

ZAHER, Celia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. Da Bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. **Ci. Inf**., Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-7, 1972.

ZINS, Chaim. Redefinindo a Ciência da Informação: da Ciência da Informação para a Ciência do conhecimento. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 155-167, set./dez. 2011.

Apêndice 1 – Relação do *corpus* inicial da pesquisa.

1. ALMEIDA, Carlos Cândido de. *O campo da Ciência da Informação*: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

> Estuda o discurso e as representações aceitas legitimamente como conhecimentos construídos socialmente pela comunidade dos pesquisadores da CI. Conclui que as representações produzidas por seus pesquisadores podem orientar ou mesmo serem apropriadas pelos discursos dos profissionais envolvidos com o campo.

2. ALVARES, Lillian; PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; REZENDE, Carolina. *Revista "Ciência da Informação"*: memória da pesquisa científica em Ciência da Informação no Brasil. *In*: SEMINARIO Hispano-Brasileño de Investigación en Información. *Ci.Inf., Brasília*, DF, v. 46 n. 3, p. 1-186, maio/ago. 2018. Disponível em: http://educapes.capes. gov.br/handle/ capes/914041.

> Analisa a pesquisa da CI divulgada na revista Ciência da Informação, por conta da comemoração dos seus 45 anos, sua importância como periódico científico no cenário brasileiro de C&T e seu pioneirismo na área. Traça sua trajetória e representatividade como repositório científico; sua relevância como objeto e fonte de pesquisa; os principais aspectos relativos aos autores, temáticas, produtividade e temas de pesquisa.

3. ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. *O que é ciência da informação.* Belo Horizonte: KMA, 2018.

> Apresenta a origem da CI, seus antecedentes históricos, consolidação nas décadas de 1960-1970 e sua expansão nas décadas de 1980-1990. Analisa a característica da CI no século XXI, sua extensão nas décadas seguintes, com as subáreas; e as caracterizações do campo e da evolução do conceito de informação por meio de revisão da literatura.

4. ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 27, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2013.

> Identifica a presença de reflexões críticas no campo da CI e das disciplinas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Traça a história da evolução dessas áreas, mostrando uma visão estritamente tecnicista e operacional em suas origens. Identifica os esforços para construir espaços de problematizações e a consolidação atual para a reflexão e elementos críticos nas concepções que permeiam o campo.

5. ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; SILVA, Jéssica Cristiane Pereira; COUTINHO, Lívia Ferreira; SOUZA, Priscila Bueno. A contribuição de F. W. Lancaster para a Ciência da Informação no Brasil. *PontodeAcesso,* Salvador, v. 3, n. 2, p. 132 -146, ago. 2009.

> Apresenta os resultados de um estudo sobre o impacto de Lancaster na produção brasileira em CI, entre 2003-2007, em que é citado em todos os artigos publicados em sete periódicos brasileiros. Foi analisada a importância da citação dada ao autor nas discussões e a origem temática e institucional dos autores nos artigos citados. Foi comprovado que sua maior contribuição está na Teoria da Classificação e na Teoria Sistêmica.

6. ARAUJO, Esther Lück de. Estudo da atuação profissional dos egressos do curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT, comparativamente à situação dos profissionais da informação na Inglaterra e Estados Unidos. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PPGCI/IBICT, 1982.

Analisa a atuação do profissional da informação egresso do Curso de Mestrado em CI do IBICT e compara com estudos similares dos Estados Unidos e da Inglaterra. O estudo demonstrou haver diferenças acentuadas na atuação do profissional da informação nos três países, relacionadas ao seu contexto socioeconômico e político e ao papel que a ICT representa em cada um deles.

7. ARBOIT, Aline Elis; BUFREM, Leilah Santiago; KOBASHI, Nair Yumiko. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil sob a ótica da evolução quantitativa dos cursos de graduação na área. *Informação &Amp; Sociedade*, v. 21, n. 1, 2011.

Estudo da evolução quantitativa dos cursos de graduação em Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Gestão e Ciência da Informação criados entre 1910 e 2008. Verificou-se que o aumento dos cursos reflete a importância dada à informação, mas a diversidade de nomenclaturas e as divergências conceituais no campo teórico evidenciam a fragilidade epistemológica da área e a busca por maior visibilidade profissional na sociedade.

8. BARBOSA, Alice Príncipe. Classificações Facetadas. *Ci. Inf,* v. 1, n. 2, 1972.

Aborda a classificação facetada de Ranganathan e a criação do uso de sistemas especializados, depois da década de 1950, quando começaram a se desenvolverem pesquisas técnicas e científicas. Aborda o CRG, criado em 1952 e composto por professores, documentalistas e cientistas da informação, para estudar a elaboração de sistemas mais flexíveis de RI.

9. BRAGA, Gilda Maria. Informação, Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. Ciência da Informação, v. 24, n. 1,1995.

Apresenta reflexões sobre o surgimento e conceituação da informação: sua distinção de seu suporte físico; e sua relação com a Biblioteconomia e a Documentação. Relata a evolução histórica da CI, seus processos, métodos e interdisciplinaridade. Ressalta o impacto da computação e automação nos sistemas de RI. Relaciona as dificuldades técnico-conceituais apontadas pela literatura que não impediram que a área se movimentasse em direção ao fluxo da ciência, conectando-se ao caos e à complexidade.

10. BRIQUET DE LEMOS, Antônio Agenor. Planejamento e coordenação da informação científica e tecnológica no Brasil. *Ci. Inf*., v. 15, n. 2, 1986.

Relata fatos, instituições e documentos governamentais; esboça um estudo do desenvolvimento da ICT no Brasil. Analisa o histórico do lBBD, sua transformação em IBICT e a evolução de seus objetivos frente às mudanças governamentais e a adaptação à realidade brasileira na área de ICT. Trata da políticas governamentais e o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias. Esboça o Plano Trienal do IBICT, suas dificuldades de planejamento e distribuição irregular de verbas.

11. BROUGHTON, V. Brian Vickery and the Classification Research Group: the legacy of faceted classification. *In*: GILCHRIST, A. Proceedings of the Second National ISKO, UK Conference, 2011.

Aborda o impacto da classificação facetada desenvolvida no Reino Unido; examina as origens do CRG, a contribuição única de Brian Vickery e a forma como a classificação facetada cumpriu os objetivos do manifesto do CRG de 1955 para transformá-la a base de toda a RI.

12. BUFREM, Leilah Santiago. Ciência da Informação e história: o caso do IBICT. *Transinformação*, v. 9, n. 1. Recuperado de: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1593.

Analisa 215 dissertações de mestrado defendidas no PPGCI, entre 1972-1995, sob enfoque histórico crítico, apoiando-se em análise quantitativa. Avalia o processo histórico que serviu de pano de fundo para o início das atividades do Curso de Mestrado em CI. Constata um

acentuado dinamismo metodológico no campo da Biblioteconomia e da CI, com tendências à adoção de modos de abordagem mais criativos para tratar novos objetos de estudo.

13. CARVALHO, A. O. Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação: reflexões, sugestões, experiências. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 7, n. 2, p. 289-309, 1978.

Aborda os objetivos e normas da pós-graduação brasileira; os PPGs em Biblioteconomia e CI no Brasil; a preparação do profissional para atuar nos níveis técnico, gerencial e político das instituições; a necessidade de estudos e debates para estabelecer uma política de pós-graduação; a pesquisa e dissertação de mestrado como contribuição para o desenvolvimento da área no Brasil; e as linhas de atuação adotadas na coordenadoria do mestrado do IBBD em 1976 e 1977.

14. CHRISTÓVÃO, Heloisa Tardin. A Ciência da Informação no contexto da pós-graduação do IBICT. *Ciência da informação*, v. 24, n. 1, 1995.

Relata o surgimento do Curso de Documentação Científica (CDC) e do Curso de Mestrado em Ciência da Informação; analisa a origem das disciplinas que constituem o currículo; e apresenta uma visão internacional e local das mudanças da Ciência da Informação.

15. CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; PRET, Raquel Luise. Aproximações entre a teoria da classificação e o processo de indexação: as contribuições do Classification Research Group. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n. 19, 2018. *Anais* [...] XIX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2018.

Apresenta as contribuições do CRG sobre a Teoria da Classificação do processo de indexação; e as pesquisas desenvolvidas pela corrente inglesa de tratamento temático da informação que influenciaram as aplicações da indexação no campo da CI. É uma revisão de literatura acerca dos boletins do CRG entre os anos de 1950 e 1960, editados pelo *Journal of Documentation* e das publicações de seus membros como Brian Vickery, Jason Farradane, Douglas Foskett, entre outros.

16. CNPq; IBICT-UFRJ; ECO-UFRJ. A pós-graduação em Ciência da Informação na UFRJ. *Ciência Da Informação*, v. 16, n. 2, 1987.

Reúne dados sobre a pós-graduação em CI, até então integrada à estrutura administrativa e acadêmica da Escola de Comunicação/UFRJ. Apresenta um panorama histórico da área; analisa o ensino, a administração acadêmica e a pesquisa na área. Apresenta o perfil dos corpos docente e discente, seus compromissos e fatores necessários para a continuidade e consolidação da pós-graduação em CI.

17. EYRE, John. Algumas reflexões sobre o desenvolvimento do ensino da Ciência da Informação no Brasil. *Ciência da informação*. v. 24, n. 1, 1995.

Texto-homenagem aos 25 anos do Curso de Mestrado em CI. Relata a sua experiência como professor do programa de pós-graduação no Brasil, tanto profissional quanto pessoal, e o impacto nas escolas de Biblioteconomia. Elucida o que representam os cursos de Biblioteconomia, os desafios para a profissão, os currículos, além da tecnologia, da sobrevivência da biblioteca e da capacitação do bibliotecário do futuro.

18. GOMES, Hagar Espanha. Nunca se falou tanto em informação e nunca se teve tão pouco de informação. Entrevistador: Edson Serejo Neto. *Informação &Amp; Sociedade*, v. 30, n. 4, p. 1-14, 2020. https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57787.

Narra a história do IBBD, as políticas de negociação com os órgãos financiadores para trazer os professores estrangeiros para o curso de mestrado, a elaboração do curso e o panorama histórico da profissionalização do bibliotecário brasileiro no mercado de trabalho.

19. GOMES, Hagar Espanha. Entrevista. Entrevistadora: Lena Vânia Pinheiro. *Ciência da Informação*, v. 25, n. 3, 1995.

Traça um panorama histórico, político e cultural do IBBD e sua importância social para a ICT. Discorre sobre a criação do curso de mestrado, as pesquisas desenvolvidas, as políticas implementadas, os conceitos desenvolvidos, as dissertações defendidas, os professores brasileiros e estrangeiros, a tecnologia da época etc. Gomes aborda a sua trajetória como coordenadora do Curso de Mestrado, diretora da Comissão Editorial da Ciência da Informação e presidente em exercício do IBBD. Gomes aborda suas áreas de interesse: Teoria da Classificação; Teoria geral da terminologia; Teoria do conceito de Dahlberg; Teoria da Classificação facetada como áreas básicas para o desenvolvimento de tesauros; e estudos de modelagem conceitual de hipertextos.

20. GOMES, Hagar Espanha. Entrevista. *Ci. Inf*., v. 19, n. 2, 1990.

Apresenta a trajetória do curso de mestrado em CI ao completar 20 anos; fala sobre a necessidade de formação de recursos humanos diante do desenvolvimento da área; e os desafios das atividades do setor de ICT no contexto político do país.

21. GOMES, Hagar Espanha. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. *Revista Escola de Biblioteconomi*a, v. 3, n. 1, 1974.

Aborda os antecedentes históricos e os objetivos da pós-graduação do IBBD; o conceito de pós-graduação; a formação do currículo; a interrelação das disciplinas; a formação dos corpos discente e docente do curso de mestrado em CI. Analisa a situação do IBBD e a formação do profissional da Biblioteconomia e da Documentação, de acordo com as necessidades da sociedade da época.

22. GOMES, Maria Yêda F. S. de Filgueiras. O Estado e o processo de implantação de uma política nacional de informação científica e tecnológica no Brasil. *Ci. Inf.,* v. 17, n. 2, 1988.

Breve análise do papel do Estado no processo de implantação de uma política nacional de ICT no Brasil, destacando-se questões de natureza econômica e político-ideológica que interferiram nesse processo. Sugere algumas formas de participação social para levar a uma democratização do conhecimento, como o controle de suas aplicações, a avaliação das políticas e dos planos nesse setor e a definição de prioridades.

23. MARQUES, Tathiane Amaral; SALDANHA, Gustavo Silva. Saberes e fazeres em transformação: a produção do conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil a partir dos anais de eventos científicos dos anos 1970. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 14, número especial de 45 anos, 2018. (Edição comemorativa).

O estudo reconhece a produção do conhecimento científico em Biblioteconomia e CI a partir da Primeira Reunião Brasileira em Ciência da Informação, realizada pelo IBBD em 1975. Abordagem sob uma perspectiva histórica orientada para os processos de transformação contínua do campo biblioteconômico-informacional. Descreve os resultados que permitiram a compreensão dessas mudanças nos conceitos de ICT. Constata a ênfase nas relações de organização, administração, disseminação e utilização dos produtos de C&T; o protagonismo feminino e de instituições públicas na liderança das ações de inovação na organização da informação científica no país.

24. MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti; CAMPOS; Maria Luiza de Almeida. A Organização do Conhecimento no domínio das Ciências Sociais e humanidades na perspectiva de Douglas John Foskett e Derek Wilton Langridge: uma abordagem aos Estudos Culturais e inovações disruptivas. *P2P & INOVAÇÃO,* Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 160-177, mar./ago. 2022.

Apresenta as contribuições de Derek Wilton Langridge e Douglas John Foskett para inovações disruptivas no âmbito da OC nas Ciências Humanas e Sociais, com a quebra de paradigmas e modelos de ORC por meio de instrumentos inovadores para satisfazer as necessidades de usuários na RI. Apresenta suas contribuições nos aspectos culturais da OC e sua influência nos Sistemas de OC por meio da análise de domínio e da análise de conteúdo.

25. MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. Celebrando os 40 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 251-261, 2018. https://doi.org/10.26512/rici.v12.n1.2019.11618

Palestra proferida por ocasião dos 40 anos do PPGCI da UnB. Descreve o contexto das décadas de 1960 e 1970, quando emergem os cursos de pós-graduação no país como resultado das reformas no ensino promovidas pelo Regime Militar instalado no país em 1964. Descreve a fundação do Mestrado em Biblioteconomia na Universidade de Brasília, em 1978, até sua transformação em PPGCI, no início da década de 1990, incorporando o novo Doutorado e o Mestrado em CI – sucessor do Mestrado em Biblioteconomia.

26. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, 1985.

Traça um panorama histórico da década de 1960, caracterizada pela consolidação e expansão dos cursos superiores nas universidades, pela ênfase dos programas na organização das coleções, o descontentamento com o currículo mínimo, a inclusão de novas técnicas e assuntos nos currículos plenos. Analisa acontecimentos que marcaram a evolução do ensino de Biblioteconomia no Brasil, dominada pelo curso da Biblioteca Nacional, de inspiração europeia e dedicado à formação de pessoal para suas próprias seções, e pelos cursos de inspiração americana iniciados em São Paulo. Aborda as duas correntes formadas no currículo mínimo, aprovado em 1962, ano em que a profissão foi reconhecida como nível superior. Aborda os cursos de pós-graduação surgidos na década de 1970 e os problemas enfrentados na profissionalização do bibliotecário.

27. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Marcos históricos e avanços das metrias da informação e comunicação: da Bibliometria às Altmetrias. *In*: MACHADO, Raymundo N.; RODRIGUES, Kátia de Oliveira; BARROS, Susane Santos (org.). *Diálogos sobre bibliometria e cientometria*. Salvador: Edufba, 2021.

Recupera a origem e as primeiras definições de Bibliometria e o pensamento do fundador das metrias: Derek de Solla Price (1922-1983). Aborda todo o processo evolutivo e a rede conceitual das metrias de informação e comunicação no Brasil.

28. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos. *Ciência da Informação em Revista*, v. 7, n. 2, p. 1-6, 2020.

Artigo comemorativo dos 50 anos da CI no Brasil e na América e, também, dos 90 anos de Hagar Espanha Gomes, completados em 29 de setembro. Hagar foi uma das fundadoras do mestrado do PPGCI/ IBICT, que também completou 50 anos em 2020.

29. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Evolução e tendências da Ciência da Informação no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 06., 2005. *Anais* [...] VI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, Florianópolis: UFSC, 2005. 12 p.

Pesquisa de cunho histórico- epistemológico sobre as circunstâncias sociais do surgimento da área no Brasil, em quadro comparativo com o panorama dos Estados Unidos e Europa, sendo constatada dupla herança ou convergência de influências em nosso país. Os resultados de

pesquisas empíricas anteriores refletem o domínio epistemológico da CI no exterior (com base em 388 artigos de revisão do ARIST – 1966-2004), confrontados com os da análise de 593 artigos da revista Ciência da Informação (1972-2004), que traduzem as disciplinas constituintes ou domínio epistemológico da área no Brasil.

30. PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Infraestrutura da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. *DataGramaZero,* Rio de Janeiro, IASI, v. 1, n. 6, dez. 2000.

Analisa a infraestrutura para pesquisa em CI no Brasil a partir das políticas de ICT, considerando a natureza da área um campo do conhecimento. Destaca o fomento à pesquisa e os recursos financeiros levantados pelo CNPq para diferentes categorias de auxílio e a disseminação das pesquisas por meio de periódicos, eventos técnico-científicos, recursos bibliográficos de bibliotecas, centros de informação, bases de dados especializadas, laboratórios e infraestrutura tecnológica para estimular o processo de comunicação e informação.

31. PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. *Investigación Bibliotecológica: Archivonomía, Bibliotecología e Información*, v. 12, n. 25, 1998. https://doi.org/10.22201/iibi.0187358xp.1998.25.3884

Faz uma revisão da literatura sobre a interdisciplinaridade da CI, seu conceito e suas particularidades. Analisa e compara os primeiros estudos realizados com as investigações mais recentes. Aborda o diálogo entre a CI, a Biblioteconomia e a Ciência da Computação, e o conhecimento resultante desse envolvimento, com o reconhecimento das três áreas.

32. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; BRÄSCHER, Marisa; BURNIER, Sonia. Ciência da Informação: 32 anos (1972-2004) no caminho da história e horizontes de um periódico científico brasileiro. *Ciência da informação*, v. 34, n. 3 2005 [1968].

Analisa a revista Ciência da Informação, suas seções, padrões bibliográficos e sistema de avaliação, assim como o conteúdo dos artigos, a produtividade de autores e os padrões de autoria, constatando a sua repercussão em nível nacional e internacional. Em seu processo evolutivo, o formato eletrônico potencializou a disseminação e o acesso universal à informação. Os resultados demonstram que o periódico é um espaço de discussão de temas relevantes e atuais da área, contribuindo para a consolidação e expansão da CI no Brasil.

33. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Políticas públicas de C&T, ICT e de pós-graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. *Revista de Cultura do Pará*, v. 16, n.1, jan./jun. 2005. p. 93-130

Aborda a institucionalização da CI no Brasil: as primeiras faculdades e universidades, as academias de Letras e de Ciências, as sociedades científicas e órgãos de fomento, a Semana de Arte Moderna, as políticas da UNESCO para a América Latina e a criação do IBBD. Destaca a importância do CDC como experiência para a elaboração do Mestrado. Aborda a institucionalização acadêmica e científica da CI e os planos nacionais de desenvolvimento.

34. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. Ciência da Informação, v. 24, n. 1, 1995. DOI: https://doi. org/ 10. 18225/ci.inf.v24i1.609

Origem, evolução e atualidade da CI. Principais teóricos e respectivas correntes de pensamento, interdisciplinaridade e dimensões tecnológica e social da área. Introdução da CI no Brasil, trajetória e estrutura do Mestrado.

35. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; OLIVEIRA, Eloísa da Conceição Príncipe de (org.). Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científicas: transformações em cinco séculos. Brasília: IBICT, 2012. Disponível em: http:/livroaberto.ibict.br/handle/1/711.

Coletânea de vários autores dividida em quatro capítulos: abordagens históricas da comunicação científica; comunicação e divulgação científicas e metrias; comunicação e informação em museus; questões tecnológicas, políticas e sociais de informação e do conhecimento. Aborda os primórdios da ciência, com Galileu Galilei e as cartas de cientistas, até as TICs e questões do acesso livre à informação científica e os repositórios digitais.

36. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; SILVA, Giselle Santos. Cartografia histórica e conceitual da Bibliometria /Informetria no Brasil. *In*: CONFERENCIA IBERO-AMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRONICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTIFICA, Rio de Janeiro, Brasil, 17 a 21 de novembro de 2008. II CIPECC, 2008.

Abordagem histórica da Bibliometria e Informetria no Brasil, com base no pensamento e evolução conceitual de Solla Price. Analisa a origem e o percurso da área e do IBICT da década de 1970: produção de dissertações e teses, seus respectivos orientadores e orientandos, gerações acadêmicas, enfoques e tendências em linhas de pesquisa. Aborda os cursos, eventos técnico-científicos, a criação de grupos de pesquisa, a expansão e o fortalecimento das metrias da comunicação científica no Brasil, PPGs, linhas e grupos de pesquisa.

37. QUEIROZ, D. G. de C.; MOURA, A. M. M. de. Ciência da Informação: história, conceitos e características. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 26-42, 2015. DOI: 10.19132/1808-5245213.26-42. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/57516. Acesso em: 7 fev. 2025

Recupera a história e evolução da CI no mundo e no Brasil. Aborda o caráter interdisciplinar, a mudança de paradigmas e os diversos conceitos ao longo do tempo. Constata o porquê de ela ser considerada uma ciência. Identifica o seu objeto de estudo sob a ótica de diversos pesquisadores, seus objetivos e suas características.

38. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. *História da educação no Brasil*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

Aborda teoricamente os principais fatores políticos na evolução do sistema educacional brasileiro e seu desenvolvimento após os anos 1930; a organização do ensino; o contexto sociopolítico; a educação brasileira após 1964; e o sentido político da modernização do ensino superior.

39. SALDANHA, Gustavo. Fábula da criação: uma sociedade sem informação e sua ciência. In: SALDANHA, Gustavo. *Ciência da Informação*: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. p. 188-208

Discute questões epistemológicas e históricas da CI, como a reflexão sobre a pluralidade de conceitos estudados e a identificação de teorias fundadoras do campo. O livro comemora os 50 anos do PPGCI/IBICT/UFRJ e da Ciência da Informação na América Latina e Caribe, celebrados em 2020.

40. SALDANHA, Gustavo Silva; SOUZA, Rosali Fernandez de Souza; SALES, Luana Farias. O IBICT e a organização do conhecimento: a metaordem dos conceitos e do discurso nos trópico. *In*: SALDANHA, Gustavo; ALMEIDA, Tatiana de (org.). *História e memória da Organização do Conhecimento no Brasil*: percursos e releituras. Rio de Janeiro, IBICT: 2022. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1249.

Aborda as instituições na dimensão espaço-temporal, em que os contextos se sobrepõem nas infraestruturas, fenômenos, marcos e mutações em OC no Brasil. Um mergulho nas formações institucionais da era institucional pioneira (1900 a 1920), a político-administrativa (1930 e 1940), a político-desenvolvimentista (1950), a científico-tecnológica (1970-1980), a eletrônico-digital (1990-2000) e a sociotécnico-crítica (2010 em diante). Aborda os atores que participaram da construção da dimensão biobibliográfica no IBBD, como Jannice Monte-Mór,

Lydia Queiroz Sambaquy, Herbert Coblans, Jesse Shera, Frederick Wilfrid Lancaster, Tefko Saracevic, Ingetraut Dahlberg, Hagar Espanha Gomes, Lena Vania Ribeiro Pinheiro, Maria Nélida González de Gómez e Rosali Fernandez de Souza.

41. SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. *Construção e constituição de uma ciência*: análise bibliométrica e arqueológica do periódico Ciência da Informação. Brasil. 503f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2012.

Investiga e identifica historicamente a institucionalização da CI no Brasil a partir da análise arqueológica dos artigos e citações constantes nas publicações do periódico Ciência da Informação. Analisa os resultados da fundamentação teórica dos autores, em particular Michel Foucault, e sua obra Arqueologia do Saber. Abarca o período da fundação do IBBD (década de 1950), a mudança para IBICT (1976), os 45 anos de contexto histórico analisado e os 35 anos de publicação da revista.

42. SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. *A identidade da ciência da informação brasileira no contexto das perspectivas históricas da pós-graduação*: análise dos conteúdos programáticos dos PPGCI S. 2011. 229 f. Dissertação (Mestrado em ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

Reflete sobre a identidade histórica da CI; os fatores que lhe deram origem como campo científico; e analisa o processo histórico da informação no Brasil.

43. SILVA XAVIER, Ana Laura; CAPRIOLI, Mariana da Silva; LIMA, Larissa de Mello; ERNESTO DE MORAES, João Batista. O percurso discursivo da Ciência da Informação no Brasil: análise dos periódicos Ciência da Informação e Perspectivas em Ciência da Informação em 1970,1980 e 1990. *Biblionline*, v. 15, n. 2, 2019.

Aborda o desenvolvimento da CI a partir da década de 1970, sua constituição conceitual, discursiva e histórica em território brasileiro, confrontada pelos pressupostos teóricos e metodológicos do discurso de matriz francesa. Delineia o percurso conceitual e discursivo da área, no Brasil, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Verifica que, nas três décadas, a discrepância entre as definições acerca da área foi legitimada, sem um equilíbrio epistemológico do que seria a CI. Constata a existência de dois polos de atuação: a CI Interdisciplinar, o polo mais teórico, e o polo mais concreto, que apresenta a responsabilidade da área na atualidade.

44. SOUZA, Rosali Fernandez de. Personalidades fundadoras da classificação: algumas contribuições de impacto no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. *In*: SALDANHA, Gustavo; ALMEIDA, Tatiana de (org.). *História e memória da Organização do Conhecimento no Brasil*: percursos e releituras. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. 204p. (Coleção PPGCI 50 anos).

Destaca a construção das escolas, suas pesquisas e seus pesquisadores, com os percursos e as releituras da história e da memória de diferentes núcleos de pesquisa e experimentos da OC brasileira. Aborda as personalidades fundadoras da classificação com influência no país nos anos 1960 e 1970. Destaca referenciais básicos do conhecimento a ser organizado e àqueles que necessitam organizar o conhecimento, questionamentos fundamentais para a efetivação da OC no tratamento de documentos, informações e dados em qualquer sistema informacional.

45. SOUZA, Rosali Fernandez de; CARVALHO, Priscila Ramos; RAMOS, Marcos Gonçalves. 50 anos do PPGCI IBICT: análise textual da produção científica com IRAMUTEQ. *Inf. Inf.,* Londrina, v. 25, n. 4, p. 117-141, out./dez. 2020. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/informacao/

A partir da coleta de dados em repositórios institucionais (CAPES, BDTD, RIDI, Pantheon e RIUFF), faz análise textual através do programa IRAMUTEQ e discute, com base na revisão bibliográfica e documental, a produção científica dos 50 anos do PPGCI/IBICT. Identifica os

temas das pesquisas acadêmicas realizadas no programa durante o período. Os 752 títulos e 454 resumos de teses (169) e dissertações (583) analisados apresentaram como principais abordagens temáticas: usos e efeitos da informação; metrias da informação; estudos sobre instituições sediadas no Rio de Janeiro; e perspectivas teóricas e conceituais na CI.

46. VIEIRA, Anna da Soledade. *Na janela do tempo com o IBBD e Drummond*: passagens, transformações e novos desafios em educação. Ciência da Informação, v. 24, n. 1, 1995. DOI**:** https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.606.

Ressalta o papel inovador do IBBD em recursos humanos, como a capacitação dos profissionais da informação através do CDC e o Curso de Mestrado em CI. Discute a situação e as perspectivas da área, com ênfase nos ganhos e desafios encontrados no contexto brasileiro.

47. ZAHER, Célia Ribeiro. Entrevista. Entrevistadora: Rosali Fernandez de Souza. Ciência da Informação, v. 24, n. 1, 1995. DOI**:** https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.604.

Célia Zaher explica o processo de concepção e implantação do Curso de Mestrado durante a sua gestão como presidente do IBBD. A importância dessa entrevista, além do conteúdo, está no registro do diálogo entre uma ex-aluna do IBBD que se tornou docente do IBICT e uma ex-professora do PPGCI, que participou da implementação do curso de mestrado no IBBD.

48. ZAHER, Célia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. Da Bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. *Ci. Inf.*, v. 1, n. 1, 1972. DOI: https://doi.org/10.18225/ci.inf.v1i1.1

Discute as novas formas de registro de informações que ampliaram o âmbito da Bibliografia, levando ao aparecimento da Documentação. Necessidades sociais exigiram maior especificidade no tratamento de informação para a solução de novos tipos de especialistas e novas tecnologias que se desenvolveram, dando origem à CI. Como disciplina científica, a CI passa a considerar a Bibliografia, a Biblioteconomia e a Documentação como suscetíveis de aplicação aos resultados de suas investigações.

Apêndice 2 – Principais eventos que impulsionaram o desenvolvimento da CI no Brasil (décadas 1950-1970).

Ano	Evento	Instituição
1950	Conferência internacional cria um Comitê Consultivo Internacional Permanente de Bibliografia.	UNESCO
1951	Criação das agências do Conselho Nacional de Pesquisa (CNP) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).	Presidência da República
1952	UNESCO e Fundação Getúlio Vargas (FGV) aprovam Resolução que escolhe o Brasil para sediar o centro bibliográfico de documentação IBBD.	FGV
1954	IBBD é criado através do Decreto n. 35.124.	UFRJ
1955	IBBD lança o Curso em Documentação Científica (CDC) em nível de especialização.	IBBD
1962	Profissão do bibliotecário é legalizada por meio da Lei nº 4084.	MEC
	Última reforma curricular do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.	BN/RJ
1965/ 1966	Pós-graduação é regulamentada por meio do Parecer 977/65.	MEC
	Ministério da Educação (MEC) e Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) firmam acordo de colaboração internacional para a reformulação do ensino.	MEC e USAID
	Currículo do CDC é reformulado.	IBBD
1967	Fundo para o Desenvolvimento Técnico-Científico (Funtec) é criado por meio da resolução nº 279 para financiar projetos de pesquisa.	BNDE
1968	Instituto Nacional de Tecnologia do Ministério da Indústria e Comércio e Centro de Informação Tecnológica é criado.	Confederação Nacional da Indústria.
	Primeira Bibliografia Brasileira formada por processo automatizado na área de Física é criada.	IBBD
	Ocorre o I Seminário de Informática.	IBBD
	Lançamento do projeto CALCO, primeiro formato automatizado de informação da América Latina.	IBBD
	Ministério da Indústria e Comércio sugere ao governo militar a criação de uma Rede nacional de informação tecnológica.	Ministério da Indústria e Comércio
	Reforma Universitária do ensino superior e reformulação do conteúdo do currículo mínimo.	MEC
1969	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) é criado para financiar os programas e os projetos prioritários do Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT) inscrito no documento de "Metas e Bases para Ação de Governo".	MEC
1970	Célia Zaher assume a coordenação do PPGCI até 1972.	IBBD
	Primeiro curso de Mestrado em Ciência da Informação do Brasil, América Latina e Caribe é criado com mandato da UFRJ.	IBBD
	Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT) é criado para integrar as atividades de pesquisa científica e tecnológica e os PBDCT's.	Presidência da República

1971	Sistema de Informação das Nações Unidas para Ciência e Tecnologia (UNISIST).	Presidência da República
1972	Desenvolvimento do formato CALCO.	IBBD
	Lançamento da revista *Ciência da Informação*.	IBBD
	O Decreto nº 70553/72 define as áreas de competência no Setor de Ciência e Tecnologia.	Presidência da República
	Governo lança o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), que durou dois anos.	Presidência da República
1973	O Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD é regulamentado e publicado na revista *Ciência da Informação* (v. 1, n. 1/3).	IBBD
	Início do Sistema de Informação da EMBRAPA.	EMBRAPA
	Implantação da Rede de Bibliotecas da Amazônia (REBAM).	SUDAM
	Criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV).	FGV
	As dretrizes básicas para a implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT) são apresentadas ao CNPq.	Presidência da República
	Governo lança o I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT), aprovado pelo Decreto nº 72527, com duração até 1974.	Presidência da República
1974	O I PBDCT renomeia o Conselho Nacional de Pesquisas (CNP) para Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).	Presidência da República
	Governo lança o II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), com duração até 1979.	Presidência da República
	Seminário sobre Documentação e Informática.	FGV
	Centro de Informações Nucleares (CIN) é fundado no CNEN.	CNEN
1975	Implantação da Rede de Documentação e Informação.	Minter/MEC
	Início do Sistema de Informação em Ciência e Tecnologia (SEICT).	FAPESP
	Implementação do *International Serial Standard Number* (ISSN).	IBBD
	Realização da I Reunião Brasileira de Ciência da Informação.	IBBD
	Governo lança o I Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG).	Presidência da República
	Os currículos do Curso de Documentação Científica (CDC) e do Curso de Mestrado em Ciência da Informação são reformulados.	IBBD
	São criados o Sistema Centralizado de Informação, desenvolvido pelo CNPq, e o Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT) por meio do Decreto nº 75225.	Presidência da República
	IBBD é transferido para o novo CNPq por meio do Decreto nº 75241.	Presidência da República
	O *Regimento Interno do IBBD* é publicado por meio da Resolução Executiva do CNPq, n° 19/75.	IBBD

	I Reunião Brasileira de Ciência da Informação.	IBBD
1976	Governo lança o II Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (II PBDCT), que estabelece diretrizes e prioridades para o setor de Informação em Ciência e Tecnologia até 1979.	Presidência da República
	O IBBD é reestruturado para IBICT por meio da Resolução Executiva do CNPq, nº 20/76 e ganha Divisão de Ensino e Pesquisa e Divisão de Estudos e Projetos. O primeiro quadro de pesquisadores em CI, no Brasil, é estabelecido.	IBICT
	Início do Banco de Teses do SIBEC/MEC e lançamento dos catálogos de dissertações e teses brasileiras.	MEC
1977	Rede Bibliodata é implantada a partir do CALCO, um sistema de abrangência nacional que hospedou o maior catálogo coletivo de bibliotecas brasileiras.	FGV
	Início do acesso às bases de dados Orbit, Dialog e Questel no exterior.	IBICT
1978	A Biblioteca Regional de Agricultura (BINAGRI) é fundada e, mais tarde, se torna CENAGRI.	Ministério da Agricultura e FAO
	Começa o acesso *on-line* às bases de dados estrangeiras NTIS, com fitas magnéticas, e Lisa.	IBICT
	O *International Standard Book Number* (ISBN) é implantado.	Biblioteca Nacional
1979	Laura Maia de Figueiredo assume a coordenação do PPGCI e da Coepe até 1980.	IBICT
1980	Governo lança o III Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PBDCT) por meio do Decreto nº 85118. O III PBDCT fixou o I Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) criado em 1986 para se constituir como um dos instrumentos de implementação da política nacional de Ciência e Tecnologia.	Presidência da República

Adaptado pela autora com base em Pinheiro e Loureiro (2005, p. 11-12), Pinheiro (2000, p. 6) e Portal do IBICT (http://50.ppgci.IBICT.br/linha-do-tempo/).

Apêndice 3 – Dissertações apresentadas ao curso de mestrado do IBBD na década de 1970.

1972		Autor/Dissertação	Orientador
1	JUN	RAULINO, Pérola Cardoso. *Um sistema de disseminação seletiva da informação para os membros do Congresso* Nacional. 2 jun. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Astério Tavares Campo
2		FREITAS, Adda Drugg de. *Processamento de informações de registros médico-hospitalares*. 2 jun. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Clovis Francisconi e Paulo Roberto Vauthier de Souza.
3		GONÇALVES, Jerusa Borges. *Planejamento para a criação de um centro de informação para a Fundação Getúlio Vargas*. 2 jun. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Célia Ribeiro Zaher.
4		BARBOSA, Alice Príncipe. Projeto CALCO. *Adaptação do MARC II para implantação de uma central de processamento da catalogação cooperativa*. 05 jun. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	La Vahn Overmyer.
5		MAIA, Alice Barros. *Centro de análise de informação. Requisitos mínimos para seu funcionamento*. 5 jun. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Célia Ribeiro Zaher.
6		GOMES, Hagar Espanha. *Utilização do sistema de SDI do technical Information service do National Research Council do Canadá*: algumas implicações. 05 jun. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Célia Ribeiro Zaher.
7	AGO	ASSUNÇÃO, Jandira Batista. *Projeto de um sistema de classificação bibliográfica analítico- sintético (ou facetado) para indexação e recuperação de informações em Biologia*. 7 ago. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/ IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Jack Mills.
8		ROSA, Malvina Vianna. *Classificação facetada em Odontologia*. 7 ago. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Jack Mills
9	DEZ	BRAGA, Gilda Maria. *Relações bibliométricas entre a frente de pesquisa (research front) e revisões da literatura*: estudo aplicado a Ciência da Informação. 20 dez. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Tefko Saracevic.
10		FIGUEIREDO, Laura Maia. Distribuição da literatura geológica brasileira: estudo bibliométrico. 20 dez. 1972. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1972.	Tefko Saracevic.
1973		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
11	JAN	TSUPAL, Rodolfo. Modelo para inclusão da Ciência da Informação nos currículos das escolas e cursos de graduação de Biblioteconomia e Documentação no Brasil. 11 jan. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Tefko Saracevic.

12		MAIA, Elza Lima e Silva. Comportamento bibliométrico da língua portuguesa, como veículo de representação da informação. 25 jan. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Tefko Saracevic.
13		ROSSETE, Leila Maria Torres. Investigação sobre parâmetros de projeto de sistemas de recuperação da informação. Abordagem teórica e aplicação prática em um ambiente universitário. 31 jan. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Tefko Saracevic.
14		FERNANDEZ, Rosali Pacheco. *Análises bibliométricas da produção científica dos grupos de pesquisa sobre Física do estado sólido na América Latina*. 31 jan. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Tefko Saracevic.
15	ABR	IPPOLITO, Celina Teresa Magalhães. Análise comparativa da aquisição e circulação de periódicos em bibliotecas da Universidade de São Paulo na área médica e afim: uma metodologia bibliométrica. 9 abr. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Tefko Saracevic.
16		TAVEIRA, Dyrse Barreto. Catálogo em livro para as bibliotecas da Universidade Federal Fluminense (estudo de viabilidade). 10 abr. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	La Vahn Overmyer.
17	SET	OLIVEIRA, Elvia de Andrade. Automação dos índices das tabelas da Classificação Decimal Universal. 19 set. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Georges Schwachheim.
18	OUT	CHASTINET, Yone Sepúlveda. Metodologia para implementação de um banco de dados em ciência e tecnologia, projeto piloto aplicado à Química. 10 out. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Célia Ribeiro Zaher.
19		WANDERLEY, Manoel Adolpho. Linguagem documentária = acesso ao documento: aspectos do problema. 19 out. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1973.	Sylvio Edmundo Elia.
1974		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
20	FEV	LIMA, Maria Lecticia de Andrade. Usuários de uma biblioteca universitária: estudo realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. 5 fev. 1974. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.	Tefko Saracevic.
21	JUN	DI GIORGI, Maria Luiza Andrade. Análises da comunicação entre autores no campo da literatura brasileira de tecnologia de alimentos. 28 jun. 1974. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.	Tefko Saracevic.
22	AGO	DUSSILEK, Darci. Investigação sobre a influência das variáveis tempo e assunto no vocabulário de um autor. 15 ago. 1974. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD/UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.	Tefko Saracevic.

23	NOV	VIEIRA, Anna da Soledade. Metodologia para definição de campos em banco de dados. 12 nov. 1974. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.	Bert Roy Boyce.
24	DEZ	LOPEZ ROBLERO, Edgar Leonel. Estudo do desenvolvimento da literatura de Física do estado sólido no México, no período de 1959-1971. 9 dez. 1974. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.	Délia Valéro Ferreira.
25		CALDEIRA, Paulo da Terra. Crescimento da literatura brasileira da doença de Chagas: análise bibliométrica. 12 dez. 1974. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.	Bert Roy Boyce.
1975		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
26	NOV	SOUSA, Gláucia Helena Barbosa Pereira de. Comparação entre um índice KWOC (keyword- out-of-context) e um índice em cadeia derivado da CDU (Classificação Decimal Universal). 21 nov. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1975.	Gilda Maria Braga.
27	DEZ	LEMOS, Maria Ignez Azambuja de. Sistema de informações para uma empresa de fundações (SIEF). 1 dez. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBBD-UFRJ , Rio de Janeiro, 1975.	La Vahn Marie Overmyer.
28		BOTELHO, Tânia Mara Guedes. Modelo de um sistema de informação e indicadores científicos. 16 dez. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) CNPq/IBBD-UFRJ, Rio de Janeiro, 1975.	Frederick Wilfrid Lancaster.
1976		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
29	ABR	OLIVEIRA, Margarida Pinto. Estudo bibliométrico da literatura brasileira de Esquistossomose. 12 abr. 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) –CNPq/ IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1976.	Tefko Saracevic.
30	MAIO	PIEDADE, Maria Antonieta Requião. Estudo comparativo de algumas linguagens de indexação, eficácia e tempo de pesquisa. 20 maio 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1976.	Frederick Wilfrid Lancaster.
31		CARVALHO, Maria de Lourdes Borges. Análise de citações de artigos de periódicos publicados pelos professores do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, no período de 1968 a 1973. 31 maio 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1976.	Maria Lúcia de Andrade Garcia.
32	JUL	SÁ, Elisabeth Schneider de. Participação dos pesquisadores brasileiros de Microbiologia, Imunologia e Parapsicologia (MIP) na literatura científica internacional. 5 jul. 1976. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1976.	Gilda Maria Braga.
1977		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
33	MAIO	POMPEU, Angela Lerche. Modelo para unidade de informação em organizações de pesquisa e sua contribuição para utilização de tecnologia. 26 maio 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Peter Rudolf Seidl.

34	JUL	FOLLY, Eneyda de Mattos. Otimização da coleção de periódicos da biblioteca de veterinária da Universidade Federal Fluminense. 22 jul. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Herta Laszlo.
35		ROLIM, Ivanilda Fernandes Costa. A criação intelectual e artística no Brasil: uma análise da bibliografia nacional corrente, durante o período de 1951/1962. 25 jul. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1977.	Edson Nery da Fonseca.
36	AGO	GOMES, Samuel. Distribuição da literatura científica brasileira: estudo bibliométrico. 02 ago. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/ IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Laura Maia de Figueiredo.
37		SANTOS, Maria Virgínia Ruas. Estudo das necessidades de informação dos técnicos das áreas-fim do Instituto Nacional de Pesos e Medidas e seu comportamento quanto à busca de informação. 08 ago. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/, Rio de Janeiro, 1977.	Frederick Wilfrid Lancaster.
38		QUEIROZ, Suzy de Souza. Proposta para criação de uma rede de informação econômica. 10 ago. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1977.	Anna da Soledade Vieira.
39	SET	GUSMÃO, Heloísa Reis. Análise da literatura brasileira de Siderurgia. 16 set. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Laura Maia de Figueiredo.
40	NOV	OLIVEIRA, Maria Alzemira Tavares de. Sistema de catalogação e recuperação em Artes Plásticas. 7 nov. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Isu Fang.
41		PARRA SANTOS, Alejandro. O panorama da Física na Colômbia, implantação e desenvolvimento: um aporte ao sistema nacional de informação.11 nov. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Délia Valério Ferreira
42	DEZ	OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. Análise da Classificação Universal (CDU) visando a sua transformação em linguagem universal de informação científica. 23 dez. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.	Astério Tavares Campos.
1978		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
43	JUN	ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Estudo dos canais informais de comunicação técnica. Seu papel em laboratórios de pesquisa e desenvolvimento, na transferência de tecnologia e na informação tecnológica. 16 jun. 1978. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-FRJ, Rio de Janeiro, 1978.	Peter Rudolf Seidl.
44		FIGUEIREDO, Regina Célia. Estudo comparativo de julgamentos de relevância do usuário e não-usuário de serviços de disseminação seletiva da informação. 26 jun. 1978. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1978.	Tefko Saracevic

45	AGO	CASTILHO, Rosane Teles Lins. Avaliação de coleções e de serviços de bibliotecas para a área de Ciência da Computação. 28 ago. 1978. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1978.	Frederick Wilfrid Lancaster.
46	DEZ	NOCETTI MENENDEZ, Milton Amilcar. Estudo analítico da informação agrícola no Brasil. 1 dez. 1978. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT- UFRJ, Rio de Janeiro, 1978.	Laura Maia de Figueiredo.
47		MELO, Luicira Goldstein Costa. Hábitos e interesses dos usuários da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco. 11 dez. 1978. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1978.	Maria Lectícia de Andrade Lima.
1979		**Autor/Dissertação**	**Orientador**
48	FEV	CHRISTÓVÃO, Heloísa Tardin. *Da comunicação informal à comunicação formal*: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. 22 fev. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Gilda Maria Braga.
49		OLIVEIRA, Laura de Lira e. Construção de um thesaurus para indexar prontuários Médicos no campo da Cardiologia. 26 fev. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster.
50	MAIO	LEMOS, Aniza Moniz Aragão de. Modelo para avaliação de periódicos científicos brasileiros. Estudo na área da Radiologia. 22 maio 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Gilda Maria Braga.
51		OBERHOFER, Cecília Alves. Disponibilidade e acessibilidade: avaliação da satisfação de demanda em três bibliotecas universitárias. 22 maio 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Gilda Maria Braga.
52		BRAGA, Helena Medeiros Pereira. Desenvolvimento da ciência no Brasil: análise quantitativa de 29 anos de Reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). 31 maio 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Gilda Maria Braga.
53	JUN	RIBEIRO, Eliane de Oliveira Sabóia. Estudo sobre a literatura do cacau no período 1950-1975. 5 jun. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster.
54		REIS, Maria Angela Lagrange Moutinho dos. O sistema Medline no Brasil. Uma avaliação parcial do seu desempenho. 6 jun. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster
55		GARCIA, Márcia Japor de Oliveira. *Recursos da informação e os cursos de mestrado da área Biomédica na Universidade Federal Fluminense*. 18 jun. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Lélia Galvão Caldas da Cunha.
56		BARBOSA, Elza Maria Ferraz. *Estudo comparativo dos métodos usados para medir a obsolescência da literatura científica*. 18 jun. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster.

57	AGO	SOARES, Selma Terezinha Chi Barreiro. *Avaliação do serviço de disseminação seletiva de informações do Centro de Informações Nucleares em relação a precisão, recuperação e novidade*. 23 ago. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979. Orientador: Frederick Wilfrid Lancaster.	Frederick Wilfrid Lancaster.
58		DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos. *Construção de thesauri*: experimento empírico para a coleta de termos em formação profissional. 24 ago. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster.
59	OUT	QUEIROZ, Gilda Gama de. *Relações entre o crescimento, a dispersão e a obsolescência da literatura de dosimetria termoluminescente*. 16 out. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster.
60		SERRANO, Nitzia Gicela Barrantes. *Modelo de um thesaurofacet em Arquitetura*. 24 out. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Frederick Wilfrid Lancaster.
61	DEZ	FONSECA, Ana Flávia Pereira Medeiros da. Análise de um serviço de disseminação seletiva da informação como fator de mudança de comportamento e de hábitos dos usuários. 18 dez. 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.	Yone Sepúlveda Chastinet.

Fonte: Dados extraídos do site do IBICT: http://www.ppgci.ufrj.br/dissertacoes-de-mestrado/.

Obs.: As dissertações em destaque referem-se às orientações feitas pelos professores estrangeiros, como La Vahn Overmyer. (1972, 1973, 1975),

Apêndice 4 – Principais eventos que influenciaram os conceitos teóricos em Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia até a década de 1970.

Século XIX	
1866	A Royal Society começa a publicar seu Catálogo de Artigos em Londres.
1876	Fundação da *American Library Association* (ALA) na Filadélfia.
1877	A palavra Documentação surge pela primeira vez.
1892	I Congresso Internacional de Bibliografia, do qual se originaram o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), de Paul Otlet e Henry La Fontaine.
1895	Paul Otlet e La Fontaine fundam o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), em Bruxelas; ocorre o I Congresso Internacional de Bibliografia; e eles fundam o Escritório Internacional de Bibliografia (EIB), cujo objetivo era estudar as questões relativas à bibliografia em geral e, especialmente, elaborar o Repertório Bibliográfico Universal.
1896	Otlet cria um serviço de perguntas e respostas e põe em prática um serviço de pesquisa pago para que qualquer pessoa fizesse uma pergunta por telegrama ou correio. O serviço atingiu 1,5 mil consultas ao ano em 1912.
1897	Otlet faz um esboço da Classificação Decimal Universal (CDU), um índice universal de bibliografia aperfeiçoado do sistema de Melvil Dewey, com 73 páginas. A CDU é desenvolvida ao longo de um período de dez anos com a cooperação de acadêmicos de todo o mundo.
Século XX	
1903	Paul Otlet cunha o termo em francês *Documentation* para designar o processo de fornecimento de documentos para quem busca a informação. A obra foi traduzida para o inglês em 1908.
1905	Paul Otlet lança o índice completo da Classificação Decimal Universal (CDU) com mais de 7 milhões de fichas de arquivo, classificadas por autor e assunto.
1906	Paul Otlet propõe o uso de microfichas padronizadas para trabalho de documentação.
1910	Paul Otlet e La Fontaine criam o *Mundaneum* ou Palais Mondial, a "Cidade do Conhecimento", conceito de uma biblioteca e museu global para reunir vários formatos de documentos, com o objetivo de ser acessado por pessoas de todo o mundo. Otlet e La Fontaine criam o Escritório Central de Associações Internacionais, renomeado para a União das Associações Internacionais de Documentação, localizada em Bruxelas.
1911	Otlet e o engenheiro Robert Goldschmidt inventam o microfilme para reproduzir fotograficamente as páginas dos livros e melhorar o seu arquivamento.
1920	O termo "Documentação" passa cada vez mais a ser adotado na Europa, em vez de "Bibliografia", para denotar o conjunto de técnicas necessárias para gerenciar a explosão de documentos. O termo é aceito como um conceito geral para bibliografia, serviços de informação acadêmica, gerenciamento de registros e trabalho de arquivo.
1925	Paul Otlet e Robert Goldschmidt, da Bélgica, descrevem as vantagens de uma biblioteca microfotográfica composta por um gabinete portátil e um dispositivo de visualização de bolso capaz de armazenar até 18.759 livros de 350 páginas cada.
1930	Vannevar Bush desenvolve no MIT uma máquina analógica que usa engrenagens alimentadas por eletricidade, o Memex.
1931	O conceito de Documentação é discutido na X Conferência Internacional de Bibliografia.

1934	Paul Otlet publica o *Traité de Documentation* e introduz o termo "Documentologia", ampliando o conceito de Documento em seus diferentes suportes além do livro. A Documentação torna-se uma disciplina científica, representando a produção humana registrada em diversos suportes e formatos: livros, manuscritos, fotografias, pinturas, esculturas, imagens em movimento, registros fonográficos, selos, estampas, atas etc.
1945	O Código de Catalogação na Biblioteca Nacional, um extenso e meticuloso trabalho de catalogação de impressões, músicas e mapas comuns, é criado com a assistência de bibliotecários, bibliógrafos e documentalistas. Vannevar Bush publica "As we may think" na Atlantic *Monthly*. Considerado um divisor de águas para o campo da Documentação, o artigo foi escrito na década de 1930.
1948	James W. Perry e G. Malcolm Dyson discutem com Thomas J. Watson, presidente da IBM, a necessidade de desenvolver uma máquina para lidar com grandes volumes de informações científicas – Hans Peter Luhn é designado por Thomas Watson para o projeto.
1949	Claude Shannon e Warren Weaver publicam a "Teoria matemática da comunicação", um dos marcos fundadores do campo.
1950	Nasce a profissão do Documentalista. Calvin Mooers usa o termo *Recuperação da Informação* no artigo "Recuperação da Informação vista como sinalização temporal", apresentado no Congresso Internacional de Matemáticos, em Harvard, entre 30 de agosto e 6 de setembro. Eugene Garfield passa a compilar um registro bibliográfico completo e um índice de citações para o periódico *American Documentation*, publicação oficial da *American Documentation Institute* (ADI), e seus sucessores.
1951	Publicação do Manifesto de Suzanne Briet, "Qu'est-ce que la documentation?". James W. Perry e Robert S. Casey publicam *Punched Cards: Their Application to Science and Industry*.
1952	Publicação de Fundamentos de uma Teoria da Bibliografia, de Margaret Egan e Jesse Shera. Garfield publica a primeira edição de *Contents in Advance*, uma compilação de páginas de conteúdo de revistas de bibliotecas e jornais de documentação, interrompendo em 1954.
1953	Garfield começa a trabalhar em um índice de citações para ciências e preside o Simpósio sobre "Métodos de Máquina em Documentação Científica", realizado na Johns Hopkins University.
1954	Criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).
1955	James Perry se torna diretor do Centro de Documentação e Pesquisa em Comunicação (CDCR), recomendado pela Comissão Hoover. Perry trabalha no design e na construção de um protótipo de um programa de computador, Sistema Perry-Kent, para realizar pesquisas bibliográficas com base em resumos codificados. Em 1955, o Instituto de Informação Científica se torna o Instituto Soviético de Informação Científica e Técnica (VINITI), o serviço centralizado de resumos e indexação para todos os campos científicos. A Fundação Ford cria o Conselho de Recursos Bibliotecários (CLR).

1956	Primeiro estudo científico sobre o uso de periódicos feito na Biblioteca do Museu da Ciência, em Londres.
1957	Implementação do Curso de Documentação Científica (CDD), no IBBD, ministrado por Jesse Shera. Ocorre o Simpósio sobre "Sistemas para Recuperação de Informação" na Escola de Biblioteconomia em Londres.
1958	Ocorre a Conferência Internacional de Bibliografia, criando-se, em seguida, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), onde se estabelece o inventário de todo conhecimento registrado pelo homem em nível mundial. Constrói-se o *Repertório Bibliográfico Universal*, padronizando as formas de tratamento técnico dos registros, com as fichas catalográficas e a Classificação Decimal Universal. É criado o Institute of Information Scientis na Inglaterra.
1962	Reunião no Georgia Institute of Technology, cuja primeira etapa ocorreu um ano antes, em 1961. A Information Retrieval Corporation e a Litton Systems, Inc. desenvolvem e constroem o sistema CRIS (Command Retrieval Information System), que é um desdobramento de um trabalho anterior que Garfield e Avakian concluíram.
1963	O "Relatório Weinberg", do Comitê Consultivo Científico do Presidente dos EUA, emite relatório sobre informações técnicas e científicas federais. Kessler desenvolve o conceito de acoplamento bibliográfico. Garfield publica as primeiras edições do Science *Citation Index*.
1966	O termo "registro gráfico" foi utilizado pela primeira vez por Jesse Shera com o mesmo significado de documento, desconsiderando a noção documento como evidência, desenvolvida por Suzanne Briet. Publicação do primeiro volume da *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST).
1968	Harold Borko publica "Information science, what is it?". Jesse Shera publica "Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação".
1969	É publicado o *Manual de Documentação*. Lasso de La Vega discute a evolução terminológica da Bibliografia à Documentação. São publicadas as obras que significam os esforços dos estudiosos para a compreensão do campo, provenientes da corrente soviética de pensamento: "Informatik", de Mikhailov; "Informática: seu escopo e Métodos", de Mikhailov, Chernyl e Gilyarevsky; e "Informatics as a branch of science", de Merta.
1970	Foskett publica "Informatics", momento em que começa um período de compreensão e delimitação científica do campo, aprofundando sua relação com as ciências sociais e cognitivas. É criado o Mestrado em Ciência da Informação, no IBBD, pioneiro no Brasil, América Latina e Caribe.
1971	Jesse Shera publica "The sociological relationships of Information Science".
1972	Celia Zaher e Hagar Espanha Gomes publicam "Da bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma Posição".
1975	Mikhailov, Chernyl e Gilyarevsky publicam "Estrutura e principais propriedades da informação científica".
	Gernot Wersig e Ulrich Nevelling publicam "Os fenômenos de interesse para a Ciência da

	Informação”.
1976	Nicholas Belkin e Stephen Robertson publicam “Ciência da Informação e o fenômeno da informação”. Norman Roberts publica “Considerações sociais em direção à definição de Ciência da Informação”.
1977	Jesse Shera e Donald Clevand publicam “História e fundamentos da Ciência da Informação” pela ARIST.
1979	Jason Farradane publica “A natureza da informação”.

Fontes: Pesquisa extraída e compilada de Ortega (2004); Pereira, Kroeff e Correa (2018); Mostafá *et al.* (2015) e *Asis*&t (https://www.asist.org/about/history-of-information-science/chronology-of-information-science-and-technology/).

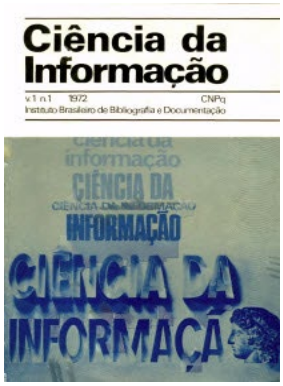
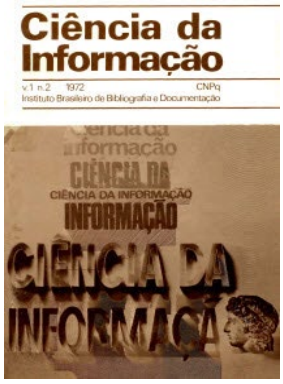
Apêndice 5 – Linha do tempo dos estudos métricos até a década de 1970.

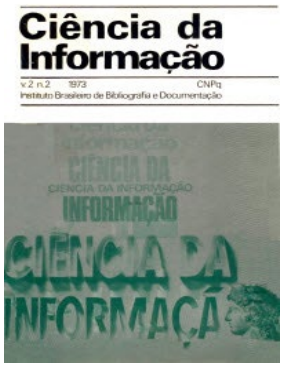
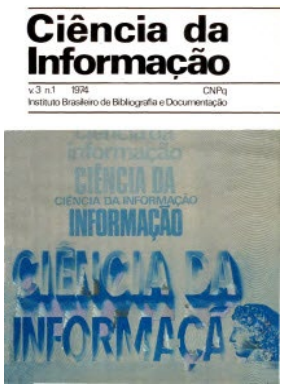
Ano	Eventos internacionais
1934	Paul Otlet aborda o tema bibliometria em seu *Traité de documentation*.
	Samuel Bradford, matemático e bibliotecário do Science Museum de Londres publica a um estudo sobre a distribuição de frequência de trabalhos em periódicos.
1948	Bradford transforma seu estudo sobre a dispersão da literatura em Lei (de Bradford) e o publica em seu livro *Documentation.*
	Ranganathan propõe o termo Bibliotecometria.
1949	É formulada a Lei de Zipf, a terceira lei bibliométrica clássica que relaciona a frequência das palavras em um texto e a ordem de série dessas palavras.
1955	Garfield cria o índice de citação.
1960	Burton e Kleber publica estudos sobre o semiperíodo ou vida média da literatura.
1962	Solla Price publica sobre o crescimento exponencial da ciência.
1963	Solla Price publica o livro *Little Science, big Science*. Kessler apresenta seus estudos sobre acoplamento bibliográfico. Solla Price apresenta a Lei do elitismo.
1964	William Bill Goffman apresenta seus estudos sobre a Teoria epidêmica.
1969	Alan Pritchard publica o termo bibliometria, popularizando-o. Nalimo e Mulchenko definem a Cientometria.
1970	Brookes desenvolve o método gráfico de medição de obsolescência. Início do primeiro curso de Mestrado em CI no IBBD.
1972	Primeira dissertação apresentada sobre a Lei de Bradford no IBBD: FIGUEIREDO, Laura Maia. *Distribuição da literatura geológica brasileira: estudo bibliométrico.* Primeira dissertação apresentada sobre Frente de pesquisa e elitismo no IBBD: BRAGA, Gilda Maria. *Relações bibliométricas entre a frente de pesquisa (research front) e revisões da literatura*: estudo aplicado a Ciência da Informação.
1973	Small e Marshakova desenvolvem a Análise de cocitação. Primeira dissertação apresentada em Produção científica no IBBD: FERNANDEZ, Rosali Pacheco. *Análises bibliométricas da produção científica dos grupos de pesquisa sobre Física do estado sólido na América Latina*. Primeira dissertação apresentada sobre a Lei de Zipf no IBBD: MAIA, Elza Lima e Silva. Comportamento bibliométrico da língua portuguesa, como veículo de representação da informação.
1974	Primeira dissertação apresentada sobre a Lei de Goffman no IBBD: CALDEIRA, Paulo da Terra. Crescimento da literatura brasileira da doença de Chagas: análise bibliométrica.
1976	Primeira dissertação apresentada sobre Análise de citação no IBBD: CARVALHO, Maria de Lourdes Borges. Análise de citações de artigos de periódicos publicados pelos professores do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, no período de 1968 a 1973. É lançado o *Journal Citation Reports*.

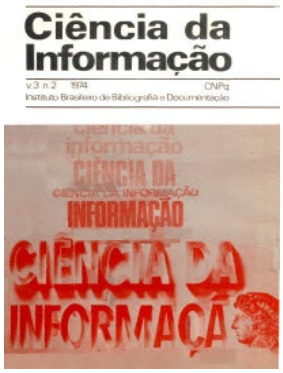
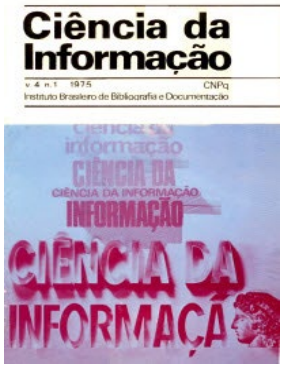
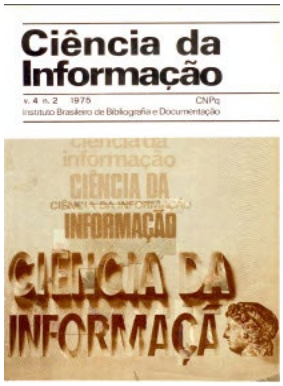
1978	White e Griffith desenvolvem a Análise de cocitação de autor. Edição do periódico *Scientometrics*.
1979	Otto Nacke propõe o termo Informetria, adotado pelo Viniti para representar um subcampo da CI e trabalhar com os processos de comunicação em ciência e mídia eletrônica. Primeira dissertação apresentada sobre Obsolescência, vida média e idade da literatura no IBBD: BARBOSA, Elza Maria Ferraz. *Estudo comparativo dos métodos usados para medir a obsolescência da literatura científica*.

Fonte: Adaptado de Machado (2015, p. 39 e 66) e *Asis*&t (https://www.asist.org/about/history-of-information-science/chronology-of-information-science-and-technology/).

Apêndice 6 – Artigos publicados na revista *Ciência da Informação* na década de 1970.

Edições	Artigos	Autores
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 30 jun. 1972. 	Da bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição.	Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes
	Bibliografia brasileira corrente: evolução e estado atual do problema.	Edson Nery da Fonseca
	Reforma da Biblioteca Nacional.	Jannice Monte-Mór
	Programa Educacional da Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan-americana da Saúde.	Washington Moura
	Livros para os países em desenvolvimento.	Décio de Abreu
	Indicativos de língua, de país, de autoridade, de Estados e territórios do Brasil	Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 30 dez. 1972. 	*Libraries, technology, and the need to know.*	La Vahn Marie Overmyer
	Classificações facetadas.	Alice Príncipe Barbosa
	Informática agrícola.	Abner Lellis Corrêa Vicentini
	O negócio das enciclopédias.	Edson Nery da Fonseca
	Unidek: o sistema e seu preparo para a automação de bibliografias.	Élvia de Andrade Oliveira
	Ranganathan, filósofo da classificação cientista da biblioteconomia.	Abner Lellis Corrêa Vicentini
	Apresentação de livros e folhetos. Normas brasileiras.	Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)
	Macrothesaurus da OCDE. Parte referente à documentação.	Subcomissão de Terminologia/ABNT
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 30 jun. 1973.	Bibliografia estatística e bibliometria: uma reivindicação de prioridades.	Edson Nery da Fonseca
	Relações bibliométricas entre a frente de pesquisa (*ressecar front*) e revisões da literatura: estudo aplicado à Ciência da Informação.	Gilda Maria Braga
	Distribuição da literatura geológica brasileira: estudo bibliométrico.	Laura Maia de Figueiredo
	Utilização de processos de automação na Biblioteca Nacional.	Manoel Adolpho Wanderley
	Futurologia: doença infantil da Biblioteconomia.	Antonio Caetano Dias

	Normalização de originais.	Lélia Galvão Caldas da Cunha
	Numeração progressiva das seções de um documento.	Associação Brasileira de Normas Técnicas
	Diretrizes básicas para a implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT).	Hagar Espanha Gomes, Abner L. C. Vicentini, Ângela Lerche Pompeu, Cesar Teixeira e Lydia de Queiroz Sambaqui
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 30 dez. 1973. 	*Toward a theory of Librarianship and Information Science.*	Jesse H. Shera
	Comportamento bibliométrico da língua portuguesa como veículo de representação da informação.	Elza Lima e Silva Maia
	Automação dos índices das tabelas da Classificação Decimal Universal.	Elvia de Andrade Oliveira
	Índices alfabéticos da Classificação Decimal Universal.	Eimar Ohman Täby
	Linguagem documentária: acesso à informação e aspectos do problema.	Manoel Adolpho Wanderley
	Luis Florén, o bibliotecário.	Lydia de Queiroz Sambaquy
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 3 n. 1, 30 jun. 1974. 	*A reconsideration of enumerative classification for current information needs*.	Phyllis A. Richmond
	Uma linguagem de busca para sistemas de recuperação de informação.	Iberê L. R. Teixeira
	Usuários de uma biblioteca universitária: estudo realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.	Maria Lecticia de Andrade Lima
	Tecnologia da informação, sistemas de informação e informação como utilidade pública. (Tradução: Hagar Espanha Gomes e Gilda Maria Braga).	Tefko Saracevic
	Índice em cadeia.	Evangelina de Azevedo Veiga e Sara Roitman Jakobson
	Recursos humanos na produção e comercialização do livro no Brasil: problemas e possibilidades de solução.	Alexis Stepanenko
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 30 dez. 1974.	*Society's needs in scientific and technical information*.	Derek de Solla Price
	Seleção de periódicos científicos para a área da física.	Themis Ferreira Gomes e Alfredo Marques

	*Literature growth and the retrieval system in scholarly communication*.	Bert Boyce
	Aplicação dos métodos estatísticos e da teoria da informação e da comunicação na análise linguística: estudo da linguagem jornalística.	Laís A. Ribeiro
	Informação, ciência e política científica: o pensamento de Derek de Solla Price.	Gilda Maria Braga
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 30 jun. 1975. 	A ciência e o quebra-cabeças.	Heloísa Rios Gusmão, Heloísa Tardin Christovão e Mareia Japor de Oliveira Garcia
	Processo de crescimento epidemiológico aplicado à literatura brasileira de doença de chagas.	Paulo da Terra Caldeira
	Studies in Scientometrics I Transience and Continuance in Scientific Authorship. (Este artigo foi publicado, também, no n. 2 do vol. 4, em 30 dez. 1975).	Derek de Solla Price e Suha Gürsey
	Como escolher os campos para um banco de dados.	Anna da Soledade Vieira
	Bibliografia brasileira de Botânica, 1971-1972. Estudo bibliométrico.	Susy de Souza Queiroz
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 30 dez. 1975. 	*Quasi-metric spaces and information systems.*	Thomas G. Morris Jr. e William Bill Goffman
	Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo. (Tradução: Laura Maia Figueiredo e Hagar Espanha Gomes).	Frederick W. Lancaster
	Análises bibliométricas da literatura de química no Brasil.	Maria Martha de Carvalho
	A semântica e a Classificação Decimal Universal.	Abigail de Oliveira Carvalho e Maria Beatriz Pontes de Carvalho
	Sistema de Informações para uma Empresa de Fundações (SIEF).	Maria Ignez Azambuja de Lemos
	Studies in scientometrics II. The relation between source author and cited author populations.	Derek de Solla Price e Suha Gürsey

Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 5, n. 1 e 2, 30 dez. 1976. 	*The information services librarian.*	Frederick W. Lancaster
	Análise do banco de dados do IBBD: atividades de pesquisa em química no Brasil, relativas a 1973.	Wanda Maria Maia da Rocha Paranhos
	Estudo de citações da literatura produzida pelos professores do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.	Maria de Lourdes Borges de Carvalho
	Participação dos pesquisadores de microbiologia, imunologia e parasitologia (MIP) na literatura científica internacional.	Elisabeth Schneider de Sá
	Orientação dos novos serviços de documentação; novas técnicas, problemas futuros.	Nathalie Dusoulier
	Síntese da informação científica no mundo.	Nathalie Dusoulier
	A informação técnica e científica na França e sua importância na Europa.	Nathalie Dusoulier
	Um exemplo de implantação de uma rede regional: a europeia de informação Euronet.	Nathalie Dusoulier
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 30 jun. 1977. 	A organização de conceitos para recuperação da informação. (Tradução: Maria de Lourdes Carvalho Pierotti e Helena Medeiros Pereira Braga).	Suman Datta
	Gestion de sistemas de información.	Marie-France Morin
	Sistemas e redes de informação.	Lelia Galvão Caldas da Cunha
	Georges Anderla e a informação em 1985.	Ivano Humbert Marchesi
	Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia.	Jesse Shera
	As máscaras da ciência.	Hilton Japiassu
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 30 dez. 1977.	A utilização da informação sobre patentes em países em desenvolvimento: estudo de caso em andamento.	Theodore W. Schlie
	Aspectos algébricos da segurança da informação.	Antonio Euclides da Rocha Vieira
	Semantic theories of information.	Gilda Maria Braga
	O conceito de Relevância e suas implicações.	Laura Maia de Figueiredo
	Los Usuários de la información agrícola.	Fernando Monge
	Metodologia conceitual para a prevenção de erros no serviço de referência.	Nice Figueiredo

	Um estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do Institute for Scientific Information (ISI).	Regina Lúcia de Moraes Morel e Carlos Médicis Morel
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 30 jun. 1978. 	Educação em Ciência da Informação na década de 1980. (Tradução: Aldo Barreto).	Tefko Saracevic
	Caracterização de usuários e adequação dos serviços de biblioteca: uma abordagem preliminar das bibliotecas da PUC/RJ.	Cecília Malizia Alves e Paulo Afonso Lopes da Silva
	Análise da literatura brasileira de siderurgia.	Heloísa Rios Gusmão
	Estudo bibliométrico aplicado ao arquivo privado de Getúlio Vargas.	Regina Helena Diniz Bomeny
	Funções das Linguagens de Indexação e Recuperação da Informação nos Sistemas Nacionais e Internacionais de Informação Científica e Técnica.	L. Kofnovec
	Da Biblioteconomia à informática.	Lydia de Queiroz Sambaquy
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 30 dez. 1978. 	Estudo comparativo de julgamentos de relevância do usuário e não-usuário de serviços de D. S. I.	Regina Célia Figueiredo
	Estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do ISI.	Carlos Medíeis Morel e Regina Lúcia de Moraes Morel
	Serviços de informação em institutos de pesquisa industrial.	Angela Pompeu Davig
	Prognósticos para a implantação de um núcleo regional de informação no Nordeste.	Léa de Aquino e Liza Leite Lopes
	Teoria do conceito. (Traduzido para o português pelo prof. Astério Tavares Campos, do Dep. de Biblioteconomia da UnB). Aula ministrada por ocasião do VIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília, de 22 a 25 de julho de 1975).	Ingetraut Dahlberg
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jun. 1979.	Da comunicação informal à comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade.	Heloísa Tardin Cristovão
	Informação e documentação agrícola na comunicação rural.	Plácido Flaviano Curvo Filho

	Revocação (*recall*) e precisão (*precision*) no SDI/CIN/CNEN.	Eratóstenes E. de Araújo
	O impacto da automação nas bibliotecas: uma revisão. (Tradução: Eduardo José Wense Dias).	John J. Eyre
	Integrating in librarianship information.	Tefko Saracevic
Ci. Inf., Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, dez. 1979. 	Formação de profissionais em Ciência da Informação.	Riva Bauzer
	Estudo dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica.	Vânia Maria Rodrigues e Hermes de Araújo
	Information uses in social services departments.	T. D. Wilson
	Information needs, task analysis and information inputs to tasks.	Thomas Whitehall
	O Processo de transferência da informação.	Nice Menezes de Figueiredo

Fonte: Dados extraídos da revista “Ciência da Informação” (Disponível em: https://revista.IBICT.br/ciinf/issue/archive/4). Obs.: Alguns títulos foram publicados em inglês, outros foram traduzidos e alguns foram publicados em português pelo próprio autor.

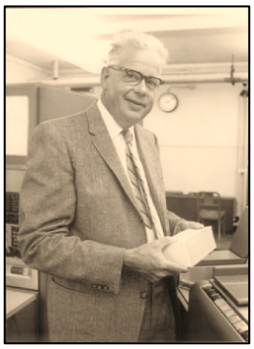
Apêndice 7 – Galeria de fotos.

VERTENTE AMERICANA

Jesse Shera

Frederick Lancaster

Ingetraut Dahlberg



James Perry

Tefko Saracevic

Derek de Solla Price e o seu mecanismo de *Antikythera*

Da esquerda para a direita: La Vahn Overmyer, Celia Zaher e Jessica Perry. Turma de mestrado 1971-1973. Foto cedida pela professora Rosali Fernandez de Souza.

VERTENTE EUROPEIA

Brian Vickery

Douglas Foskett

Jack Mills

Derek Langridge

John Joseph Eyre e a professora Rosali Fernandez de Souza no dia em que ela recebeu o diploma de doutorado em Londres. Foto cedida pela professora.

Não foi possível encontrar imagens sobre todos os cientistas. Com exceção das fotos cedidas pela professora Rosali Fernandez de Souza, do seu arquivo pessoal, as outras foram copiadas da internet, com baixa resolução.